# COLLECÇÃO
DE
# NOTICIAS PARA A HISTORIA
E GEOGRAFIA
# DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,
QUE VIVEM
NOS
# DOMINIOS PORTUGUEZES,
OU LHES SÃO VISINHAS:
PUBLICADA
PELA
# ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO I. NUM.os I. II. E III.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1812.
*Com licença de S. ALTEZA REAL.*

1284

# SENHOR:

*AMparadas sempre por* VOSSA ALTEZA REAL *as Producções Litterarias da Academia Real das Sciencias; esta, em continuação do reconhecimento de tão distincta Mercê, offerece a* VOSSA ALTEZA REAL *a* Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhes são visinhas. *E assim como* VOSSA ALTEZA REAL *se dignou de acceitar a Offerta das* Memorias de Litteratura Portugueza; *e a presente Collecção, que hoje a Academia gostosamente publica, he huma parte da Litteratura, que pela vastidão e importancia dos Objectos precisa de tratar-se especialmente: a Academia espera, que* VOSSA ALTEZA REAL *haja de acolher esta Obra com igual Benevolencia.*

*A Real Pessoa de* VOSSA ALTEZA REAL *guarde DEOS por muitos annos, como lhe pedimos, e tanto havemos mister.*

*SENHOR:*

*De* VOSSA ALTEZA REAL

fiel, e muito obrigado vassallo

Lisboa 28 de Junho de 1812.

*Conde do Redondo, Vice-Presidente.*

# INDICE

## DOS ARTIGOS.

### I.

*Breve Relação das Escrituras dos Gentios da India Oriental, e dos seus Costumes*: pag. - 1.

### II.

*Noticia summaria do Gentilismo da Asia*: pag. - 61.

### III.

Joseph de Anchieta: *Epistola quamplurimarum Rerum Naturalium, quae* S. Vincentii (*nunc* S. Pauli) *Provinciam incolunt, sistens descriptionem*: - - - - - - - - - - pag. 127.

# PREFAÇAÕ.

*Os dous Tratados, que se seguem, e fórmão os N.os I., e II. desta Collecção, forão offerecidos á Academia Real das Sciencias por Francisco Luiz de Menezes, que lhos remetteo de Goa juntamente com 28 Estampas suberbamente illuminadas, que representão alguns dos Idolos Indianos, e entre elles as 10. principaes Encarnações de* Visnú.

*O mesmo benemerito Correspondente propunha-se sem dúvida a dar algumas noticias mais individuadas daquelles Manuscritos, ( que forão feitos por alguns dos nossos Missionarios, e provavelmente em o principio do Seculo de Seiscentos ); quando a morte o roubou á Litteratura, antes de ter mandado de Goa todo o trabalho, que meditava: communicou porêm, que estes Manuscritos se guardavão no Cartorio dos Padres da Companhia; donde se copiárão, depois que elles sahírão de Goa em 1759.*

*Em taes circunstancias deliberou a Academia, conhecendo a utilidade da Obra, manddla imprimir; ajuntando-lhe as Estampas, que a acompanhavão, e a que ella se refere: mas as calamitosas circunstancias, em que se tem visto o nosso Reino desde esse tempo, se bem que permittírão executar-se a primeira parte desta determinação, embaraçárão a segunda, e suspendêrão atéagora a sua publicação. A pesar destes*

*motivos que ainda subsistem, huma nova consideração fez tomar o partido de dar á luz estes Opusculos, sem aquelle ornato, como mais curioso do que importante.*

*A maior parte dos Viajantes, e sobre tudo os nossos primeiros Descobridores, julgárão que os Idolos fazião a essencia da Religião dos Indianos; e só passados tempos he que se veio no conhecimento, que sendo as Imagens e Estatuas a representação de hum objeto existente, ou que se imagina existir, devia este preceder na Imaginação á cousa destinada a representálo. Donde se inferio, que erão as Idéas Religiosas dos Indios, e não os seus Idolos, as que constituião a essencia da sua Idolatria, e que determinavão a natureza das fórmas das Imagens Symbolicas, que o Vulgo deificava.*

*Esta conjectura veio a verificar-se, á proporção que se augmentárão os nossos conhecimentos a respeito daquelle Paiz: e hoje está demonstrado, que ainda que este Culto não forme a Religião do Povo, faz com tudo a base da dos Bramanes, que a bebêrão na fonte das suas Escrituras. Debaixo destas vistas he que os Auctores destes Opusculos dão huma idéa, com bastante extensão, e em muitas partes nova, da Mythologia e Theogenesia Indiana, e de algumas das principaes Ceremonias da Gentilidade; principalmente da das visinhanças de Goa, pois seria impossivel tratar de todas.*

*Se se cotejar o que se diz aqui em muitos lugares, com o que se acha em algumas Obras impressas sobre este mesmo objecto; achar-se-hão algumas differenças, que não provêm de faltas de exacção,*

*mas*

*mas sim de que estando os Indianos divididos em muitos Tribus, ou Castas, e sendo estas subdivididas em muitas outras, cada huma dellas fórma as mais das vezes huma Seita Religiosa: não sendo sempre os objectos do Culto os mesmos para todas, e mudando ordinariamente de Praticas e Ceremonias, ainda mesmo quando os pontos fundamentaes são identicos. Por este motivo parecerá estranho, quando se disser que estes Povos contão muitas e muitas mil Divindades entre os seus Deoses e Semi-deoses: o que faz hum cahos da sua Theologia.*

*Huma tão grande variedade de Culto, o tecido de extravagancias, e contradicções, que o Leitor observará pela lição desta Obra; devem com toda a rasão fazélo admirar, de que huma Religião tão absurda não só se extendesse pela maior parte do Oriente, mas se podesse manter tantos Seculos, e contra os esforços reiterados, principalmente dos Mahometanos. Não cabe nos limites de huma Prefação dar estes motivos: e somente nos contentaremos com indicar, que na sua origem, e despida dos embustes e allegorias, de que está carregada, esta Religião tem hum todo systhematico; e he talvez huma das mais arrasoadas entre as Idolatrias Antigas e Modernas.*

*As Pessoas, que desejarem instruir-se mais a fundo nesta materia, podem consultar, além dos nossos dous Historiadores* Barros e Couto, *a* Abrahão Roger *no seu Theatro da Idolatria; as* Léttres curieuses et édifiantes; Mr. Anquetil *no seu Discurso Preliminar ao Zend-Avesta; os dous Inglezes* Howel, e Dow, *as Memorias da* Academia das Inscripções e Bellas Lettras *de Pariz; a Obra intitulada* Parallé-

le

le des Réligions; *e sobre tudo as diversas Memorias que se achão nas* Asiatic Reséarches *da Sociedade de Calcutta.*

*Adverte-se: que para commodidade da Leitura se accrescentárão as Summas dos Capitulos (e as remissões ás Estampas): e que he possivel, que na copia vinda á Academia haja alguma Variante; porém damos por certo, que não seja de importancia.*

BRE-

# BREVE RELAÇAÕ
DAS
# ESCRITURAS DOS GENTIOS
DA
# INDIA ORIENTAL,
E DOS SEUS COSTUMES.

## CAPITULO I.

*Hiſtoria da creaçaõ do Mundo, e opiniaõ que acerca della admittem.*

ADmittem, que a maquina do Mundo ſe compõe de cinco elementos, a ſaber Terra, Agua, Ar, Vento, e Fogo, e ſer ab eterno; e que Deos Summo chamado *Parabramá* tem propriedades de crear, conſervar, e deſtruir; e as exprimem por tres cores branco, vermelho, e preto.

Admittem, que Deos Summo ſendo incorporeo, naõ póde crear couſas corporeas, e por eſta razaõ produzio tres Peſſoas, dando a cada qual a propriedade de crear, conſervar, e deſtruir todo o continente neſta maquina do Mundo.

Deſtas tres Peſſoas, que ſe chamaõ *Bramá*, *Viſnáa*, e *Mayeſſá*, ſe compõe huma trindade, attribuindo-ſe a creaçaõ a Bramá, a conſervaçaõ a Viſná, a deſtruiçaõ a Mayeſſá, tudo iſto por Filoſophia natural; porque como viſſem, que os elementos tem perduraçaõ, e as eſpecies ſe corrompem, e iſto naõ podia ſer ſem governo de peſſoas, opinárão a ſobredita falſa trindade de peſſoas humanas, que, como corporeas, pudeſſem crear, conſervar, e deſtruir o Corporeo. Eſtampa I.

## CAPITULO II.

*Argumento da Hiſtoria de Bramá primeira Peſſoa da falſa trindade.*

BRamá legislador deſtes Gentios Indios eſtava muito tempo ſobre as aguas, que cobrião a ſuperficie da terra, metido em huma flor, que ordinariamente naſce na agua, meditando, e conſiderando ſobre o ſeu principio, e naſcimento, e jámais o pôde alcançar: neſta confuſaõ ouvio Bramá huma voz do Céo, que dizia: *Orai*: com eſte preceito ſahio fóra da flor, e muito tempo orando, e rogando a Deos, alcançou delle a graça de poder crear as eſpecies corruptiveis.

## CAPITULO III.

*Argumento da creação do primeiro homem por Bramá.*

QUerendo Bramá crear o primeiro homem, andou muito tempo trabalhando para o aperfeiçoar na eſpecie em que hora he; porque no principio fello de hum pé, e hum olho, e vendo que naõ podia caminhar com hum pé, o desfez, e féz outro de tres pés, e porque era maior o impedimento de poder caminhar, o tornou a desfazer, e ultimamente com grande trabalho acertou com a fórma perfeita do homem chamandolhe *Caſſepá*, a quem os Gentios veneraõ por grande profeta; e eſte homem teve treze mulheres, e cada huma pario as mais creaturas ſenſiveis, e inſenſiveis, a ſaber: montes, arvores, aves, peixes, animaes quadrupedes, ſerpentes, fontes, ribeiras, Planetas, Orbes Celeſtes, e Eſtrellas, e deſta ſorte concluem a creaçaõ do Mundo.

CA-

## CAPITULO IV.

*Argumento da producção das outras duas peſſoas.*

*VIſná quer dizer *eſpirito*, ſegunda peſſoa gerou do ſeu embigo a *Mayeſſá*, por outro nome *Iſpará* terceira peſſoa; e muitas vezes ſe tem transformado em homem, mulher, peixe, porco, horne, e leaõ, e em tartaruga; e os Gentios ſegundo as ditas fórmas tem muitos idolos de Deozes, e Deozas, attribuindo a todos Deidade: opinando tambem, que as ſobreditas peſſoas ſaõ entre ſi diviſas, porém na ſubſtancia, e eſſencia huma ſó couſa, em razaõ de ſerem propriedades de Deos Summo chamado Parabramá.

Contra eſta opiniaõ da falſa trindade eſcrevêraõ outros Authores, que Mayeſſá naõ he a terceira peſſoa della, ſe naõ o Sivá, por quanto delle depende a vida, e morte dos viventes; e aſſim entre eſtes Gentios huns Sectarios ſaõ de Sivá, e outros de Mayeſſá, e ha outros que admittem quaternidade, attribuindo a todas as quatro peſſoas Deidade.

## CAPITULO V.

*Argumento de Viſná em fórma de homem chamado Ramá.*

UNiverſalmente eſtes Gentios adoraõ a Ramá por Deos, e a ſua mulher Sita por Deoza por amor de que eſtava fadado pelos Deozes, que havia de ſer ſeu liber-

* He erro do Author do Manuſcrito que ſerve de Original a eſta ediçaõ, pois deveria eſcrever aſſim: » Viſná quer dizer » *eſpirito*, ſegunda peſſoa da ſua falſa trindade, que gerou » do ſeu embigo a Bramá. Mayeſſá he a terceira peſſoa que » tambem ſe chama Iſpará: e he o Deos deſtruidor. Viſná en» carnou muitas vezes; transformando-ſe em peixe, tartaru» ga, porco, homemliaõ, anaõ, e homem. »

tador, e os Poetas haverem fabulado a cerca dos ditos fados, dizendo, que Viſná como conſervador ſe transformára em figura de Ramá, e protêgera os Deozes, que ſaõ trinta, e trez milhões, que eſtavão prizioneiros de hum gigante e Rei chamado Ravená, e fazendo-lhe guerra o matára, e deſtruira ſeu Reino, e libertára aos ditos Deozes. Eſtampa X.

## CAPITULO VI.

### *Argumento e hiſtoria de Ramá idolo univerſal deſtes Gentios.*

RAmá filho de Daſſarotá, quando naſceo profetizáraõ os profetas, que havia de ſer Libertador dos Deozes, que eſtavão prizioneiros em poder do Ravená; primeiro havia de fazer vida ſolitaria no ermo doze annos continuos, e por fim delles vencer o dito gigante. Ramá depois de ſer grande, ſe exercitava nas armas por ſer da familia, e Caſta de Qhatary [quer dizer *Armiger*] para ſe adeſtrar nellas; neſte tempo teve novas, que hum Rei nomeado *Janac* queria dar em caſamento huma filha ſua chamada *Sitá* a alguma peſſoa, que foſſe de esforço, e bem deſtro nas armas, e havia enviado menſageiros para os Reis, e peſſoas de condição, para que ſe ſerviſſem de ſe acharem juntos, e juntamente experimentarem as forças, e deſtreza das armas, levantando hum arco, e frecha, que eſtava poſta por troféo no mêo do pateo do dito Rei; e quem ſe aſſinalaſſe levando ventagem aos outros nas forças, e nas armas ſeria marido de Sitá.

Concorrêraõ a eſte troféo muitos Principes, entre os quaes vêo Ramá, e o Ravená; e querendo o Ravená levantar o arco com toda a ſua força, pois tinha dez cabeças, e vinte braços, com o pezo do arco, que lhe cahio aos peitos, recebeo huma grande pancada, e botou muito ſangue pelas bocas, de que ficou envergonhado, e de não poder levantar o arco.

Ra-

Ramá rindo-se do succesſo do Ravená com o dedo grande do pé eſquerdo levantou o arco, e o lançou pelos ares, e cahindo em terra fez terremoto; e os circunſtantes todos com o Ravená, que viraõ o caſo, ficáraõ admirados das grandes forças de Ramá, e de envergonhados de naõ poder levantar o dito arco, ſe fôraõ para ſeus lugares, ficando Ramá para contrahir com Sitá.

Ramá depois de caſado com Sitá levou-a com ſigo, e a ſeu Irmaõ *Lacamaná* em companhia; e ſe foi para o ermo, a dar comprimento á profecia, e ſuſtentando-ſe ſó com as frutas agreſtes, viveo lá aquelles annos profetizados: porém o Ravená como havia cobrado odio, e inimizade a Ramá, intentou de furtar a Sitá com alguma traça; e disfarçando-ſe em Jogue foi hum dia ao lugar de Ramá, em hora, que elle eſtava auſente, e pedio huma eſmola a Sitá; ella, que era grande eſmoler, chegando com preſſa a dar-lh'a, elle pegou della, e botou-a ás coſtas, e levou-a para ſua terra. Ramá vindo para caſa naõ vio a mulher, logo ſuſpeitou a traiçaõ de Ravená; porém ignorante do caſo andou perguntando aos paſſageiros, e caminhantes ſe haviaõ viſto a Sitá; e andando deſta ſorte o Ramá muito triſte de naõ ſaber o que tiveſſe ſuccedido a Sitá, e quem a tiveſſe em ſeu poder; topou com hum grande mono [que dizem deſcido do Céo] o qual fazendo as cortezias a Ramá o conſolou dizendo-lhe, deſſe licença de ſer explorador, e menſageiro para ſaber onde eſtava Sitá; o mono ſe chamava *Animatá*.

Ramá agradecendo muito ao mono a boa vontade o deſpedio, e juntamente lhe entregou hum anel para ſinal, de que Sitá o conheceſſe por ſeu enviado: com eſta diſpoſiçaõ ſahio o mono do cabo Comorim; e deo hum ſalto com tanta força, e violencia, que foi dar com ſigo em Malaca, onde perguntando aos naturaes ſobre a terra, e Reino de Ravená, lhe certificárão, que era atraz, [e dizem ſer Ceilaõ]: o mono tornou a fa-

zer

zer outro salto de costas, e vêo a cahir no Reino de Ravená, onde furreticamente inquirindo a estada de Sitá, a achou em hum jardim, estando orando a Deos Ramá; o mono, para que ella naõ se sobresaltasse com a sua vista, subio mansamente em huma arvore, e dalli lançou o anel nas maõs de Sitá, a qual vendo-o o conheceo, que era de Ramá, e ficou muito triste, parecendo-lhe que fosse morto seu marido Ramá; e que alguma ave de rapina o tivesse tomado, e trazido alli, e querendo inquirir o que imaginava, vio o mono que se vinha para ella; e lhe dizia naõ tivesse medo; e que o Ramá estava com vida, e elle era mensageiro destas boas novas, porém da fatiga do caminho, e de fome estava fraco, e lhe concedesse licença de poder comer algumas frutas; Sitá lhe concedeo comesse das que estivessem cahidas em terra, e naõ as das arvores. O mono com a licença apartou-se de Sitá, e começou a saltar de arvore em arvore, e a fazer destruiçaõ em todo aquelle jardim, arrancando os frutos, e quebrando as arvores; acodiraõ os hortelões a impedir, e dando-lhe caça para o prender, naõ puderaõ, nem taõ pouco matallo, e fôraõ dizer a Ravená, que hum mono extraordinario havia destruido o jardim, e por maiores diligencias, que fizeraõ naõ o puderaõ prender, nem matar; Ravená espantado de ouvir, que hum mono fosse capaz de damnar hum jardim, foi em pessoa lhe dar caça, porèm elle como era ardiloso, logo que vio Ravená vir para o caçar, deixou-se prender em hum sacco que estava armado pelos hortelões; Ravená com a raiva vendo-o prezo tirou pela espada, e dando-lhe hum golpe, naõ o pode ferir, mas só lhe cortou tres cabelos, e mêo: admirado Ravená do caso, vêo a conhecer, que o dito mono era cousa superior ao que cuidava, e por affagos começou a rogar-lhe dicesse quem era; o mono respondeo, que elle era servidor de Ramá, e vinha para saber de Sitá sua Senhora, em que estado ficava: Ravená tornou a perguntar ao mono lhe dicesse fielmente

te pois estava prezo, e naõ podia deixar de morrer; qual parte do seu corpo era vulneravel; elle lhe certificou dizendo, que seu rabo o era, porém havia de enleallo todo com muitos pannos molhados em azeite, e posto o fogo abrazando-o pudesse morrer, e que de outro modo naõ.

Com esta certeza fez Ravená ajuntar muitos pannos, e embrulhar o rabo, porém tanto como lh'o embrulhavaõ, outro tanto hia o rabo estendendo, de sorte que sempre restava parte do rabo de fóra, com que ficava sempre outro tanto para se cobrir: o Ravená mandou trazer quantos pannos havia em sua casa, e de todos os habitantes da sua terra para acabar de cobrir o rabo, e com tudo naõ abrangêraõ, porque o mono hia alargando o rabo: dicêraõ a Ravená, que naõ havia mais pannos, ordenou elle que os tirassem das mulheres, fazendo-as despir: o mono ouvindo dizer, que faziaõ despir as mulheres, e que entre ellas havia de ser Sitá tambem despida, puxou a ponta do rabo para dentro, e naõ querendo alargallo mais, disse que estava satisfeito de pannos, e que deitassem o azeite sobre o rabo, e que depois de bem molhado delle lhe puzessem fogo: que sendo posto saltou o mono, e se poz sobre o Palacio, e quando naõ chegava o fogo para a parte interior das casas, mettia o rabo dentro de sorte, que em breve tempo abrazou toda a Cidade [ chamada *Lancá* ]; e depois correndo o mono pelas Villas acabou de as queimar todas.

Abrazado, e destruido o reino todo de Ravená, o mono commetteo sua viagem por mar, assim pela brevidade, como por se refrescar do grande calor de que estava inflammado: deitou-se ao mar fazendo a sua derrota a nado: teve communicaçaõ com o peixe Balêa, da qual conjunçaõ nasceo hum monstro chamado Macardayá, que depois foi Rei dos Infernos; e vêo o mono dizer a Ramá, que o negocio estava feito a que elle foi enviado. Ramá agradecendo-lhe a boa vontade,

com

com que havia obrado neſte particular; tratou logo de negociar o neceſſario para a guerra, e ajuntou muita gente de armas, e huma grande ſomma de monos, e compoz de todos hum exercito, e marchou com elle: o mono general dos monos, e o Ramá dos homens, e chegando ao lugar dos baixos das pedras de Cariapataõ, que ſaõ na Coſta do Carnate, e achando impedimento do mar na paſſagem para entrar no Reino de Ceilaõ, dizem, que fez huma eſtrada de pedra, fazendo-a eſtavel, e permanente ſobre as aguas do mar, e paſſou com o exercito a Ceilaõ, e venceo a Ravená, reſgatando a Sitá, e aos Deozes do ſeu poder.

## CAPITULO VII.

*Argumento, e hiſtoria do Combate que o Ravená teve com Ramá, e da morte do dito.*

RAmá chegou com o exercito a hum campo, onde Ravená havia erégido huma pyramide chamada Rannaqhabá, com hum letreiro, que dizia: *Pyramide guerreira*, (ou *belifer*), e logo que Ramá a vio, entendeo que naquelle campo devia dar a batalha; e naõ fazendo muita demora, enviou hum dos monos mais velhos por Embaixador a Ravená a dizer-lhe, que ſe queria a vida entregaſſe a Sitá, que com engano a havia furtado, quando naõ que ſe apparelhaſſe para o combate, porque elle o eſperava em campo: e hindo o Embaidor a dar a dita embaixada, ſe embraveceo o Ravená, e lhe reſpondeo, que naõ ſó lhe naõ queria entregar a Sitá, ſe naõ que pelejando com Ramá o queria vencer, e matar, ſe naõ ſe deſſe por prizioneiro ſeu, e lhe deſtruiria todo o exercito.

Sendo deſpedido o Embaixador com a dita repoſta, ſahio o Ravená atraz delle com a eſpada na maõ, e arco, e frechas em outras, elle tinha muitas, porque tinha vinte braços, e dez cabeças: começáraõ o combaba-

bate de parte a parte a pelejar, e ambos a botar frechas: o Ravená naõ podia ferir a Ramá com as suas, por quanto era Deos. Porém Ramá com as suas frechas se lhe decepava huma cabeça das dez, logo lhe nascia outra no mesmo lugar, de sorte que Ramá naõ podia acabar de lhe cortar todas, e matallo, porque Ravená tinha alcançado de Visná a graça da immortalidade pelos muitos serviços, que lhe tinha feito: a dita graça, ou dom estava enxerida nos peitos em hum bolcinho de liquor chamado *amruta*, que o fazia immortal, o que conhecendo Ramá metteo huma frecha no arco, e fazendo oração a Visná a despedio com tal violencia, e força, que ferindo os peitos a Ravená lhe rompeo o bolcinho, e se derramou o liquor, e logo cahio morto, e Ramá victorioso se voltou com Sitá para o seu Reino. Estampa X.

## CAPITULO VIII.

### *Argumento e historia do idolo Ganessá.*

*Ganessá* tem a cabeça de Elefante, e o corpo de homem por razaõ de successo milagroso. Parvaty, por outro nome Goray, molher de Ispará em ausencia delle hindo-se a lavar do çujo, que sahio do corpo, fez huma figura de creança, e parecendo-lhe, que estava bem feita, a informou de alma, e teve cuidado de a crear até á idade de doze annos. Ispará vindo a casa achou o menino á porta, que lhe impedia a entrada, porque ambos se naõ conheciaõ, meteo-se em cólera, e levando da espada lhe cortou a cabeça, que separada do corpo deo hum salto, e de improvizo desappareceo, ficando o corpo truncado; acudio Parvaty, e vendo o filho sem cabeça, e morto, começou a chorar, e juntamente a reprehender a Ispará de homicidio de seu filho, e referindo-lhe o nascimento delle, Ispará ficou muito triste de haver feito a acçaõ indiscretamente, e pedio perdaõ a Parvaty, e tratou de buscar a ca-

beça, para haver de fazer reſuſcitar o menino, e fazendo muitas diligencias, nunca póde achar a cabeça, até que cortando a cabeça a hum Elefante a enxerio no corpo do filho, e o fez viver, e o deo a ſua Mãi: e porque eſte monſtro foi em ſua vida preceptor de outros Deozes, o adoraõ os Gentios por Deos da prudencia, e para o ſignificar fazem a effigie delle com a barriga grande, e a cabeça de Elefante com tromba; e geralmente grandes e pequenos, cada anno na Lua nova de Setembro em cada caſa fazem idolo de barro, e por eſpaço de oito dias, ou dez o feſtejaõ com tangeres, e bailes, e juntamente fazendo-lhe offertas; no fim delles com os meſmos tangeres o levaõ em prociſſaõ, e lançaõ no mar, e ribeiras. Eſtampa XV.

## CAPITULO IX.

*Argumento de Viſná transformado em figura de molher chamada Bhagavaty, Deoza geral deſtes Gentios, e morte de hum gigante chamado Baſmaſur.*

ISpará eſtando hum dia aſſentado ao pé de huma arvore converſando com ſua molher Parvaty, paſſou por alli hum gigante, e vendo a formoſura de Parvaty ſe namorou della, e chegou a pedilla a Iſpará, e que ſe lh'a naõ deſſe o havia de matar. Iſpará vendo-ſe apertado do gigante lhe deo a molher, e elle a tomou, e ſe foi. O Viſná encontrando-ſe com elle no caminho o ſaudou, e perguntando pela molher, lhe reſpondeo o gigante, que Iſpará lh'a havia dado de preſente; o Viſná lhe replicou, que naõ podia crer, que Iſpará largaſſe ſua molher, ainda que lhe cuſtaſſe a vida, e ſe ella he a propria eu a conhecerei, por iſſo deixai-m'a ver; com eſta pergunta ficou o gigante perplexo, e lhe diſſe reconhecei ſe he ella a propria; o Viſná vendo-a diſſe ſimuladamente, pois para eſte effeito havia encontra-

do-

do-se com elle, que o Ispará o havia enganado dando-lhe sua captiva Parvaty. O gigante vendo-se com este engano largou a mulher, e foi muito apaixonado para matar a Ispará; neste tempo Visná se transformou em figura de mulher, por nome *Bhagavaty*, e foi pôr-se junto de Ispará, e perguntando-lhe o gigante porque o enganára dando-lhe huma captiva por Parvaty, lhe respondeo Bhagavaty, fallando-lhe que se naõ agastasse, que ella era a propria mulher de Ispará, e que elle a negára, porque ella tinha feito hum voto de ir a huma romaria, e para isso pedíra a seu marido que a negasse, e lhe desse a captiva em seu lugar, mas que ella hiria de boa vontade se elle lhe desse palavra de lhe naõ impedir o satisfazer o dito voto, pois seu marido lh'a havia dado: a isto respondeo o gigante, que elle lhe promettia com toda a fidelidade hiria dar comprimento a seu voto, hindo em sua companhia. Com a segurança do gigante sahio Bhagavaty, e com elle foi para a romaria, e entrando no Pagode de *Madeu*, começou a mulher a cantar, e bailar, e pedio ao gigante que fizesse o mesmo que ella fazia [sabia a deoza, que o gigante tinha virtude nas maõs, para que pondo-as na cabeça a quem quer que fosse o fazer morrer]; e continuando com o baille pedio ao gigante, que puzesse as maõs na cabeça, assim como ella fazia; elle esquecido da virtude que tinha nellas, como estava embebido com o amor da Deoza, elevando as maõs á cabeça cahio morto.

## CAPITULO X.

*Argumento da superstiçioſa adoraçaõ da Vacca, que he geral a todos os Gentios Indios.*

VIsvá Carmi Bramene e profeta creava huma vacca chamada *Camodheau*, e para imbuir os animos dos Gentios, andou dizendo a todos, que Deos lh'a havia dado, e enviado do Ceo para remedio da sua pobre-

za, porque a vacca lhe dava quanto lhe pedia: o povo como ouvisse ao profeta, chegou a dar-lhe prezentes para que lhe deixasse fazer adoraçaõ á vacca; e elle por aquelle embuste sustentava sua familia; escreveo em poesia muitas excellencias da dita vacca, e lhe deo o nome *Camodheau*, que quer dizer, *vacca que dá tudo.*

O Rei *Sassarzan* cunhado do dito profeta passando por aquelle lugar se encontrou com a mulher do profeta, e perguntando-lhe, que fazia, lhe respondeo, que ella, e seu marido viviaõ contentes por mercê de Deos, porque lhes tinha dado huma vacca que dava tudo quanto haviaõ mister. O Rei com este dito foi-se a casa do profeta para ver a vacca. O profeta o convidou para comer em sua casa, ao que recusou dizendo, que tinha muita gente com sigo, e para dar de comer a todos naõ bastava quanto tivesse em casa; o profeta para melhor confirmar a virtude da vacca, lhe disse, que para os que vinhaõ em sua companhia tinha elle bastante comer, que por virtude da vacca naõ lhe faltava; e assim deo de comer a todos os que acompanhavaõ ao Rei; o qual levado da ambiçaõ pedio ao profeta a vacca, dizendo que para o sustento de hum pobre Bramene bastava qualquer cousa, mas que a elle, que era Rei, era-lhe necessario huma vacca, como aquella de virtude. O Profeta vendo a instancia que fazia o Rei para levar a vacca, começou a orar a Deos; e por mêo da oraçaõ fez subir a vacca aos Ceos. Ha outros Authores, que escrevem, que o Rei matára a vacca, por naõ lh'a querer dar.

Desde aquelle tempo os Bramenes semeáraõ a superstiçaõ da adoraçaõ da vacca; que quando fazem seus lavatorios rezaõ *Sandeá* [ quer dizer a *oraçaõ da vacca*; ] e na hora da morte tomaõ o rabo na maõ, e em vida bebem a ourina, ou bosta, ourina, leite, manteiga, tudo misturado, dizendo se perdoaõ os peccados.

CA-

## CAPITULO XI.

*Argumento de Viſná quando tomou fórma de peixe Balêa para matar hum Gigante chamado Sancaſſur, que tinha roubado o livro da eſcritura chamado Vedaxaſtra, em que ſe trata de ſuas fabulas.*

SAncaſſur vendo que os Bramenes andavaõ publicando-ſe por mais puros, e deſprezavaõ os gigantes, dizendo que eraõ immundos, e çujos, furtou o dito livro, e foi habitar-ſe dentro do mar. Os Bramenes triſtes com a perda, começáraõ a invocar a Viſná, para que lhes recuperaſſe aquella perda: Viſná compadecendo-ſe de ſuas ſupplicas, e do povo gentilico, tomou fórma de balêa, e foi ao centro do mar, e combatendo com o gigante, o qual vendo que naõ podia eſcapar o livro, o engulio para o aſſegurar. O Viſná o matou, e reſtituhio aos Bramenes o livro. Eſtampa IV.

## CAPITULO XII.

*Argumento de Viſná quando tomou fórma de tartaruga, para ſuſtentar a maquina da terra ſobre as coſtas, que ſe eſtava arruinando pelos peccados dos homens.*

TEm os Gentios Indios para ſi que o elemento da agua he o mais infimo de todos; e aſſim dizem que Deos em certo tempo, ou ſeculo pelas maldades dos homens quiz ſobverter a terra, que de facto ſe hia abyſmando, porém que Viſná, tomando a fórma de tartaruga, ſuſtentou a terra ſobre as coſtas, de modo que até hoje eſtá firme.

Outros neſta materia eſcrevem, que he verdade que Viſná ſuſtenta a terra nas coſtas com a fórma de tartaru-

ruga, porém que está em a cabeça de huma cobra chamada *Xeque*, que tem mil cabeças, e a cobra está em cima da tartaruga, e ella sobre as aguas, e as aguas se sustentaõ sobre os quatro ventos: tomáraõ os Gentios motivo desta historia para darem adoraçaõ ás cobras attribuindo-lhes deidade, e não as matão, mas antes quando as vêm mortas as queimaõ com huma migalhinha de ouro juntamente. Estampa. V.

## CAPITULO XIII.

*Argumento de Visná convertido em figura de porco, a qual tomou para haver de matar o Gigante chamado Arranaqhe, o qual havia alcançado de Deos o dom de naõ poder morrer com ferro, fogo, nem agua.*

PORque o Gigante *Arranaqhe* andava perseguindo os Bramenes, e naõ podia ser morto a ferro, fogo, nem com agua, se transformou Visná em figura de porco, e investio ao gigante, e com os dentes lhe abrio a barriga, e tirando-lhe as tripas as metteo no pescoço a modo de linha (como os Bramenes botaõ), e os deixou livres.

Dizem tambem, que este mesmo porco em outra occasiaõ, estando a terra para se subverter, a sustentou entre as duas unhas dos pés. Estampa VI.

## CAPITULO XIV.

*Argumento de Visná em figura de homeleaõ, que tomou para matar outro Gigante.*

HAraua *Cassep* irmaõ do gigante referido em satisfaçaõ do homicidio, que os Bramenes haviaõ feito na morte de seu irmaõ Arranaqhe, andou fazendo o maior damno que pôde aos Bramenes, por outro

tro nome *Ruxís*; o que vendo Viſná ſe transformou em homeleaõ, e accommettendo ao dito Gigante o matou, e abrio-lhe a barriga, e das tripas fez hum collar, que ao depois trazia ao peſcoço: e deſte monſtro os Gentios tem hum idolo, que ſe chama *Naraxiu*. Eſtampa. VII.

## CAPITULO XV.

*Argumento de Viſná quando tomou figura de hum Bramene pygmeu ou anaõ para deſtruir hum Gigante chamado Balli, que quer dizer* potente.

*Balli* havia ſervido muito tempo a Iſpará, e era muito grande eſmoler, que já mais negou eſmola a peſſoa que lhe pediſſe por maior, e de valor que foſſe, e por mêo deſtes meritos havia alcançado de Deos reinar em quaſi todo o mundo em nome do *Potente*, porque havia vencido em outro tempo o Deos *Indrá*, o qual ſe naõ fugíra, e ſe naõ ſe eſcondeſſe fôra morto pelo dito Balli: Viſná conhecendo o ſeu poder, tomou a figura de hum Bramene anaõ (chamado *Vamaná*), e chegando a porta de Balli lhe pedio huma eſmolla de tres pés e mêo de terra para fazer huma pequena caſinha para viver, e elle lhe prometteo, e diſſe que a mediſſe com o ſeu pé os tres e mêo: o Bramene ſendo da eſtatura de pygmeu medio toda a terra de Balli em tres pés, e como faltava mêo pé, diſſe a Balli lh'o deſſe, pois naõ era razaõ, que ſendo Rei lhe faltaſſe á palavra. O Balli como vio que naõ tinha mais terra que dar ao Bramene, ſe deitou, e lhe diſſe que me diſſe o que faltava de ſeu corpo, e o ſeparaſſe: o Bramene indo a medir o que faltava de ſeu corpo, o mêo pé lh'o poz em cima com tanta força, que o eſcondeo no centro da terra, e foi parar ao inferno; e elle conhecendo entaõ que era Deos em fórma de Bramene, lhe rogou deſſe algum lugar para eſtar, pois lhe havia tomado o ſeu Reino; o Bramene compadecendo-ſe delle, o fez Rei

dos

dos Infernos. Diz a hiſtoria que Viſná caſtigou eſte gigante, porque como era muito poderoſo, poderia pelo tempo fazer males aos Deozes vivendo no mundo. Eſtampa. VIII.

## CAPITULO XVI.

*Argumento de Cuſná homem que teve dezeſeis mil mulheres, e naõ obſtante iſſo forçava muitas caſadas.*

COmo quer que nas fórmas paſſadas Viſná houveſſe trabalhado muito, aſſim em deſtruir os gigantes, como em ſuſtentar a terra ás coſtas, tomou fórma humana para com ella ſe recrear das delicias do mundo, e aſſim naõ houve maldade no mundo que naõ commetteſſe, porque foi homicida de hum ſobrinho, e de ſua thia adultero, notavel ſemeador das zizanias, porque as ſemeou entre os primeiros filhos de duas irmãs ſuas, que eſtavaõ litigando ſobre a poſſeſſaõ de hum Reino; e finalmente havendo declarado os livros toda a torpeza deſte *Cuſná* os Gentios lhes attribuem deidade, e dizem que foi muito continente, e caſto, e que tudo quanto obrou era apparentemente, e para prova do ſobredito contaõ hum milagre; dizendo que houve hum grande profeta, que duvidada da deidade de Cuſná, e querendo hum dia paſſar de huma parte do rio para a outra, lhe diſſe deſte modo: *O' rio, ſe he verdade que Cuſná tem alguma deidade e he caſto, dá-me caminho a pé enxuto*: o rio ſe abrio, e lhe deo paſſagem, abrindo-ſe, e o profeta paſſou á outra banda a pé ſecco; e topou com outro, que havia doze annos naõ tinha comido, e eſtava em jejum, o qual lhe diſſe: *Se he verdade, que Cuſná he Deos, hei de eu puder comer doze candins de arroz, e ficar ſempre em jejum*: elle os mandou logo trazer cozidos, e os deo ao profeta, o qual os comeo todos, e ficou como ſe naõ tiveſſe comido, e em jejum. Eſtampa XI.

CA-

## CAPITULO XVII.

*Argumento da adoraçaõ de huma moita chamada Tullaſſy, que dizem ſe converteo nella a mulher de Cuſná chamada Ruquminny, e a tem por Deoza.*

ESTando Cuſná auſente de ſua caſa, ſuccedeo morrer-lhe a mulher os parentes a enterráraõ; fazendo as exequias coſtumadas que ſaõ, acompanhar o corpo até o lugar, onde ſe ha de queimar, e alli os Bramenes dizem algumas orações, e metem o corpo no fogo, e depois de queimado, alguns oſſos que ficaõ ſem ſe queimarem, os recolhem com a cinza em huma panella nova de barro, e eſperaõ tempo para a enviar ao Ganges para ſe lançar no ſeu fluvio, para alcançar o defunto ſalvaçaõ para a alma: os ditos Bramenes paſſados doze dias das exequias, ſe ajuntaõ em caſa do defunto com os parentes do dito, e fazem ſem comparaçaõ como o Officio *defunctorum*; e acabada a ceremonia recebem eſmolas de prata, e vaccas: os filhos rapaõ a cabeça, e as barbas por morte dos Pais, e irmaõs grandes. O Cuſná vindo para caſa ſoube da morte de ſua mulher; pedio aos parentes lhe moſtraſſem o lugar da ſepultura, e elles o leváraõ ao lugar, e quando elle o vio, e nelle huma moita de tulluxi (ou mangericaõ) andou publicando, que ſua mulher ſe transformára em a dita moita; e eſcreveo muitas virtudes della, e ordenou a todos os Gentios que a tiveſſem em grande veneraçaõ, e a ſemeaſſem diante de ſuas portas: e elles o obſervaõ, e todos os dias antes de comer ſe lavaõ, e depois diante della fazem alguma oraçaõ [que para iſto os Bramenes lhes tem enſinado, e naõ anda eſcrita em nenhum livro para haver noticia della], e com profunda reverencia daõ algumas voltas ao redor do mangericaõ, e vaõ comer; tambem á hora da morte ſe faz hum collar das folhas, e flores da dita herva, e o lançaõ ao peſco-

ço do que está para morrer, e hum pedaçinho de ouro na bocca, e juntamente ensinaõ a chamar por Ramá invocando-o, e a Cusná. Do páo da mesma herva se fazem contas a modo de rosarios, que trazem ao pescoço, e quando rezaõ por ellas, invocaõ a Ramá, e Cusná, e a dita Deoza.

## CAPITULO XVIII.

*Argumento da superstiçaõ que os Gentios tem a huma arvore chamada* Goroddá, *que em Portuguez chamaõ* de Gralha.

CUsná sendo menino havia subido a esta arvore, e estava assentado em hum tronco della; neste tempo alguns Bramenes, indo fazer seu caminho, vieraõ descançar á sombra della, naõ sabendo que Cusná estava em cima, e estando fazendo sua oraçaõ, huma ave de rapina chamada *Goroddá* trouxe hum peixe balêa nas unhas, e vêo pousar-se na mesma arvore, e com o pezo de ambos se quebrou hum tronco da arvore; e estando para cahir em cima dos Bramenes, o Cusná como estava perto, e via que os Bramenes perigavaõ lançou a maõ ao tronco, e o sosteve, naõ o deixando cahir sobre elles, e lhes avisou se apartassem debaixo da arvore. Por aquelle beneficio que fez o Cusná, introduziraõ os Bramenes a devoçaõ de todos os dias darem voltas ao redor daquella arvore, invocando o nome de Cusná; e assim homens, como mulheres costumaõ dar voltas ao redor daquella arvore, rezando algumas orações. Os mesmos Gentios casaõ esta arvore com outra chamada *pimpolló*, por outro conto fabuloso: dizem que huma filha de Bramá chamada *Savraty* se transformou em vento, e como com qualquer aragem que faz se movem as folhas desta arvore, e fazem huma armonia, cuidaõ os Gentios que nella assiste sempre aquella Deoza, filha de Bramá, e lhe fazem adoraçaõ.

Os

De mais dos idolos referidos dos Deozes, e Deozas nos argumentos antecedentes, tem eſtes Gentios outros particulares a cada caſta, que fôraõ progenitores dellas. A origem da introducçaõ delles naõ he por narraçaõ de hiſtoria, ſenaõ por perſuaſaõ dos Bramenes, que os adoraõ levantando-lhes eſtatuas. Os idolos, que ſaõ deſta qualidade ſaõ innumeraveis, porém de alguns darei noticia nomeando-os por ſeus nomes, que ſaõ: *Betal*, *Ravalanth*, *Daddá*, *Damador*, *Chavangruy*, *Sandá*, *Naſſery*, *Mangeſú*. De mulheres *Santery*, *Mahallaſſadevy*, *Mahullacamy*, *Mamay*, *Azedevy*, *Maſſaty*, e outros muitos.

## CAPITULO XIX.

*Argumento do abominavel coſtume de ſe queimarem as mulheres vivas junto com os cadaveres de ſeus maridos, no proprio dia da ſua morte, ou depois de algum tempo.*

LAcamaná irmaõ pequeno de Ramá ſahio a pelejar em duello com hum gigante mui esforçado, que ſe chama *Indrogi*, filho de Ravená, cuja mulher o amava muito; e quando ſoube que ſeu amigo ſahia a deſafio com Lacamaná, ficou muito triſte por ver naõ poder evitar o combate; e por iſſo lhe pedio mandaſſe dar conta de quanto paſſava no combate, e quem ficava com a victoria, e que ella até naõ ſaber o ſucceſſo naõ havia de comer, nem beber. Indrogi como ſabia conhecer a fineza de ſua mulher, lhe prometteo que naõ deixaria de lhe dar noticia do ſucceſſo, e ſe partio para ſe encontrar com Lacamaná em o lugar ſinalado, onde pelejando ambos largo tempo, ficou Indrogi morto, mas porque havia dado palavra a ſua mulher de lhe mandar novas do que ſuccedeſſe, e como a morte lh'o impedio, deſpedio o ſeu braço direito no tempo que cahio morto pelo Lacamaná; o qual foi direito cahir na porta da mulher; ella vendo o braço o reconheceo

que era o braço de seu marido, e mandou trazer penna, e tinteiro e o esconjurou que escrevesse o successo do combate. O braço escreveo tudo o que passou. A mulher tanto que começou a ler, logo com huma vehemencia de tristeza cahio morta abraçada com o braço do marido. Os Bramenes tomárão motivo para semear nos corações das mulheres, que queimando-se juntas com seus maridos alcançavão grandes meritos, e deixavão grandes memorias aos vindouros, e que hião na outra vida, ou mundo lograr de seus maridos; e concorrem com outras superstições, e sacrificios só a fim de interesse particular, porque a mulher dá de esmola aos Bramenes joias, vaccas, e prata em moeda; e depois de morta a mulher, ou queimada, levantão no lugar huma pedra, em que botão azeite, e vermelhão; e os Gentios lhe vão fazer deprecações, e dizem ser huma grande Deoza. Ha differença entre os Bramenes, e outros Gentios no modo de queimar; porque os Maratás fazem huma grande cova, e nella fogo de boa lenha, e a mulher, depois de lançado o cadaver do marido, se lança havendo dado primeiro alguns rodêos ao fogo, e feito sacrificio de frutos, principalmente de coco. Os Bramenes fazem huma cafinha de lenha e mete-se dentro a mulher com o cadaver nos braços, e botão-lhe o fogo.

Contra esta abominavel superstição ha entre elles quem escreveste, que as taes mulheres faziaõ grande peccado, e que Deos por castigo, e pena delle, as mandava a este mundo sete vezes em figura de meretrizes, e que nunca podiaõ estar com seus maridos no outro mundo.

CA-

## CAPITULO XX.

*Argumento porque se introduzio entre os Gentios lavatorio geral nos dias do Eclipse do Sol, ou da Lua.*

AJuntáraõ-se os Deozes, e Gigantes em conselho para baterem o mar, e tirar todo o precioso, que em si tinha, e tomáraõ hum monte o mais grande que houve na terra, e huns de huma parte, e outros da outra trabalháraõ quanto lhes foi possivel, e com a violencia dos movimentos sahíraõ á terra quatorze cousas preciosas, a saber: Elefante, cavallo, huma mulher formosa, arvore triste, Dhanamauty, (que quer dizer *riqueza*) vinho, mel, liquor de immortalidade, peçonha, o abbecedario das letras, diamante, perolas, a Medecina, e a pobreza. Alguns Deozes levados da ambiçaõ tomáraõ as principaes cousas, e se fôraõ sem esperar a divisaõ igualmente, pois todos tinhaõ trabalhado; e para os gigantes naõ restou mais que a peçonha, vinho, e liquor de immortalidade: elles vendo que os Deozes tinhaõ faltado ao concerto, se conjuráraõ para lhes fazer guerra, e matar para lhes tirar do seu poder as ditas cousas, que lhes haviaõ tomado: neste tempo Visná, que tambem estava na companhia, conhecendo, que os gigantes queriaõ fazer estrago nos Deozes se transformou em huma mulher formosissima, e se poz diante dos gigantes, e lhes fez huma falla dizendo o que se segue, e que se lhe quizessem ouvir faria huma composiçaõ boa; os gigantes embebedecidos em seu amor, cada hum queria ganhar-lhe a vontade, e disseraõ que estavaõ contentes, e ella para mostrar a sua virtude tomou o veneno, e bebeo dizendo, que o bebia, porque se se derramasse pela terra prejudicaria aos viventes.

O vinho, e liquor da immortalidade, que restavaõ começou de repartir pelos Deozes, e gigantes, porém hou-

ve-

ve-se com má intençaõ, porque aos gigantes dava o vinho, dizendo-lhes, que era misturado com o liquor, sendo falso, mas por descuido deo do liquor a hum dos gigantes, que se chama *Ratí*, que estava sentado junto ao Sol, e a Lua (que tambem tinha concorrido como os outros), e como ella reconheceo o erro, cortou-lhe a cabeça; o qual gigante parecendo-lhe, que o Sol, e a Lua o haviaõ destroncado, foi em seu alcance até os Orbes Celestes onde estaõ, e se tem mettido entre elles, e os quer tragar todas as vezes que acha opportunidade para isso. Os Gentios persuadidos dos Bramenes, botaõ no dia do Eclipse do Sol, ou da Lua fóra da casa tudo quanto está cozido, e naquelle dia naõ comem nada, nem bebem; e depois que passa o Eclipse vaõ-se lavar, e daõ alguma esmola aos Bramenes.

## CAPITULO XXI.

*Argumento de Pravaty mulher de Ispará, e do que fez de dous ovos que Bramá lhe entregou.*

BRamá entregou a Pravaty dous ovos, e lhe disse, que passados mil annos os quebrasse, para que sahisse o que dentro estava gerádo; a mulher com impaciencia por saber o que tinhaõ dentro, naõ esperou o tempo assinalado, e passados quinhentos annos para ficarem perfeitos quebrou hum, do qual sahio hum gigante chamado *Arunmá*, que naõ tinha mais que metade do corpo da cintura para cima, porque lhe faltávaõ outros quinhentos annos para sua perfeiçaõ. Parvaty sentida do que tinha feito, esperou para quebrar o outro até se comprir o tempo, e passado elle quebrou, e sahio delle huma grande ave de rapina chamada *Gorodda*; que tinha de grandeza na largura doze graós, e de comprido quarenta e quatro. A ave assim como sahio fóra do ovo teve fome, e pedio a Pravaty, que lhe desse de comer, ella naõ tendo que lhe dar sufficiente, lhe

lhe disse fosse para o campo, e buscasse animaes mortos, e comesse delles, e quando acaso naõ achasse mortos, comesse dos vivos, porém que naõ tocasse carne do homem: a ave replicou, e disse: „ Se acaso naõ achar „ animaes para comer, dá-me licença para comer da car„ ne dos homens mortos em falta dos vivos, porque naõ „ he justo, que eu padeça fome.„ A mulher lhe concedeo, que comesse da carne humana, em caso que naõ achasse animaes, porém que naõ tocasse aos Bramenes, porque eraõ servos de Deos: a ave lhe perguntou como podia conhecer a carne dos Bramenes, e dos outros homens. Parvaty lhe disse, que a carne dos Bramenes era agra, e tanto que a sentisse dessa sorte naõ a tocasse. Succedeo, que a ave hindo para o campo em busca de pasto naõ achou nada que comer, e estava muito esfaimada, mas achando hum homem, que estava á borda da agua concertando a rede do peixe, lançou-se sobre elle, e o tragou inteiro, porém como sentisse agra a carne, lembrando-se do que Parvaty lhe dissera, o tornou a vomitar, e naõ estava ainda morto, mas só molestado das unhas, e lhe perguntou, que lhe disseſe ao certo que homem era, e de que naçaõ; e elle confessou, que era Bramene, mas que pela grande fome que havia na terra em que habitava, fôra constrangido a buscar de que se sustentar. A ave com a reposta do Bramene pedindo perdaõ do que fizera pelo naõ conhecer, se fogio para o mar largo, onde vio duas grandes balêas, que estavaõ pelejando, e com a força, que faziaõ saltava a agua do mar na terra, que parecia corria risco de se sossobrar, porque por instantes hia crescendo em grande quantidade, e para que naõ houvesse mais combate entre as balêas, pegou com as unhas em huma dellas, e a levou pelos ares, e naõ achando lugar em que se pousar, se foi pôr em huma arvore em que estava Cusná, a qual com o pezo se hia quebrando, e cahindo em cima de huns Bramenes, por amor dos quaes a susteve, como acima se disse.

O Gi-

O Gigante imperfeito, que sahio do outro ovo, que Parvaty quebrou, ella fez presente delle ao Sol, para lhe servir de seu cocheiro, e dizem que até hoje lhe serve.

## CAPITUCO XXII.

*Argumento da redondeza, ou Orbe Celeste, que os Gentios chamaõ ovo de Bramá.*

HUm dos ovos em que foi gerado o cocheiro do Sol, quando se partio, ou foi quebrado o ovo Parvaty, se fez em duas metades, e o homem, ou mêo gigante, que estava dentro, quando sahio fóra levantou huma metade da casca com a cabeça, e a outra com o pezo do corpo lançou para o abysmo, de sorte, que logo na mesma hora ficáraõ as duas metades servindo para baixo, e cima de tectos a toda á maquina universal, e desde aquelle acontecimento, o globo celeste teve o nome de *Ovo de Bramá*, porque he composto como ovo.

## CAPITULO XXIII.

*Argumento da opiniaõ, que seguem a respeito dos 12 signos Celestes.*

O Sol que por outro nome chamaõ *Indrá*, namorou-se de huma Deoza, e mandou-lhe fazer saber, que o admittisse em suas praticas; a Deoza acceitando o recado lhe respondeo, que elle era muito calido por causa dos seus raios, e que por isso naõ podia chegar perto delle, porque se abrazaria, e morreria com o seu fogo, por isso que se elle o applacasse primeiro, de sorte, que lhe naõ prejudicasse, que naõ faltaria em lhe fazer o gosto. O Sol usou de hum remedio muito commodo para moderar a quentura, que foi botar-se sobre a pedra da mó, para se cortar igualmente ao redor, porque di-

diminuindo-se a grandeza propria, se diminuisse a muita quentura, que procedia della; porém succedeo, que com a força da mó saltáraõ do Sol doze lascas grandes successivamente por todo o Ceo, e dizem que estes saõ os Signos celestes; e com esta traça o Sol desbaratando-se dimenuio a quentura, e foi communicar com a Deoza que se chama *Savatri*.

## CAPITULO XXIV.

*Argumento da sombra que se vê na Lua.*

*Ganesso* hindo hum dia fazer sua devoçaõ, como tinha a sua figura deforme, porque a cabeça era de elefante, a barriga muito grande, e os pés muito pequenos, a Lua vendo-o começou a rir, e a fazer zombaria delle. Ganesso com cólera a amaldiçoou, que teria maior deformidade do que elle, porque seria vista de todo o mundo, e desde entaõ teve a Lua huma mancha preta no corpo, que lhe cobre a terça parte delle.

## CAPITULO XXV.

*Argumento da morte de Ramá, e da sua resurreiçaõ.*

RAmá depois que trouxe Sitá do poder do Ravená, sempre teve má suspeita, que elle a tinha logrado. Hum dia o seu lavandeiro com ciumes da mulher a reprehendia: ella lhe respondeo, que Ramá sendo mais illustre, que ella sofria cornos. Esta prática ouvio Ramá, e vindo para casa, entregou Sitá a seu irmaõ Lacamaná: conforme a ordem do irmaõ levou a Sitá para os mattos, e naõ querendo matalla conforme a ordem do irmaõ, a largou para que fosse peregrinando a outros reinos; ella estava prenhe do Ramá, declarou-o ao cunhado, e poz-se ao caminho; até que depois de grande trabalho, vêo parar em casa de hum Russi, mas

naõ lhe declarou, quem era; e completos os nove mezes pario hum filho mui fermoso, o qual se chamou *Ancús*, como era bello todos de casa o amavaõ, e a mãi o creava com grande cuidado. Hum dia indo Sitá lavar os pannos do menino, o levou comsigo; o Russí parecendo-lhe, que alguem o teria furtado, fez outro de junco, e o deitou no berço; Sitá quando vêo da fonte achou outro menino, e naõ pôde saber quem o deitára alli; porém para que o Russí a naõ tivesse em má conta por naõ o criar, tomou cuidado delle, e o criou como filho proprio até que ambos vieraõ a ter idade de doze annos; e como elles naõ sabiaõ quem era seu Pai, perguntáraõ-no a sua mãi com muitas instancias, que lh'o declarasse. Sitá por encubrir o seu infortunio, lhes disse, que seu pai era hum grande guerreiro, e havia annos naõ tinha novas delle, se era vivo ou morto; os rapazes como souberaõ, que o pai era homem de armas, tiveraõ dezejo de imitar-lhe no officio, e pedíraõ á Mãi, que lhes desse huns arcos, e frechas, e espadas para se adestrarem nellas; ella como naõ pôde evitar os rogos dos filhos, lhes comprou, e deo: os meninos hiaõ sempre á escola das armas em companhia de outros; succedeo neste tempo, que Ramá para mostrar seu poder largou hum cavallo, com hum letreiro, que dizia, que quem o subjugasse, se aparelhasse para combater com elle em duello; o qual hindo vagando por varias partes, chegou ao lugar onde os dous rapazes estavaõ jogando, os quaes, vendo-o, o prendêraõ, e ao depois o sellâraõ, e enfreáraõ, e hum delles sobio em cima delle, e o escaramuçou, e meneou com muita destreza. Os servidores que Ramá tinha mandado em seguimento do cavallo, para o avizarem quem o domava, logo lhe fôraõ dar aviso do que passava; elle com a mais gente de armas, que o acompanhava sahio para se combater com os meninos, os quaes quando o souberaõ se preparáraõ para o combate, e lhe sahíraõ ao encontro, e lhe differaõ estavaõ prestes para o combate:

te: O Ramá vendo a reſoluçaõ dos meninos tratou de ſe pôr em ordem, e ſe eſcuſou de que a peleja foſſe em duello, e aparelhou o ſeu exercito, e começou a pelejar com os dous meninos, os quaes ſahíraõ ambos a pé com ſuas armas coſtumadas, e fizeraõ hum grande eſtrago na gente de Ramá, o qual e ſeu Irmaõ Lacamana ſómente ficáraõ ſós, e os outros os deſamparáraõ, e os meninos vencendo-os lhes cortáraõ as cabeças, ficando ſenhores do campo com os deſpojos, e victorioſos ſe fôraõ para caſa. A mãi que eſtava com cuidado de ſaber novas de ſeus filhos, quando os vio com alguns deſpojos, entendeo, que tinhaõ ido á guerra, e depois de os agazalhar os foi inquirindo aonde tinhaõ ido, e donde vinhaõ; elles lhes contáraõ tudo o que havia ſuccedido no combate, e lhe moſtráraõ o que traziaõ do deſpojo; entre outras couſas vinha o ſceptro, e corôa de Ramá, que ſendo conhecidos por ella, começou a chorar; os filhos admirados do pranto da mãi, lhe perguntáraõ a cauſa, ella lhes diſſe que haviaõ morto a ſeu pai Ramá; elles ſe deſculpáraõ que o naõ conheciaõ, e por iſſo naõ devia dar-lhes culpa, que lhes perdoaſſe a ſua morte: ella lhes pedio, que moſtraſſem-lhe o lugar do combate, porque ſe os corpos inda eſtiveſſem inteiros, faria algum remedio para os reſuſcitar: elles a leváraõ ao lugar, onde em chegando os reconheceo ſeu marido, e Cunhado, e os borrifou com huns pós que levava, e os reſuſcitou; os quaes levantando-ſe vivos viraõ e conhecêraõ a Sitá, e pelo beneficio que lhes havia feito lhe pediraõ perdaõ de a haverem lançado fóra da caſa, e com ordem para a matar; e deſde entaõ ficáraõ em amizade, e todos juntos ſe fôraõ para o ſeu reino, e ſenhorio com grandes pompas.

## CAPITULO XXVI.

*Argumento da morte de Cuſná.*

CUſná tinha huma roſa no pé direito, que de noite fazia hum reſplendor como huma pedra preciosa: ſuccedeo, que ſendo elle perſeguido de ſeus adverſarios, que o queriaõ matar, ſe foi eſconder em huma ribeira, até paſſar a perſeguiçaõ, porém naõ faltou quem alli o mataſſe por hum caſo accidental, que foi: indo a eſta ribeira hum peſcador a peſcar, como vio luzir debaixo da agua a roſa do pé de Cuſná, pareceo-lhe que era algum peixe grande, e atirando com a fiſga ſobre a roſa veio a morrer, porque de outro modo naõ podia ſer morto, porque era fadado por alguns Deozes, que a ſua morte ſuccederia, quando foſſe ferido na roſa do pé.

## CAPITULO XXVII.

*Argumento de huma ſervideira que ſervindo fielmente a ſeu amo, na meſma fidelidade foi morta; e a adoraõ por Deoza até hoje com muito concurſo de Romeiros cada doze annos.*

ESta ſervideira por nome *Mellipray* era taõ fiel no ſerviço, que jámais ſe eſcuſou de o fazer; o amo era mercador, e vendo a ſua diligencia, e fidelidade lhe entregou toda a ſua caſa, e o governo della; ſuccedeo que indo ella ao campo a fazer mondar o trigo, e os trabalhadores, havendo ajuntado a palha entre o meſmo trigo, devendo lançalla fóra por ſer pernicioſa, em peſſoa a andou ella lançando fóra; e andando a dita, correndo toda a ſeara, para a alimpar, lhe vêo a anoitecer, e os jornaleiros ſe fôraõ para ſuas caſas, deixando-a ſó no campo; e naõ querendo ella ſahir fóra ſem primeiro acabar

bar de alimpar toda a palha, cahio dentro de hum poço por hum accidente, e morreo affogada. O amo porque tardava a ſervideira, e eraõ horas de comer, foi ſaber aonde eſtava, e fazendo diligencia pelo caminho, naõ houve peſſoa, que lhe deſſe novas della, até que chegou ao campo da ſeara, e começou a chamalla por ſeu nome: a ſervideira havia horas que era morta, e por particular favor de Deos tornando-ſe o eſpirito ao corpo, reſpondeo ao amo, que lhe acudiſſe, e deſſe a maõ para ſahir do poço, o amo com ſobreſalto correndo ao poço, vio trez vezes a maõ, que ella lançou fóra da agua, e ultimamente lhe fallou que naõ trabalhaſſe para a tirar do poço, porque Deos era ſervido de a chamar para ſi, porém que cada anno naquelle poço veriaõ a ſua maõ direita em memoria daquelle ſucceſſo; e ſe foi para o abyſmo. O amo andou publicando o caſo a todo o mundo; e logo naquelle lugar fez huma caſa, e poz nella hum Idolo deſſa Deoza, e os Gentios deſde aquelle tempo concorrem a pedir os ceulos á dita Deoza.

## CAPITULO XXVIII.

*Argumento em que trata a hiſtoria do Rei* Vicramaditá.

*Vicramaditá* foi filho de huma Bramene a qual ſeu pai por intereſſe do dinheiro, caſou com hum ladraõ chamado *Carpechorá*; o qual ſendo eſpiado pela juſtiça, e cada hora para morrer, antes de chegar a eſtes termos, diſſe á molher, que tinha muitos theſouros enterrados, que ella os tiraſſe, e os lograſſe: a Bramene aſſim o fez, e depois teve hum filho que foi de hum Bramene, a quem deo o nome de Vicramaditá, que com ſua induſtria vêo a ſer Rei poderoſo nas partes de Induſtaõ. Os Guzarates ſe ſervem da era do naſcimento deſte Rei, que foi ha dous mil annos.

CA-

## CAPITULO XXIX.

*Argumento em que se trata das Sectas, e das Castas, ou raças.*

BRamá instituio estas Sectas para bem da conservaçaõ da Republica, e deo cada huma certas regras que por paragrafos abaixo se explicaõ, e por mêo dellas se introduzíraõ em as principaes quatro castas, a saber de *Bramá*, *Dhatary*, *Vaissá*, *e Sudrá*, fundadas todas sobre huma historia fabulosa, e he que diz Bramá haver gerado quatro filhos, hum da cabeça, outro dos braços, outro da barriga, e outro dos pés, os quaes se chamaõ todos filhos de Bramá.

I. *Bramene* por ser gerado da cabeça de Bramá, lhe deo a profissaõ das letras, e o defendeo com penas de exercitar outro officio, senaõ o ministerio da sua falsa Lei, e o seu culto, e ensinar as cousas da dita Lei a outros, e que havia de viver de esmolas; e por final protestativo da dita Lei, ou Secta lhe lançou huma linha triplicada ao collo com ceremonias de sacrificio, e outras superstições: e assim os Bramenes, até hoje, aos filhos machos, que chegaõ a uso de razaõ, os instruem primeiro, e depois por hum dos seus ministros com mais Bramenes, que se ajuntaõ, faz sacrificio, e com o filho professante faz repetir alguns versos da doutrina que apprendeo, e acabados de repetir, com hum páo na maõ, e huma touca na cabeça, e alforge nas costas, pede esmola. O pai para que o filho naõ se dê á vida austera de peregrinar, com grandes affagos o traz a casa, dizendo-lhe que póde elle conservar a sua profissaõ estando em casa.

II. O *Dhatary* porque foi gerado dos braços, lhe deo Bramá a profissaõ das armas, e por final protestativo da sua casta lhe deo a linha ao pescoço, com documentos de naõ matar inimigos á traiçaõ, nem a sangue

que frio, sob pena de perder a casta; e precede o sacrificio com as mesmas ceremonias, e se lhe entrega a espada na maõ.

III. *Vaissá*, porque foi gerado do barriga, o fez mercador, lançando-lhe a linha ao collo com documentos de naõ fazer usuras na mercancia, sob pena de perder a casta; e precedem as mesmas ceremonias, que o Bramene, porém com differença na linha, porque naõ he triplicada.

IV. O *Sudrá* que foi ultimo filho, e gerado dos pés de Bramá, lhe fez professar a agricultura, e por final de casta, ou Secta lhe lançou a linha ao collo, differente da dos outros, com documentos para cultivar a terra sem negligencia, e nas sazões opportunas, para que naõ houvesse de padecer o povo por falta sua, e fazendo o contrario perder a casta; tambem precedem as mesmas ceremonias. Quando admittem os filhos destas castas, até naõ ter as linhas com as ditas ceremonias, nenhum he reputado por Sectario das sobreditas castas, ainda que sejaõ filhos legitimos, ou natuares; os filhos bastardos por nenhum caso podem ser admittidos nas ditas quatro castas.

## CAPITULO XXX.

*Argumento em que se trata de reforma que houve nestas castas.*

PAssados alguns seculos floreceo entre os Bramenes hum chamado *Visvamitrá*, quer dizer, *amigo de todos*, e reformou estas Sectas, dando-lhes alguns documentos que fôraõ defença de comer carne, e peixe os Bramenes, e de naõ casarem senaõ na sua casta. Tambem defendeo, que as molheres viuvas se tornassem a casar, mas antes rapassem a cabeça, e vivessem castamente. Entre esta Secta, ou casta, aquelles que naõ quizeraõ guardar inteiramente a regra da reforma, ficá-

raõ

raõ ſeparados, como ſaõ alguns Bramenes, que comem carne, e peixe, e outros, cujas viuvas ſe caſaõ; outros em fim, que comem com aquelles, que ſaõ ſeus diſcipulos, e todos elles antes de comer, e beber ſe lavaõ, e rezaõ certas orações: ha neſta caſta cincoenta, e duas familias, ſem comparaçaõ, como os tribus de Iſrael, e cada qual ſe aparenta na ſua: todos guardaõ as meſmas ſuperſtições, e cada qual deſtas familias tem tomado por blazaõ os planetas celeſtes, e aquelle que tem Jupiter por blazaõ, naõ tendo parenteſco conſanguineo com a outra, que tem o meſmo Jupiter, naõ ſe póde caſar, porque ſe appellidaõ, e chamaõ como irmaõs uterinos; e ſe algum por erro ſe aparenta, perde a caſta, conſervando-ſe no caſamento, ſe naõ eſtá obrigado a fazer logo o divorcio, e os filhos que tiverem antes delle naõ ſaõ reputados por Bramenes.

## CAPITULO XXXI.

*Argumento da Caſta Qhatari.*

HE concedido a eſta caſta de comer carne, e de beber vinho, excepto comer carne de vacca; e de poderem caſar as ſuas viuvas; porém ellas hoje á imitaçaõ das Bramenes naõ ſe caſaõ.

## CAPITULO XXXII.

*Argumento da Caſta de Vaiſſá.*

O meſmo he para a caſta de Vaiſſá, porém tendo liberdade de comer carne, naõ a comem, nem bebem vinho, para imitarem os Bramenes; e tambem como ſe tem introduzido o coſtume, ha tempos, ſe algum deſta caſta come carne, e bebe vinho, os outros o lançaõ fóra da caſta.

CA-

## CAPITULO XXXIII.

*Argumento da Caſta de Sudrá.*

OS da Caſta de Sudrá guardaõ as meſmas ſuperſtições como os outros; porém huns naõ comem com outros de outras Caſtas, mas todos comem em caſa dos Bramenes, e elles naõ comem, nem bebem agoa de nenhuma outra caſa, mais que na ſua, e de outro Bramene bem conhecido, porque na de Caſta inferior á ſua, por nenhum caſo o pódem fazer.

## CAPITULO XXXIV.

*Argumento em que ſe trata do notavel ſucceſſo que teve* Viſvamitrá, *por cuja cauſa botou a reforma á Secta dos Bramenes, e lhes defendeo de comer carne, e beber vinho.*

*Viſvamitrá* ſendo preceptor, e meſtre dos filhos dos Qhatarís, os outros Bramenes ſuſpeitáraõ, que elle enſinaſſe aos ditos filhos as couſas, que pertenciaõ ao officio delles; e aſſim mandáraõ a hum dos ſeus, que foſſe em trajes de Qhatarí, e rogaſſe a Viſvamitrá de o tomar por diſcipulo, para que os Qhatarís eſtorvados delle naõ aprendeſſem; o que conhecido por elles o leváraõ ao campo, e o matáraõ, e vieraõ a caſa do meſtre, o qual perguntando pelo diſcipulo, lhe reſpondêraõ, que naõ ſabiaõ o que lhe havia ſucceáido: o meſtre com ſuſpeita de que o tiveſſem morto foi em buſca delle, e como o vio morto, o reſuſcitou, e troxe para caſa. Os Qhatarís, como lhe tinhaõ odio, naõ deixáraõ em outra occaſiaõ de o matar, ſem o meſtre ſaber, e tomando o ſangue do moço em hum vaſo miſturado com vinho, o deraõ a beber ao meſtre, que ſabendo ao depois do caſo, fez grandes penitencias, e por virtude dellas gerou

hum filho do ſangue, que havia bebido; e diſſe a huma filha ſua, que ella lhe abriſſe a barriga, e lho tiraſſe, porque de outro modo naõ o podia parir: ella, como o pai lho affirmaſſe, lhe diſſe como o havia ella de matar ſendo ſeu pai; ao que elle replicou, que naõ tiveſſe compaixaõ delle, e para o effeito lhe enſinou huma oraçaõ, para que ella a fizeſſe: e abrindo-lhe a filha a barriga, depois de tirada a criança, e feita a oraçaõ ſe levantou vivo como de antes.

Depois deſte ſucceſſo defendeo aos Bramenes de comerem carne, e beberem vinho, e tomou hũs cinco filhos de outra Caſta, e lhes enſinou a cada hum ſua arte, a ſaber de ourives, caldeireiros, ferreiros, carpinteiros, e de fazer loiça de vidro, e para os authorizar lhes deo a linha com algumas ceremonias. Tambem fez diſtincçaõ entre a gente do trato humilde, repartindo-a em claſſes poſitiva, comparativa, e ſuperlativa, de ſorte que na poſitiva, que he a inferior de todas, entraõ os que comem vacca morta, çapateiros, lavandeiros, barbeiros, e as ſervideiras do pagode, que ſaõ rameiras; e volantins: na comparativa, que he media, entraõ os peſcadores, bandarins, azeiteiros, *gruós* ſervidores do pagode, *battás*, que quer dizer, aquelles que vivem de eſmola, dizendo alguns louvores de *Percongés*; e *Gandavadís*, que ſaõ os que levaõ de caſa ſandalo moido, azeite cheiroſo, e alguns pós de cheiro, e dando-os gratis, alcançaõ alguma data dos homens ricos. Na terceira entraõ os ſaleiros que fazem ſal, teceloens, paſtores, horteloens, pintores, e olleiros; eſtas ultimas duas claſſes naõ comem, nem bebem de caſa dos da poſitiva, por ſer mais infima a ellas, e entre ſi alguns ſe communicaõ, e alguns naõ, porém o parenteſco naõ ſe faz, ſenaõ cada hum na ſua Caſta, e quem faz o contrario he logo lançado fóra della.

CA-

## CAPITULO XXXV.

*Argumento em que se trata de duas Sectas que seguem as referidas Castas, segundo a determinaçaõ dos Authores que escrevêraõ, que saõ em numero 6000, os quaes se chamaõ* Ruttís.

A Primeira se chama *Niurtá*, ou *Sumurtá* (quer dizer, *Secta da vida contemplativa*), e posto que os Sectarios desta Secta saõ poucos, com tudo aquelles, que a seguem naõ admitem adoraçaõ dos Idolos, e suas superstiçoens, e ceremonias; e dizem que só contemplando a grandeza de Deos, e seus beneficios, e renunciando ao mundo podem alcançar a bemaventurança da gloria de Deos; porém naõ deixaõ de convir todos elles, ou crer na falsa Trindade, e mais cousas da escriptura falsa. A segunda se chama *Varvatá*, ou *Vedarthá* (que quer dizer, *activa*), a qual seguem quasi todos os Gentios, segundo a tradiçaõ de seus primeiros pais, que seguíraõ todos as cousas de escriptura, adoraçaõ dos Idolos, e superstiçoens, juntamente com as Sectas das Castas.

## CAPITULO XXXVI.

*Argumento em que se trata de huma Secta chamada* Zainá *que ha* 1200 *annos se introduzio nesta gentilidade, e foi sua origem no Reino de Cambaia.*

*Digambor* aggressor desta Secta, sendo muito privado de hum Rei gentio cuja côrte era em Amadabat Cidade Metropoli do Reino de Cambaia, andou induzindo a gente popular á sua devoçaõ, dizendo, que os Bramenes por amor do seu proveito particular haviaõ semeado falsidades, e superstiçoens de lavatorios, e banhos

nos fluvios, o que naõ tinha apparencia de purgar os peccados, e aſſim que havia elle alcançado de Deos, que ſó por dous meios podiaõ os homens fazer alcançar a ſua ſalvaçaõ, e que eraõ a caridade com os animaes viventes, e penitencia de jejuns, e confiſſaõ vocal dos peccados diante do miniſtro da Lei. Alguns dos perſuadidos por eſte dogmatiſta lhe reſpondêraõ, que eraõ contentes de acceitar a ſua Secta, porém que primeiro venceſſe elle aos Bramenes, moſtrando-lhes por público argumento, que as ſuas ceremonias eraõ fabuloſas; e quando converteſſe algum á ſua Secta, elles tambem o fariaõ. Com eſta propoſta foi o dito Digambor com o Rei, que obrigaſſe por força os Bramenes, para que ſeguiſſem a ſua doutrina, quando elles a naõ admittiſſem por vontade; e aſſim os mandou vir diante do Rei, o qual perguntando-lhes porque naõ queriaõ ſeguir a doutrina de Digambor; lhe reſponderaõ, que a Secta dos Bramenes, e dos Indios era de tempo immemoravel, e a tradiçaõ ſua naõ tinha comparaçaõ com a nova invençaõ, com que Digambor vinha, que naõ mandava nos Livros, e Eſcriptura da Lei, mas antes era opiniaõ de hum homem particular, que naõ concordava com os Authores, e Poetas, que eſcrevêraõ as couſas da Lei. O Rei que tambem pertendia, que ſe introduziſſe a dita Secta, ſem admittir as razoens da parte dos Bramenes, mandou encarcerar os principaes em huma prizaõ eſtreita, para que vieſſem a conſentir no que Digambor propunha, e com effeito ſeguiſſem a ſua Secta. Os Bramenes vendo-ſe opprimidos diſſeraõ ao Rei, que quando o Digambor lhes moſtraſſe a verdade de ſua Lei, ou Secta por algum milagre evidente, elles ſem duvida ſe mudariaõ para ella, e quando naõ, que haviaõ de confirmar a ſua lei por melhor com milagre. O Rei como vio, que os Bramenes propunhaõ o que era razaõ, mandou-os ſoltar, e trazer diante de ſy, e a Digambor, e lhes deo tempo ſinalado, em que huns, e outros concluiſſem a contenda com milagre; eſtando neſte pacto ambas as partes, ſucce-

deo

deo apparecer hum Jogue muito velho, que vinha de hum lugar longinquo a reprehender o Rei, ameaçando-o com grande caſtigo, que Deos lhe promettia, ſe mais conſtrangeſſe aos Bramenes para receber a Secta de Digambor, para que foſſe para diante com a ſua doutrina; e era tanto, que com dadivas de dinheiro fez vir a muitos á dita ſecta.

Os fundamentos que tem eſta Secta naõ ſaõ menos, que as falſidades dos mais Gentios, porém ſó ſe eximíraõ da juriſdicçaõ dos Bramenes, levantando entre ſi miniſtros para ſuas ſuperſtições.

As principaes couſas, em que ſe eſtribaõ os deſta ſecta, ſaõ em exercitar caridades com os animaes brutos, ou irracionaes, dando de comer á aquelles, que naõ podem hir paſtar por falta da força, ou por defeito dos membros, e tem hoſpitaes em que os agazalhaõ; naõ comem depois de Sol poſto, fazem jejuns com extraordinaria abſtinencia, e ha alguns, que chegaõ a morrer eſtando jejuando, porque naõ comem, nem bebem agua, quem hum mez, quem dous, e ordinariamente quinze dias, e he antes de huma feſta, que elles fazem deſte ſeu dogmatiſta. Os miniſtros ſe chamaõ *Varteás*, e naõ ſaõ caſados. Eſta Seita he a que ſeguem os *Bantanes* de Dio.

Os miniſtros, que ſe chamaõ *Varteás* tem entre ſi hum prelado ſupremo por ſucceſſaõ, e debaixo delles ſaõ muitos, e ſem comparaçaõ, que correm as terras de dous em dous como miſſionarios, andaõ deſcalços, e deſcubertos da cabeça rapada, e barba; vivem de eſmolas, que lhes daõ de arroz, ou *Cachari* cozido, naõ fazem cozinha com ſuas maõs por mais fome, que padeçaõ; e quando ſahem de alguma povoaçaõ, onde ſe tinhaõ hido para inſtruir o povo, ſaindo della, levaõ hum certificado ſeu para moſtrar ao prelado mór, como naõ fóraõ eſcandaloſos; e ſe algum o foi, e o prelado o ſoube, o caſtiga ſeveramente. Adoraõ a hum Idolo chamado *Adimat*; e tem alguns vinte e quatro homens, que floreçêraõ na opi-

opiniaõ de Santos, entre elles, segundo a sua cegueira: para as ceremonias do matrimonio admittem o ministro Bramene. Nesta mesma Secta floreceo outro chamado *Setambar*, o qual semeou sua opiniaõ nova, que foi negar a adoraçaõ dos Idolos, e assim na casa das superstições ha huma figura do dito dogmatista; os Sectarios saõ grandes adversarios dos outros Idolatras; com tudo naõ deixaõ de o ser huns, e outros; porque naõ comem peixe, nem carne, e seguem os mesmos erros de outros Gentios; e posto que exteriormente pareça seguirem a Lei natural, com tudo naõ deixaõ de ser Idolatras, porque attribuem divindade a hum homem que foi na apparencia abstinente, e assim contaõ delle huma historia em prova de sua Secta: que sendo o dito Digambor perseguido de seus inimigos, e estando em oraçaõ foi morto por elles com os braços extensos em huma arvore, e os pés queimados com o fogo, sem elle dizer mal de seus malfeitores.

## CAPITULO XXXVII.

*Argumento em que se trata da Secta dos* Lingavatós; *que ha 500 annos se introduzio nas partes do Carnate, e se extendeo por todos os Reinos de Vizapor, e Golconda.*

FLoreceo neste lugar hum homem chamado *Sancarácharv*, que com sua traça semeou a dita Secta authorizando-a com fundamentos das mesmas historias da falsa escriptura, que confessa Ispará ser Deos, e assim naõ admittindo lavatorios, sandalo com vermelhaõ, e outras superstições da secta dos Bramenes, ordenou a seus Sectarios, que adorassem só a Ispará, e por final protestativo deo-lhes huma pedra, que trazem os Sectarios pendente ao pescoço.

Precedem algumas ceremonias no lançamento da dita pedra, que se chama, *Lingavá de Ispará* (que quer dizer, *membro genital de Ispará*, por outro nome *mahadeo*):

se

ſe acaſo quebra a linha, ou fio, ou a dita pedra, naõ podem comer, nem beber, ſem primeiro a tornar a lançar de novo. Haõ alguns que naõ querem viver mais no mundo, e vivos ſe enterraõ em hum poço extreito, e pouco a pouco ſe acabaõ; naõ comem, nem bebem em caſa de Gentios de outras Caſtas; os miniſtros naõ ſaõ caſados, e ſe chamaõ *Zagamás*, e ſe algum ſe caſa, he por particular diſpenſaçaõ do principal meſtre delles, que naõ he caſado, nem ſe póde caſar; na caſa do pagode naõ tem figura, ſenaõ huma pedra, que chamaõ *Lingavá*, e hum boi defronte della, dito boi de Iſpará: naõ tem ſacrificio de ſangue, porque os Sectarios naõ comem carne, nem peixe, mas ſó o fazem de cheiros, flores, e frutas; admittem a toda a ſorte de gente na ſua Caſta, porém primeiro de qualquer ſe fazer Lingavato, ha de obſervar alguns dias os ritos, que ſaõ, abſter-ſe de carne, e peixe, naõ hir aos banhos, pôr na cabeça a cinza, que dá o miniſtro, que lhe lança a *Lingavá* no peſcoço; os Sectarios podem caſar com quantas molheres quizerem, porém com ceremonias, que faz o miniſtro, as quaes ſaõ fazer aſſentar os contrahentes, e pôr-lhes na teſta huns grãos de arroz, e dizer algumas palavras, amarrando a ponta do panno da molher á ponta da veſtia do homem. Eſta Seita he a que ſegue o Rei do Sunda.

## CAPITULO XXXVIII.

*Argumento em que ſe trata da Secta de* Vayraguy, *quer dizer, homem que renuncia o mundo por alguma perda notavel que lhe ſuccedeo.*

OS *Vayraguys* ſaõ miniſtros de Ramá, e tomaõ por fundamentos da Secta a vida, que por eſpaço de doze annos fez o dito Ramá no ermo, e por premio deſta vida, eſperaõ na outra riquezas, principados ou Reinos. Deſde que o Dogmatiſta chamado *Valaraſſy*, que primeiro foi grande ladraõ das eſtradas, e depois converſo por ou-

outros sette Rusís, escrevendo a vida, e feitos de Ramá; deo principio á mesma secta, e tem semeado este erro; os que nella entraõ saõ homens, que perdem a fazenda, ou filhos; os que furtáraõ a prata aos pais, e por amor da reprehensaõ fogem delles; ou quando a molher commette adulterio, e naõ póde matalla; e tem estas Sectas seus prelados maiores.

## CAPITULO XXXIX.

*Argumento em que se trata da Secta de* Saneassy.

ESta Secta he dos Bramenes, que para semelhantes successos se daõ a peregrinar, e naõ reparaõ de comer em casa de outros Gentios, porque dizem, que naõ saõ obrigados a guardar a primeira Secta, e assim tomaõ a linha, e amarraõ em hum bordaõ, e com sua touca de cabeça, e vestidos de côr de barro, cada hum de motu proprio faz a profissaõ: as regras delles saõ naõ tornar mais aos parentes, nem declarar-se Bramenes, porém quando se dizem *Saneassy*, se presuppõe haver sido Bramenes, e naõ admittem nesta Secta outros de baixa Casta, senaõ das quatro principaes.

## CAPITULO XL.

*Argumento em que se trata da Secta de* Jogue, *e suas ceremonias.*

EM Gôa, sendo dos Gentios, *Goroqhy* Dogmatista desta Secta floreceo em tempos, de que naõ ha certeza delles, na arte de nigromancia, e para que os homens naõ tivessem sospeita della, se fingio muito abstinente, e coberto de cinza, fez alguns milagres apparentes, com que a cega gente o venerava por grande propheta, e assim muitos se deraõ á sua doutrina, e Secta, entre os quaes em vida do mesmo Goroqhy, houve outro, que se

se chamou *Bairamá* a quem hoje os Gentios daõ adoraçaõ de Deos, e foi mais ardiloso; e dividio a secta em dous estados de Jogues, a saber: huns casados, que vem por casta, e naõ podem fazer outro officio, que pedir esmola, e viver della; e outros que naõ saõ casados, e vivem de peregrinar; entre estes ha muitos magicos, que andaõ em regimentos de terra em terra com faustos de cavallos, elefantes, e tangeres; os mais delles andaõ despidos, nús com extraordinaria penitencia, porque huns tem ambas as mãos levantadas, que quasi estaõ como aridas, outros estaõ sempre sobre hum pé, que com o humor, que cahe, parece ser pé de elefante.

## CAPITULO XLI.

*Argumento em que se trata da secta de* Manabavís.

O Jogue *Mbatamá*, ha quatrocentos annos floreceo em penitencia nas partes do Indostaõ, e muitos dos Gentios, e quasi todos o tem por grande profeta: este como naõ fazia vida ambulativa, senaõ estava em hum lugar permanente, os seus sequazes, que saõ em grande numero, tem feito por modo de congregaçaõ, e vivem de esmola em differentes lugares, observando as mesmas falsidades da Idolatria.

## CAPITULO XLII.

*Argumento em que se trata da secta de* Loqhalicá, *e* Hazigorá.

HA cento e vinte cinco annos hum gentio chamado *Loqhalicá*, em companhia de outro mouro por nome *Hazigorá* levantou a dita secta, em que totalmente negaõ todas as superstições, e adorações dos Deozes, confessando haver hum só Creador do Céo, e da ter-

ra; naõ admittem caſa de oraçaõ, nem taõ pouco a tem; porém para fazer ſeus caſamentos ſe ſervem das ceremonias dos Bramenes: os ſectarios deſta ſecta ſaõ muito poucos, e entre ſi quando ſaudaõ invocaõ o nome de *Hagy*.

## CAPITULO XLIII.

*Argumento em que ſe trata da ſecta dos* Pandarés, *e de ſuas ceremonias.*

OS miniſtros deſta ſecta ſaõ veſtidos, e cobertos de pannos da côr de barro, e ſaõ muito abſtinentes na apparencia, porque naõ comem carne, nem peixe, mas ſó legumes como os Bramenes; obſervaõ a meſma falſidade dos livros fabuloſos; e na ſemana huma noite ſe ajuntaõ em huma caſa, onde a mais gente do povo homens, e mulheres lhes aſſiſtem a ouvir algumas hiſtorias, que referem, entre as quaes huma pequena exhortaçaõ, que diz, que naquelle dia ſe deve tomar deſcanço com algum prazer, pois os ſeis dias da ſemana atraz ſaõ paſſados na penitencia; e logo fazem final, para que cada qual dos que eſtaõ dentro na caſa, poſſaõ lançar maõ da mulher, que lhe parecer, e fazer com ella o que a brutalidade lhe enſina, e depois de gaſtarem aquella noite em aquella torpeza, os ſeguintes dias andaõ muito modeſtos, e naõ fallaõ huma palavra deshoneſta, nem taõ pouco conſentem, que outros a fallem diante delles, e moſtraõ-ſe muito abſtinentes.

CA-

## CAPITULO XLIV.

*Argumento em que se trata da falsa escritura, e historias, que os Gentios Indios tem por causa da fé, e está em huma lingua chamada* Jássuerutá, *que se aprende na escola como a Latina.*

A Principal e I. se chama *Vedakastrá*, e se divide em quatro partes.

II. He dedicada ao Sol, e nella se trata a mesma falsidade, como nas outras; mas porque he dedicada ao Sol dando-lhe deidade, os Bramenes, que seguem esta opiniaõ, se appellidaõ *Samavedys*, quer dizer, *Sequazes, e servidores do Sol.*

III. He dedicada a Ramá, e os sequazes Bramenes desta opiniaõ, que adoraõ a Ramá por Deos se chamaõ *Raguvedís*, quer dizer, *Sequazes de Ramá.*

IV. He dedicada a Deos incorporeo, e nella se trata das propriedades de Deos, e seus attributos, e os Bramenes sequazes de Deos incorporeo se chamaõ *Jazorvedys.*

V. He dedicada visivelmente ao demonio, porque nella se trata da sciencia judiciaria, nigromancia, e mais partes pertencentes á arte magica. A principal opiniaõ absurda, que os sequazes Bramenes desta ultima parte tem, he dizerem, e seguirem dous primeiros principios, ou duas causas primas *ab aeterno*, huma do bem, que he Deos, e outra do mal, que he Deos do mal, e naõ confessaõ, que ha demonio: este dito Livro da escritura naõ podem ler os outros Gentios das castas inferiores, senaõ os Bramenes taõ sómente, e se algum Bramene o deixar ler, ou ensinar a algum dos Gentios de castas baixas, ou lendo diante delles, *ipso facto* he fóra da Casta de Bramene. Dizem, que esta escritura foi *ab aeterno*, porque o Deos Bramá com sua sciencia o escreveo.

## CAPITULO XLV.

*Argumento em que se trata de outros XVIII. Livros que se chamaõ* Puraná, *quer dizer, Livros muito antigos, emanados das historias da dita escritura* Vedakastrá.

O Primeiro livro destes XVIII. se chama *Bramá Puraná*, quer dizer, *Livro da doutrina de Bramá*, trata-se nelle da creaçaõ do mundo, da falsa trindade; e do primeiro homem com suas treze filhas, que paríraõ todo o continente no globo lunar, e sublunar.

II. Se chama *Rameannná*, trata-se nelle do nascimento de Ramá, sua vida solitaria no ermo; furto de Sytá por Ravená, a embaixada do bugio, estrada que fez Ramá no mar para passar com o seu exercito, combate com Ravená, e sua morte, peregrinaçaõ de Sytá, e de dous filhos seus que matáraõ a Ramá no combate, e a resurreiçaõ de Ramá por virtude de huns pós, que tinha Sytá, que sendo lançados nos corpos de Ramá, e Lacamaná ficáraõ vivos.

III. Se chama *Harypuraná*, trata-se nelle de todas as dez fórmas, que tomou Visná, até o nascimento de Cusná que foi a oitava fórma, e de todas as suas velhacarias, e çujidades de molheres, e outras maldades suas.

IV. Se chama *Garuddapurannná*, trata-se nelle de Ispará, e Parvaty, e de dous ovos, nascimento de huma certa casta de Bramenes, que dizem ser filhos legitimos de Bramá, por respeito, que derramando sua semente no chaõ, levado de amor de concupiscencia de Parvaty, e por naõ ser vista dos homens, cobrindo com o pó da terra, logo se geráraõ os ditos Bramenes, que se chamaõ *Valaqbilés*, e quer dizer, *gerados sem ajuntamento com molher.*

V.

V. Se chama *Adiparvá*, quer dizer, antiguidade dos cinco irmãos chamados *Pandaós*, e seus primos por nome *Cairavós*.

VI. Se chama *Bhagavatagitá*, quer dizer, *cantiga de Deos*,

VII. Se chama *Indrapuranná*, quer dizer, *historia de Indrá Rei do quarto Céo.*

VIII. Se chama *Haillapuranná*, quer dizer, *historia da molher do Profeta Goutamá*, que foi deshonrada, ou forçada por *Indrá*.

IX. Se chama *Viueqhuxendú*, quer dizer, *mar de considerações*, trata-se nelle por Dialogos, da immortalidade da alma, e para a provar, seguem que todas as almas saõ de huma só essencia, e substancia, e por amor disso os homens devem exercitar caridade com todos os brutos animaes; tambem se trata da corrupçaõ das especies.

X. Se chama *Cusnápuranná*, quer dizer; *escrita por Cusná*, em que encommenda a adoraçaõ do verdadeiro Deos, que quem faz o contrario, e adora a falsos Deozes, que he como os mesmos Deozes, e debaixo destas palavras, que parecem razoaveis, tomaõ para si a deidade.

XI. Se chama *Carmavipacápuranná*, trata-se nelle da transmigraçaõ das almas, e dos meritos, e de meritos dellas, pelo qual respeito tornaõ em os corpos de brutos animaes, ou humanos, que saõ dotados dos bens temporaes.

XII. Se chama *Bharatápuranná*, trata-se nelle das guerras, que fizeraõ os Deozes com os Gigantes.

XIII. Se chama *Madallasá*, trata-se nelle da geraçaõ, e corrupçaõ, e com algumas moralidades de documentos de bem viver, e da inconstancia das cousas do mundo.

XIV. Se chama *Sallivannaxeqh*, trata-se nelle do nascimento de hum Rei chamado *Sallivannaxeqhu*, e de seus descendentes, até o nascimento de *Maumet*.

XV.

XV. Se chama *Sacadeú Cathá*, trata-se nelle do nascimento de *Sacadeú*, e sua vida solitaria.

XVI. Se chama *Pandavá Cathá*, quer dizer, *historia dos defeitos de cinco irmãos maridos de huma molher chamada Drupady.*

XVII. Se chama *Vicramaditá Cathá*, quer dizer, *historia de hum Rei por nome Vicramaditá*, que floreceo em o Reino, e Imperio do Mogor, e ha dous mil annos.

XVIII. Se chama *Calpatarú*, quer dizer, *arvore imaginaria*, e he compendio de todas as historias dos outros sobreditos livros.

## CAPITULO XLVI.

*Argumento em que se trata de outros Livros chamados* Kastrá, *que quer dizer*, doutrina.

I. O Primeiro livro se chama *Darmá Kastrá*, contém-se todas as ceremonias, superstições, e ritos do culto da Idolatria, levantar Idolo novo, quando por algum contingente he arruinado, e certas ceremonias, que para isso saõ ordenadas, ou quando algum o erige de novo por sua devoçaõ; todas as ceremonias de lançar linha no collo dos Bramenes, e das outras tres castas inferiores a ella; e fazer sacrificios. De diversos modos os fazem, porque hum que se chama *Hamá*, o fazem consumindo trigo, ou arroz com manteiga no fogo; ou em lugar de carnes consomem huns gráos, que se chamaõ *Uridás*, que tem o nome equivoco de carne; porque os Bramenes naõ podem matar animal algum, e por isso fazem sacrificio das ditas *Uridás*; porém os Bramenes que comem carne, fazem sacrificio chamado *Hamá* de carneiro, ou ovelha, consumindo-o no fogo; no outro sacrificio, que se chama *Vaddy*, só se derrama o sangue de carneiro, ou bode. *Ufarú* he de fructos, que offerecem principalmente de co-

cocos, e figos. *Nayvidcó* he de arroz, ou lentilhas cozidas, e mais legumes, e haõ de ser cozidos. *Purá* he de cheiros, ou flores, que offerecem, e juntamente em todos os sobreditos modos de sacrificios, offertas, e adoraçaõ o Bramene ministro diz algumas orações, porém primeiro de fazer as cousas sobreditas, o Bramene lava o Idolo, e lhe poem sandalo com vermelhaõ, e arroz na testa.

Ha no mesmo livro regras para mundar alguns dos Gentios das principaes quatro castas, se por ventura por força os obrigáraõ a comer, e beber com outras nações; ordena tambem jejuns nos dias de suas festas principaes, e ordinariamente nos onze, e vinte e dous da Lua; naõ comendo, nem bebendo todo o dia, e depois de Sol posto comem alguns grãos, ou fructa; ha outros que jejuaõ todas as sextas feiras em honra da Lua, e outros os Domingos em honra do Sol. Ha os ritos das exequias dos mortos, e os anniversarios delles, e as ceremonias dos casamentos; tambem quando nascem os filhos, ao dezeno dia o Bramene diz algumas palavras, e impoem-lhes os nomes de seus Deozes.

## CAPITULO XLVII.

*Argumento em que se trata do segundo livro, que se chama* Zaissá Kastrá.

II. O Segundo se chama *Zaissá Kastrá*, quer dizer, *Doutrina Mathematica*, divide-se em muitos tratados, a saber; do conhecimento do curso do Sol, e Lua, signos celestes, planetas, levantar figuras, e dar bons prognosticos, ordinariamente quando daõ principio a alguma obra, ou viagem; e tambem os contrahentes antes do recebimento, a que chamaõ *lagná*, dizendo-lhes, que ambos saõ nascidos no mesmo signo, e por esta razaõ ha entre elles connexaõ de boa amizade; e outras muitas chimeras, que tem fabricado os Bra-

Bramenes, para poderem grangear a vida, porque no dia do Eclipſe do Sol, ou Lua, ordenaõ a todos os Gentios, que naõ comaõ, nem taõ pouco o arroz cozido deixem em caſa, mas que o lancem fóra, e que todos elles ſe vaõ lavar nas ribeiras, e fontes; e dem eſmola aos Bramenes para bem de ſerem perdoados dos peccados, tambem eſtá annexa a eſta ſciencia a da nigromancia, dizendo, que he adquirida, e naõ confeſſaõ ſer diabolica.

## CAPITULO XLVIII.

*Argumento em que ſe trata do III. Livro, que ſe chama* Nac-Kaſtrá, *que quer dizer*, Doutrina de Filoſofia.

III. POſto que neſte livro naõ ſe trata de Dialectica, e da Logica, porém por diſcurſo natural, e com a Doutrina de Pithagoras ha conhecimento da materia prima, e da ſua incorrupçaõ; dos elementos, da ſubſtancia, e accidentes, da geraçaõ, e corrupçaõ; vem muitos proverbios de filoſofos, como ſaõ: *Nemo dat, quod non habet*; *ſimile ſimile ſibi producit*; e aſſim algumas propoſições, que propriamente ſe parecem Enthymemas.

## CAPITULO XLIX.

*Argumento em que ſe trata das opiniões, que varios AA. ſemeáraõ ácerca do conhecimento de Deos.*

OPina-ſe haver hum ſó Deos, cauſa de todas as cauſas, e juntamente ſegundo os ſeus attributos lhe daõ nomes, a ſaber: *Paramaſpará*, quer dizer, *Deos do Ceo*; *Mbaballá Iſpará*, quer dizer, *Deos forte*; *Anadſid*, quer dizer, *Eterno*; *Nirancar*, quer dizer, *incorporeo*, de ſorte, que conforme eſtas educações ha muitos Idolos, e lhes daõ adoraçaõ de latria.

CA-

Opina-se, que todos os mais Deozes, e Deozas saõ figuras, que tomou o Summo Deos, para se manifestar aos homens, e por esta razaõ se lhes deve a adoraçaõ de latria: os Bramenes, que saõ ministros desta falsidade, tambem tomaõ para si a mesma adoraçaõ, obrigando aos outros Gentios, que lhes lavem os pés com agua, e della bebaõ, dizendo se perdoaõ os peccados.

## CAPITULO L.

*Argumento em que se trata da opiniaõ ácerca da Gloria do Paraiso.*

QUatro lugares opinaõ haver no Céo, o primeiro se chama *Cavillassá*, quer dizer, *Reino de Ispará*; o segundo se chama *Indrapadá*, quer dizer, *Reino do Sol*; o terceiro se chama *Vaincultá*, quer dizer, *Reino de delicias de Visná*; o quarto se chama *Paramampadá*, quer dizer, *Reino de Deos*, chamado *Paramaspará*, ou *Parabramá*.

Opiniaõ mais, que todas as almas, que vaõ para primeiros lugares, naõ ficaõ lá para todo sempre, senaõ tempo limitado, e acabado elle vaõ outra vez ao mundo em figura, ou de homens, ou de animaes, e desta sorte transmigraõ de corpo em corpo, até terem merecimentos equivalentes para poderem ir ao lugar quarto chamado *Paramapadá*, e deste dizem ser eterna a fruiçaõ, e que as almas se unem a Deos de tal modo, que naõ podem apartar-se delle.

## CAPITULO LI.

*Argumento em que se trata das pennas do Inferno, que dizem naõ serem eternas.*

AS almas, que naõ tem meritos, para que possaõ sobir aos referidos quatro lugares, vaõ aos infernos a pagar as penas dos peccados, e depois de satisfeitas com os tormentos tornaõ a vir ao mundo em figura de animaes, nos quaes, fazendo alguma penitencia, se informaõ na de homem, para de novo fazer merecimentos da fruiçaõ dos quatro lugares sobreditos: esta opiniaõ authorizaõ-na dizendo, que Deos, como misericordioso, dá este meio de transmigraçaõ ás almas, para com ella poderem chegar ao estado de justos, para haver de alcançar Paramapadá, donde jámais pódem vir ao mundo.

## CAPITULO LII.

*Argumento em que se trata do IV. Livro que se chama* Veacranná.

IV. ESte quarto livro he da arte de apprender a lingua *Samsucrutá*, que he a respeito dos Bramenes sem comparaçaõ como entre nós a Latina, e tambem por ella compoem artes das linguas estrangeiras, e por ellas as apprendem.

CA-

## CAPITULO LIII.

*Argumento em que se trata do V. Livro o qual se chama* Saraspaty, *que he de Poesia, e he annexo á arte de Musica.*

V. O quinto se chama *Saraspaty*, quer dizer, *Deoza da Poesia*, e por isso o livro da arte da Poesia tem este nome. Dá-se nelle regras de compôr versos, que saõ de muitas castas, porque ha como heroicos, que se compoem de certos pés, que saõ de syllabas certas sem mais, nem menos, e desta sorte guardaõ o estylo do methodo nos mais versos de outras castas, e tambem na lingua vulgar se faz a Poesia guardando a mesma regra, e ha de muitas castas, das quaes alguns saõ os seguintes:

Versos em a lingua vulgar chamados *Chaúcharanny*, quer dizer, *de quatro pés.*

Vadé Varunnam loanam
Caittá passannam Vassussá
Nary prussá thoanam
Antarangá malhá antarangá.

O sentido vem a dizer: *O instrumento musical, cavállo, ferro, páo, pedra, cheiro, a molher, homem, e a agua entre si haõ grande distancia.*

Ha outros versos que saõ quintos, sextos, oitavos, e seus quebrados, que para haver de os pôr aqui parece causaria perluxidade.

Outros:

Chadanam dhay, tambullang
Dhumpú, Carapurá, canchanam
Ussadanddú tillá Sudrá
Gunná vardaná, mardanam.

A ſignificaçaõ deſtes verſos he; *O Sandalo, Dhay, Betele, Incenſo, Canfora, ouro, canna de aſſucar, Zingily, e homem baixo, para darem de ſi a virtude devem primeiro ſer mortificados.*

Outros:

Apulleghy Sarpú hac
Anny techá Vicrá Zanapayé
Ddallaleyá, pagaravary vbá rayé
Ta equ mha murqhú deqhac.

A ſignificaçaõ he: *O homem, que tendo em ſua caſa a cobra, naõ trata de a matar, e ſe vai pôr ao pé do precipicio, he grande louco.*

## CAPITULO LVI.

*Argumento em que ſe trata do VI. Livro, que ſe chama* Vaidákaſtrá, *quer dizer*, doutrina da Medicina.

VI. TOdas as opiniões de Pithagoras, e dos mais homens que florecêraõ entre eſtes Gentios ſe trataõ nelle, e as enſinaõ em eſcola, donde ſahem muitos, que vem ás terras dos Portuguezes, e ſe examinaõ ante o fyſico mór, que he homem da Europa, a quem muitas vezes ouvi fallar, que os ditos Bramenes chamados *Panditás* faziaõ melhor a cura, do que os meſmos fyſicos Europeos, que na India exercitaõ o officio. Eu conheci hum frade de Santo Agoſtinho Portuguez de naçaõ, e que em Portugal enſinou a Medicina, e 16 annos a leo, que depois vindo á India, e tratando a alguns doentes Portuguezes nenhum eſcapou de morrer; o que vendo o dito Padre mandou chamar os ditos Panditás, e lhes perguntou o como procediaõ na cura; a quem reſpondêraõ que no tocante de ſaber a propriedade do ſimples, e de fazer a compoſi-

çaõ

çaõ bem enſinavaõ os livros, porém iſto naõ era ſufficiente para fazer ſarar o doente, ſe naõ ſe conheceſſe primeiro a compleiçaõ delle, e humor, que dominaſſe, e tambem a connexaõ, que houveſſe adiante com o clima da terra, e ſegundo iſſo ordenavaõ os remedios. Conhecendo o Padre que elles davaõ razaõ muito boa, tomou delles algumas informações para acertar na cura, e ſegundo ellas, e a ſua ſciencia fazia depois curas maravilhoſas.

## CAPITULO LV.

*Argumento em que ſe trata das Nações que ſaõ, ou haõ na India.*

NO Reino de Samory, ha huma naçaõ chamada *Naires*, da qual a maior parte tem Senhorios nas terras, por razaõ de que ſeus primeiros pais tiveraõ qualidades de Principes; e outros que naõ deſcendem daquella familia ſaõ ſomenos, porém de cada Villagem ou Aldêa conforme os ſeus moradores ſaõ poſſeſſores dellas; e entre ſi tem huma Camara para haver de governar a dita Aldêa, e pagar ao Senhorio as contribuições, que ſaõ devidas ao Principe daquelle lugar: pagaõ vaſſalagem, e ſaõ obrigados nas occaſiões de guerra todos os moradores com ſuas armas irem a ella á ſua cuſta. Os filhos legitimos dos Principes, e Reis naõ herdaõ o Reino, ſenaõ os filhos da Irmãa, e iſto huns dizem, que foi, porque hum filho de Irmãa ſalvou a vida a hum Rei ſeu Tio, e por eſte beneficio, por ſua morte fez o ſobrinho herdeiro do Reino, excluindo o filho; porém o mais certo he, que entre eſta gente ha hum coſtume muito antigo, que he poder ter a molher muitos maridos, com tanto que haõ de ſer da ſua Caſta: a meſma liberdade tem as molheres dos Reis, ou Principes de poderem cahir com quem lhes parecer; ordenáraõ aſſi os Reis pela incerteza, que ha do filho ſer ſeu legiti-

gitimo, que os filhos da irmã, que he seu sangue, fossem herdeiros do Reino: entre esta naçaõ castigaõ o adulterio, quando a molher tem cópula com outro de baixa casta, e os Naires daõ sobre o criminoso de baixa casta, e em todos os mais que naquelle fragrante encontraõ, e os passaõ á fio de espada, e tambem a molher. Saõ homens, que se prezaõ das armas, e tem authoridade de dar guarda aos passageiros, quando fazem algum caminho assim estrangeiros, como naturaes, que saõ de outras castas, excepto os Bramenes, e se algum caminha sem levar o Naire, he roubado dos mesmos Naires, e pelo contrario indo em companhia do Naire se for roubado de outros, os da Aldéa daquelle, que deo guarda se ajuntaõ todos com as armas, e vaõ dar na do ladraõ, e mataõ a todos. Os Bramenes neste Reino saõ muito venerados, e tem a liberdade de poder cahir com a molher de qualquer destes Naires, e se a molher do Bramene cahir com algum Naire, he cativa do Rei. He uso entre todos os Gentios da India dar de comer aos Bramenes nas suas festas, casamentos, ou quando fazem voto; e por preceito, passados alguns dias despois da morte de qualquer Gentio, e cada hum segundo a sua posse, quem a mil, quem a dous mil Bramenes, e alguns que saõ ricos, ou principaes a todos quantos se acharem nos dias, que saõ determinados. Tambem continuamente daõ de comer aos Bramenes nos pagodes, e para isso concorrem os Gentios com suas esmolas. Ouvi dizer, que morto o pai de qualquer destes Gentios Naires, jejuavaõ doze annos antigamente, abstendo-se de azeite, manteiga, betele, e tabaco, porém como os Bramenes viaõ, que morriaõ muitos com tal abstinencia, dispensáraõ com elles, ordenando-lhes, que só hum anno jejuassem com a referida abstinencia.

CA-

## CAPITULO LVI

*Argumento em que se trata do Reino do* Canavá, *chamado* Suyapanayque, *e fica junto ao de Samory, e dos costumes da gente delle.*

OS costumes desta gente saõ, poder ter muitas molheres, porém a primeira he mestra da casa, e as outras lhe obedecem: a pompa funeral fazem com tangeres, e daõ de comer á todos os parentes, e amigos, que se achaõ naquelle dia presentes; o cadaver deixaõ bem vestido, e conforme a posse o levaõ a enterrar mettido em hum carro bem ornado de seda, e rosas, e o ministro profetiza, que a alma daquelle defunto foi a bom lugar. Castiga-se o adulterio, porque logo que he denunciado, e contestado com testemunhas, a molher adultera he captiva do Rei, e o homem paga pena pecuniaria, segundo a posse; e quem naõ tem para pagar tambem he captivo. Neste Reino os Bramenes naõ tem privilegio algum, porque os Canarás naõ se servem delles para suas superstições, nem taõ pouco bebem agua de sua casa, só se lhes tem respeito, por serem da primeira nobreza da India, tambem por serem habeis para o governo politico. Os de inferiores castas naõ podem tocar a elles, nem deixallos cahir sobre a sombra do corpo, e assim quando algum está no caminho, e vê vir o Bramene, vai gritando, e se esconde; e se está em alguma arvore, grita, que se affaste o Bramene, até elle descer da arvore: estes abusos taõ por todos aquelles Reinos desde Samory, até á Costa de Coromandel Ha lei nestes Reinos, que possa a molher casada de qualquer que seja, naõ fazendo excepçaõ, entrando no pagode, dizer diante do Idolo, que quer ser sua servideira, e o ministro delle he obrigado de a acceitar por tal, e dar-lhe hum panno de pagode para se vestir, e pôr-lhe na cabeça huns gráos de arroz com vermelhaõ,

pa-

para que desde aquelle dia naõ tenha o marido, nem os parentes dominio sobre ella, para a tirar daquelle jugo voluntario; a molher, deste modo usa livre de seu corpo, e em quanto naõ procedem as sobreditas circumstancias, a dita molher, ou seja casada, ou naõ, sendo conhecida por má, he captiva do Rei.

## CAPITULO LVII.

*Argumento em que se trata das nações, que habitaõ o Reino de Caõ, em o que fica incerto o Reino de Vizapor, que he habitado de Mouros, e Bramenes, Canarás, e Maratás.*

HAbitam-no os Qhatarys, Vaissús, e Sudrá, com as mais nações do serviço humilde, e as mais acima referidas. Os costumes do povo Gentio saõ os mesmos, porém como o Magistrado he dos Mouros, os Gentios para exercitar as supestições da queimaçaõ de molheres com os corpos de seus maridos, e de casamentos, tomaõ licença do Governador Mouro; e para isso conforme a posse pagaõ alguma somma de pecunia, porque de outro modo naõ consentem os Mouros as taes superstições, como saõ queimarem-se, e outros sacrificios publicos, que fazem nas suas festas.

## CAPITULO LVIII.

*Argumento em que se trata das nações, que ficaõ no Reino de Golcondá, que he dentro no Carnate.*

OS povos, que saõ habitantes neste Reino, tem os mesmos costumes, seguindo sempre cada hum a sua casta. Porém ha entre elles como inquisiçaõ, porque tanto que algum da secta dos Bramenes prevarica, quebrando sua tradiçaõ, logo o excluem com sentença, que diante do póvo promulgaõ os ministros da dita secta. Os Pa-

Padres Jesuitas Portuguezes de naçaõ, que saõ Missionarios nas ditas partes do Carnate em trajes dos Bramenes, e tem feito progressos da conversaõ das almas, seguindo o mesmo costume, que parece racionavel, *Ubi impune grassantur praevaricationes*, exhortaõ a alguns dos conversos, quando saõ cahidos em alguma falta contra a politica da Igreja Romana, e dizem-lhes, que os querem deitar fóra da Igreja, ou casta de Christaõ, se se naõ emendarem de sua vida; o delinquente muitas vezes pede ao P. com contriçaõ de lagrimas perdaõ do erro, e que o admitta outra vez na casta de Christaõ; o P. conhecendo, que o penitente trata de se emendar, o absolve sacramentalmente, e o deixa entrar na Igreja desde entaõ.

## CAPITULO LIX.

*Argumento em que se trata do Reino do Concaõ, terra que fica na Costa do mar, e começa desde hum pagode chamado* Gocarná, *e fenece, e confina do Sul para o Norte com Damaõ, e para a parte do levante fazem separaçaõ os montes, que o vulgo chama* Gatte.

ANtigamente a maior parte deste Concaõ, era inhabitado, por ser muito agreste, e infertil, ou esteril, por razaõ de constar de mattos asperos, e cerrados, e terra pedrosa, e muito montuosa, porém hum Deos chamado *Farissii Ramá* (de quem contaõ os Gentios a historia, que referirei em outro lugar) deo principio para o cultivar com alguns Bramenes, e mais póvos, que o seguiraõ; e depois passados muitos annos teve Reis, e Principes.

O primeiro lugar que teve o Rei chamado *Cadamâ* foi Goa, consta toda a terra pertencente a ella de dezoito Provincias, sete dominios, e doze herdades de pessoas, que os mesmos Reis antigamente deraõ aos descendentes de sua raça, com qualidades de Principes, que

chamaõ *Razés*, porém sempre tributarios ao dito Rei; os Portuguezes saõ Senhores de tres Provincias desta terra.

O segundo lugar chamado *Parabavally* tambem tem dezoito, em que fica inserta a terra de Rejapor, nome, que lhe deo o Rei *Srirangá Razé*; porque sendo inhabitado de gente o paiz, fez abrir o porto de mar com negocios, fazendo vir para isso mercadores de outros lugares.

O terceiro lugar de entre Chaul, e Bacaim, chamado *Zauly*, teve Rei, que se chamou *Chandar Raú*, de quem ha dezeseis annos, o *Sevagy* conquistou a sua serra, onde era a Corte, e o matou, e seus filhos tomou prizioneiros. Os póvos moradores deste Concaõ saõ Bramenes, Maratás, e Mouros com a mais gente do serviço.

O quarto lugar saõ todas aquellas terras pertencentes a Baçaim, e á Comarca de Surrate, cujos possessores fôraõ muitos Regulos chamados *Chatiá*, *Collé*, e *Ramanagará*, todos esses lugares sobreditos com seus possessores fôraõ subjugados pelos Reis Mouros, parte pelo de Vizapôr, e parte pelo Mogor, e hora nesta era o Sevagy he que as possue todas, excepto as que ficáraõ em poder dos Portuguezes, e saõ d'ElRei de Portugal.

Os costumes do povo Gentio deste Concaõ, saõ naõ menos, que os outros, porque saõ mui observantes da tradiçaõ de seus antepassados; habeis para toda a sorte de artes. Na adoraçaõ dos seus Deozes fabricaõ cada dia novas invenções de superstições, muito pertinazes na sua opiniaõ, e naõ se commovem de razões; porque admittindo-os com contumacia naõ cedem de seus erros, e absurdos: a seus ministros, que saõ os Bramenes, tem grande reverencia; a cujos pés se prostraõ, e lavando-os com agua, a bebem para se purificarem dos peccados.

## CAPITULO LX.

*Argumento em que se trata da historia de* Pharissú Ramá, *a quem os Gentios adoraõ por Deos.*

PHarissú Ramá filho de hum Bramene, e Profeta chamado *Sasserzaná*, e de huma molher qhatary de casta, sendo de idade de doze annos se exercitou nas armas, porque seguem a casta da mãi; o pai como era Profeta, e sabia o que o filho havia de ser, para o experimentar se era cruel para as conquistas, que sabia havia de fazer, lhe mandou matar sua propria mãi; elle lhe obedeceo, e matou-a sem demonstraçaõ de sentimento, o pai vendo o valor do filho, dizem, fez resuscitar a mãi: o qual depois fez cruel guerra aos qhatarís por serem soberbos, e matou alguns, e os que escapáraõ, por esta razaõ largáraõ as armas, e se deraõ a Mercancia, porém seguem a sua casta.

Depois de acabar a guerra veio ao monte Gatte, e intentou descobrir o Concaõ, que estava debaixo de agua, e poz huma frecha no arco, e a despedio contra o mar para o fazer afastar, mas quebrou a corda do arco, e naõ foi a frecha muito longe, senaõ até onde está descoberto, e isto porque hum bicho, que chamaõ *Cariá*, estando-se affogando na agua do mar, lhe rogou o lançasse na terra, e que em algum tempo lhe faria algum serviço, elle o lançou: esta formiga ou *Cariá* he que a Parissú Ramá, armando o arco para atirar contra o mar, lhe cortou a corda, com que naõ póde cursar mais longe, em remuneraçaõ de o naõ dixar affogar.

# N. II.

# NOTICIA SUMMARIA
## DO
# GENTILISMO DA ASIA.

# N. II.

## NOTICIA SUMMARIA

do

## GENTILISMO DA ASIA.

# NOTICIA SUMMARIA
## DO
# GENTILISMO DA ASIA.

## CAPITULO I.

*De que hum só Deos he verdadeiro.*

HUm só Deos verdadeiro, e Eterno denomina o Gentilismo por dous nomes, a saber *Anantá.* (Omnipotente) e *Adí Purussá* (Eterno Homem). He perfeito dos mais perfeitos, e a sua formosura naõ vem a comprehender a humana; creou á sua Imagem, e semelhança os homens; adora-o o Gentilismo por milhares de nomes, e a primeira Oraçaõ he a que se segue em proprias palavras da lingua *Savanscrutá*, que entre os Gentios he como Latim.

## CAPITULO II.

*Da primeira, e segunda oraçaõ com que adoraõ a Deos.*

NAmustú Anantaé, Sahassrá Muhurtaé Sahassrá Padacxé Sassiror Bahuvé, Sahassará Namané Purukaé Kassuaté Sahisará Cottí Yugá Dharanné namam.

*Significaçaõ ou exposiçaõ da Oraçaõ acima.*

Adoro-vos Deos, cujas immensas Imagens saõ incomprehensiveis, immensos pés, immensos espelhos do seu rosto, e mãos, e infinitos nomes. Sois Deos immortal e eter-

e eterno, e por ſerdes bom, e amavel, vos adoro, Deos Omnipotente.

*Outra oraçaõ em a meſma lingua* Sanvanſcrutá.

Acaxat papitan Toyam, Ethagatcatí Sagaram, Sarvá Deú Namaſcaram Quekavam Pratigatcatí.

*Explicaçaõ deſta oraçaõ.*

Aſſim como dos ares chove a agua, une-ſe aos mares, e tudo he agua: Deos verdadeiro he hum ſó, ainda que as Nações do Mundo o adoraõ em differentes nomes.

## CAPITULO III.

### *De que trez ſaõ as peſſoas diſtinctas, e ſuas denominações.*

TRes ſaõ as Peſſoas diſtinctas, a ſaber *Viſnú*, *Bramá*, e *Mahés*: O primeiro he denominado com mil nomes, dos quaes 24 traz o Gentiliſmo nas ſuas rezas, como objecto principal, os quaes ſaõ: Quexeu, Naeraná, Madaú, Govindá, Viſnavé, Maduſſudaná, Trivicramá, Vamaná, Sridar, Vrukiquexá, Padmanabá, Damodar, Sancarxinná, Vaſſudeú, Pradumná, Amirudá, Purukotomá, Adockazá, Naraſſiá, Atchutá, Zanardam, Upendrá, Har, Cruſnná. Eſtampa I. e ſeguintes.

O ſegundo he invocado, além do nome acima de Bramá, vulgarmente *Bramadeu*, com o de Prazopotí, Vidhatá, Viranchí &c. Eſtampa I. e Eſtampa III.

E o terceiro tambem he invocado com mil nomes, ſendo vulgares Mahés, Mahadeú, Iſſuar, Hambú, Sadaſſivá, Rudrá. Eſtampa I. e Eſtampa XIV.

CA-

## CAPITULO IV.

*Do naſcimento das ditas tres Peſſoas diſtinctas.*

DA reſplendecencia do Omnipotente naſceo Viſnú, e em eſpecie de menino appareceo em huma Arvore que andava na ſuperficie das aguas.

Bramá naſceo deſte Viſnú em huma fula ſemelhante á de Niféa, como demoſtra a eſtampa, pelo embigo do meſmo Viſnú, e das peſtanas dos ſeus olhos o Mahés, como demoſtra a dita eſtampa. Eſtampa II.

## CAPITULO V.

*Da producçaõ do Mundo, Aſtros, e Elementos.*

NAſcido que foi Viſnú, ou na apparencia que fez em figura de menino na ſobredita Niféa, abrindo os olhos, pelo tranſparente dos influxos deſtes ſe produzio o Sol, e fogo, e da luz modificada exiſtente nos meſmos olhos, ſe produzio a Lua, e dos póros que reſpiravaõ luz, deſta ſe produzíraõ as eſtrellas, e mais aſtros, ſegundo a ſua natureza, que a mente do Omnipotente deſtinou, cuja clareza he ineſcrutavel ao juizo humano: da reſudaçaõ da poraçaõ corporea formou-ſe a terra, e da tranſpiraçaõ, ou reſpiraçaõ dos eſpiritos vitaes ſe produzíraõ os ventos. Eſtampa I.

## CAPITULO VI.

*Dos quatro roſtos que teve Bramá, e ſua explicaçaõ.*

BRamá teve quatro roſtos iguaes á ſemelhança humana, como demoſtra a meſma Eſtampa I. e naſcido que foi na meſma fula, como fica dito, Viſnú lhe decretou, como ſeu filho, quatro orações divinatorias, diſtri-

buindo cada huma a cada rosto do dito Bramá, ellas saõ denominadas 1.ª *Rugvedá*, 2.ª *Ejurvedá*, 3.ª *Sumavedá*, 4.ª *Atarvenavedá*, das quaes formou ao depois o Bramá quatro Religiões, que até o presente existem, e professaõ os votos, e saõ denominados Bugvedy, Ejurvedy, Samavedy, e Atarvannavedy.

## CAPITULO VII.

### *Da creação das quatro castas, Bramenes, Quetris, Vaissás, e Sudrós.*

NAscido o Bramá, Sol, Lua, Terra, e o mais como fica dito, para o jogo do Mundo, fôraõ creadas quatro qualidades dos homens que produzíraõ do mesmo Visnú, a saber: do rosto, que he o espelho mais puro, os Bramenes, pelos seus braços os Quetrís, das pernas os Vaissás, e dos pés os Sudrós; todos cada hum de hum rosto, duas mãos, e dous pés, á semelhança que actualmente se vê nos homens. Os Bramenes, para instruirem o Mundo, orarem, e rezarem diariamente, observando os preceitos nos cultos divinos; tratarem dos livros, escrituras, e das lendas delles; prégarem as excellencias divinas, e portarem-se em tudo como Religiosos Missionarios. Os Quetrís, para professores de espada, e armas em defensa do Mundo, e delles para Reis, Monarcas, e Emperadores, que sempre fôraõ, e que occupáraõ todo o Mundo, subjugando os Reinos, e Provincias ao seu dominio. Os Vaissás para tratarem e manejarem as mercancias; e os Sudrós para tratarem de agriculturas, e obras servís.

CA-

## CAPITULO VIII.

*De que he constituido Patriarca o Bramá das ditas castas por Visnú, por nascer do embigo do mesmo Visnú.*

COmo Bramá procedeo do embigo de Visnú em huma fula de Niféa, que sahio do dito embigo, como dito he, a este Bramá, como seu primogenito, constituio-o por Patriarca destas quatro qualidades de filhos acima mencionados, para elles os instruir, doctrinar, e documentar; e ainda que as ditas quatro qualidades de homens saõ partos de Visnú, com tudo para se deleitar este no seu filho Bramá, como primogenito de sua sustancia espiritual, e os mesmos filhos de quatro qualidades de materia corporea, preferio a elle em constituir-lhes primeiro Patriarca; e nestas circumstancias tomaõ os Bramenes ao dito Bramá por seu progenitor, e pai, que instruhio, doctrinou, e documentou aos priros principiantes.

## CAPITULO IX.

*De que sómente aos Bramenes he concedido dar esmolas, offerecer primicias das outras tres castas, e fazer sacrificios nos Pagodes &c.*

AOs Bramenes se achaõ decretados seis preceitos preliminares concedidos a elles sómente por privilegio especial: 1.° chamado *Adeaen*: o 2.° *Adeapaná*: o 3.° *Dan*: o 4.° *Pratigrahá*: o 5.° *Egen*, e o 6.° *Yagen*. A saber: o 1.° Adeaen determina de se aperfeiçoar o Bramenismo nas escrituras, e leis espirituaes, e moraes, e em outras artes mechanicas, liberaes, marciaes &c. o 2.° Adeapaná he de instruir as outras; isto he, as dos Quetrís, Vaissás, e Sudrós, e todas as

mais inferiores caſtas nas ditas leis, lendas, e nas ditas artes, quanto lhes permitte a meſma Lei: o 3.º Dan, que tem duas etymologias: por huma o Dan vem a entender-ſe dar eſmolas, ou recebellas: por outra o meſmo Dan vem a perceber-ſe, que he pagar as primicias a Deos: eſſas pódem ſómente os Bramenes offerecer por ſuas mãos proprias a elle, o que naõ he concedido ás mais caſtas; e quando eſſas quizerem offerecellas, devem ſer entregues a elles Bramenes para o dito effeito, por cujas mãos ficaõ acceitas, e gratas ao meſmo Deos, como das dos ſeus Miniſtros deputados: por iſſo quando as mais caſtas determinaõ, e celebraõ ſuas funções, como de caſamento, repartirem eſmolas publicas, e outras celebridades feſtivas ſejaõ em caſas, ou nos Pagodes, ſem aſſiſtencia dos Bramenes, naõ ſe póde fazer acto algum dellas: manifeſtando porém, que os Bramenes nem todos tem poderes, ou podem-ſe fazer Miniſtros deſſas funções, ſenaõ aquelles que tiverem capacidade, e forem graduados Meſtres nas ſuas lendas, e eſcrituras de ſua profiſſaõ: e naõ ſe deve entender de pedir eſmolas da porta em porta, ſó fim recebem os Bramenes eſmolas, ou primicias offerecidas nos actos de ſuas funções, como Miniſtros, e Sacerdotes, 4.º 5.º, e 6.º vai explicado no meſmo Dan, que vem a dizer o meſmo que ſe acha eſpecificado acima.

## CAPITULO X.

*De que para a futura geraçaõ dos homens naſceo da mente de Viſnú huma femea chamada* Lacximí.

HAvido o referido, como dito he, para o effeito de gerar e multiplicar o genero humano, determinando Viſnú o methodo para futuros naſcimentos dos meſmos humanos; da ſua mente procedeo a femea chamada *Lacximí*, ſómente para haver propagaçaõ do genero humano: nunca viyêraõ porém eſtes co-

como conjuges, senaõ para que da parte de Visnú fossem produzidos os machos, e da parte de Lacximí as femeas, sem haver, assim no Visnú, e Lacximí genero algum de macula, suspeita, ou de viverem estes na vida material, senaõ sómente a beneficio da dita propagaçaõ humana.

## CAPITULO XI.

*De que Visnú deo preceitos a Bramá, e poderes de propagar a geraçaõ humana, reservando para si a infusaõ da alma.*

VIsnú poz seus preceitos a Bramá como seu filho amado, constituhio-o por pai universal, e concedeo poderes de propagar o genero humano; os homens á semelhança dos que produziraõ por corpo delle Visnú, como acima fica dito, e as femeas á semelhança de Lacximí, e igualmente os de propagar tudo o mais existente neste mundo, reservando porém para si, como filho do Omnipotente, o supremo poder de crear, e pôr as almas nos corpos de todo o genero.

## CAPITULO XII.

*De que o Bramenismo invoca a Bramá antepondo-o a todas as deidades por artifice.*

PEla referida circumstancia, todo o Gentilismo dá preferencia nas historias em commum, á invocaçaõ de Bramá a Visnú, antevendo ser aquelte propagador da humanidade, e como tal naturalmente se inclina a esta, o invoca primeiro, adorando sempre ao mesmo Visnú em primeiro lugar, como proprio filho do Omnipotente Anantá, como trazem em todas as suas escritas antigas, e modernas, Bramá, Visnú, e Mahés.

CA-

## CAPITULO XIII.

*De que para haver propagaçaõ humana asociou Deos a Bramá huma mulher chamada Savitry.*

EPara haver principio da propagaçaõ, providenciou Deos a Bramá de huma femea, a quem appellidaõ *Savitry*, da qual teve o Bramá dez filhos a saber: *Marinchí*, *Atrí*, *Anguirá*, *Poulastí*, *Pulahá*, *Eratú*, *Brugú*, *Vaxistá*, *Dacxá*, *e Naradú*.

## CAPITULO XIV.

*De que Bramá teve dez filhos, e Marinchí filho do dito gerou a* Caxiepó, *e teve este treze mulheres, e da descendencia deste se encheo o Mundo.*

MArinchy filho de Bramá gerou a *Caxiepó*, o qual teve treze mulheres, a saber *Aditi*, *Dití*, *Danú*, *Callá*, *Danayú*, *Sinhacá*, *Crodá*, *Pradá*, *Varistá*, *Pingallá*, *Vinitá*, *Capilá*, *e Cadrú*, que fôraõ suas mulheres, e tambem suas primas filhas de *Dacxá*, nono filho de Bramá; e da progenie do dito Caxiepó se encheo o Mundo de genero humano, seguindo aos estados de Nobres, Titulares, Principes, e Plebeos, segundo o destino, que o Omnipotente lhes decretou: e na sociedade dos Bramenes, Quetrís, Vaissás, e Sudrós multiplicou a gente na maior abundancia.

CA-

## CAPITULO XV.

*De que o Gentilismo toma a Caxiepó por seu Patriarca.*

AO dito Caxiepó filho de Marinchy, e neto do Bramá, pelo referido motivo toma o Gentilismo por seu Patriarca, por ser quem gerou abundantes machos, e femeas, e estendeo a linhagem innumeravel, o qual por considerar a terra vaga, por inspiraçaõ Divina, na sociedade das ditas suas mulheres para sua recreaçaõ se occupáraõ em fabricar de barro, por primeiro objecto, toda a sorte de quadrupedes, volateis, serpentes e mais animaes, a cujas supplicas Deos os abençoou dando-lhes espiritos; e se continuou a producçaõ em abundancia. Igualmente pela luz superior, que tinhaõ, fizeraõ, que a terra geresse ou produzisse hervas, arvores, plantas, vegetais, e mais viveres dando a cada hum seu nome natural segundo as suas qualidades, abençoando-se-lhes para que dessem seus fructos.

## CAPITULO XVI.

*De que a immensa familia que teve o Caxiepó fôraõ oitenta e oito mil Sacerdotes, que andáraõ pelo Mundo peregrinando, e ensinando.*

O Mesmo Caxiepó entre a sua descendencia, que teve immensa, chegáraõ oitenta e oito mil a serem dotados da prerogativa de Sacerdotes, os quaes se appellidaõ por *Ruxessuar*, passando estes pelos Reinos diversos a exercitarem funções do seu officio, e nesta systema acabarem suas vidas, sacrificando-as como Missionarios ás mãos do Omnipotente: do mais resto que ficou saõ os que actualmente chamaõ *Indis*.

CA-

## CAPITULO XVII.

*Do* Ganes *nome vulgar com que se denomina a deidade* Mah Ganapoty, *e do fundamento porque o Gentilismo o invoca.*

DEnomina-se *Mah Ganapoty*, *Ganes*, *Vinahú*, e *Hecadantá*, o qual procedeo de Visnú filho do Omnipotente, a quem elle aperfeiçoando em as excellencias, e dotes de universaes sciencias e artes fez delle o dito Visnú entrega ao Mahés a seus rogos, para este o ter por seu filho adoptivo. Nesta renuncia que praticou o referido Visnú ao Mahés, entrou este a cuidar, e a tratar delle mais que seu filho propio, amando-o, e deleitando-se nelle como joia, que possuia de inextimavel valor.

## CAPITULO XVIII.

*De que ao Mahés foi dada huma mulher por nome Parvoti, para viver na companhia della instruindo nos preceitos aos homens.*

O Mahés como tinha por costume de hir orar nos dezertos ao Omnipotente, hindo no monte chamado *Himachol*, em gratificaçaõ dos seus merecimentos, Lacximí mulher de Visnú fez ao dito Mahés domno gratuito de huma femea chamada *Parvoti*, para na companhia desta viver o dito Mahés, praticando documentos, e instrucções aos humanos para chegarem á vida eterna, pela observancia á sua imitaçaõ das leis, e preceitos que lhes foraõ impostos. E em quanto andou Mahés nos empregos, em companhia da dita femea Parvoti sua companheira, de castigar o seu corpo com penitencias, jejuns, e outras austeridades, naõ largou em momento algum a caveira, e ossada dos córpos reduzidos a terra, para trazer sempre a memoria da miseria humana a que es-

está sugeita; e que por este exemplo ficassem os homens permanentes nas obras da perfeiçaõ, para desta sorte se eximirem de toda e qualquer sombra menor do peccado, com intençaõ para que fossem gozar da tranquilidade da vida pacifica.

## CAPITULO XIX.

*De que Visnú fez adopçaõ de Maha Ganapoty a Mahés, e porque.*

PRaticada que foi por Visnú a adopçaõ de Mah Ganapoty ao Mahés, logo neste tempo vendo o mesmo Ganapoty, que as cousas do Mundo lhe eraõ dessaborosas, pedio licença ao seu pai adoptivo Mahés para hir existir no Reino de Visnú seu natural pai, o que lhe foi concedido pelo dito Mahés com protestaçaõ, de que seria favoravel e propicio ás vozes, que elle Mahés, e sua mulher proferissem, chamando-o nas suas afflições, e empenhos de qualquer emprego que pertendessem.

## CAPITULO XX.

*De que hum Rei Filisteo era invicto, e castigava a todos.*

NEste tempo hum Rei Filisteo alevantando-se se poz invicto, devastando terras, Reinos, e Imperios: e porque cada vez o arrojo desse Rei era maior em castigar o Mundo, applicáraõ os humanos incessantes deprecações, rogos e orações a Deos para que se compadecesse livrando-os daquelle flagello; o que sendo Deos servido attender, ouvio-se huma voz nos ares, que por mãos do filho de Mahés seria castigado o arrojo daquelle alevantado Rei Filisteo: a qual determinaçaõ de Deos sendo manifesta a todos, entrou este Rei a procurar meios e modos de matar a mulher de Mahés Parvoty; e applicando cuidadosas diligencias para dar-lhe a morte, fazia em-

emboscadas, e rondas á casa de Mahés para, quando este naõ se achasse em casa, executar a sua malvada pertençaõ.

## CAPITULO XXI.

*De que o dito Rei Filisteo pela commoda occasiaõ quiz matar a Parvoty mulher de Mahés, e foi defendida, e como.*

COmo o Mahés, segundo o seu costume, hia para os dezertos fazer as suas orações, e penitencias, succedeo hum dia demorar-se este mais tempo do acostumado, o que tomando o Rei Filisteo por occasiaõ opportuna a seu intento, pertendeo executallo; nesta afflicaõ como Parvoty se achava só e sem amparo, nem soccorro, convidou a seu filho Mah Ganapoty chamando-o para que a soccorresse nesta ultima consternaçaõ: logo o Ganapoty em figura de hum perfeito mancebo vestido de armas se poz á porta da entrada, fazendo resistencia ao sobredito Rei; porém este como arremetia com todos os seus poderes, e forças, travaraõ entre si a batalha, e a esta Mah Ganapoty deo cabo com pena de morte do dito Rei Filisteo, ficando sempre de guarda na porta.

## CAPILULO XXII.

*De que sendo morto este Rei, e achando o Mahés outro Rei Filisteo de emboscada o matou, e achando tambem na porta a Ganapoty tambem o matou, e sabendo que era seu filho, lhe unio a cabeça cortada do Rei Filisteo ao corpo de Ganapoty, que era de maneira de elefante.*

DIvulgada a noticia da morte deste Rei *Kendur Doitó*, que assim se chamava, veio outro Filisteo chamado *Gazapur*, que tinha o rosto de maneira de elefante, tempo em que o Mahés vinha descendo dos montes para casa, e achando em huma parte occultado este Gazapur, o ma-

o matou, e trouxe a sua cabeça comsigo, e vendo na sua porta outra pessoa, cuidando que era algum dos Filisteos, matou a Mah Ganapoty, cuja cabeça se desappareceo logo naquelle instante ficando-se o corpo, e entrou de portas a dentro a tomar o descanço que lhe era preciso.

## CAPITULO XXIII.

*Em que se continúa a mesma materia.*

LOgo que chegou Mahés no remanso placido de sua casa, perguntou a sua mulher Parvoty o procedimento dos ditos Filisteos; e dando conta esta do castigo que lhe queriaõ dar, e que invocára a seu filho Ganapoty, e este a defendêra, matando a Kendur Doitó, e que ficára guardando a porta para a defensa de outros que intentassem accommetella: certificado o Mahés de que elle matára a seu filho, assustado pegou na cabeça de Gazapur, e a poz no corpo de Ganapoty, e logo ficou resuscitado: nesse contentamento jurou o Mahés ao dito filho Ganapoty, que esse dia do seu renascimento celebrariaõ todos os humanos com solemnes festividades, para eterna memoria deste facto, que foi aos quatro da Lua crescente do mez Badrapadá (tantos de Setembro) razaõ porque se pratica até hoje com geral applauso esta festividade no Bramanismo, e mais Castas; e para que fique essa memoria para os descendentes, e vindouros fabricaõ humas figuras de mate, ornando-as como querem; outros de folhas, ou feno, e as lançaõ no mar, naõ porque lhes obrigue algum preceito para as deixar nas aguas, senaõ sómente para que naõ venhaõ cahir aquellas figuras debaixo dos pés humanos, ou dos animaes, e sugeitas á profanidade do tempo, motivo por que as lançaõ ao mar para este as receber, e summergillas, como demóstra a Estampa XV.

## CAPITULO XXIV.

*De que a mulher Parvoty foi accommetida por vezes por muitos Reis para a levarem, ou matarem.*

ESta femea Parvoty mulher de Mahés foi accommetida por vinte e quatro vezes por varios Reis, e Potentados para lha lavarem, ou matarem: em todas essas occasiões o Mah Ganapoty enviou em sua especie outros Espiritos em defensa de sua adoptiva mãi, como foi tambem na sobredita occasião em que matou os dous Potentados Filisteos atraz referidos.

## CAPITULO XXV.

*De que Visnú deo a Bramá huma filha chamada* Sarasvotí, *mestra em todas as Artes, e Sciencias.*

VIsnú deo a Bramá, como seu filho primogenito, e quiz felicitallo com huma filha chamada *Sarasvotí*, entre mais que lhe deo; dotando a esta de especial prerogativa de mestra de universaes Sciencias e letras, e como tal o Bramanismo, e mais gentes a invocaõ no principio de suas escritas, e lendas, preferindo-a a todas as outras deidades na invocaçaõ, (excepta a de Ganapoty, que prefere a esta na dita invocaçaõ a respeito da Sciencia) como sabia e mestra para lhes ser propicia nellas, como se observa até o dia de hoje.

CA-

## CAPITULO XXVI.

*De que o Reino do Omnipotente he* Mocxá; *o de Viſnú* Vaicuntá; *de Bramá* Sate Locó; *de Mahés* Cailás.

ANantá (Omnipotente) occupa *Mocxá* (Regiaõ Eterna).

Viſnú filho do Omnipotente occupa *Vaicuntá* (Paraiſo).

Bramá occupa *Sate Locó* (Reino da Verdade).

Mahés occupa *Cailás* (Reino Pacifico).

As excellencias, e reſplendecencias deſtes divinos lugares naõ chegaõ a comprehender os juizos humanos.

Rariſſimos ſaõ os que merecem a graça da aſſiſtencia na Regiaõ Eterna do Omnipotente.

## CAPITULO XXVII.

*De que os homens, depois de mortos, vaõ para eſſes Reinos ſegundo ſuas obras.*

HUns paſſaõ a Vaicuntá, outros a Sate Locó, e outros a Cailás ſegundo as ſuas obras; aſſim como aquelles que inteiramente ſaõ predeſtinados, e merecem a graça do filho do Omnipotente, pelas ſuas puras obras, e ſobre tudo ſe qualquer á ultima hora da morte com arrependimento das ſuas más obras, ſe lembrar de Deos, e lhe ſupplicar o perdaõ, o teve ſem dúvida, e paſſou para Vaicuntá (Paraiſo): outros conforme as ſuas obras paſſaõ a gozar Sate Locó, e outros Cailás.

## CAPITULO XXVIII.

*De que* Emupurí, *ou Purgatorio, he governado por seu Rei* Emú.

E *Mupurí* (Purgatorio) he governado por *Emú*, ou *Emú Dormó*, filho do Sol, e he destinado por Deos para nelle serem purgados os erros commettidos neste Mundo, pelos humanos, e delle passarem puros e limpos para a Gloria, conforme os Decretos de Deos.

## CAPITULO XXIX.

*De que tem a matricula de todos os homens, e segundo as obras delles castiga, e condemna.*

Este mesmo Emú, ou Emú Dormó tem os livros da matricula de todo o genero humano, e em cada titulo delle sahe com as suas obras, se estas forem boas, livres saõ das mãos de Emú, que naõ tem mando; e se forem más, elle faz exame, e conforme as culpas faz executar as penas, em que se condemna conforme o regimento estabelecido.

## CAPITULO XXX.

*De que* Cumbapacá (*Inferno*) *fica debaixo do governo do dito Rei Emú.*

C*Umbapacá* (Inferno) he debaixo do Governo do mesmo Emú para nelle eternamente padecerem os humanos o castigo merecido por seus enormes, e atrozes crimes, e culpas commettidas neste Mundo.

CA-

## CAPITULO XXXI.

*De que* Amaravotí *he hum Imperio governado por* Indrú *que he hum dos Anjos.*

*Amaravotí* he hum Imperio Angelico dado ao *Indrú*, que he hum bemaventurado a quem Deos conſtituio Principe Regente dos Eſpiritos Angelicos, dando-lhe debaixo da ſua potencia trinta e tres contos dos contos dos ditos Eſpiritos Angelicos, a quem appellidaõ *Suroganá*, e por outros dez nomes differentes como ſaõ: *Amar*, *Nirzar*, *Deú*, *Sirmucá*, *Vidubá*, *Sur &c.*

## CAPITULO XXXII.

*De que* Cuber *filho de Poulaſtí, neto de Bramá tem a ſeu mando os theſouros precioſos para dar a huns, e tirar a outros, quer dizer, girar a roda da fortuna.*

*Cuber*, he filho de Poulaſtí, e neto do Bramá, e tem ſeu Imperio com o deſpotiſmo de todos os theſouros e do mais precioſo, para elle repartir a quem merecer ſegundo as ſuas obras; iſto he, girar a roda da fortuna, como eſtamos eſperimentando cada dia, e hora de empobrecerem huns, hora de enriquecerem outros.

## CAPITULO XXXIII.

*De que a Chitrá Roth he concedida a arte da Muſica.*

*Chitra Roth*, orador de Mahés, he concedida a excellencia da melodia, muſicas, e inſtrumentos, ſugeitando debaixo delle infinitos Eſpiritos, a quem appellidaõ *Gandariá*, para exercitarem aquella harmonioſa muſica em louvores divinos, que hora os humanos, á imita-

taçaõ daquelle ſyſtema, praticaõ nas ſuas funções de feſtividade.

## CAPITULO XXXIV.

*De que ſe contaõ quatro Seculos, e ſe explica o numero de annos de cada hum delles.*

COntaõ-ſe quatro *Yugás* (Epocas) a ſaber: a primeira *Cretayugá*, a ſegunda *Tatayugá*, a terceira *Duapar*, e a quarta *Caluyugá*. A primeira teve hum conto ſetecentos e vinte e oito mil annos. A ſegunda teve hum conto duzentos noventa e ſeis mil. A terceira teve oitocentos ſeſſenta e quatro mil. A quarta tem quatro centos trinta e dous mil annos, que por todos ſommaõ quatro contos trezentos e vinte mil annos, e que por conta da quarta *Yugá* (Epoca), chamada *Caliyugá*, em que de preſente eſtamos, paſsáraõ quatro mil oitocentos ſetenta e ſeis annos, e que reſtaõ quatrocentos e vinte e ſete mil cento vinte e quatro annos para ſe findar eſta Epoca.

## CAPITULO XXXV.

*De que as quatro Nações viviaõ e communicavaõ ſem diſtinçaõ.*

AS quatro qualidades de homens, de que acima falamos, viveraõ em commum união, contratando caſamentos huns com as filhas de outros ſem menor differença, comendo toda a ſorte de carne de quadrupedes, e aves, e bebendo vinhos, até á terceira Epoca, excepto o vinho que depois da primeira foi prohibido.

CA-

## CAPITULO XXXVI.

*De que no primeiro Seculo eraõ homens de eſtatura grandes, e viviaõ innumeraveis annos.*

NA primeira Epoca eraõ os homens de córpos altos e fortes, viviaõ innumeraveis annos, e nunca padecêraõ doenças, nem houve entre ſi malicia alguma; mas antes grande tranquillidade, e paz de conſciencia, vivendo na lei da natureza, e eſtado de innocencia; huma vez que deitaſſem ſemente á terra, dava vinte e huma vezes o ſeu fructo. Todo o trem, e mais miniſterio precioſo ao commercio humano era de ouro, que a meſma terra os abundava deſte metal; e finalmente tudo o que appeteciaõ ſe achava, ſem que houveſſe quem proferiſſe a palavra *neceſſidade* diſto, ou daquillo, porque tudo era alegrias, doçuras, e vidas Angelicas. O precioſo que entaõ ſe eſtimava, e de que faziaõ os homens ſeus cofres eraõ pedras precioſas, moeda corrente neſte Seculo, a que applicavaõ, como hoje, Erarios.

## CAPITULO XXXVII.

*De que no ſegundo Seculo ſe introduzio* meu, *e* teu, *e por iſſo o ouro ſe paſſou a prata.*

NA ſegunda Epoca tanto que fôraõ multiplicando os homens na terra, pouco e pouco foi-ſe introduzindo *meu* e *teu*, e alguma malicia; cauſa porque o meſmo ouro que lhes abundava a terra, entrou á lho negar eſta, e ſe lhes tranſmutou em prata; e fôraõ experimentando algum genero de decadencia nos córpos nas doenças, e algumas neceſſidades, affeiçoando-ſe ao ouro, que entráraõ a entheſourar, correndo neſſe tempo por moeda o dito metal, e lhe chamaõ *Seculo de ouro.*

## CAPITULO XXXVIII.

*De que no terceiro Seculo foi crescendo a malicia, e por isso entrou no mundo a pobreza, e ambiçaõ.*

NA terceira Epoca como já hia-se propagando a natureza humana, foi tambem crescendo com ella a malicia, introduzindo-se a ambiçaõ, o odio, inimizades, vinganças, e outros defeitos a que a mesma natureza he propensa, e por isso entrou a padecer estas inclemencias do tempo, e miserias delle; e finalmente ficáraõ os córpos diminutos e sugeitos a muitas enfermidades, correndo neste tempo por moeda a prata por falta de ouro, a que chamaõ *Seculo de prata.*

## CAPITULO XXXIX.

*De que no quarto Seculo, que he o actual, reina muita malicia, e miserias.*

NA quarta Epoca, em que actualmente estamos, pouco temos que fallar nella por experimentarmos cada dia total extinçaõ da verdade, reinante a malicia, a negligencia ambiçaõ cega, a perfidia inteira, e finalmente na observancia dos preceitos de Deos, excepto algnns bemaventurados, por cujas deprecações existe este Seculo, ou porque a misericordia divina o quer conservar: neste tempo corre a moeda de Calaim a que chamaõ Seculo do dito nome ou *de ferro.*

CA-

## CAPITULO XL.

*De que acabado este Seculo tornará o mundo ao primeiro do estado de innocencia, e porque.*

CONsta das mesmas lendas gentilicas, que findo este quarto Seculo Caliyugá tornará o mundo a tomar o antigo principio do primeiro Seculo, gozando os homens das mesmas felicidades e estado de innocencia, ignorando-se totalmente quantos annos poderá durar o mundo, por naõ poder o discurso humano ter o conhecimento dos segredos divinos, e neste systema fica á disposiçaõ divina o acabar, ou estabelecer.

## CAPITULO XLI.

*De que antes de acabar o mundo doze annos naõ produzirá a terra fructos, naõ haverá propagaçaõ dos viventes.*

IGualmente consta das ditas lendas, que antes de acabar o mundo, doze annos naõ produzirá a terra fructos, naõ haverá descendencia, e finalmente parecerá o tempo medonho, e andaráõ os homens confusos e tristes: nesse tempo se introduzirá hum alevantado, castigando as nações, assolando o mundo, e abaixando thronos, Potestades &c. e por fim subjugará todo o mundo ao seu poder, constituindo-se Emperador Universal delle: applicando-se este Emperador a idear castigos e penas a todos aquelles que regeitarem seus mandos, e naõ se sugeitarem ao seu despotismo, poder e dominio; o que assim praticado pelo sobredito Emperador, publicará este, que devem seguir a sua Lei, e naõ haverá nesse tempo mais que só huma Lei, huma adoraçaõ a hum só Deos, e hum Rei; e que nos fins desses doze annos, ou estando para fechar o numero delles, appareceráõ doze soes pelo

Ceo, ſinaes na Lua, e Aſtros; haverá terremotos, e ſe abriráõ as cataractas do meſmo Ceo deſcendo as agoas delles da groſſura do páo de hum pilaõ, acompanhadas de raios, relampagos, e trovões, e todos os ſinaes medonhos, que nunca vio a natureza humana, de que aſſombrada fará andar aos homens de huma parte a outra, metendo-ſe nas covas, aſſociando-ſe com as feras, e vivendo em huma confuſaõ, e perturbaçaõ inexplicavel. Finalmente chegado que ſeja o dia final, os referidos Soes no ſeu giro, que entrarem a fazer, pelo ſeu ardente fogo abrazaráõ o mundo reduzindo-o todo em pó e cinzas, naõ deixando para memoria veſtigios delle, e cuberto todo de agoas, e reveſtindo-ſe de trevas como hum carcere lobrego e triſte. Eſtampa 13.

## CAPITULO XLII.

*De que, e por que cauſa encarnou* Viſnú.

O *Mahés* ſempre favoreceo e protegeo a todos que o ſerviſſem, e amaſſem, naõ reparando o que pudeſſe acontecer para o futuro, porque aſſim era que deleitava os ſeus devotos, cubrindo-os de todo, e vigorizando-os para toda a ſorte de empregos que lhe quizeſſem pedir, para deſta ſorte moſtrar-ſe conhecido aos homeus, e que tiveſſem perfeita ſciencia de ſuas virtudes.

## CAPITULO XLIII.

*De que* Viſnú *entrou caſtigar aos alevantados.*

TOdos aquelles homens porém que adquiríraõ poderes, forças, e capacidade por virtude do dito *Mahés* entráraõ a conquiſtar terras, abaixando thronos, deſtruindo Potencias, e Senhorios alheios, adiantando-ſe a perſeguirem as mais nações a quem pudeſſem meter debaixo da maõ; e naõ ceſſáraõ de ſemelhantes empregos ambi-

cio-

cioſos, cegos da razaõ; de que commovido *Viſnú* pelas ſupplicas, que os prejudicados, e padecentes faziaõ a elle, entrou a remediallos, caſtigando, e deſtroçando a todos aqueles alevantados, que ſaõ os que ſe ſeguem abaixo.

## CAPITULO XLIV.

*Da primeira encarnaçaõ a que chamaõ* Matſá Autar, *como demoſtra a Eſtampa* 4.

EM certo tempo da primeira Epoca hum dos Filiſteos chamado *Sancaſſur*, alevantado, e deſcendente dos Reis Filiſteos, devoto de *Mahés*, dezejando ſer inconquiſtavel, foi para os dezertos por meio das orações, e penitencias alcançar do meſmo *Mahes* eſſe dote; e por muitos tempos eſtando neſta continuaçaõ de auſteridades, jejuns, e penitencias, applicou ſeus rogos ao meſmo *Mahes*, e eſte lhe concedeo eſſe dote de ſer no mundo invicto, e conſtituido por Rei: e ſendo elle já potentiſſimo, entrou a conquiſtar o mundo, tendo primeiro perſeguido por mil modos ao *Bramá*, deſtruindo ſeus livros e eſcrituras, e perturbando-o de todo nos ſeus exercicios Divinos em que ſe occupava; e porque entráraõ as mais nações a padecerem os rigores da ſervidaõ do jugo do ſobredito Rei, ſe queixáraõ em geral unanimes com vivas deprecações ao filho do Omnipotente, para que as livraſſe deſte flagello; de que apiedando-ſe elle, deſceo do alto á terra, e ameaçando ao mencionado Rei dos Filiſteos chamado *Sancaſſur*, eſte em figura de buzio (cauſa porque ſe denomina *Sancaſſur*, porque o buzio em Lingoa gentilica ſe chama *Sanca*) meteo-ſe ao mar para eſcapar do furor do filho de Deos: porém o meſmo filho de Deos, irado, metendo-ſe atraz delle em figura de peixe, como demoſtra a meſma eſtampa, o matou, e levou o dito buzio em *Caſcapará* o alto para a memoria deſta empreza, como tambem para chamar aos mor-

taes ao seu tribunal ao som do sobredito buzio no dia final do Juizo universal.

## CAPITULO XLV.

*Da segunda encarnaçaõ a que chamaõ* Curmá Autar, *como demostra a estampa 5.*

IGualmente asseveraõ nas ditas lendas, na mesma Epoca primeira, que a máquina da fabrica do mundo se sustentando sobre as agoas do abismo, e subsistindo por omnipotencia do seu Artifice, ignorando porém os humanos essa subsistencia, e por haver terremoto em tempo assinalado, receiosos que o mundo se fosse ao fundo, deprecáraõ ao mesmo Artifice; e compadecendo-se este de suas creaturas, metendo-se no fundo das agoas em figura de kagado, sustentou sobre o casco toda a máquina, tudo para que a humana discriçaõ viesse a perceber os seus poderes, e o amor com que sabia manter as suas creaturas, sómente para lhe darem a devida reverencia, honra, e amor, a cujo fim fôraõ criados.

## CAPITULO XLVI.

*Da terceira encarnaçaõ a que chamaõ* Varah Autar, *como demostra a estampa 6.*

DO mesmo modo na dita primeira Epoca houve outro movimento na terra, a cujo rigor ficou inclinada pelos lados, e o mesmo Artifice em figura de hum quadrupede chamado *Varah*, fixando seus dentes nas extremidades da mesma terra fez conservalla firme daquelle movimento, para conhecimento dos humauos ao mesmo intento acima ponderado.

CA-

## CAPITULO XLVII.

*Da quarta encarnaçaõ a que chamaõ* Naraſſihá Autar, *como demoſtra a eſtampa 7.*

NA dita primeira Epoca, houve hum Emperador chamado *Irané Caxel*, Filiſteo muito poderoſo, que teve hum filho chamado *Pralahadó*: o dito Emperador deo-ſe todo ao ſerviço de *Mahés*, e conſeguio delle a felicidade de ſer invencivel, e de nenhum mortal por mais ardiloſo que foſſe, nem taõ pouco qualquer ideador humano o poder privar da vida humana: e como ſe achou neſſa excellencia, fulminou decretos e bandos no ſeu Imperio, que peſſoa alguma debaixo de pena capital adoraſſe outro Deos, mais que taõ ſómente a *Mahés*, a quem elle dava o culto; em cuja determinaçaõ aſſim ſe praticou no dito Imperio: porém o ſeu filho *Pralahadó* adorava unicamente ao Omnipotente, e aſſim invicſlavelmente perſiſtio neſſa adoraçaõ, naõ reconhecendo a outro algum por Deos, mais que ao meſmo Omnipotente. Soube o Emperador, que ſó o ſeu filho preteria os ſeus Decretos, e irando-ſe contra elle quiz apurar a ſua paixaõ, mandando-o lançar no fogo de vivas fogueiras, deſpenhar de altiſſimos montes, e meter no mar profundo, de que ficou eſte vencedor por ſoccorro do Omnipotente; e por ultimo, como a colera do Emperador naõ ſe abaixava, conduzio ao filho á ſua preſença, e perguntou-lhe aonde eſtá o Deos que elle adorava; reſpondeo eſte que eſtava em toda a parte: tornou a perguntar-lhe o mencionado Emperador ſe eſtava tambem em huma columna de pedra preta, que ahi eſtava: diſſe-lhe o filho, que ſim. Pois (tornou) logo o havia de moſtrar, e do contrario, que a cabeça havia d'eſtar fora delle; na qual propoſiçaõ conveio o dito filho, ſempre firme na omnipotencia de Deos; e pondo-ſe eſte em oraçaõ, foi-ſe abrindo a dita columna de pedra, e foi viſto *Viſnú* em

fi-

figura humana, e arremetendo com furor contra o Emperador o deixou em pedaços; e pegou do seu filho *Pralahadó* e o poz no Throno Imperial

## CAPITULO XLVIII.

*Da quinta encarnaçaõ, a que chamaõ* Vamaná Autar, *como demostra a estampa* 8.

NA segunda Epoca houve tambem outro Rei, ou Emperador Filisteo chamado *Bolli*; este se applicou todo a obras pias, sacrificios de fogo, e esmolas, e por estes dotes foi acceito a todos por homem justo, e alcançou muitos Reinos e Imperios; e porque julgáraõ as mais nações, que subjugaria a si todo o mundo sendo da naçaõ Filisteo, recorrêraõ a Deos, para que o dissuadisse de tal pertençaõ: a cujos rogos attendendo Deos as providenciou do modo seguinte: Quiz nascer-se no ventre da primeira mulher de *Caxiepó* filho de *Marinchí*, neto de *Bramá*, e com esta apparencia humana, e de mendigante chegou a porta do Emperador a pedir esmola no dia em que se achava o dito Emperador com toda sua nobreza no seu Paço, cercado de Sacerdotes, e no acto de sacrificio de fogo na margem do rio *Narmandá*; e lhe disse, que elle era tambem esmoler, porém que elle havia de lhe dar a esmola, que lhe pedisse, e do contrario naõ receberia alguma; e porque o Emperador era homem virtuoso, e prodigo em repartir esmolas, o obrigou a que lhe desse todos os seus Reinos, e suas possessões; o que naõ rejeitou o dito Emperador, que lhe offereceo logo tudo; de que satisfeito o esmoler pegou delle dito Emperador, e o levou para o seu Reino para lhe galardoar os seus merecimentos.

CA-

## CAPITULO XLIX.

*Da sexta encarnaçaõ a que se chamaõ* Parisramó Autar, *como demostra a estampa 9.*

NA dita segunda Epoca *Sassarzum* Emperador dos Filisteos fez-se muito poderoso, formidavel, e temido, castigando Reinos, assolando Paizes, e finalmente fazendo tudo o que a sua ambiçaõ cega lhe suggeria; o que naõ podendo os humanos soffrer recorrêraõ a Deos Omnipotente, para que os livrasse desta taõ grande consternaçaõ; a cujos rogos inclinando-se, permittio o mesmo Omnipotente, que do ventre de hum dos Sacerdotes da copia dos oitenta e oito mil acima referidos chamado *Zamadagní*, e de de sua molher *Renucá* nascesse hum minino, a que chama o gentilismo *Parisramó*: em tanto o sobredito Emperador dos Filisteos se foi adiantando na sua malvada, e depravada intençaõ, e a tanto se excedeo que chegou a matar ao dito Sacerdote *Zamadagní*, sua mulher, e familia; porém como *Parisramó* desde sua infancia se creou com Mahés, ficou excepto desta pena, que o Emperador Filisteo executou na casa do dito seu Pai, estando elle no acto do sacrificio do fogo; do qual procedimento do sobredito Emperador, irando-se o Omnipotente licenciou ao dito *Parisramó*, dotando-o em jogar arco, e frexa, e de todas as excellencias de Invicto para que desse cabo do dito Emperador, que devastava todo o mundo, como com effeito *Parisramó* acabou de matar ao sobredito Emperador, e todos os seus sequazes, pondo em socego as nações do mundo.

## CAPITULO L.

*De que pacificado o mundo, deſceo* Pariſramó *do Induſtan para Concaõ, e naõ havendo lugar para a ſua aſſiſtencia por haver mares, como a fez.*

DEpois que o mundo ficou livre da perſeguiçaõ do referido Emperador, e foi gozando da tranquillidade economica, deſceo *Pariſramó* do Induſtan para Concaõ, e como vio tudo mares ſem veſtigio algum da terra, aonde pudeſſe fazer a ſua aſſiſtencia, entrou com fervoroſas orações a Deos, e ſupplicas para que lhe conferiſſe a graça de permittir largar o mar do ſeu ventre terras, que em ſi tinha ſummergido: o que alcançou facilmente de Deos deſd'os *Gates ſazdrí*, té todo o *Concaõ*; para cuja memoria exiſte ainda no dito *Gate* ſinaes de agoa ſalgada, como he notorio.

## CAPITULO LI.

*De que feito o ſeu aſſento, e naõ havendo povoaçaõ na Terra, trouxe do Monte Caucaſo de Bengalla os Bramenes, dando-lhes preceitos.*

DEpois que fôraõ ouvidas as ſupplicas do *Pariſramó* pelo Omnipotente, e ſugeitou o mar a largar terras, que em ſi retinha, vendo-as vagas o dito *Pariſramó*, foi para o Monte Caucaſo em Bengalla, a que chamaõ os Gentios *Pachá govoddó*, e *Panchá Dravir* antiga exiſtencia dos Bramenes, e ſe intitula *Pariſramó Stapit*, vem a dizer, *conſervadores pelo Pariſramó*: e os conduzio de lá, e entrou a povoar eſtas terras de Concaõ, dando-lhes preceitos, e documentos para viverem ſegundo elles, como hoje obſerva o Gentiliſmo deſte dito Concaõ.

CA-

## CAPITULO LII.

*De que se fazia o sacrificio de fogo, de como, e porque daõ respeito á Vacca, e suas causas.*

O Mencionado Sacerdote *Zamadagní* foi amado discipulo descendente de *Bramá*, este o instruhio no sacrificio de fogo, e como vinha debaixo do preceito a elle imposto de celebrar o dito sacrificio de fogo, costumava trazer sempre em sua companhia huma vacca chamada *Camadhená*, e no acto do sobredito sacrificio por rez offerecia as carnes das oito canellas das pernas, e braços da dita vacca, (huma das que a mulher de *Caxiepó*, neto de *Bramá*, fez de barro dando-lhe espiritos vitaes): fazendo do fogo e carne sacrificio completo, e offerecendo-o ao Omnipotente, e as cinzas que restavaõ, serviaõ de antidoto para sararem as carnes tiradas da sobredita vacca, e para crescerem de novo para o mesmo ministerio: motivo porque o Gentilismo toma a vacca por principal movel de hostia nos sacrificios, e como tal lhe guardaõ e tem o decoro, e honra devida, e naõ por divindade alguma, como indiscretamente o vulgo tem para si, que os Gentios a tem por Deosa, naõ sendo tal, como naõ foi em tempo algum.

## CAPITULO LIII.

*De que os sacrificios de fogo haõ de varias qualidades, e porque naõ saõ completos.*

OS sacrificios de fogo haõ de varias qualidades, como saõ das carnes humana, de carneiro, e de outras; porém como no Seculo presente posto que fazem muitos em Industan, e em toda a parte onde ha Gentilismo, saõ ordinarios, porque naõ tem virtudes os Ministros sacrificantes de sararem as carnes tiradas aos animaes,

maes, e por isso saõ tidos, e havidos os ditos sacrificios por impuros.

## CAPITULO LIV.

*De que* Parisramó, *deixando a todos seus sequazes instruidos no seu rito, se deo ao serviço de Deos.*

DEpois que *Parisramó* poz em termos devidos o mundo sem alteraçaõ, nem movimento algum entre as nações delle, pela extinçaõ dos Filisteos, industriando-as nas ceremonias do seu rito, observancia dos seus preceitos, e sacrificios de fogo, afastou-se do commercio humano, e se dedicou de todo ao serviço do Omnipotente; e dos seus ulteriores progressos, naõ ha distincta noticia, suppondo-se que foi beatificado.

## CAPITULO LV.

*De que acabados os Filisteos, de huma mulher destes que escapou nascêraõ sinco filhos, e porque fôraõ amaldiçoados estes, e da sua baixeza.*

DA ruina da extinçaõ que padeceo a naçaõ dos Filisteos pelo *Parisramó*, escapou unicamente huma mulher pejada, cujo marido defunto tinha semelhante a boca á do caõ, e rabo, tendo o mais corpo de humano, esta mulher pario cinco filhos daquelle parto, e crescendo estes em idade, entráraõ a perturbar de novo as Monarchias (como faziaõ os Filisteos arruinados), e toda a terra; pertendendo estes filhos fazerem-se Reis, e Senhores do mundo; insigniando-se com *Hatrá*, *Chamar*, *Patacá*, *Guddiá*, *Parnem*, quer dizer, *Sombreiro*, *Ayraõ*, *Pennacho*, *Diadema*, e outras insignias Reaes; aos quaes filhos amaldiçoou *Valmicá Rursi* hum dos Sacerdotes maiores, de virtudes, e graça Divina, em nome do Omnipotente, lançando-lhes praga, que das obras servís que

pro-

produzissem das bigornas de fogo sustentassem suas vidas, e que seriaõ eternamente servidores das mais nações do mundo, como no dia de hoje se vê assim comprido, sendo esses cinco filhos denominados *Panchal*, como saõ ourives, manilheiros, latoeiros, ferreiros, e *Davadá*, que saõ os que fazem ferro derretendo pedras delle.

## CAPITULO LVI.

### *Da setima encarnaçaõ chamada* Ramá Autar, *como demostra a estampa* 10.

DEixando *Parisramó Autar* o mundo em tranquillidade, e socego, e hindo para a vida penitente depois de immensos Seculos de annos o Rei dos Gigantes chamado *Ravon*, que tinha dez cabeças, e vinte maõs, filho de *Trunabindú*, neto de *Poulastí*, e bisneto do *Bramá*, entrou a perturbar, e inquietar todo o mundo, ganhando, e senhoriando todas as Monarchias delle até que chegou a prizionar ao *Indrá* Emperador dos Espiritos Angelicos com seu poder, perturbando tambem ao Sol, e Lua, desorte que com o pezo das inexplicaveis, e abominaveis offensas estava a terra para ir ao fundo: Os servos de Deos Omnipotente entrando a fazer deprecações ao mesmo Senhor, a este respeito ouvio-se huma voz do Ceo, dizendo, que se animassem, sem terem mais receio desde logo em diante, que elle Deos Omnipotente se encarnaria no ventre de *Caunsaliá* Emperatriz do Emperador *Daxarath*, filho do Emperador *Ajá* Senhor do Reino *Ayodhá*, denominando-se *Rogunatá*, e por outro nome *Ramá*; e que com esta encarnaçaõ defenderia o mundo, castigando a todos os offensores delle: e com isso se suspendeo aquella voz. Pouco depois, ou dahi a certos annos nasceo no ventre da mesma *Caunsaliá* Emperatriz do Emperador *Daxarath*, *Rogunatá*, ou *Ramá*, o qual se instruhio em toda a industria, e artes mar-

marciaes pelo grande Sacerdote por nome *Vaxistá*, Meſtre dos Meſtres Sacerdotes; e eſtando elle em caſa do ſeu Pai Emperador, em hum dia chegado junto do Throno do meſmo Emperador *Daxarath* outro Sacerdote de maiores virtudes chamado *Viſſuá Mitrá*, pedio a elle, que lhe deſſe o dito ſeu filho *Rogunatá*, ou *Ramá*, para guardar, e defender o acto de grande ſacrificio de fogo, que elle Sacerdote *Viſſuá Mitrá* celebrava; e o meſmo Emperador logo ſahindo do ſeu throno entregou na ſua maõ ao meſmo ſeu filho, reviſtindo-o de armas brancas, Coroa, arco, e flexas, e com elle hindo para o lugar onde reſidia o dito Sacerdote, celebrou com muito ſocego o dito acto de ſacrificio de fogo, caſtigando ao Filiſteo chamado *Subahá*, o qual era o principal de outros immenſos, e todos ſubditos do dito Rei *Ravoná*: celebrado que foi o dito acto, o meſmo Sacerdote *Viſſuá Mitrá* levou a *Rogunatá*, ou *Ramá* ao Reino de *Mitulá*, de que era Senhor o Emperador por nome *Zanacá Videhy*. Eſte Emperador era grande ſervo de Deos, e ſempre no ſeu throno, em entrando a reinar, tinha huma figura em que deitava hum lado do ſeu corpo, e virando-ſe hum inſtante por outro, lembrando-ſe a toda hora e minuto, ſem perder nenhum tempo, de Deos Omnipotente, ſempre o corpo ſe achava no ſeu antigo eſtado: no ſeu Reino profeſſavaõ toda a verdade, razaõ e juſtiça, e havia nelle muita compaixaõ e caridade, que ainda hoje guardaõ todas eſtas circumſtancias naquelle meſmo Reino, em que hoje tem entrado o Inglez, diſtancia de ſeis mezes daqui de Goa. Eſte Emperador tinha huma filha por nome *Zanaquí*, e por outro nome *Sitá*.

CA-

## CAPITULO LVII.

*De que* Zanaquí, *ou* Sitá *sahia do sacrificio de fogo, e porque.*

HUm Rei por nome *Padamacxá*, por naõ haver ſucceſſaõ, fez o ſacrificio de fogo, no qual appareceo eſta dita femea, que entaõ ſe chamou *Vedavaty*, e pouco depois houve tal reſiſtencia entre os Reis convidados para aquelle acto, que nella morreo o dito Rei *Padamacxá*, e ſua mulher, ſendo arruinado de todo o ſeu Reino, mas ſempre ſe conſervou aquella fogueira no meſmo ſeu ſer, e nella a referida femea, que della ſahia para o ſeu divertimento cada vez que queria.

## CAPITULO LVIII.

*De que foi achada eſta* Zanaquí *por hum agricultor.*

HUm dia foi achada por hum *Patel* (Paizano) que hia tratar da cultura de ſuas varzeas; e eſte a offereceo ao ſeu Emperador, o mencionado *Zanacá Videby*, o qual criou a ella como ſe foſſe propria filha do ſeu ſangue, ou ſua Alma.

## CAPITULO LIX.

*De que* Zanaquí *foi caſada com* Rogunatá.

E Chegando o dito Sacerdote com eſte *Rogunatá*, ou *Ramá* filho do Emperador *Daxarath* encarnado, deo-lhes o dito Emperador audiencia, venerando com aquella devida ſubmiſſaõ, e conhecendo logo a *Rogunatá* por filho de Deos, e deo-lhe a dita femea *Zanaqui*, ou *Sitá*, e fez-ſe o caſamento, e foi com o maior applauſo, e aſſiſtencia de todos os Reis, e Monarcas do mundo.

CA-

## CAPITULO LX.

*De que passados alguns annos se retirou* Rogunatá *com sua mulher para os Desertos, e seus progressos.*

Depois de se achar o dito Emperador *Daxarath* na funçaõ das bodas do seu filho *Rogunatá*, celebradas pelo Sacerdote *Vissuá Mitrá* partio para sua casa, levando tambem ao dito Sacerdote. E porque depois de passar algum tempo na dita casa do Emperador *Daxarath* se occasionáraõ dissensões civis, se afastou o *Rogunatá* com sua mulher para os Desertos: aonde fabricando huma choupana para o repouso, deu-se todo á vida solitaria, e penitente, sustentando-se ambos de frutas que os montes lhes abundavaõ: passáraõ nesta vida doze annos, e nesse decurso o referido Rei dos Filisteos chamado *Ravon*, que tinha dez cabeças em traje de mendigante com intençaõ de roubar a *Zanaquí*, mulher de *Rogunatá*, se encaminhou para a tenda delle, e na sua ausencia pedindo esmola á mesma, e esta offerecendo-lha, pegou della, e a levou para o seu Imperio fora dos sete mares, a que chama o Gentilismo *Lançá*.

## CAPITULO LXI.

*De que* Rogunatá *sentindo falta de sua mulher, fez guerra a* Ravon, *e seus progressos.*

*Rogunatá* recolhendo-se para a sua tenda sentio falta de sua mulher, e como esperava esse acontecimento a cujo fim se encarnára, convidou a *Sugrium* Rei dos Monos, Senhor do Reino *Quisqhandá*; estes monos, eraõ in genere monos, por especie porém eraõ da formatura de mais que de hum Elefante, a quem *Rogunatá* como Deidade influio nelles vigorosas forças, instincto natural para a percepçaõ da falla humana, idéa

e

e capacidade para se fazerem valerosos, e invictos: para que soubessem os humanos, e perpetuassem a memoria, de que as forças humanas naõ fazem liga com as Divinas: Formado destes monos hum innumeravel exercito, partio-se *Rogunatá* com elle para o Cabo de *Comorin*; e porque o mar fosse largo, e bravo, ordenou a seus Generaes formassem huma ponte para passarem todos a pé enxuto o dito mar; o que com a maior brevidade que puderaõ se executou dando principio á fabriba da dita ponte, para cuja contextura arrancavaõ montes e rochedos, e delles completáraõ a intentada fabrica do comprimento de cento vinte e cinco legoas, e de largura quarenta, da qual ainda se mostraõ vestigios, de que melhor noticia poderáõ dar os nauticos, a qual fabrica se denomina *Rameſvará*, aonde até ao presente se encaminhaõ os Gentios por Romaria da maior veneraçaõ: completa esta obra, mandou o *Rogunatá* a *Angadá* immediato successor do Rei dos monos *Subrium*, por Embaixador ao Emperador *Ravon*, pedindo restituiçaõ de sua mulher *Zanaquí*, ou *Sitá*, e quando o dito Emperador naõ quizesse assentir em fazella, lhe declarasse guerra.

## CAPITULO LXII.

### *De que* Angadá *naõ quiz trazer a* Sitá *por encontrar as ordens de* Rogunatá, *e porque.*

O Mencionado *Angadá*, posto que só podia dar cabo do Emperador *Ravon*, pelas suas invenciveis forças, e trazer a *Sitá*, naõ o quiz fazer, porque encontrava as ordens de *Rogunatá*, e o mesmo practicou *Anamantá* que era cabeça, e só podia fazer passar a outra parte o sobredito Reino de *Ravaná*, ou destruido de todo trazer a mesma *Sitá*, de cuja existencia em hum dezerto participou noticias ao *Rogunatá*; e assi sendo este *Anamantá* o maior dos monos a quem conhecêraõ

por invicto, naõ quiz por seu motu trazer a *Sitá* donde se achava, porque preteria a vontade, e determinaçaõ de *Rogunatá*, que a tinha reservado para libertar os Reinos, que padeciaõ rigores da crueldade do referido *Ravaná* Emperador, naõ faltando porém de mostrar a sua vigorosa capacidade em praticar algum destroço, como praticou na volta que fez de assolar, matar, ferir, e queimar o sobredito Reino nessa dita occasiaõ acima referida.

## CAPITULO LXIII.

*De que houve de fabricar a ponte, e acabou de matar a geraçaõ dos* Ravanás *trazendo a* Sitá.

NEstes termos praticada a fabrica da ponte acima dita, marchou *Rogunatá* com o seu exercito para o mencionado Reino, e o destruhio matando a todos sem deixar resto algum, e da volta que fez, trouxe a sua mulher, que estava preza no dezerto chamado *Axoucavan* debaixo da guarda de quatro Irmãs do *Ravaná*, e fazendo recolher o seu exercito, ordenou, que fizesse duas aberturas na dita ponte, huma da parte vizinha ao dito Reino de *Ravaná*, e outra por esta, para que os Filisteos, caso que ficasse delle algum resto, naõ se atrevessem a passar a fazer algum dano a estes Reinos, sem embargo de que ficaraõ anathematizados pelo *Rogunatá*.

## CAPITULO LXIV.

*De que* Rogunatá *na volta que fez constituhio Emperador a* Vibixen *do Reino Lançá, e mais progressos do mesmo* Rogunatá.

NA sobredita volta que fez o *Rogunatá*, libertou nessa a todos os Reis, Monarcas, Potentados, e ao Emperador *Indrú*, e as mais naçoes todas, pondo a todos

dos em huma economia e regimen pacifico dos seus Reinos. Extincta a progenie de *Ravaná*, como fica dito, na dita volta que fez *Rogunatá* constituhio por Emperador do Reino *Lançá* de *Ravaná* a hum seu Irmaõ chamado *Vibixen*, por este ser dotado de verdade, paciente, e servo de *Rogunatá*, e ter conhecimento de huma ajustada vida delle, afastado do commercio dos abominaveis vicios que tinha o seu Irmaõ *Ravaná*, fazendo a elle dominar no dito Imperio com devida paz. Como *Rogunatá* andasse ausente do seu Pai o Emperador *Daxarath*, este por sustos, e rigores da ausencia delle veio a falecer; o que sabido pelo *Rogunatá* se encaminhou para o seu Reino, e o regeo muitos annos como elle sabia reger por ser dotado das excellencias de deidade; e ultimamente determinou fazer hum solemne sacrificio de fogo, e por certos acenos que fez a sua mulher, entrou esta nelle donde tinha sahido, e entaõ desappareceo: e pouco depois o mesmo *Rogunatá* com todos do seu Reino, sem exceptuar vivente de quem tivesse certeza de boa vida, desappareceo-se com todos seus Irmaõs, parentes, e toda a sua familia respectiva á consanguinidade.

## CAPITULO LXV.

*De que depois de muitos annos hum Rei Filisteo perturbando o mundo, supplicáraõ a Deos o socego.*

PAssados immensos annos, ficando a terra em huma appetecida paz, em que a poz o *Rogunatá*, se alevantou o Rei Filisteo chamado *Counsó* a perturbar o mundo, praticando extorções, invasões, assolando Terras, e Reinos, captivando Reis, metendo-os em carceres, e administrando-lhes inauditos tormentos, portando-se em tudo como voraz carniceiro do genero humano: entráraõ todos a clamar ao Ceo, para que os livrasse do flagello a que se sogeitavaõ; fôraõ taõ fortes as deprecações,

ções, esmolas, e outras pias obras, que obrigáraõ ao Omnipotente, permediante as fervorosas orações dos seus servos, a se compadecer dos clamores do seu povo.

## CAPITULO LXVI.

*Da oitava encarnaçaõ a que se chama* Crusná Autar, *como demostra a estampa* 11.

OUvio-se nos ares huma voz dizendo, que para dar-lhes toda a paz encarnaria no ventre humano: o que suspeitando o Rei Filisteo, que esta encarnaçaõ lhe seria prejudicial para o futuro ao seu Reinado, determinou praticar a impiedade, passando Decretos, expedindo Legiões, e Ministros, para darem pena capital a todos os infantes recem-nascidos, e até de tres annos, em que tambem matou sete crianças de sua Irmãa *Deuquy*. Esta era mulher do Rei *Vossú Deú*, a qual achandose pejada de oitava vez, suspeitou o dito Rei Filisteo, que a encarnaçaõ vaticinada pela voz que se ouvio nos ares, seria no ventre desta sua Irmãa, porque o seu cunhado o Rei *Vossú Deú*, e a dita sua Irmãa eraõ consortes de ajustada vida; e os prendeo com grilhões aprompтando guardas e vigias no carcere do seu Reino *Moturá*, para que logo que parisse executar a pena no Infante que nasceesse. Chegado o tempo do parto, que foi aos oito de Lua mingoante do mez *Saravon* (Agosto), deo á luz, estando na mesma prizaõ o menino a que chamáraõ *Crusná*, e logo que nasceo, se desfizeraõ os grilhões e cadeias com que estavaõ prendidos os sobreditos dous consortes, e se adormecêraõ com hum sono profundissimo os guardas, que ficavaõ de vigia para dar aviso deste parto ao sobredito Rei Filisteo *Counsó*.

CA-

## CAPITULO LXVII.

*Da visaõ que teve* Vossú Deú *Pai de* Crusná, *e mais succesſos.*

LOgo que foi dado a luz o dito menino *Crusná*, teve hnma visaõ seu Pai *Vossú Deú*, que devia no mesmo instante levar a elle menino a Casa do Rei *Nandá* do Reino *Gopul*, e fizesse delle entrega á Rainha *Daxamotí* mulher do dito Rei *Nandá*, e que conduzisse huma sua filha, de que naquelle mesmo tempo tinha parido, e a entregasse a sua mulher *Deuquy*, porque logo chegaria o Rei *Counſó*, para executar a sua impiedade matando aquella criança: assim se executou pelo dito Rei *Vassú Deú*; e neste comenos appareceo o sobredito Rei *Counſó* com adarga na maõ pertendendo matalla, e logo que alevantou o braço para dar o golge, entrometeo-se o referido Rei *Vassú Deú*, dizendo, que usasse de piedade com aquella menina: ao proferir destas palavras, desappareceo a dita menina, e se ouvio huma voz no alto dizendo, que o seu competidor estava seguro criando-se fora, e só este daria cabo delle Rei *Counſó*, e de tudo, que mais lhe pertencesse.

## CAPITULO LXVIII.

*Da perturbaçaõ que cauſou ao Rei Filisteo, e do remedio que applicou huma Irmãa do dito.*

ENtrou em affliçaõ grave o mencionado Rei *Counſó* ex vi das palavras acima ditas, a cuja magoa acudindo a dar remedio huma sua Irmãa denominada *Patoná*, que era dotada da Arte Magica (porque hora se fazia menina, hora tomava altura corporea que queria, representando ás vezes formoza, e outros semelhantes gestos), se resolveo a envenenar os seus proprios peitos, e

foi

foi correndo de porta em porta dos moradores do seu Reino *Moturá*, e do de *Gopul*, dando da mammar a todas as crianças sem excepçaõ; e chegada que foi a casa de *Daxamati*, onde foi recebida, instou a dita *Potoná*, para que lhe concedesse tomar ao collo o seu filho, porque tinha gosto de lhe dar de mammar: o que sendo-lhe concedido, entrou o menino a mammar de tal sorte, que lhe chupou naõ sómente o leite inficionado, mas tambem todo o balsamo do sangue; e sentindo-se esta exhausta de forças, e pertendendo repellir fora do collo ao menino, mais naõ póde, porque a deixou taõ fraca, que chegou a perder a vida.

## CAPITULO LXIX.

*De que sendo* Cruiná *de quatro para seis annos, entrou a obrar valerosas acções, e mais noticias.*

SEndo este menino de quatro para seis annos, entrou a associar-se com os pastores de gado, andando com elles á vigia delle; e topando com algum dos Filisteos, se occupava em travar bulhas, e sentindo resistencia, os matava; porém hum dos ditos Filisteos Magico, que se transmutava em varias figuras, como de serpentes, e outras de semelhante especie, e devorava a todo o caminhante que passava pela estrada, que era junto á morada delle monstro, hora em covas, hora no rio *Emunadeú* em cuja margem existe ainda hoje huma atvore, sito este rio no Reino de *Mogol*: o qual destroço dos caminhantes percebido pelo menino, se adiantou em reparallo, e subindo na dita arvore da margem do sobredito rio *Emunadeú* o mencionado menino saltou nelle, sem attender ás vozes dos companheiros pastores, que lhe representavaõ o evidente perigo de ser morto pelo referido monstro, e defunto trouxe o dito monstro, com a sua morte pondo a entrada desembaraçada aos caminhantes, causa porque a cobra, ou serpente de capello traz dous *ſſ* na cabeça em memoria das pizaduras dos pés do menino que pi-

pizou á cabeça do mencionado monstro, que se chamou *Calaiá*, ficando as agoas do mesmo rio até o presente coradas pela infecçaõ do veneno, que lançava o sobredito monstro na parte da sua existencia.

## CAPITULO LXX.

*De que o Reino possuido pelo* Mogol *foi dos* Quetrís, *e como o possue.*

O Reino de *Estanapur*, que hoje se chama *Delí* possuido pelo Rei *Mogol*, foi dos *Quetrís* chamados *Somovonxys* cujos descendentes fôraõ os Emperadores *Dhormó Razá*, e seus Irmaõs *Bimaxen*, *Arzun*, *Nacul*, *e Sadeú*, a quem appellidaõ *Pondovós*, por memoria de seu Pai, que se chamou *Pondú Razá*: estes *Pondovós* eraõ adoradores do menino *Crusná* a quem sem faltar hum ponto da devida adoraçaõ, rendiaõ profunda submissaõ, e obediencia.

## CAPITULO LXXI.

*De que os* Pondovós Quetrís *tiveraõ guerras com seus primos, e mais successos deste.*

ESTes *Pondovós* tinhaõ tambem seus cento e hum primos filhos do Rei *Dratarastá* cego, dos quaes o primogenito chamado *Duriodan* pertendendo o Reinado por força e violencia, expulsou delle aos seus cinco primos constituindo-se Senhor delle. Estando *Duriodan* gozando do seu Reinado, e Imperio, hum Rei chamado *Durpody*, que naõ tinha familia e successor para o seu Reino chamado *Panxaldesó*, praticou deprecações, esmolas, e outras obras meritorias, e ultimamente fez o sacrificio de fogo, e estando o dito sacrificio de fogo para se completar, sahio delle huma menina, que se chamou *Durpody* a quem criou o Rei seu Pai com grande estima-

çaõ.

çaõ. Sendo, como se acha dito, que os cinco Irmaõs atraz referidos foraõ expulsados com a Mãi delles *Conty* pelo seu primo *Duriadan*, estes os remeteo a huma certa parte onde tinha preparado huma casa bem obrada, ordenada, e em tudo perfeita, fabricada de massa de lacre, e d'outra especie de rezina, e os fez accommodar; tendo primeiro instruido aos seus, para que sendo horas do descanço delles primos, em se dando ao somno, por todas as partes pozessem fogo nas ditas casas, para se acabarem nesse incendio as suas vidas.

## CAPITULO LXXII.

*De que os* Pondovós *nas suas afflições, e perigos fôraõ soccorridos do* Crusná: *progressos da vida destes ditos* Pondovós.

COmo estes Irmaõs fossem devotos do menino *Crusná*, que sempre os protegeo, e amparou revelou-lhes por huma visaõ, que tal noite, e a taes horas seria abrazada a casa em que se acharião, e que neste aperto sahiriaõ por hum lugar que elles lhes mostraria: assim se cumprio, queimando-se a sobredita casa, e achando estes franca sahida entre o meio do incendio della.

## CAPITULO LXXIII.

EStranhados estes Irmaõs do procedimento do seu Primo, que além de deitallos fora do Reino, naõ socegava, mas antes procurava caminhos para dar-lhes a morte, sahiraõ daquellas terras peregrinando, e pondo em meio ellas, foraõ divagando para as estranhas; e socedendo chegar no Reino *Panxaldessó* do Rei *Durpody*, viraõ que este Rei tinha convidado a todos os noivos de todo o Oriente, ou mundo prometendo dar-lhes por mulher a sua filha *Durpody*, que era de especiosa apparencia, da qual havia publica fama pelo Orbe, que aquelle que alevantasse o arco e flexa, que tinha obrado com

arte e idéa dando-lhe tanto pezo, que as forças de hum homem, por mais forte que fosse, naõ pudesse alevantallo, e fazer o tiro da seta; o que naõ podendo cumprir muitos dos esforçados convidados, *Arzun* hum dos cinco Irmaõs se expoz, e pegou do dito arco e flexa, e fez a seu salvo o tiro da seta segundo a mente do dito Rei, de que contentando-se este, lançou-se por maõs da dita sua filha hum collar de preciosa pedraria, e cumprio-se inteiramente o contracto dando a ella por mulher ao dito *Arzun*. Estes Irmaõs, como eraõ obedientes a sua Mãi *Contí*, foraõ-lhe dar parte do premio que tinhaõ ganhado por sua industria, sem lhe declarar o que era; de que satisfeita a Mãi, lhes lançou abençaõ; pondo-lhes preceito, que todos cinco repartiriaõ o premio ganhado entre si; porém ao depois vindo a perceber que era mulher, ficou-lhe o sentimento, e porque deviaõ cumprir a ordem da Mãi, se resolvêraõ todos cinco a tomar por mulher a dita *Durpody*, usando della cada hum delles na fórma seguinte:

## CAPITULO LXXIV.

### *Prosegue-se a mesma materia.*

ESTes cinco Irmaõs repartíraõ entre si o anno, correndo pela ordem de usarem da dita mulher *Durpody*, que coube a cada hum dous mezes, e doze dias para a vida marital; porém esta mulher *Durpody* como era filha mais natural do sacrificio do fogo, donde tinha sahido, acabados os dous mezes, e doze dias do primeiro marido, antes de entrar com o segundo se purificava, quer dizer, preparava huma fogueira, e nella se mettia, e reduzindo-se nelle, tornava a sahir, e cooperava a vida conjugal, esta ordem praticou em toda a vida, e com todos os maridos.

O CA-

## CAPITULO LXXV.

*De que* Duriadan *uſou de nova perfidia com ſeus Primos, de que fôraõ livres por favor de* Cruſná.

O *Duriadan* Emperador de *Eſtanapur*, logo que ſoube que os ſeus primos ſe achavaõ eſtabelecidos, ao meſmo tempo que elles os conſiderava acabados, receoſo de que lhe ſeriaõ pelo tempo adiante prejudiciaes, e ao ſeu Imperio, entrou ſem demora a praticar pazes com elles, fazendo convençaõ e pacto, trazendo-os a ſeu Palacio, e portando-ſe economico ſem indicios da antiga averſaõ, dando-lhes parte do Reino chamado *Indaprastá*, que hoje he Corte e reſidencia do Rei *Mogol*. Paſſados largos annos neſta uniaõ entrou o mencionado Rei *Duriadan* a portar-ſe com os ſobreditos ſeus primos com perfidia, armando laços de os captar, e finalmente os convidou para jogar com dados, os quaes fabricou falſos com intençaõ de ganhallos, e com effeito os ganhou por aquella induſtria de dados falſos, e até a mulher *Durpody*, que a perdeo o *Dhormó Razá*; porém os mais Irmaõs uſando de maxima propuzeraõ, que a mulher era de todos, e que ſó naõ podia diſpôr della; e tornando a jogar com os meſmos dados ajudados do favor do menino *Cruſná*, tornáraõ a ganhar a ſua mulher, e pegando della ſe retiráraõ para os dezertos onde paſſaraõ vida ſolitaria doze annos ſem mais voltarem para o povoado, para ſe evitarem do furor do dito primo, que procurava violar o decoro de ſua mulher por meios, que lhe foſſem conducentes á dita malvada ſua pertençaõ.

CA-

## CAPITULO LXXVI.

*De que os* Pondovós *desbaratáraõ os exercitos de* Duriadan *com ajuda do menino* Cruſná.

EXpedio *Duriadan* eſpias por todos os Reinos, e terras para alcançar aos referidos ſeus Primos, porque ſe achava eſtabelecido entre elles o pacto, de que apparecendo elles dentro de doze annos a alguma creatura, tornariaõ a ſugeitar-ſe de novo a perigrinar outros doze, ſem attençaõ aos primeiros que tiverem vencido, e como naõ poderaõ ſer deſcubertos dentro daquelle prazo, acabado eſte, ſe recolhêraõ a caſa de hum ſeu alliado chamado *Vairatá*, onde fôraõ deſcobertos fora daquelle prazo, pelas meſmas eſpias do meſmo *Duriadan*; e logo que eſte teve certeza de ſe acharem eſtes neſſa paragem, ou Reino do *Vairatá*, marchou com ſeus exercitos contra o meſmo Rei, e o captivou: de que fôraõ eſcandalizados os *Pondovós*: porém como naõ podiaõ tomar vingança á ſua ſatisfacçaõ, praticáraõ embaixadas para o ajuſtamento das pazes com o dito Emperador, mas como eſte ſe portava independente, porque tinha Reis e Potencias a ſeu lado, naõ quiz dar aceno ao petitorio, e rogativas dos *Pondovós*: neſta affliçaõ recorrêraõ ao menino *Cruſná*, eſte lhes aſſegurou toda a victoria contra ſeus inimigos; e havendo de parte a parte exercitos no ſitio *Cruxetrá* por eſpaço de dezeſete dias, ſe acabáraõ neſſes os ditos exercitos, e todas as mais naçõeſ que ſe acháraõ neſſes acampamentos, pois ſendo ajudados do dito menino *Cruſná* alcançáraõ os *Pondovós* a victoria.

## CAPITULO LXXVII.

*De que se continúa o mesmo argumento.*

ALcançada esta victoria entráraõ os sobreditos *Pondovós* a dominar na terra, constituindo-se Reis em lugar dos que foraõ mortos nas ditas guerras em *Cruxetrá*, lugar em que se perdeo o exercito do *Sodobá* inteiramente nas guerras, que o *Mogol* fez nos annos passados: porque destas guerras dos *Pondovós*, e o Emperador *Duriadan* naõ restáraõ mais que dez pessoas, a saber: tres da parte do dito *Duriadan*, *Crupachary*, *Assuastamá*, e *Yuyussá*; e da outra os cinco *Pondovós Assumantá*, e o menino *Crusná* filho de Deos; todos estes *Pondovós* com o Emperador *Duriadan* se chamáraõ antes, porque eraõ de huma linha, *Couranvós*, e ao depois destas guerras apellidáraõ por *Pondovós* a estes cinco irmaõs, para se distinguir huma, e outra familia, e ficáraõ com o mesmo nome até ao presente de *Pondovós*, como se verifica das lendas dos livros geralmente.

## CAPITULO LXXIX.

*De que depois do nascimento de* Crusná, *e seus progressos, socegado o mundo desappareceo.*

PAcificado o Orbe com civilizada economia, determinando *Crusná* todo o socego ás Monarquias do mundo, pela doutrina devida, que lhes deo; e assim passados largos tempos, *Crusná* foi á margem do rio chamado *Balú Catir*, onde sendo acompanhado de *Arzun* hum dos *Pondovós*, pedio-lhe *Crusná* hum abraço em demonstraçaõ do amor que lhe tinha, e com que o tratára sempre assistindo em sua casa, o que negando-lhe, ou naõ querendo consentir, por mais instancias que fez o *Crusná* ao *Arzun*, pedio-lhe o mesmo *Crusná*,

que

que ao menos lhe conferiſſe a graça de tocar o ſeu arco, e polos muitos melindres, que o dito *Cruſná* praticou com o ſobredito *Arzun*, lhe conſentio pôr no arco a maõ; e logo que praticou eſte tacto para o arco, deſappareceo o *Cruſná*, moſtrando pelos ares huma tal claridade, que *Arzun* ficou deſmaiado, e ficando aſſombrado o mundo todo com tal novidade, foi morar o *Cruſná* com ſeu Pai Omnipotente. Antes deſte apartamento, que o *Cruſná* fez, deixou ſempre bem inſtruído a hum Sacerdote *Veyaſroſí* diſcipulo o mais querido do dito *Cruſná*, biſneto do Sacerdote *Vaſſiſtá*, atraz referido, e quinto neto do *Bramá*, em todas as ceremonias, ritos, e mais myſterios reſpectivos á boa vivenda dos homens. *Dhormó Razá Pondovó* naõ diſcrepou, ſequer hum atomo, de abraçar toda a doutrina, que o *Veyaſroſí* por ſi lhe dava, porque o teve ſempre na meſma veneraçaõ que tributava ao *Cruſná*, adiantando-ſe a dirigir ſeus paſſos no Regimento do Governo do ſeu Imperio por direcçaõ do dito Sacerdote *Veyaſroſí*.

## CAPITULO LIX.

*De que antes do apartamento de* Cruſná, *a doutrina que deixou ao Sacerdote* Veyaſroſy, *manifeſtou eſte a* Dhormo Razá, *e ſe auſentou; e da morte dos ditos* Pondovós.

ESte Sacerdote a quem o Gentiliſſimo tem por cabeça do ſeu rito, e por inſtituidor das ceremonias delle, declarou ao *Dhormó Razá*, que o Seculo chamado *Duapar* ſe acabava, e entrava o chamado *Calingá*, e que aſſim muito lhe importava largar o povoado, e ir para os Dezertos a fazer vida penitente, e logo a punha em praxe; e ſem demora deſappareceo o dito Sacerdote, avizando ſempre aos *Pondovós*, de que tambem lhes era muito util paſſarem-ſe á vida perigrina; o que promptamente executáraõ eſtes, e entregando o ſeu Imperio a hum

*Pa-*

*Paricité* seu neto, o largáraõ, e se fôraõ peregrinando d'além do monte *Imaxol*, quer dizer, *frigidissimo*: chegados que fôraõ á margem do rio chamado *Mandaqhiní*, e correndo por ella cahio nelle a *Durpody*, e acabou a vida, a quem lançáraõ no mesmo rio os *Pondovós*, fazendo as devidas ceremonias, e funeraes, e logo succedeo morrer o *Sadeó*, atras deste o *Naquol*, *Arzun*, e ultimamente o *Bimavem*, todos em differentes dias, restando unicamente *Dhormó Razá*, a quem conduzíraõ huns espiritos para *Emupurí* (Purgatorio), para se purificar das culpas passadas; e ficando por castigo no dito Purgatorio hum pollegar do pé esquerdo por huma falta que teve de duvidar sobre a declaraçaõ de huma verdade, foi levado em companhia do seu Primo *Duriadan*, a quem tambem alcançou com seus rogos o dito *Dhormó Razá* liberdade para *Vaincutó* (Regiaõ da paz) aonde se communicou com seus irmaõs, e mulher *Durpody*.

## CAPITULO LXXX.

*De que todos os Sacerdotes, sabida a ausencia de* Veyasroly, *fôraõ para os dezertos.*

SAbida a ausencia do Sacerdote *Veyasrosí*, todos os mais Sacerdotes geralmente se encaminháraõ para os dezertos, trazendo á memoria, que o seculo *Caliugá* seria duro, por causa de muitas offensas, culpas, malicia, e finalmente peccaminoso, que irritaria o furor de Deos, razaõ porque para se escaparem da ira do mesmo Deos, fizeraõ aquelle retiro á entrada do dito Seculo até o presente: consta que ha de chegar ao numero de dous mil cento setenta e seis annos.

CA-

## CAPITULO LXXXI.

*De que naõ appareceria mais Deos visivelmente aos homens, como d'antes, e que ouviria suas deprecações adorando-se suas Imagens*

ESte Sacerdote *Veyasrosí* nas instrucções, que lhe deixou *Crusná*, ficou advertido, que no dito Seculo *Caliugá* naõ appareceria Deos mais, como d'antes se transfigurava fazendo-se visivel a todos, que o invocavaõ, mas que attenderia aos rogos e deprecações dos justos da terra, e de todos aquelles que o venerassem, e amassem verdadeiramente; e para que este conhecimento se perpetuasse nos Vindouros, ordenou que formassem suas Imagens, collocando-as em Templos, ou casas destinadas para esse ministerio, cumprimentando suas cerimonias de que os Sacerdotes se achavaõ instruidos, invocando o seu nome pelos nomes que eraõ infinitos, motivo porque se estabelece entre o Gentilissimo invocarem a Deos por seus nomes diversos, e distinctos, sendo Deos hum só.

## CAPITULO LXXXII.

*De que os preceitos que guardaõ os gentios, saõ mandados pelo Sacerdote* Veyasrosí.

DEpois que principiou de correr este Seculo *Caliugá*, poz o Sacerdote *Veyasrosí* preceito, mandando que os *Bramenes* se abstivessem de toda a carne, e vinhos, porque tinha esta sciencia certa, de que nesse Seculo reinaria muita malicia, e procurariaõ os homens idéas de vingarem-se huns dos outros; diminuiria o amor dos proximos; e finalmente se portariaõ com menos verdade; e que por estes peccados naõ se completaria o sacrificio de fogo, aonde se costumava Deos apparecer visivelmente, co-

como se vê, que já naõ apparece hoje; por isso prohibio as carnes, e vinho, para que os *Bramenes* ficassem mortificando os seus córpos, para naõ se darem a maiores vicios, pela fartura das carnes, e de vinho, por ser este estimulo poderoso de incitar os espiritos vitaes, pela propensaõ que tem a libidinosos appetites.

## CAPITULO LXXXIII.

### *De que vai purificar-se o Gentilismo em* Caxy, *ou* Varanneſſy, *e porque.*

DA outra parte do Reino de Bengalla antiquissima residencia dos *Bramenes*, fica o Reino, ou terra chamada *Caxy*, *ou Varanneſſy*, cabeça do Gentilismo, onde ha hum Templo com a Imagem do Omnipotente; ahi vaõ os perigrinos á sua devoçaõ porque he lugar destinado para essa; acabando de a cumprir, passaõ para o Reino chamado *Gayá*, lugar destinado para celebrarem os funeraes, e officios pelas almas dos defuntos: e satisfeita esta ceremonia, passaõ para o Reino chamado *Prayagá*, aonde está aquella arvore que existe desde a creaçaõ do mundo até ao presente, sem deitar mais folhas, nem crescer mais do que cresceo entaõ, ficando em o mesmo ser.

## CAPITULO LXXXIV.

### *De que ha huma arvore desde a creaçaõ do mundo até hoje no Reino de* Prayagá, *sua propriedade e miniſterios.*

SAbida a propriedade desta arvore pelo Emperador *Hacabar* de *Delí*, e *Agrá*, deo-se á curiosidade de mandar dissipar as ramas da dita arvore para ver os effeitos que causaria: feita esta diligencia pelo corte della, no dia seguinte se vio a mesma com as mesmas ramas: admirado o Rei dessa novidade, mandou-a cortar de

de pé; e ſendo cortada, no ſeguinte dia ficou ella no meſmo ſer antigo, de que indignando-ſe o ſobredito Rei, mandou-a cortar de pé outra vez, e cavar até o fundo da terra todas as raizes ſem deixar reliquia alguma dellas, e em cima mandou encher o *vacuo* todo da terra cubrindo toda a ſua ſuperficie de chumbo derretido, para nunca mais haver noticia de tal arvore: na manhãa ſeguinte apparece a meſma arvore ſem leſaõ, nem falta alguma na primeira ſua apparencia; de que admirando-ſe o Rei, ordenou, que ninguem ſe atreveſſe a violar a dita arvore, e concedeo muitas dadivas, e graças para terem devido cuidado da meſma, murando todo aquelle circuito, para que ninguem chegaſſe mais a vella com prohibiçaõ de pena capital.

## CAPITULO LXXXV.

### *Proſegue-ſe a meſma materia.*

NAná que he *Balagí Bagí Raó Pradandó* Rei *Maratá*, e Potentado da Aſia ſubjugou eſſes Reinos ao ſeu dominio, e logo facultou livre, e franca entrada a todos os que quizeſſem hir para ver a dita arvore, e ſe continuou, e continúa até o preſente eſſa ampliaçaõ ſem impedimento algum: e no dia de hoje com maior franqueza podem ir os peregrinos, porque o Inglez, que he Senhor de todos aquelles Reinos até o de Bengalla, he quem a concede, e favorece a todos, que chegarem a eſſes Reinos.

## CAPITULO LXXXVI.

*Do que todas as duvidas que houverem no seu rito, naõ podendo resolvellas os Botós Sacerdotes do Paiz, podem recorrer ao seu Pontifice, que se acha em Caxí, e mais casos, que o mesmo Pontifice naõ pode dispensar.*

TOdas as duvidas, que se movem respectivas ao seu rito, quando os *Botós*, ou Sacerdotes do Paiz naõ possaõ decidir, recorrem ao seu Pontifice, que se acha nesse Reino de *Caxí*, ou *Varanexi*; assim como succedendo huma mulher viuva, ou casada *Bramene* emprenhar, ou achando-se adultera, sabida a verdade formalmente de se achar comprehendida neste crime, fica fóra da casta dos *Bramenes* sem communicaçaõ, e assistencia dentro da casa, como membro podre; porém quando esta mulher chegue a *Varanexy*, e se purifique lá, e traga o consto do perdaõ passado pelo dito Pontifice, fica restituida á sua antiga estimaçaõ; e outros semelhantes casos, excepto os seguintes, em que naõ póde dispensar o mesmo Pontifice: como de naõ poder conceder faculdade de casar huma mulher *Bramene* viuva, de mandar comer carnes, beber vinhos; nem receber dentro do *Bramanismo* individuo algum, seja dos *Quetrís*, *Voissós*, *Sudrós*, ou de outra qualquer naçaõ moura &c. Igualmente dos *Sudrós* naõ poder fazer *Voissós*, nem dos *Voissós Quetrís*.

## CAPITULO LVXXXVII.

*De que os homens podem casar com muitas mulheres; porém a mulher viuva naõ póde casar-se, e mais casos.*

FIcando ao arbitrio dos homens casarem-se com quantas mulheres quizerem, a mulher porém por caso algum naõ póde casar depois de viuva; e se casou fica fóra da casta, e sem remissaõ, porque o Pontifice naõ póde conceder-lhe perdaõ. Da mesma maneira a huma rapariga *Bramene* devem os Pais dar o estado de casada, logo que se lhe completarem onze annos, que he o ultimo prazo, e se por desgraça, ou por pobreza ficar essa sem o dito estado, e antes delle succede ter o primeiro uso mensal, e se designar esse successo fóra, ficou esta rapariga com seus Pais, e toda a familia da casa sogeitos a huma ignominia; e he caso indispensavel ao Pontifice, e se vendem pelo *Divaó* por captivas, ainda que essa gente seja da maior Nobreza, e Real sangue.

## CAPITULO LXXXVIII.

*De que ha templos, e imagens em Cabo de* Camorim; *e em varias partes com differentes appellidos, sendo todas do mesmo Deos.*

EM cabo de *Camorim* ha hum templo com imagem de *Rameſoor* de que fallamos atraz: em *Tripoti*, ha outro com imagem de *Vencatexá*: em *Pondepur*, de *Vitobá*, ou *Pandurangá*: em *Vddupnó*, Reino de *Bidnur* de *Cruſnd*; e outros muitos templos em diverſas partes, em que todas estas imagens saõ adoradas debaixo da do Omnipotente com a oraçaõ, que vai explicada no principio: tambem ha em *Sanquelim* terras de *Bounſulo*, o templo de *Vitobá*: em *Naroa* das mesmas terras, ha a

de *Mahés*: em *Manguez* da Provincia de *Pondá*, ha outro do meſmo nome de *Manguez*, que vem ſer o de *Mahés*: ha tambem de *Naguez*, que he o meſmo de *Mahés*, todas eſtas invocações ſaõ debaixo do nome do meſmo Omnipotente.

## CAPITULO LXXXIX.

*Continúa o meſmo ſogeito.*

EM *Queulá* terras de *Pondá*, ha templo de *Kantadurgá*, que he imagem da mulher de *Mahés*: em *Bandorá* da Provincia dita, o de *Lacximim* mulher de *Viſnú*: ha outros de *Bogvotí*, *Maixaſur Mordaní*, que correſpondem á imagem de *Lacximim*: em todos eſtes templos naõ ſe póde uſar de qualidade alguma de *Bagatá*, pagodice, ou chamado feitiço, porque neſſes naõ conſentem ſemelhantes parvoices, ſó ſim ſe queimaõ muito incenſo, e outros perfumes dando o devido reſpeito, e culto nelles; fazendo ſacrificios de fogo, muitas orações, cantando em verſos os milagres, e tudo a que a devoçaõ de cada hum ſe inclina, ſem minima extorſaõ lendo as Eſcrituras antigas, e hiſtorias moraes.

## CAPITULO XC.

*De que os Pagodes em que ha figuras de* Vetal, *e outras naõ ſaõ de Deos, ſim dos Varões, que fôraõ valoroſos, aonde ſuccede haver invocantes.*

OS mais nomes com que apellidaõ os Gentios ás ſuas imagens, como o de *Vetal*, *Rovelnatá*, *Daddá*, *Boiroom*, *Quetrapal*, *Canddaó Ráo*, e outros ſemelhantes ſaõ dos Reis, ou peſſoas que fôraõ esforçadas, ou morrêraõ nas guerras em defenſa de ſua Patria, ou de ſeus Reinos obrando proezas, a quem tem o Gentiliſmo deſtinado ſeus Pagodes; neſtes he que praticaõ as bagatás matando gallos, e outros animaes, tendo para iſſo deſtinado invocante para qualquer maleficio, que pertenderem; por-

porque legalmente fallando, os *Bramenes* por ſi ſó naõ podem fazer *Eogatá*, ou maleficio algum, ſó ſim por outras peſſoas deſtinadas das caſtas dos *Sudrós*, *Curumbins*, e de ſemelhante natureza.

## CAPITULO XCI.

*De que a lavagem que faz o Gentiliſmo he em determinados dias, e cauſa porque.*

O Fundamento de ſe lavarem, ou praticarem lavagens nos dias deſtinados pelo ſeu rito, ſaõ na certeza de que aquellas agoas vem correndo do rio *Mandaquiní*, que toma o ſeu naſcimento, ou origem nas alturas de hum monte, que fica depois do Monte *Imaxol*, aonde naõ tem chegado até o preſente creatura alguma; e na expectativa de ſerem as agoas deſte rio ſacras, ou bentas como que decem dos Céos, e ſe correſpondem para os rios doces chamados *Gangás*, ſe ſogeitaõ a lavar nellas, e naõ por outro myſterio algum, ſó de ſerem pizadas as margens deſte rio pelos *Pondovós*, e ſerem mortos nelle os meſmos com a mulher *Durpody*, como atraz fica referido.

## CAPITULO XCII.

*De que todas as ceremonias, e ſacrificios, que fazem os Sacerdotes, ſaõ ſegundo a inſtituiçaõ que deixou-lhes* Veaſroſy.

TOdas as ceremonias, ſacrificios, preceitos, mandamentos, e tudo o mais que ſe eſtabelece no rito gentilico, como tambem as lendas, eſcrituras &c., ſeguem e obſervaõ os Gentios, ſegundo deixou inſtruidos os Sacerdotes, o Sacerdote *Veaſroſy*, dando inteiro cumprimento, e juramento de obediencia a ſogeitarem-ſe ao *onus* dos ſeus preceitos ſem violaçaõ alguma.

CA-

## CAPITULO XCIII.

*De que* Parisramó *amaldiçoou a todos, que profandraõ os sacrificios do Sacerdote* Zamadagní, *e por que effeitos de maldiçaõ*

NA sexta encarnaçaõ atraz referida, dissemos, que *Sasarzun* Emperador dos Filisteos, tendo sido temido, e poderoso atreveo-se a matar o Sacerdote *Zamadagní*, a sua mulher *Renucá*, e toda a sua familia, e juntamente a *Vacca Camadenú*, de que indignando-se *Parisramó* deu fim aos desaforos, e absolutas do dito Emperador matando-o, e a todos os seus sequazes; e no mesmo acto amaldiçoou a todos os sequazes do referido Emperador, lançando-lhes praga, de que pelo abominavel crime, que commettêraõ de profanar o sacrificio, e o mais respectivo ao rito *Indú*, por este fossem divagando por terras extranhas, separados para sempre do commercio dos *Indús*, sugeitos a differentes Leis; porém adorariaõ a hum só Deos, vivendo em differentes partes do mundo: o que se verificou sahindo huns Mouros, outros Cafres, e outros Judeos.

## CAPITULO XCIV.

*De que declarou o Sacerdote* Veasrosy, *que no Seculo* Caliugá *haverá mais duas encarnações, e que nesse tempo será hum só Rei, e huma Lei, e mais Vaticinios.*

PEla instrucçaõ que o Sacerdote *Veyasrosy* deixou aos seus sequazes declarou sempre, que no Seculo *Caliugá*, que corre desde dous mil cento setenta e seis annos até o dia hoje, haveriaõ duas encarnações mais chamadas, *Bodó autar*, e *Calangui Autar*, e nesse tempo seria hum só Emperador chamado *Nagarzun*, huma Lei,

Lei, e hum Deos; e que acabaria o Seculo *Caliugá*; reduzindo os homens a eſtaturas pequenas, neceſſitados de tudo, faltos de verdade, e carniceiros de hum e outro: haveria total falta de ouro, prata, cobre, e mais mineraes exiſtindo ſó o barboró; e quem tiveſſe hum graõ de ouro, eſſe ſeria reputado por bem-affortunado: e que reinaria entre os homens infidelidade, perfidia, murmurações mexericos, deſobediencia aos Pais, e ſuperiores, mortes, matanças das vaccas, mortes dos *Bramenes*, ſenſualidade, furto, inveja, e negar eſmola aos pobres, tendo para dar; e que por eſſas culpas, ſendo commettidas pelos homens, pagariaõ a penſaõ da morte; que huns por impenitentes hiriaõ para o fundo do Inferno, e outros que morreſſem arrependidos hiriaõ para o Purgatorio, donde ſeriaõ tornados, ou renaſceriaõ vindo ao mundo em figura de monſtros, ſerpentes, animaes, como caõ, gato &c., e purificados, ou ſatisfazendo a pena merecida pelas ditas culpas, tornariaõ á humanidade em algum ventre, e por tanto bem, e morrendo hiriaõ gozar da paz; e que acabado eſte Seculo *Caliugá* tornaria o mundo a tomar o principio do Seculo *Trutaygá*, que he precioſo. Eſtampa 12. e 13.

*Reſumo ou Summario das propoſições tocante ao rito, e regra de viver bem, para diſfrutar a paz eterna depois deſta vida mortal.*

## CAPITULO XCV.

*Da Ceremonia com que lançaõ a linha, e ſeu ſignificado.*

NAſcido o menino *Bramene*, paſſados alguns annos, convidaõ a ſeus *Botós*, (Sacerdotes) e fazendo regozijado feſtejo com banquetes ſolemnes, ſegundo determina o ſeu ceremonial, com ſacrificio de fogo, lhe lançaõ tres fios de linha torcidos, com hum nó chamado *Bramagant* circunſtanciado ao peſcoço do menino, tra-

traçado de hum hombro para a cintura, a que chamaõ profiſſaõ, ſem o que naõ he *Bramene*, nem póde ſer admittido entre elles nas ſuas funções, e comeres, nem communicaõ com os meſmos: eſtes tres fios ſerve-lhe de preceito de orarem a Deos tres vezes por dia a ſaber, ao romper do Sol, ao meio dia, e ao pôr do meſmo Sol, guardando as ſuas ceremonias, e reza, que os ſeus *Botós* lhe enſinaõ.

## CAPITULO XCVI.

### *Do ſignificado e explicaçaõ porque levaõ Kendí.*

ANtigamente os mortaes naõ coſtumavaõ cortar o cabello da barba, nem da cabeça, ſó ſim aparavaõ aquelle que embaraçava a comida; depois que entrou malicia nos homens, e fizeraõ ſeu eſtabelecimento pondo caſas, e familia com trato, e maneios entráraõ a cortar os cabellos, deixando ſómente o *Kendí*, que ſaõ huns poucos de cabellos, compridos no méio da cabeça por memoria da antiga *Cazaná* de que uniformemente uſavaõ todos ſem excepçaõ; porque o cortar o cabello ſeja da cabeça ou da barba, era ignominia entre os antigos.

## CAPITULO XCVII.

### *De que ſaõ obrigados depois da linha a uſar da reza, e mais ceremonias.*

DEpois de que he obrigado o *Bramene*, por eſte preceito da linha, a lavar com agoa fria tres vezes por dia o corpo, rezar, e uſar das mais obrigações, a que fica ſogeito; e ainda que por obſervar eſſas ceremonias naõ merece graça alguma temporal, nem da outra vida, com tudo naõ cumprindo como ſe manda pecca gravemente; e fica ſogeito ao caſtigo de condemnado.

CA-

## CAPITULO XCVIII.

*Da differença que ha da reza nas mais caſtas tocante a linha que levaõ.*

AS mais tres nações: como as do *Qhetrís*, *Voiſſó*, e *Sudró* tambem ſaõ obrigados a levar a dita linha debaixo dos meſmos preceitos acima ditos, porém deve eſta ſer-lhes lançada ſómente pelos *Botós Bramenes*, ainda que qualquer deſtas nações ſeja Doutor e Meſtre, ou Profeta nas cerimonias do ſeu rito, e tenha previa ſciencia delle; porque ſómente ſe concede aos *Bramenes*, como principaes, eſſa prerogativa; obſervando ſempre em cada caſta das ſobreditas nações do particular deſta reza da linha outra formalidade, para differença dos *Bramenes*, e das ditas caſtas.

## CAPITULO XCIX.

*De que os* Maratás (Charodós) *naõ podem levar linha; ou naõ tem obrigaçaõ de a levar, e porque a levaõ.*

OS *Maratás*, chamados vulgarmente *Charodós*, tambem levaõ linha, ſem terem obrigaçaõ alguma de a levar, ſenaõ ſómente para comparecerem, como *Bramenes*, e fazerem-ſe iguaes a elles, e por conſiderarem, que naõ levando a dita linha, ficaõ por iſſo menos prezados; porém naõ trazendo ao peſcoço a ſobredita linha, como muitos dos *Charodós* naõ levaõ, por caſo nenhum ficaõ ſogeitos a alguma pena determinada pelo ſeu rito aos *Bramenes*, porque naõ concede ás caſtas acima eſta tal liberdade da linha.

## CAPITULO C.

*De que ainda que os ourives, caldeireiros, e outros de ſemelhante qualidade levaõ a linha, ha porém differença do nó.*

OS ourives, caldeireiros, ferreiros, manilheiros e outros, poſto que levaõ a linha, he porém ſempre com a differença da meſma, e do nó; eſte ſe chama *Rudragant*; a ſua reza delles he ordinaria ſem ſogeiçaõ a peccado algum naõ fazendo-a; porque eſtes com a naçaõ dos Filiſteos ſe reputa huma eſpecie de caſta, por iſſo a reza deſtes, e daquelles he de hum theor ſó. Igualmente todas eſtas caſtas acima ditas naõ podem veſtir o panno, com as circunſtancias com que veſtem os *Bramenes*, ſenaõ por outro modo; que o veſtir-ſe como *Bramenes* he caſo contra o meſmo rito, pelo que lhes he prohibido pela praga com que os Sacerdotes *Bramenes* os praguejáraõ, como atraz fica eſpecificado.

## CAPITULO CI.

*De que os* Bramenes *naõ podem uſar das Armas, fazer mercancias, agriculturas, nem matar vivente algum.*

OS *Bramenes*, ainda que ſaibaõ padecer todo, e qualquer prejuizo, naõ podem uſar das armas, mercancias, agriculturas, e outras obras ſervís, como tambem de matar os viventes ſejaõ racionaes, e irracionaes os mais vís, ſó ſim ſaõ obrigados a ſe inſtituir perfeitamente em todas as artes, tanto mecanicas como liberaes, mas ſómente para enſinarem a uſar dellas as mais nações, ou caſtas por aſſim lhes determinar o ſeu eſtatuto debaixo de toda a pena, e caſtigo.

CA-

## CAPITULO CII.

*De que os gentios naõ podem preſtar juramentos falſos, commeter outros peccados, e em que caſo ſómente podem jurar falſo.*

NAõ he permitido a todo o Gentiliſmo jurar falſo, murmurar contra ſeus proximos, furtar, deſcobrir faltas alhêas, peccado da carne, e outros ſemelhantes peccados, ſómente ſe lhe concede jurar no caſo em que algum criminoſo vá ao ſupplicio, e por teſtemunho falſo ſe livra; neſte livremente póde jurar em público attendendo a libertar ſómente aquelle delinquente da pena capital.

## CAPITULO CIII.

*De que chegando a porta o eſmoller devem dar eſmolla, e participar da raçaõ ſe ehegar ás horas de comer.*

TAmbem ſe lhes manda, que chegando a porta qualquer mendigante a pedir-lhes eſmolla a devem dar ſem minima extorsaõ, nem enfado, mas antes com boa vontade, e chegando, tal pobre ao tempo em que qualquer *Bramene*, e outras naçõeſ eſtejaõ jantando, eſtá de preceito obrigado a participar-lhe raçaõ, ou parte daquella comida.

## CAPITULO CIV.

*De que fica incurrido na pena de excommunhaõ quem ſe ſegregar do rito, e ſeus eſtatutos, e furtar coizas dos templos.*

IGualmente he graviſſimo peccado, e o maior de todos ſendo qualquer dos *Bramenes*, ou outro individuo do Gentiliſmo apoſtata do ſeu eſtatuto, e rito, ſegindo outra Lei: como tambem aquelle que furtar coiza dos templos, como ouro, prata, cobre, latað, roupas, e ainda outros quaeſquer effeitos do valor de mêo real.

## CAPITULO CV.

*De que ſe prohibe alegrar com máos ſucceſſos que ſe occazionarem aos proximos, como mortes repentinas, &c., criticando na vida; igualmente dezejar a mulher do proximo, e outros peccados.*

NAõ ſe deleitará, ou julgará por bem merecido qualquer deſaſtre, ou morte, ſeja violenta ou repentina que ſucceda aos proximos, formando juizo, que foi tal deſaſtre, ou tal ſucceſſo porque era eſte, e aquelle de máos procedimentos, e depravada vida: porque o lançar eſte juizo temerario he graviſſimo peccado a aquelle que julga, por ſer reſervado a Deos o julgar os homens, ſegundo ſuas obras; da meſma ſorte o deſacreditar em público, ou dezejar a mulher alhêa, ou ſolicitar-lha; como tambem lançar voluntariamente o ſemen generativo ſobre a terra ſaõ peccados graviſſimos, e todo aquelle que commetter taes, principalmente o da effuſaõ voluntaria do ſemen, infalivelmente fica ſogeito a condemnaçaõ eterna no profundo do abiſmo. Igualmente todo aquelle que criticar, ou fizer má ausencia, aſſim das peſſoas domeſticas, como dos amigos fieis, usando

do

do com elles fingimentos na legitima amizade, com que elles o tratarem, se reputaõ esses peccados por enormes, como saõ aos Mestres, Irmaõs, e mais parentes &c. Mesmamente fazendo alguma promessa de dar a alguem, ou offerecendo alguma coiza, e arrependendo-se ao depois da promessa feita, se comprehende na mesma pena assima dita. Conseguintemente todo aquelle que andar ganhando cantando cantigas, ainda que naõ sejaõ profanas mas antes em louvores de Deos; e aquelle que vende vaca; e aquelle que vende sua filha recebendo dinheiro, posto que o Comprador a leva para mulher, e naõ cativa: ficaõ com tudo esses homens debaixo da indignaçaõ de Deos, para serem castigados. Sem embargo do que se acha dito, restaõ muitos preceitos do estatuto gentilico correspondentes aos referidos acima, que ficaõ em silencio pela brevidade que requer este rezumo: finalmente ainda que o homem seja peccador, e que tenha commettido culpas graves incomprehensiveis aos numeros de Arismetica, e que sejaõ enormes, e feas, se o peccador pedir dellas perdaõ com viva dor a Deos, merece perdaõ das mesmas, ainda que seja no ultimo tranzito de lançar a alma fora do corpo.

## CAPITULO CVI.

*De que os homens tem* 100 *annos por termo certo de vida; e morrendo antes, tornão a renascer para os completar.*

A Morte entrou no mundo pelo peccado, tendo concedido aos homens termo certo da vida de annos na forma seguinte: conta-se o dia por respirações que o homem respira, e que assommando vinte e huma mil respirações formavaõ hum dia; destes o mez; destes o anno, dos quaes huns vivem cem: e os que morrem de menor idade, antes de se completar o numero dos ditos cem, por força dos peccados commettidos, tornaõ estes a renascer nos ventres

humanos; e vivendo té certos annos, que correspondaõ aos que se viveo da primeira vez, e que esses primeiros, e os que viverem cheguem a fazer o numero dos sobreditos cem, morrem para nunca mais renascer; por assim cumprir o estatuto decretado por Deos aos homens do termo da vida de cem annos.

## CAPITULO CVII.

*De que a segunda vida será com felicidades ou trabalhos, segundo na primeira fossem as obras boas ou más.*

DEclarando que todos aquelles que morrem, antes de se encher o numero de cem annos, quer dizer, se morreo de sincoenta annos, se tiver obrado nesse tempo de vida boas obras, e morrendo nesta dita idade, tornando a renascer em algum ventre humano, que lhe for determinado por Deos; em recompensa das ditas suas boas obras vivirá rico e abundante de tudo té completar aquelle prazo: pelo contrario aquelles que tiverem obrado más obras, viviráõ sugeitados a trabalhos, mizerias, pedindo esmolas &c., té acabarem a vida. Tambem todos os homens que fazem vida penitente, que for do agrado de Deos, por esta alcançaõ Reinos e Terras ficando Senhores, e vivendo noventa e cem annos.

## N. III.

# JOSEPHI DE ANCHIETA EPISTOLA

QUAMPLURIMARUM RERUM NATURALIUM, QUAE *S. VINCENTII* (NUNC *S. PAULI*) PROVINCIAM INCOLUNT, SISTENS DESCRIPTIONEM.

# PREFAÇÃO.

A Carta Latina do P. José de Anchieta, *em que se dá noticia da Situação e Producções do destricto da Cidade de S. Paulo (segundo o nome moderno), e dos costumes dos Naturaes, illustrada de Notas por Diogo de Toledo Lara Ordoñez, Correspondente da Academia, que lha offereceo; he hum monumento assim das Virtudes, como da grande instrucção daquelle illustre Jesuita, que a escrevia no Seculo famoso de Quinhentos; em que as Letras em Portugal, e as Virtudes da Companhia tanto florescêrão.*

*Ambas estas circunstancias interessão para o conceito, que deve merecer a mesma Carta. A probidade de seu Auctor, e a recommendação, que elle tinha do Prelado, para lhe dar noticia do que observára naquelle destricto, dão a maior segurança para termos por certo, verosimil, duvidoso, ou falso o que por tal se nos inculca. Humas cousas diz vio; outras que ouvio a pessoas dignas de credito; outras refere segundo era opinião sem resolver-se a negar, ou affirmar; outras elle rejeita como falsas; e outras confessa não entende. Nem a sua piedade foi causa de elle acreditar por sobrenatural o que não he; pois o dizer, por exemplo, que accommettêra a Cobra* Signo Crucis munitus *não mostra superstição, mas Christandade; nem era de esperar que de outra sorte se expressasse hum Missionario. He verdade que admitte haver os Demonios assasinadores dos Indios; porém erão ideas do tempo: doutissimo, e nada preoccupado era* Camões, *e admitte nos*

*Lu-*

*Lusiadas Cant. 8. estanc. 45 e 46 poder physicamente o Demonio illudir aos homens; e nesta mesma persuasão o pertende desculpar* Faria e Sousa. *Em fim a mesma piedade do Auctor nos faz interessante esta Obra, pela noticia dos remedios para as mordeduras de Cobras, e principalmente para os Cancros.*

*He bastante a instrucção que resulta desta Carta; e não só pela estimavel noticia de tão antiga achada da* Pedra flexivel, *a qual incitou ao Annotador principalmente a apresentar esta Carta á Academia; mas tambem pelas Descripções mui circunstanciadas tanto dos Animaes em si, como dos seus costumes, e que naquelle tempo não podião ser mais perfeitas: postoque assim mesmo em muita parte são insufficientes, para determinar as* Especies *de que trata, quando ou não se aponta o nome Brasiliano, ou não ha occasião de observar entre muitos Productos quaes sejão os de que se fala.*

*Esta segunda commodidade teve o Annotador: e pela circunspecção, com que escreveo as suas Reflexões, fez hum trabalho bastantemente difficultoso. E este ainda se faz de maior apreço da Academia pelas suas proprias Observações; do remedio do Tabaco para o tão frequente desastre da mordedura das Cobras; e acerca da causa de serem estereis os Papagaios que vivem em domesticidade.*

*E quanto á authenticidade do Manuscrito copiado nesta Edição, a qual se fez escrupulosamente, como indicão as Notas das* Variantes: *não póde disputar-se-lhe. Elle era do Caracter do Seculo de Quinhentos, ao muito dos primeiros annos do seguinte: e havia pertenci-*

*cido a hum dos Cartorios da Companhia; donde passou Officialmente para o poder de Pessoa de respeito pelo seu Saber e pelos Cargos, a qual facilitou o imprimir-se. E desta Carta parece falar o* P. Vasconcellos *na Vida do Veneravel Auctor L. 1. c. 4. §. 6. nas palavras* „ Esta mesma tormenta e naufragio descre- „ ve José nos seus Apontamentos. „ *Todavia por esta mesma expressão nos parece duvidoso, se a Relação do Naufragio, e a do remedio dos Cancros, forão Notas que havia separadas da Carta, e se lhe incorporárão ao fazer aquelle Manuscrito: pois parece hum pouco contraditorio, que em huma Obra aliàs escrita com tanto methodo, este se alterasse falando do Peixe boi, para referir a tempestade, só porque passada esta se pescárão dous; e falando dos Caranguejos passasse a falar dos Cancros, só porque tem o mesmo nome no Latim.*

JO-

# JOSEPHI DE ANCHIETA EPISTOLA

## QUAMPLURIMARUM RERUM NATURALIUM, QUÆ *S. VINCENTII* (NUNC *S. PAULI*) PROVINCIAM INCOLUNT, SISTENS DESCRIPTIONEM.

(§. I. *Epistolæ scribendæ causa.*)

*PAX CHRISTI nobiscum.* Ex literis tuis, quæ nuper in manus nostras devenerunt, perspeximus, Reverende in Christo Pater, velle te (ut multorum consuleretur devotioni, et desideriis), ut ea, quæ apud nos essent, vel admiratione digna, vel isti Orbi incognita scriberentur. Ad quod salutare mandatum me conformans, exequar, quoad potero, diligenter injunctum munus.

(§. II. *Provinciæ* S. Vincentii *situs*: *cœli temperies*: *sed horrida tonitrua et turbines, quibus tamen Indigenæ non terrentur. Cujusdam Indigenæ præstigiatoris de magno turbine absurdum dictum.*)

AC primo quidem (quod superioribus literis leviter attigi) hæc pars Brasiliæ, quæ *S. Vincentius* dicitur, viginti tribus gradibus ac dimidio (1) ab Aquilone ad Africum dimensuratis, Austrum versus, distat ab Æquinoctiali, in qua quæ solis accessûs, et recessûs ratio; qui siderum cursus; quæ umbrarum declinationes; lunæ diminutiones, et incrementa sint, haud facile est mihi explicare: quippe cum nec ea unquam attigerim, nec ita diversam ab ea, quæ istic deprehenditur, in his rationem esse videam.

In dimentione autem partium anni longe alia est:

hæ vero ita ſunt confuſæ, ut non facile poſſint diſtingui, nec Veri certum tempus, nec Hyemi poteſt aſſignari; perpetua quadam temperie conficit ſol curſus ſuos, ita nec frigore horret Hyems, nec calore infeſtatur Æſtas: nullo anni tempore ceſſant imbres, adeo ut quarto, tertio, aut ſecundo etiam quoque die alternis vicibus ſibi pluvia, ſolque ſuccedant: ſolet tamen aliquibus annis intercludi cœlum, et ſuſpendi pluvia, ita ut agri non vehementia quidem æſtûs, qui nimius non eſt, ſed aquæ penuria ſterileſcant, nec ſolitos fructus ferant: aliquando etiam ex nimia imbrium inundantia * radices, quas in cibum habemus, computreſcunt. Tonitrua vero tanto fragore quatiuntur, ut maximo ſint terrori, ſed raro jaculantur fulmina (2); tanta etiam lucis vehementia radiant fulgura, ut omnem hebetent, et retundent oculorum aciem, et cum die quodammodo certare luminis ſpendore videantur: ad quod accedunt violenti, furioſique ventorum turbines, quorum tam vehementi impetu nonnunquam flatus commovetur, ut aliquando ad Orationis arma conſurgere intempeſta nocte cogamur contra tempeſtatis immanitatem, aliquando etiam domo exire ruinæ periculum declinantes: nutant domus tonitruis concuſſæ, ſternuntur nemora, et omnia conturbantur. Non multis ante diebus cum eſſemus *Piratiningæ* (3), poſt occaſum ſolis cœpit aer commiſceri ſubito, obnubilari cœlum, tonitruiſque et fulguribus crebris minitari: tum ventus ab Auſtro conſurgens paulatim ambire terram, donec ad Corum perveniens (unde fere ſemper ſolet exoriri tempeſtas) acceptis viribus tantopere invaluit, ut exitium minari Dominus videretur. Concuſſit domos, tecta rapuit, et ſtravit ſilvas; arbores ingentis magnitudinis alias radicitus eruit, alias medias confregit, comminuit alias, ita ut omnes obſtruerentur viæ, nullumque pateret iter per nemora: mirum eſt, quantas mediæ horæ ſpatio (nec enim amplius duravit) arborum et tectorum ſtrages edidit: et quidem certe, niſi Dominus breviaſſet tempus illud, nihil tantam vim poſſet

* Ita legitur in Mſ., forſan mendoſe.

set retorquere, quin omnia funditus ad terram ruerent. Sed inter hæc omnia illud magis mirandum, quod Indi, qui eo tempore potationibus indulgebant, et cantibus (ut solent) nihil ad tantam rerum confusionem exterriti, nec saltare desierunt, nec potare, perinde ac si omnia posita essent in summa tranquillitate.

Sed et aliud referam, quod dolori ne potius, an risui esse debeat, ipse judicabis; dolebis forsitan cæcitatem, stultitiam irridebis. Non multis post diebus, quam hæc acta sunt, cum in quoddam Indorum oppidum, cuidam male habenti medicinam animæ et corporis adhibituri, quidam ex Sacerdotibus, et ego veniremus, veneficum celebris apud Indos nominis offendimus; quem cum exhortaremur multis, desineret mendaciis inniti, et Deum unum, Creatorem omnium, Dominumque cognosceret, post longam (ut ita dicam) disputationem „ Novi, inquit, „ et ego Deum, et Dei Filium; nuper enim cum mi„ hi canis meus morsum inflixisset, accersiri jussi Dei Fi„ lium, qui mihi afferret medicamentum: venit ille si„ ne mora, et iratus cani ventum illum vehementem nu„ per elapsum secum attulit, qui silvas sterneret, et da„ mnum mihi à cane illatum ulciscetur. „ Hæc ille, cui cum Sacerdos „ Mentiris „ respondisset, non potuere quæ aderant fœminæ jam Christianæ, quas docemus, risum tenere, venefici videlicet stultitiam irridentes. Cætera omitto, quia non sunt hujus loci; illud solum non fuerit ab re admonuisse, ne verbum *mentiris* insolentius prolatum videatur, nullis solere verborum ambagibus Brasiles uti in rebus explicandis: itaque *mentiris* et alia hujusmodi verba citra injuriam proferuntur: imo etiam illa, quibus membra secreta in utroque sexu, concubitus, et alia id genus significantur, pronuntiant nude sine ulla deformitate.

(§. III. *Quibus mensibus Æstas, Hyemsque sint: sed frigus solis ardore, æstus aura, imbribusque sedantur. Pluviæ ad oram maris omni tempore copiosæ; sed mediterraneo verno tantum et æstivo: et Pisces tunc ad edenda ova per campos ob inundationes sparsi, abunde capiuntur.*)

ANni partium dimensio (si arctius consideretur) ei, quæ istic deprehenditur, rationi penitus est opposita: quo enim tempore istic Ver, hic Hyems est, et contra; sed ita utrumque temperatum est, ut nec hyberno tempore solis calores ad injuriam frigoris propulsandam, nec æstivo ad mulcendos sensus lenes auræ, et humentes imbres desint: quamvis (ut jam dixi) hæc ad oram maris terra constituta omni fere anni tempore pluvialibus aquis irrigetur.

*Piratiningæ* autem (quæ in mediterraneo tricesimo ab hic milliario sita spatiosis, et patentibus decoratur campis) et aliis, quæ ipsam versus Occasum subsequuntur, locis ita a natura comparatum est, ut si quando ardentiore calore (cujus maxima a Novembri ad Martium vis est) dies æstuaverint, pluviæ infusione capiat refrigerium: quod et hic usu venit. Ut breviter ergo hæc complectar, verno et æstivo tempore uberrima est imbrium copia flagrantiæ videlicet solis temperandæ præstituta, ita ut aut mane æstum præcedat, aut vesperi subsequatur. Vere, quod a Septembri sumit initium, et Æstate, quæ a Decembri vigere incipit, largiter admodum, et creberrime magna cum tonitruum et fulgurum tempestate cadunt imbres.

Tunc et fluviorum incrementum, et camporum inundationes maximæ; quo tempore egressa alveo ad edenda ova ingens Piscium multitudo inter herbas parvo cum labore capitur, quæ anteactæ famis de fluviorum confusione contractæ aliquantum relevat, et pensat injuriam. Hoc tempus tanquam superioris inopiæ levamen cupide expectatur, quod Indi *Pirâcema*, id est *piscium exitum*, vocant,

cant, bis enim quotannis, Septembri ferme, et Decembri, et aliquando sæpius relictis amnibus se herbis in brevi aqua ad emittenda et parienda ova inserunt; Æstate autem cum maior camporum alluvio est, copiosiora egrediuntur agmina, quæ et parvis retibus, et ipsis etiam manibus sine ullo alio instrumento capiuntur.

Omnes itaque æstivi calores imbrium larga infusione sedantur. Hyeme vero (exacto Autumno, qui à Martio incipiens media quadam temperie conficitur) suspenduntur pluviæ, frigoris autem vis horrescit, maxima Junio, Julio et Augusto; quo tempore et sparsas per campos pruinas omnem fere arborem et herbam perurentes, et astrictam gelu aquæ superficiem sæpe vidimus (4). Tunc decrescunt flumina, et in profundum desident, ita ut manibus inter herbas magna piscium copia soleat capi.

## (§. IV. *De Solstitiis.*)

IDibus Decembris suum cursum peragens *Piratiningam* sol pervenit, quem diem, qui longissimus est, et quo solum nulla est umbrarum declinatio, quatuordecim horarum claudit limite, nec ulterius ad Austrum transit; sed inde remeat ad Septemtrionem, in cujus recessu vigere maxime solet æstus, et acutæ febres cum lateris dolore corpora fatigare. Undecima dies Junii, quæ brevissima est, qua longissime sol distat a nobis, decem (ut credo) horarum spatio ab exortu solis ad occubitum conficitur (5).

## (§. V. *De* Bove Marino; *ejusque pinguedinis, et carnis præstantia, et usu.*)

HÆc quoad rationem temporis, jam ad alia transeamus. Piscis quidam est (quem *Bovem marinum* dicimus, Indi *Iguaraguâ* (6) nominant frequens in *Oppido Spiritus Sancti*, et aliis versus Boream habitationibus, ubi aut nulla est, aut exigua admodum, et minor quam apud nos frigoris injuria: hic ingentis est magnitudinis, herbis

bis pascitur, quod ipsa gramina depasta scopulis, quos æstuaria alluunt, inhærentia indicant. Bovem mole corporis superat, cute obtegitur dura, elephanti colorem referenti; duo vellut brachia, quibus natat, habet ad pectus, sub quibus et ubera, ad quæ proprios fœtus nutrit, os bovi per omnia simile. Esui est congruentissimus, ita ut discernere nequeas, utrumne carnis, an potius piscis loco haberi debeat: ex cujus pinguedine, quæ cuti, et maxime circa caudam inhæret, admoto igni fit liquamen, quod jure butyro comparari, et haud scio an possit antecellere; cujus ad omnia cibaria condienda olei vice usus est: ossibus solidis, et durissimis, quæ possint eboris vices gerere, totum corpus est compactum.

(§. VI. *Digreditur ad narrandam tempestatem, qua jactatus, et ad littus Barbarorum appulsus, benigne cum sociis excipitur; ubi puellam jam morientem baptizavit.* Boves Marini *duo capiuntur, qui ad reliquum iter conficiendum dapem largam præbuerunt.*)

LIbet hic pauca, quæ ad rem faciunt, inserere, quæ jam ante duos ferme annos scripta incerto navigationis exitu istuc credimus non pervenisse. Cum a *Civitate Salvatoris* (quæ * et *Sinus Omnium Sanctorum*) solventes quinque fratres huc iter faceremus (7), ducentis quadraginta milliariis tranquillo mari, et secundo ventorum flatu jam confectis, in *Syrtes* (8) pervenimus (quæ nonaginta milliaribus ex omni parte, et recto cursu, et a crepidine ad pelagus porrecta difficilem reddunt navigationem), ubi angustos alveos arenæ tumulis hinc inde vallatos, quibus solet navigari, summissa passim bolide diem confecimus, et fundata nave quievimus: sequenti vero die cunctis prospere succedentibus ad vesperum perducto, evasisse se periculum credentes nautæ remiserunt animum, curam abjecerunt: cum subito præter spem impacta nave exiliit fibulis clavus; accessit et rapida ventorum imbriumque pro-

* *Qui* legitur in Ms.

procella, quæ nos inter arctas * constituit anguſtias; ferebatur arenas ſulcans carina, et ex frequenti percuſſione, ne diſſolveretur, timebamus. Deducti ergo in locum brevem, naveque in alteram partem jam procumbente, ad Divinam opem implorandam, Sanctorum Reliquiis, quas nobiſcum ferebamus, in medium prolatis, convertimur, jactoque inter undas Agno Dei, ſedata tempeſtate in profundiorem gurgitem delapſi ſumus; ubi jacta anchora, parvoque cum labore, cunctis tamen admirantibus, gubernaculo in proprium locum reducto, ad ortum uſque auroræ tranquille nos permanſuros ſperabamus. Clauſus erat undique ſcopulis, et tumulis arenæ locus, ſolumque ad proram anguſtus patebat exitus: cum ergo quieſcere cæptum eſſet, noctis ingruente caligine turbantur omnia, vehementi impetu reflantes Auſtri, cadentes imbres maximi, commotumque undique mare quaſſabant navem, cui jam vetuſtate confectæ parum ad reſiſtendum erat roboris: inferius patebat fluctibus, ſuperius pluviæ; nullus vacabat aqua locus; quater, aut quinquies ſentina ſingulis horis, et ut verius dicam, nunquam non exhauriebatur; nemo firmo gradu valebat ſtare, ſed reptando manibus alii per foros curſitare, alii malos exſcindere, alii funes et rudentes parare: inter hæc ſcapha, quæ ad oram navis ligata erat, exciſſo fune arripitur a mari; tum vero omnes formidare, et vehementer pavere; obverſabatur oculis mors, omnis in uno rudente ſalutis ſpes poſita erat, quo rupto navem vadis, quæ à puppi lateribusque circumſtabant, illidi neceſſe erat: concurritur ad Confeſſionem, nec ſinguli quidem, ſed bini, quo quisque poterat celerius, accedebant. Quid multa? Longum eſſet ſingula enumerare, rumpitur rudens; actum eſt, conclamatur. Nec tamen interea tota mente niti ad Deum ceſſabamus, quamvis enim certo ſibi quisque mortem promitteret, plusque de animæ, quam corporis curaret ſalute; fidebamus tamen et Sanctorum Reliquiis, et Sanctiſſimæ Virginis Mariæ, in cujus Præſentationem præcedente nocte hæc ac-

* *Arcta* in Mſ.

acciderunt, patrocinio. Sed et illud ſæpe, omnibus credo, mihi certe veniebat in mentem, et conſolationis plurimum afferebat, eſſe eodem tempore multos ex fratribus noſtris diverſis in regionibus, quorum mens intenta eſſet ad Deum, quorum orationes ante Divinum conſpectum aſcendentes nobis auxilium flagitarent; quorum denique ſuſpiriis et gemitibus Divina Pietas pulſata non poſſet in nos conſuetæ miſericordiæ beneficia non conferre. Itaque nec velorum, nec humano ullo auxilio uſi, per medias Syrteis illeſi, quo unda rapiebat, ferebamur; nihilque aliud, quam navis illiſionem exſpectantes, expoſiti pluviæ, graviſſima jactati tempeſtate, ſingulisque momentis morientes totam noctem duximus inſomnem. Orto die, reſumpto aliquantum ſpiritu, velum utcumque reparavimus, petentesque terram impingere ſaltem navem ad litus optabamus; ſed proſperiore, quam ſperabamus, curſu deducti portum ſatis tutum Indis habitatum appulimus; ubi ab ipſis benigne ſuſcepti, et humaniter tractati ſumus. Quanta vero hæc fuerit erga nos Domini miſeratio, quam nobis et Beatiſſimæ Virginis, et Sanctorum, quorum Reliquias nobiſcum ferebamus, meritis precibusque propitiam fuiſſe non dubitamus, infelix cujuſdam alterius navis, quæ nos præcedebat, naufragium ſatis declaravit; quæ cum jam vadoſa evaſiſſet loca, proſperoque ferretur flatu, arrepta nihilominus et ab Auſtris, et vi maris litori impacta et fracta eſt, cujus armamentis, et utenſilibus jacturam eorum, quæ amiſeramus, reſarſimus, refecimusque laceratam navem.

Altero ergo poſt ingreſſum noſtrum die, cum aliqui ex fratribus Indorum domos viſeremus, oblata eſt nobis infantula quædam extremum jam trahens ſpiritum: de cujus Baptiſmo cum parentes alloqueremur, annuerunt libenter; baptizata ergo, et poſt aliquot horarum ſpatium in cœlum deportata eſt. Felix naufragium, quod talis conſecutus eſt exitus! Hic octo diebus ventis reflantibus commorati ſumus, cumque ad reliquum viæ conficiendum parum ſuppeteret commeatus, jecerunt nautæ rete in ma-

re,

re, unoque jactu duos ex illis Bobus marinis ceperunt; qui cum essent tanti, non est scissum rete; cum unus ex illis multis retibus scindendis, lacerandisque sufficeret: et ita largitate Divina nobis abunde providente residuum viæ confecimus.

Sed hæc obiter, nunc ad rem redeo, et quia piscium cœpi mentionem facere, prosequar.

(§. VII. *Quam caute Pisces ad edenda ova incedant; et quomodo capiantur.*)

QUodam anni tempore infinita propemodum capitur piscium multitudo, quod ab Indis *Pirâ iquê*, id est *piscium ingressus*, dicitur; conveniunt enim innumeri ex diversis maris partibus, ingrediunturque angusta quædam, et brevia æstuaria ad edenda ova (9). Sed hoc mirum, et omnium consensu comprobatum, manifestoque compertum experimento; præcedunt ad superficiem aquæ decem aut duodecim ex grandioribus velut exploratores, omnemque circumeuntes et considerantes locum, siquid forte acceperint injuriæ, quasi insidias præsentientes regrediuntur alio agmen suum deducturi. Si autem (quod jam cautum est, ne scilicet ingredientibus quid irrogetur molestiæ) omnia in tuto, locumque aptum esse viderint, regressi innumeram piscium multitudinem per angusta ostia introducunt (10) (totus enim jam septus est, relicto solum arcto ingressu, locus, quod facile propter aquæ brevitatem potest fieri): ubi conclusi, et succo cujusdam ligni, quod *Timbô* (11) Indi vocant, inebriati nullo labore capiuntur, frequenter plusquam duodecim millia piscium magnorum: et hoc quidem multis locis commune est, ita ut aliquando cunctis abunde capientibus, in litore relinquantur expositi (12). Saluberrimi sunt in hac regione pisces, possuntque toto anno sine detrimento valetudinis, sine metu Scabiei, quæ hic nusquam est (13), etiam in infirmitate comedi.

## (§. VIII. *De Serpente* Çucuryúba.)

INveniuntur in mediterraneo angues admirabilis magnitudinis, quos *Çucuryúba* Indi vocant (14), et hi quidem fere ſemper in fluviis vivunt, ubi animalia terreſtria frequenter tranantia capiunt ad eſcam: ſed et aliquando etiam exeunt ad terram, adoriunturque ea in ſemitis, quà ſolent huc illuc diſcurrere. Horum quanta ſit corporis moles, haud facile eſt creditu; cervum ſolidum deglutiunt, et alia etiam maiora animalia. Probata res eſt omnium conſenſu; aliqui ex fratribus noſtris viderunt cum ſtupore, adeo ut unus ex eis cum anguem aliquando fluvio natantem videret, malum navis exiſtimaverit. Hi, ut aiunt, carent dentibus (15), ſolumque animalia ſpiris involvunt, caudaque per podicem adacta necant, vi oris commacerant, et integra deglutiunt (16). De his mira referam, ſed neſcio an credibilia, ea tamen, quæ omnes tum Indi, tum Luſitani, qui multos ætatis ſuæ annos in hoc orbe tranſegerunt, uno ore affirmant. Deglutiunt hi, ut dixi, animalia quædam grandia, quæ *Tapiíra* Indi vocant (de quibus paulo poſt *); quæ cum non poſſit ſtomachus digerere, jacent humi velut exanimes, non valentes ſe movere, donec venter ſimul cum cibo computruerit: tum aves, quæ laniatu vivunt, uterum dilaniant, et totum cum pabulo abſumunt; deinde informis, et ſemivoratus anguis incipit reformari, ſuccreſcunt carnes, ſuperextenditur cutis, et in priſtinam formam reſtituitur (17).

## (§. IX. *De* Crocodilo.)

SUnt et Lacerti itidem fluviatiles, qui *Jacarê* (18) dicuntur, magna etiam corporis vaſtitate, ut poſſint hominem deglutire, duriſſimis obtecti conchis, et acutiſſimis dentibus armati; degunt in aqua, nonnunquam ad crepidinem egrediuntur, ubi contingit ipſos ſomno gravatos interfici,

* §. XXII.

ci, non tamen sine magno labore, et periculo, ut tantæ beluæ par est; cujus carnes, quæ esui aptæ sunt, redolent moschum, præcipue testiculi, quibus maxima vis odoris inest.

(§. X. *De Glire* Capyûára.)

SUnt et alia animalia ex genere amphibio, quæ *Capyûára* (19), hoc est *herbas pascentia* nominantur, suibus non multum dissimilia, colore subrufo, dentibus cum Lepore conveniunt, præter molares, quorum alios mandibulis, alios ipsi palato in medio ore fixos habent: cauda carent: pascuntur herbis, unde et nomen accepere: esui sunt accommodata: mansuefiunt hæc, et ut catuli aluntur domi, exeunt ad pastum, et redeunt domum sine duce.

(§. XI. *De* Lutris, *earumque similibus.*

*Lutræ* sunt multæ, quæ vivunt in fluviis, ex earum pellibus, quarum pili molliſſimi sunt, fiunt cingula (20).

Sunt et alia animalia fere ejusdem generis, diversæ tamen apud Indos appellationis, quæ præbent eundem usum. Nuper cum unum eorum quidam Indus sagitta fixisset, et in aquam prosiliens vellet capere, concurrit aliorum turba, quæ aderat sub aqua; invadunt hominem, impetunt morsibus, exarant unguibus, ita ut difficulter eo, quod occiderat, extracto totus discerptus evaderet, multosque dies ageret, antequam vulnera coirent. Sunt hæc animalia nigro fere colore, Catis paulo maiora: acutissimis dentibus, unguibusque munita.

(§. XII. *De* Cancris. *Et, forsan ob nominis similitudinem, agitur de morbi* Cancri *dicti facili medela.*)

*Cancrorum* genera quot sint, quot varietates, quam diversæ formæ, longum esset recensere. Omitto illos, qui terrestres sunt, in antris subterraneis, quæ sibi effodiunt,

viventes; ubique, præterquam apud nos, frequentiſſimi, colore thalaſſico aquatilibus multo maiores. Aquatilium alii ſub aqua ſemper ſunt, quibus natura ultima brachia plana effinxit ad natandum apta: in æſtuariis reliqui ſibi cavernas excavant; quorum alii rubris cruribus, nigro corpore; alii ſubcærulei ſunt, et piloſi; alii, quorum caput unum (cum alterum ſit ad corporis proportionem factum) toti corpori fere eſt æquale.

*Cancro* vero (cujus iſtic tam difficilis curatio eſt) facile ab Indis medetur. Eum morbum eodem, quo et nos, appellant nomine, ſic autem curant. Argillæ, ex qua fiunt vaſa, fruſtulum bene ſubactum calefaciunt igni, calidumque, quantum caro poſſit ferre, adhibent Cancri brachiis, quæ paulatim moriuntur; totiesque id repetunt, donec enectis cruribus, et corpore ſolvitur, et per ſe cadit. Id nuper in quadam Luſitanorum ancilla (quæ morbum eum patiebatur) experimento probatum eſt (21).

(§. XIII. *De Serpente* Jararáca.)

HÆc quoad ea, quæ in aquis degunt: quoad terreſtrium autem rationem, nonnulla ſunt animalia iſti orbi incognita, ac primo quidem colubrorum diverſa genera venenoſa. Alii vocantur *Jararáca* (22), qui frequentiſſimi ſunt in campis, nemoribus, et ipſis etiam ædibus, in quibus ſæpe eos invenimus; quorum morſum intra viginti quatuor horarum ſpatium mors ſubſequitur, quamvis aliquando poſſit ei adhiberi medicina, et mors evadi. Porro id apud Indos ſic habet, ut ſi ſemel icti a colubro mortem evadant, percuſſi deinceps non ſolum in diſcrimen vitæ non veniant, ſed multo etiam minus ſentiant doloris; quod non ſemel experti ſumus (23).

(§. XIV.

(§. XIV. *De Serpente* Bóicininga.)

ALiud genus dicitur *Bóicininga*, id eſt *coluber tinniens*, habet enim in cauda crepitaculum quoddam, quo ſonat aliquid invaſurus (24). Hi vivunt in campis, in cavernis ſubterraneis; invadunt homines, quo tempore procreandæ ſoboli dant operam, citiſſimis ſaltibus labuntur per gramina, adeo ut ab Indis dicantur volare: cum ſemel momorderint, actum eſt; impediunt auditum, viſum, greſſum, omnesque corporis actus, ſolus remanet veneni per totum corpus diffuſi dolor, et ſenſus, donec poſt viginti quatuor horarum intervallum exhaletur anima. Hos tamen, et reliquos fere omnes Indi detracto capite torrent igni, et comedunt; ſicut et Bufonibus, Lacertis, Muribus, aliisque id genus animalibus minime parcunt.

(§. XV. *De aliis Serpentibus.*)

SUnt et alii mira pictura decorati, nigro, albo, et rubro coraliis ſimili diſtincti colore, qui *Ibíbobóca* (25), id eſt *terra foſſa*, dicuntur, quod repentes talparum more terram findant, qui omnium venenoſiſſimi ſunt, et ideo rariores.

Sunt et alii, qui ab Indis propter diverſam picturæ varietatem *Bóiquatiára* (26), id eſt *colubri picti*, dicuntur, itidem mortiferi.

Sunt et alii fere iidem, qui *Jararáca*; qui *Bóipéba* (27), hoc eſt *colubri plani*, appellantur, eo quod percuſſi contrahant ſe et latiores fiant, itidem mortiferi.

Sunt et alii, qui *Bóiroiçanga* (28), id eſt *colubri frigidi*, vocantur, quod ictu ſuo corpori magnum frigus inducant: et hi quidem cæteris maiores ſunt, licet minus viroſi (nec enim necant), acutis dentibus totum os armati; quod in reliquis aliter ſe habet, quatuor enim duntaxat cæteri habent dentes recurvos, adeo ſubtiles, et

abſ-

abſconditos, ut niſi diligenter inſpexeris, credas eis carere; in quibus et venenum.

(§. XVI. *De Serpentium veneno, et fæcunditate.*)

HI autem omnes (præter eos, qui veneno carent, quorum magna eſt et copia et diverſitas) ita frequentes ſunt, ut non ſine magno periculo poſſit iter fieri: vidimus canes, ſues, et alia animalia ſex, aut ſeptem horis tantummodo eorum morſui ſupervixiſſe. Non raro in ſimilia incidimus pericula, qui huc illuc per aliqua oppida (quod nobis ex officio incumbit) diſcurrentes ſæpe illos in viis offendimus. Cum ſemel a quadam Luſitanorum manſione, quò me cum alio fratre Doctrinæ gratia obedientia miſerat, *Piratiningam* remearem, inveni colubrum juxta viam jacentem in ſpiras collectum, quem, ſigno Crucis prius munitus, percuſſi baculo, et interfeci. Poſt paululum moræ cœperunt tres, aut quatuor parvuli repere in terra; cumque miraremur, unde ii, qui antea non parebant, tam ſubito affuiſſent, ecce materno ex utero cœperunt alii erumpere: cumque cadaver excuterem, prodierunt reliqui fœtus ad undenum numerum, omnes jam animati, et perfecti, præter duos. Sed et de alio audivi a fidedignis, in cujus ventre pluſquam quadraginta reperti ſunt. In tanta autem et tam frequenti multitudine nos Dominus ſervat incolumes, et eo magis, quo minus antidoto, aut virtuti ullæ humanæ fidimus; ſed ſoli Domino Jeſu, qui ſolus præſtare poteſt, nequid ſupra colubros ambulantes capiamus detrimenti.

(§. XVII. *De Inſecto* Boiquíba.)

SUnt et alii velut Scorpiunculi ſub quibuſdam terræ tumulis, quos Formicæ congerunt, habitantes, quos Indi *Bóiquíba* (29), hoc eſt *colubri pediculos*, appellant, coloris rubri, Araneolis paulo maiores: duo habent capita, ſicut Cancri (30), recurvam caudam, in qua et aduncum unguem,

guem, quo percutiunt. Non quidem necant, sed cruciant vehementissime, ita ut non minori, quam viginti quatuor horarum ductu mitigetur dolor.

(§. XVIII. *De* Araneis.)

QUid de Araneis, quorum innumera est multitudo? Subrufi sunt alii, alii terrei coloris, alii picti, pilosi toti; Cancros credas, tanta est corporis magnitudo: visu fœdi, ut solus ipse aspectus venenum præ se ferre videatur. Horum hostis bestiola quædam ex Crabronum genere (31) insectatur eos crudelissime, infixoque aculeo necat, trahensque inducit in parva, quæ sibi excavat foramina, eisque pascitur.

Sunt quidam alii diversi generis Aranei, diversum etiam ab his nomen sortiti, qui magnum ex se fœtorem emittunt: natura frigidissimi sunt, non nisi flagrante sole tectis exeunt; quapropter et qui eis potantur (solent autem Brasiles fæminæ venenata pocula sæpe miscere) nimio frigore et tremore corripiuntur: præsentissimum remedium vinum est (32).

(§. XIX. *De* Scorpione.)

EST alius vermiculus Scolopendræ fere similis, pilis totus obsitus, deformis visu, cujus varia sunt genera; colore inter se differunt, et nomine; eadem forma omnibus (33). Horum alii si corpus tangant, magnum inferunt dolorem, qui multis horis perseverat, aliorum vero (qui oblongi sunt et nigri rubro capite) pili venenosi sunt, et ad libidinem incendunt: quos solent Indi genitalibus imponere, quæ in vehementem excitantur libidinis ardorem, intument, et post triduum computrescunt; unde sæpe fit, ut præputium multifariam perforetur, aliquando etiam ipsa virilia corruptionem contrahant insanabilem; nec se solum ea morbi fœditate deturpant, sed et ipsas etiam fæminas, quibus se immiscuerint, conspurcant, et inficiunt (34).

§. XX.

## (§. XX. *De Feris ſævioribus.*)

INveniuntur etiam apud nos Pantheræ, quarum duo ſunt genera (35): aliæ cervini coloris, minores hæ, et crudeliores; aliæ maculoſæ ſunt, et diverſis coloribus reſperſæ, et hæ quidem frequentes ubique locorum, arietem quantumvis magnum corporis menſura ſuperant, ſaltem mares; nam fœminæ minores ſunt, Catis per omnia ſimiles: eſui, quod aliquoties experti ſumus, aptæ: plerumque timidæ ſunt, et a tergo invadunt (36), ſed magno valent robore, uno ictu unguium, aut dentium morſu, quidquid apprehenderint, dilacerant; prædas, ut affirmant Indi, condunt ſub terra, ibique eis paſcuntur, donec abſumant: eximiæ ſunt crudelitatis, quod etſi multis exemplis, quæ ſubinde accidunt, poſſit comprobari, ſufficiet tamen interim duo vel tria in medium proferre.

Ad oram cujuſdam fluminis, quibuſdam Chriſtianis in parvis tuguriolis quadam nocte quieſcentibus, dormiebat ſub unius lecto, vel potius reti, quod hinc inde extentum duobus ſuſtinetur funibus, quidam Indus; ecce venit Tigris intempeſta nocte, et per crus, quod forte extenderat, ipſum arripiens abſtraxit, non valente, quæ ibi convenerat, multitudine ex ejus unguibus, ac dentibus illum eripere: quod multis aliis ſæpe accidit, quos ipſæ Tigres primo concubio ex multorum medio et rapiunt, et devorandos ferunt; cujus rei poſſent multa afferri teſtimonia.

Aliam, quæ nimia ferocitate multos perimendo, et vorando magnas ediderat ſtrages, quadraginta homines ſclopetis, balliſtis, et ſpiculis armati cum conarentur occidere, nihil ad tantam armatorum manum belua expaveſcens, unum invaſit, unguibusque per caput et pectus infixis necaſſet, niſi, dirigente Domino, ſagitta per cor aducta, occubuiſſet.

Duobus Indis prope *Piratiningam* per viam, qua ſæpe imus et redimus, iter agentibus proceſſit obviam Pan-

the-

thera invadit homines, fugit alter, alter pugnat ſtrenue et ſagittis, et corporis velocitate beſtiæ impetus propulſans, donec arborem conſcendit: ſed ne ea quidem ſatis tuta arx adverſus has feras, magna enim vigent pernicitate; inſtat illa ad radicem arboris, quærens ſiqua pateat aſcenſus, tota nocte (hoc enim ad occaſum fere ſolis actum eſt) laborat, fremit, donec aſcendens hominem aut deturbavit, aut ipſe certe et longo labore fatigatus, et pavore concuſſus cecidit. Suberat ei quidam velut ſtagnans aqua, et luto redundans locus, in quem ille decidens ſubmerſus eſt, ita ut a fera non poſſet educi, quæ reſiduum noctis in ipſo extrahendo cum fruſtra conſumpſiſſet, tandem laſſata humi ſe ſtravit. Orto mane quidem venientes (qui jam præcedente die in auxilium hominis fruſtra venerant) beſtiam, non valentem ultra præ nimio labore ſe movere, occiderunt; in cujus ventre pollex ipſius Indi repertus eſt, quem aſcendens creditur devoraſſe: viſuntur adhuc veſtigia unguium in arbore (37).

Sunt et alia animalia (Leones eſſe volunt) ferocia item, ſed rariora (38).

(§. XXI. *De* Myrmecophaga, *ſeu* Tamanduâ.)

EST et aliud animal deforme viſu, Indi *Tamanduâ* vocant (39); Canem quantumvis magnum corporis mole excedit, ſed cruribus breve eſt, parumque a terra ſurgit, et propterea tardum, quod poſſit ab homine curſu præverti. Setarum (quæ nigræ ſunt cinericiis intermiſtis) horrore, et prolixitate Sues longe ſuperat, præcipue in cauda, quæ ſetis oblongis, aliis a ſummo ad deorſum, aliis ex tranſverſo diſpoſitis munita eſt, quæ ictus armorum et excipit, et propulſat: cute dura obtegitur, non facile ſagittis pervia, quæ in alvo mollior eſt. Collo eſt producto, et tenui, capite exiguo corporis magnitudini longe diſpari, ore rotundo, unius aut ad ſummum duorum annulorum menſuram continenti, lingua protenſa,

sa, tres palmos longa, ea solum parte, quæ per os educta potest extendi, præter eam, quæ intus manet (quod ego mensus sum), quam emittens solet ad Formicarum cavernas protendere, quam cum undique ipsæ repleverint, intra os recipit, et hæc est communis ipsius esca. Mirum tantum animal tam parvo cibo ali. Brachia habet robustissima, magnæ crassitudinis, hominis femori fere æqualia, quæ armata sunt unguibus durissimis, quorum unus maxime omnes omnium bestiarum ungues magnitudine longe vincit: nemini, nisi in sui defensione nocet: cum ab aliis bestiis impugnatur, sedet clunibus, sublatisque brachiis expectat incursum, et uno ictu penetrat viscera et necat: esui est convenientissimum, bovinam carnem credas, nisi quod ejus carnes languidiores sunt.

(§. XXII. *De* Tapiára.)

EST aliud animal satis frequens esui aptum, ab Indis *Tapiíra* *, ab Hispanis vero *Anta* dicitur (40), ea credo, quæ Latinis Alce nominatur: Mulæ similis bestia, cruribus aliquanto brevior, pedes habet trifidos, superius labrum prominentissimum, colore est inter Camelum et Cervum medio in nigrum declinante: erigit se jubarum loco per cervicem torus ab armis ad caput, in quo erectior aliquantulo totam frontem armat, et viam sibi per nemorum condensa discretis hinc inde lignis aperit: brevissima est cauda nullis munita jubis: sibilum ingentem vice vocis emittit: die dormit et quiescit, nocte huc illuc discurrens (41) diversos arborum fructus pascit, et cum hi defuerint, cortices (42): cum a Canibus lacessitur, morsibus resistit et calcibus, aut in flumina prosilit, diuque latitat sub aqua, quam ob rem juxta fluvios frenquentius versatur; ad quorum oras solet etiam terram effodere et argillam mandere (43). Hujus ex tergore faciunt Indi cetras, duratas solummodo ad solem, sagittis omnino impervias.

(§. XXIII.

* Potius *Tapiíra*, uti in §. VIII.

(§. XXIII. *De* Bradypode, *seu* Pigritia.)

EST aliud animal (quod Indi *Aig*, nos propter nimiam tarditatem *Pigritiam* (44) dicimus) vere pigrum; et quod tarditudine Cochleam vincat, grandi corpore, colore cinericio, ejus facies mulieris formam videtur aliquantulum referre: oblonga sunt brachia, unguibus etiam longis et recurvis munita, quorum usus ei a natura ad quarundam arborum, quarum foliis et germinibus teneris pascitur (45), ascensum concessus est, in quo bonam diei partem consumit; exprimi enim satis non potest, quantum in unius brachii motione faciat moræ: ascendens autem tandiu ibi immoratur, donec totam absumat arborem, deinde ad aliam transit, aliquando etiam antequam ad cacumen perveniat; mediæ arbori tam tenaciter unguibus inhæret, ut inde, nisi brachia excindantur, evelli nequeat.

(§. XXIV. *De Fera* Sariguéa.)

EST et aliud Vulpeculæ fere simile (quod Indi *Sariguéa* (46) dicunt) quod magnum ex se emittit fœtorem, et Gallinarum esu maxime delectatur: hoc habet in inferiore parte alvi folliculum quendam a summo ad deorsum divisum, quo ubera operiuntur; in quem, cum primum editi sunt, ingressi fœtus, singuli singulis uberibus adhærent, nec inde exeunt, donec matris auxilio minime indigentes, per se jam stare et gradi valeant, imo et post matris occisionem incolumes vix possunt ab ejus uberibus divelli. Occidimus jam multa, inter quæ unum cum septem filiis illo folliculo inclusis (47).

(§. XXV. *De* Hystrice.)

SUNT etiam quædam parvula animalia ex Hericiorum genere (48) obtecta setis longis et acutissimis, maxima ex parte subpallidis, nigris in acumine, quæ quidquid attige-

rint, maxime carnem, per se nullo impellente paulatim ingrediuntur; quibus ad auriculas perforandas, ut sensum doloris redimant, Brasiles fæminæ solent uti. Vidi ego corium duplex non parvæ crassitudinis unius noctis spatio una hujusmodi seta per se ingressa utrinque trajectum (49).

## (§. XXVI. *De* Simiis.)

SImiarum infinita est multitudo, quarum quatuor sunt genera, unumquodque esui aptissimum, quod sæpe experimur, imo et infirmis saluberrimus cibus est: in silvis semper vivunt, catervatim fere per arborum cacumina salientes; ubi siquæ propter corporis parvitatem ab hac arbore in illam nequeunt se saltu projicere, quæ maxima est, et veluti dux agminis curvato hinc ramo, quem cauda tenet ac pedibus, alteroque inde manibus apprehenso se reliquis viam et velut pontem facit, et sic facile omnes transiliunt. Fæminæ mammas habent ad pectus sicut mulieres: fœtus parvi matrum costis et armis semper adhærentes huc illuc discurrunt, donec per se gradi valeant. Mira de his referuntur, sed incredibilia, et ideo omitto (50).

## (§. XXVII. *De* Dasypode, *seu* Tatû.)

ESt et aliud animal satis frequens apud nos (*Tatû* (51) vocant) in cavernis subterraneis per campos habitans, cauda et capite Lacertis fere simile; durissima concha sagittis impervia, armaturæ equi persimili, totum desuper corpus contectum: velocissime terram effodit, ut se protegat; cum vero se intra sua tecta receperit, nisi crus arripias, frustra in ipso extrahendo fatigaberis, tam pertinaciter enim conchis, ac pedibus adhæret terræ, ut etsi caudam apprehendas, eam potius a corpore, quam ipsum ab antro possis divellere: gustui est satis delectabile.

§. XXVIII.

(§. XXVIII. *De* Cervis, Fele tigrina, *et Sue* Taiaçu.)

CErvorum duo sunt genera, quorum alii armati cornibus, ut nostrates, et hi quidem rari; alii colore albo carentes cornibus (52), qui nunquam intrant in silvas, sed semper in campis patentibus catervatim pascuntur.

Catorum item Silvestrium rapidissimorum (53), Damarum (54), Aprorum (55), quorum variæ species, copiosa multitudo.

(§. XXIX. *De parvo Camelo* Glama.)

SUnt hinc procul in regione mediterranea versus Perû, quam Novam Hispaniam dicunt, Oves Silvestres (56), Vaccis æquales magnitudine, candida ac pulchra lana coopertæ, quibus Indi in portandis ac vehendis sarcinis, ut jumentis, utuntur: has quidam frater noster, qui in illis partibus diu versatus est et vidisse se, et earum carnes comedisse affirmat. De quibus multa in Chronicis Perû, quæ sermone Hispano vulgo circumferuntur.

(§. XXX. *De Insecto* Rahû.)

GIgnuntur in arundinibus Vermes quidam teretes, et oblongi, albi toti, unius digiti crassitudine, quos *Rahû* appellant Indi: hos igni assos et tostos solent comedere, tanta vero est eorum multitudo acervatim congesta, ut ex eis fiat liquamen, quod liquato ex Sue non est dissimile, cujus et ad emollienda coria, et ad vescendum usus est. Ex his alii Papiliones fiunt, alii exeunt in Mures, qui sub ipsis arundinibus sibi domos construunt, alii autem in erucas, quæ corrodunt herbas, convertuntur (57).

Multa alia diversorum generum animalia inveniuntur, quæ quia non ita sunt scitu, aut relatu digna, omittenda duxi.

(§. XXXI.

## (§. XXXI. *De* Formicis.)

FOrmicarum diverſas ſpecies difficillimum eſſet verbis exprimere, quarum variæ ſunt naturæ, et nomina: quod (ut obiter dicam) Braſilico ſermone valde uſitatum eſt, diverſis enim ſpeciebus diverſa indita ſunt nomina, genera raro propria appellatione cenſentur; itaque Formicæ, Cancri, Muris, multorumque aliorum nulla eſt appellatio generica, ſpecierum autem (quæ infinitæ ſunt propemodum) nulla caret proprio nomine, ut mirari jure poſſis tantam ſermonis copiam, et varietatem. Formicarum ergo ſolum illæ videntur commemoratione dignæ, quæ arbores demoliuntur; *Içâ* (58) illis nomen, ſubrufæ ſunt, contritæ citrum redolent, ingentes ſibi excavant domos ſub terra. Verno tempore, Septembri ſcilicet, et deinceps examina fœtuum emittunt fere ſemper pluviam et tonitrua ſubſequente die, ſi ſol viget: præcedunt parentes (59), et ore inhianti huc illuc diſcurrentes omnes implent vias, et crudeliores quam ullo alio tempore morſus infigunt, uſque ad ſanguinis etiam effuſionem: ſubſequuntur fœtus alati, grandiori corpore, ſtatimque evolant domos ſibi novas conquirentes, tam multi ſæpenumero, ut denſam faciant ſuper aëra nubem: quocumque autem deciderint, continuo terram effodiunt ſinguli ſingulas habitationes conſtruentes, poſt parvum autem intervallum emoriuntur, et ex cujusque ventre innumeri alii generantur filii, ut mirum non ſit tantam eſſe Formicarum multitudinem, cum ex una tam multæ procreentur. Ad harum ergo ex cavernis exitum conveniunt Indi *, conveniunt aves, conveniunt Indi, qui percupide hoc tempus expectant, tam viri, quam fœminæ; deſerunt domos, properant, currunt magna cum lætitia et exultatione ad novos fructus percipiendos, accedunt ad oſtia cavernarum, et parvas foſſas, quas faciunt, aqua implent, ubi ſtantes contra parentum rabiem ſe tutantur, et fœ-

* Ita in Mſ.; ſed hæc duo verba redundant.

fœtus ex ſpecubus exeuntes capiunt, implentesque vaſa ſua, magnas videlicet quaſdam cucurbitas, redeunt domum, torrent igni in teſtis fictilibus, et comedunt, toſti autem multis diebus ſervantur incorrupti. Quàm hic cibus guſtatu delectabilis, quàm ſaluber ſit, novimus hi, qui experimur. At vero aves ſimiles Hirundinibus, quarum tria ſunt genera, conglomerantur in aëre prope innumeræ, easque Formicas, quæ volatu in altum evaſere, mira celeritate ſecant medias, ventres vorant, caput (60) cum alis et cruribus relinquunt; et ita fit, ut paucæ admodum evadant.

(§. XXXII. *De* Apibus.)

APum fere viginti reperiuntur genera diverſa, quarum aliæ in arborum truncis, aliæ inter ramos conſtructis alveariBus, aliæ ſubter humum mel generant, unde etiam fit, ut ceræ magna ſit abundantia. In vulneribus curandis ſolo melle utimur, quæ facile Divino munere coëunt. Cum autem (ut dixi) mellis multa ſint genera; unius tantum meminero, quod Indi *Eiraaquāyetē*, hoc eſt *mel foraminum multorum*, dicunt, quia multos in alveari Apes habent ingreſſus. Hoc ſimul ac potatur, omnes juncturas corporis occupat, contrahit nervos, dolorem et tremorem immittit, excitat vomitum, et ſolvit alvum.

(§. XXXIII. *De* Muſcis, *et* Culicibus.)

MUſcarum et Culicum, qui ſanguinem ſugentes acerrime pungunt, plurima copia in ſilvis, maxime æſtivo tempore, cum exundant campi: os habent alii et crura oblonga et ſubtiliſſima, perforant pellem, et ſanguinem exugunt, donec toto corpore referto, ac diſtento vix poſſint avolare (61): adverſum hos remedium fumus eſt, quo diſſipantur.

Alii, qui marina æſtuaria incolunt, *Mariguī* vocitati, dira lues; modici ſunt admodum, vix poſſis viſu

ſu percipere; pungeris, nec pungentem vides; ureris, nec uſquam eſt ignis, unde tibi id moleſtiæ tam ſubito illatum ſit ignoras; ſi ſcalpas unguibus, maius damnum contrahis, per duos aut tres dies ardor ille, quem intulerunt corpori, ſubinde reviviſcit, et excitatur.

(§. XXXIV. *De* Pſittaco, Struthiocamelo, *et Avicula omnium* Minima.)

AVium vero quanta ſit diverſitas variis coloribus decorata, non facile eſt explicare. Pſittaci frequentiores, quam iſtic Corvi, et hi quidem diverſorum generum, omnes eſui apti, quorum alii ſiſtendæ conducunt alvo: alii humanas voces imitantur: alii, qui comedendo millio, cum jam granatum eſt, operam impendentes catervatim volitant, ita ſe gerunt, cum ad paſtum deſcendunt, ut ſemper unus aut duo in ſummo arboris cacumine, velut in ſpecula, remaneant; qui omnem ſpeculantes quoquo verſus locum, ſiquem appropinquare cernunt, receptui canunt, et aufugiunt omnes; ſi vero nihil imminet periculi, cum illi ſaturati fuerint, aſcendunt, et deſcendunt ad paſtum ſpeculatores (62).

Sunt et Struthiocameli, quibus mira corporis magnitudo volatum negat (63).

Sunt et alii paſſerculi, *Guainumbi* (64) appellati, omnium minimi, rore ſolum paſcuntur; quorum cum varia ſint genera, unum affirmant omnes ex Papilione procreari (65).

(§. XXXV. *De quibusdam Anſeribus, et Grallis.*)

EST alia avis Corvo ſimilis, roſtro tamen cum Anſere communis, quæ ſe fluminibus immergens multo tempore verſatur ſub aqua, piſces vorans.

Eſt et alia parva quidem corpore, ſed cum alas quatit, tam vehementem facit ſtrepitum, ut ad terram arbores ruere videantur (66).

Eſt

Eſt et alius paſſer marinus, *Guarâ* (67) nomine, Mergo æqualis, ſed tibiis longioribus, collo itidem producto, protento et adunco roſtro: Cancris paſcitur, voraciſſimus eſt. Hic perpetuam quandam in ſe metamorphoſim experitur, in prima enim ætate pennis albis induitur; quæ deinde in cinericium colorem mutantur; poſt aliquod tempus albeſcunt iterum, minore tamen, quam in prima ætate, candore; purpureo demum ac pulcherrimo colore decorantur: quæ apud Braſiles in magno ſunt pretio, illis enim ad capillos ornandos et brachia in ſuis utuntur ſolemnitatibus.

Eſt et alius marinus Anati ſimilis, cui alarum loco ſunt parvula membra, molli veſtita lanugine; pedes fere ad caudam, ita ut corpus ſuſtinere nequeant, qui ei natandi ſolum, cum nec volare poſſit, nec ambulare, uſum præbent (68).

## (§. XXXVI. *De Accipitribus.*)

RApacium Volucrum multa ſunt genera, quarum aliquæ tanta ſunt corporis magnitudine, ut Cervos etiam occidant, et diſcerpant; maxime una, cui, cum eſt in nido, non ſolum parentes, qui peculiare ejus curam gerunt, ſed omnes etiam aliæ aves, quæ raptu vivunt, tanquam principi alimenta convehunt (69); habet etiam hoc, quod multis diebus inediam patiens nihil detrimenti capit.

De alia ex rapacium etiam genere accepi, quæ nuper, cum in arboris cacumine conſtructo nido foveret pullos, aſcendente aucupe, ut eos raperet, non avolavit, ſed expanſis alis fœtus ſuos protegens manſit immobilis, patiens ſe capi potius, quam illos derelinquere.

## (§. XXXVII. *De Gralla* Anhíma.)

ESt alia, quæ *Anhíma* (70) dicitur, ingenti corpore: cum emittit vocem, aſinum rudere credas: habet in ſingulis alis tria velut cornua (71), unum item in capite, qualia Gal-

linaceorum calcaria, multo tamen duriora: impugnantes se canes non fugit, licet ei corporis magnitudo volatum non impediat, sed eos armatis alis graviter vulnerans a se abigit.

Sunt item Gallinæ Silvestres (72), quarum tria genera: Perdices: Phasiani: nec non aliæ aves totæ purpureæ, virides aliæ, aliæ pallidæ, multiplicique colorum varietate conspicuæ.

Hæc quoad animalia.

(§. XXXVIII. *De Radicibus* Mandioca, *et* Yeticopê.)

DE Herbarum autem Arborumque ratione illud nolui non attingere, quòd hæ, quibus ad victum utimur, radices, quæ dicuntur *Mandióca* (73), venenosæ sunt, et ex natura sua nocent, nisi ad vescendum industria aptentur humana: homines necant, si crudæ, assæ, aut coctæ comedantur: eas tamen Sues et Boves etiam crudas edunt impune; at succum, qui ab eis exprimitur, si potaverint, continuo in tumorem conversi pereunt.

Sunt aliæ radices, *Yeticopê* nomine (74), Rapis similes, gustu suaves, tussi mitigandæ, pectorique emolliendo satis congruæ: quarum semen, quod fabis est simile, præsentissimum venenum est.

(§. XXXIX. *De* Herba Viva, *seu* Sensitiva.)

INter alias Herba quædam est frequens ubique (quam sæpe vidimus et tetigimus) quam *Vivam* dicimus, quod velut sensu aliquo vigere videatur: eam enim si vel levissime sive manu, sive quovis alio contingas corpore, continuo in sese recepta folia se copulant, et velut conglutinant, deinde post aliquantulum moræ se iterum explicant (75).

(§. XL.

(§. XL. *De Arbore* Copayva.)

ARborum una videtur relatu digna (licet aliæ sint humore resinæ simili, ad medicamenta utili, destillantes) quæ suavissimo quodam stillat succo, quem balsamum esse volunt; qui principio quidem per parvula foramina, quæ fiunt a Teredine, vel cultrorum etiam aut securium incisuras velut oleum effluit, deinde in se concretus balsami videtur speciem referre: odorem emittit non nimium, sed suavissimum; et vulneribus curandis est congruentissimus, ita ut ne cicatricis quidem intra breve spatium (quod jam experimento comprobatum ferunt) remanet vestigium (76).

(§. XLI. *De Arbore* Mangue.)

SUnt et aliæ Arbores, quæ marina æstuaria, in quibus producuntur, replent undequaque; quarum radices aliæ a medio fere stipite, aliæ ab eo loco, unde rami erumpentes sursum tendunt, productæ, lanceæ fere longitudine, vergunt ad terram paulatim, donec post multos dies eo perveniant (77).

(§. XLII. *De Arbore* Çapocáia.)

IN habitatione, quæ dicitur *Spiritus Sanctus*, est quædam Arbor satis frequens, et procera valde, cujus fructus mirabilis. Is est ollæ similis, cui operculum velut torno elaboratum, quo pendet ex arbore, aperit sese cum maturuerit, tum apparent intus fructus multi castaneis per similes, tenuibus telis, velut septis interpositis discreti, gustatu admodum jucundi. Vas seu olla, ubi clauduntur, non minore, quam lapidis duritia, cujus magnitudinem, ex castaneis, quas continet, quæ quinquagesimum numerum excedunt, facile poteris conjicere (78).

(§. XLIII. *De* Pinis.)

SUnt præterea Pinus ſtupendæ proceritatis, quæ longe lateque propagantur, ſex aut ſeptem milliarium ſpatium complentes; quarum fructus Indi peculiari nomine (quod alioqui cunctis fructibus commune eſt) *Ibâ*, id eſt *fructus*, antonomaſtice vocant: ſunt ii ad ſimilitudinem noſtratium oblongi, ſed multo grandiores, molli cortice, caſtanearum nucleo* ſimili, has arbores cætera, quæ verſus Septentrionem ſunt, loca non ferunt (79).

Arborei fructus diverſi ſunt erratici, ad eſum apti, multi ſuaviſſimi odoris, valdeque guſtatu delectabiles.

(§. XLIV. *De* Plantis purgantibus.)

AD Medicinam utiles ſunt multæ tum arbores, tum herbarum radices; ſed de his maxime, quæ ad purgationes faciendas proſunt, pauca referam. Arbor ** quædam eſt, ex cujus cortice cultris inciſo, aut ramo fracto liquor emanat albus lacti ſimilis, ſed dentior, qui ſi modice bibatur, alvum citat, et ſtomachum purgat per vomitum cum maxima violentia; ſi autem modus vel minimum excedatur, occidit. Tantum vero ex eo bibere oportet, quantum ungue capiatur, idque multa aqua dilutum; quod ni fiat, vehementer excruciat, fauces urit, et necat (80).

Eſt et radix quædam, ad idem utiliſſima, frequens in campis, raditur, et aqua diluta bibitur; hæc licet vomitum excitet ſatis violenter, tamen ſine vitæ diſcrimine potatur (81). Eſt item alia *Radix barbara* vulgo appellata, an autem ea ſit, judicent, qui norunt; *Marareçô* Indi vocant: folia Acoris ſunt ſimilia, radix parva, et rotunda, quæ aut comeditur aſſa, aut contrita ex aqua, et nocte una ſub dio expoſita potatur (82).

Alia inventa eſt nuper, quæ in maximo pretio habe-

* *Nuco* in Mſ. ** *Arborque* in Mſ.

betur, nec immerito; ea oblonga eſt, et tenuis, macerata et aqua diluta ſervatur unius noctis ſpatio, mane hauritur ſine difficultate, nec nauſeam movet, nec gignit faſtidium; ſolvit autem alvum cum abundanti profluvio, quæ ſumpto cibo, ſtatim ſiſtitur: quod et his, quæ proxime retuli, commune eſt.

Multa ſunt alia, præter hæc, quæ ad ſolvendam alvum valent plurimum, cum ad ſtringendam (præter quarundam arborum fructus) nullum fere remedium efficax reperiatur.

(§. XLV. *De* Lapide Flexibili. *Et de* Conchis Margaritiferis.)

IN Lapidibus etiam, quod mireris, et unde Maximi Optimique Dei Omnipotentiam extollas, invenies, maxime in uno, qui acuendis gladiis utilis eſt: ſed hoc habet mirum, quod tractabilem ſe manibus, velut corium præbet, quamcumque ejus partem tetigeris, velut quodam nexu hærentem moves; ita ut non unus Lapis, ſed multi diverſis juncturis compacti eſſe videantur (83).

Sunt in quodam flumine ab hoſtibus habitato 30 fere à *Piratininga* milliaribus, Conchæ plurimæ, in quibus gignuntur lapilli quidam pellucidi, quos Uniones eſſe volunt: magnitudo eorum ut Ciceris, non nulli etiam grandiores (84).

(§. XLVI. *Dæmones Indigenis tempore, quo hæc ſcripta ſunt, mortem et plagas inferre exiſtimabatur.*)

HÆc habui, quæ de Arboribus, Herbis, ac Lapidibus dicerem. De iis autem, quæ Indos terrere ſolent, nocturnis occurſaculis, ſeu potius Dæmonibus, pauca ſubinferam. Notum eſt, et in omnium ore verſatur eſſe quoſdam Dæmones, quos Braſiles vocant *Corupira*, qui ſæpe in ſilvis adoriuntur Indos, flagris cædunt, macerant, et

et necant. Hujus rei fratres noſtri, qui aliquoties ab eis interfectos viderunt, teſtes ſunt (85). Solent propterea Indi in quadam via, quæ per aſperas ſilvas, et acclives montes in mediterraneum ducit, in altiſſimi omnium montis vertice, cum eà tranſeunt, avium pennas, flabella, ſagittas, et alia hujusmodi quaſi oblationis nomine relinquere, *Corupíra*, ne ſibi noceant, ſummopere deprecantes.

Sunt, et alii in fluminibus, quos *Igpupiára*, id eſt *aquam incolentes*, dicunt, qui ſimiliter Indos perimunt. Non longe a nobis fluvius eſt, quem Chriſtiani habitant, quem tranantes olim Indi parvis lintribus, quas ex uno ligno, aut cortice conficiunt, antequam eo Chriſtiani convenirent, ſæpe ab his ſubmergebantur.

Sunt et alii in litoribus maxime, ſecus mare et flumina verſantes, qui *Baêtatâ*, hoc eſt *res ignis* appellantur, quod idem eſt, ac ſi dicas, aliquid quod totum eſt ignis. Apparet noctu nihil aliud, quam ignis ſcintillans huc illuc diſcurrens, celerrime invadit Indos, et necat, ſicut et *Corupíra*: quid hòc ſit, adhuc non conſtat (86).

Sunt et alia hujusmodi terriculamenta, quæ Indis non ſolum terrori, ſed damno etiam ſunt: nec mirum, cum his, et ſimilibus, quæ longum eſſet recenſere, velit Dæmon his Braſilibus, qui Deum ignorant, ſe reddere formidabilem, fæviſſimamque in eos tyrannidem exercere.

## §. XLVII. *Quam rara ſint apud Indigenas corporis deformitates, et Monſtra.*

DE his Braſilibus ultimo loco referam, quod nullum fere inter eos invenies deformitate aliqua affectum naturali, raro cæcum, ſurdum, mutilum, aut claudum reperies, nullum prodigioſe genitum. Nuper tamen in quodam Indorum Oppido, uno aut altero a *Piratininga* miliario, nata eſt infantula, vel potius Monſtrum, cui naſus ad mentum uſque deductus, ſub mento os, pectora cum tergo Lacerto fluviatili ſimilia, horrendis ſquamis obſi-

obsita, genitale membrum fere ad renes; quam pater suus, ut primum est edita, humari fecit vivam: qua etiam morte multant eos, quos adulterio conceptos suspicantur.

Non minus fortasse mirum, quod nuper *Piratiningæ* Sus, qui adhuc vivit, ut credo, androgynus natus est.

## (§. XLVIII. *Conclusio.*)

HÆc brevibus, ut potui, quamvis multa alia notatu digna, quæ nobis adhuc ut parum expertis incognita sunt, esse non dubitem. Rogamus interim eos, qui in his legendis, aut audiendis capient voluptatem, non nihil velint pro nobis, et hujus Regionis Conversione orantes capere laboris.

Exaratum *Sancti Vincentii* (quæ ultima est in India Brasilica vergens ad Austrum Lusitanorum Habitatio) anno Domini 1560 sub finem mensis Maii.

*Minimus Societatis JESU*

JOSEPH.

## ANNOTATIONES.

(1) OPpidum *S. Vincentii*, juxta quosdam Geographos, in Latitudine Australi 24° situm est. Hæc positio si non est accurata, atque perfecta, veræ saltem debet esse valde proxima: idem enim Oppidum, ut ex Tabula S. *Pauli* Præfecturæ Geographica, anno 1792 terminata, colligitur, in eodem *Parallelo* esse videtur cum arce *Estacada* nominata; quæ Orientem versus, circiter quatuor milliaria, in *magno* portûs Oppidi *Sanctorum ostio*, ad litus occidentale constructa, jacet in Latitudine 24°, et in Longitudine 331°, 40'. (Ex recentissimis observationibus, ab Astronomo Regio Francisco de Oliveira Barbosa confectis, facta supputatione ex *Meridiano* Insulæ *do Ferro* ad extremum ejus occidentale: quod etiam intelligendum est de aliis observationibus, quæ infra designantur.)

Quoniam Exteri sine veri investigatione, alii aliorum vestigiis insistentes, de hac Præfectura, ejusque Civibus falsa atque absurda, maiore ex parte in captiosis unius, duorumve Provinciæ *Paraguay* Jesuitarum, illis Lusitanis nimis infensorum, scriptis disseminata, et in alicujus quoque ignari fabulatoris narratione comperta, scripserunt; aliqua argumento consentanea patefacere operæ pretium est.

*Sanctus Vincentius* primum Oppidum fuit legali solemnitate, forma, ordine, authoritateque Regia in Brasilia anno 1531 conditum a Martino Alphonso de Sousa; qui Dux, Præfectusque Classis a Joanne III. Lusitanorum Rege ad maritima ejusdem Regionis ora Australia investiganda; ad Flumen *da Prata* recognoscendum; ad validam Coloniam in solo, quod ei videretur præstantius, stabiliendam; ad terrena denique omnibus, qui illic incolere voluissent, impertienda duobus Diplomatibus Regiis in Oppido *Castro Verde* duodecimo Calendas Decembris anno 1530 exaratis instructus, missus fuerat.

Paulo post idem Rex deliberans statuensque magnam Brasilici Imperii partem in quinquaginta leucarum, per ora maritima dimensarum, portiones dispertire; easque benemeritis atque opulentis Nobilibus, qui propriis impensis Incolas illis intulissent, donare; *Sanctum Vincentium*, assignato centum leucarum ad Occeanum limite, indefinito autem ad opposita interio-

rioraque terrena, prædicto Martino Alphonso de Sousa, salvis præcipuis Regiis Juribus, dono contulit perpetuo.

Ab incunabulis hæc Colonia, in qua multi nobili genere nati continebantur, commercio atque cultura admodum floruit. Illic prima, quam vidit Brasilia, Sacchari Moles seu Officina sub *S. Georgii* invocatione erecta est. Illic etiam Arundines, pretiosissimum illum succum præbentes, satæ sunt; ex quibus omnes, quæ extant in Brasilia, et in aliquibus Americæ Provinciis, Insulisque suis, ortæ fuerunt.

Lusitani, amicitia cum finitimis Indigenis contracta, multis in locis libere sedes, domiciliaque collocarunt. Quatuor alias Colonias, scilicet, *Sanctos*, *Itanhaêm*, *S. Andream*, et *Piratiningam* brevi tempore fundarunt. Illa, quæ *Sanctos* nomen accepit ex ejusdem vocationis Nosochomio ibi constituto, a *S. Vincentio* duabus leucis distans in Latitudine 23°, 56′, 15″, et Longitudine 331°, 39′, 30″ sita est. Incolis augescens atque ambitu, ad Oppidi dignitatem anno 1546 solemniter evecta est. Ejus Portus propter amplitudinem et securitatem commercium omne, *S. Vincentii* paulatim labefacto, ac pene extincto, invitavit.

*Itanhaêm*, cujus Latitudo prope Occeanum est 24°, 11′, et Longitudo 331°, 20′, jam anno 1549 Incolas habens, et anno 1561 nomen, jusque oppidanum sibi comparans, nunquam viguit; hodieque e contrario jacet.

Oppidum *S. Andreas* trans altissimos Montes *Paranãapiacaba*, qui in omnem fere Brasilicam Regionem excurrunt, conditum anno 1553 ad breve tempus permansit.

*Piratininga*, seu Civitas nomine *S. Paulus* (quæ et *Paulopolis* non incongrue dici potest) in saluberrima, purissimaque plaga trans Montes supradictos collocata; super extensum Collem explicata flumini, rivoque oppositum, et campis circumdatum patentibus et amœnissimis; a *S. Vincentio* undecim leucis distans, sub Latitudine 23°, 33′, 30″, et Longitudine 331°, 25′ manet.

*Piratiningæ* dominabatur *Teveriçá*, Princeps singularibus virtutibus præditus. Ejus assensu Lusitani illam ab initio frequentare cœperunt. Jesuitæ, qui anno 1549 ad Brasiliam transierant, illic Domum, parvulumque Templum palmis tectum, condiderunt; in quo octavo Cal. Febr. anno 1554, Ecclesia Pauli Apostoli Conversionem celebrante, primum Sacrificium Incruentum fuit confectum. Quapropter ex eo tempore *Sanctus Paulus à Piratininga* nuncupata est hæc Colonia. Sed

primævum nomen in desuetudinem sensim, et annis labentibus in oblivionem denique incidit.

Paulo post, anno scilicet 1560, *S. Andreæ* Incolæ in *Piratiningam*, illuc Juridicæ ditionis cippo, muneribusque publicis translatis, a *Thoma de Sousa*, primo Brasilici Imperii Præside Generali, qui tunc temporis *S. Vincentii* aderat, efflagitantibus Jesuitis, coacti fuerunt transmigrare.

Potens divitiis, atque Incolis, anno 1581 facta est *Piratininga* totius Præfecturæ Caput, Oppido *S. Vincentio* hac præstantia orbato. Anno denique 1712 dignitate, jureque Civitatis decorata est per Diploma Fidelissimi Regis Joannis V., qui, superiori anno, decimotertio Cal. Octobris emptionis de Donatario factæ scriptis exaratis, Regali Patrimonio in perpetuum hanc extensissimam Præfecturam merito adscripsit.

Illam Donatarii per Duces ac Magistratus delegatos usque ad annum 1710, quo *Antonius de Albuquerque Coelho de Carvalho*, primus Præfectus Regius, gubernacula ejus capessivit, Potestate fere summa rexerunt. Ad illud vero tempus non solum Præsides Brasiliæ Generales, sed etiam alii, qui diversis temporibus a Regibus Hispanis, et Lusitanis ad Aurifodinas, in eadem Præfectura patefactas, administrandas missi fuerant, Potestatis suæ limites transcendentes, Donatariorum Jurisdictionem, magna cum Populorum jactura, sæpenumero usurparunt, atque etiam conculcarunt.

Initio universa Præfectura crebas, crudelissimasque Barbarorum Antropophagorum irruptiones, et stragis molestissime tulit. Postquam vero Incolis viguit ac divitiis, non solum inimicos suos repellere, sed etiam Præfecturis finitimis iterum atque iterum auxilium ferre potuit. Incolæ ejus, ex supradicta *S. Paulo* Civitate *Paulistas* nominati, ad Brasiliæ abdita ubique pervaserunt: Hispanorum vires omni tempore viribus propriis repulerunt: Lusitani Imperii Provinciis magnum attulerunt incrementum: omnes Aurifodinas, Gemmas, et alia pretiosa, cæteris Lusitanis, atque Exteris immensæ utilitatis, illis vero minimæ, magno labore ac propriis sumptibus detexerunt: Regiones denique, quæ hodie magnas Præfecturas Regias, scilicet *Rio de Janeiro*, *Minas Geraes*, *Goyazes*, *Cuyabá*, *Matto Grosso*, *Viamam* seu *Rio Grande* constituunt, primi frequentarunt; et in iisdem ampliissimarum Familiarum stirpes fuerunt.

Quibus de causis Potentissimi Reges Joannes IV., Alphonsus VI., ac Petrus II. *Paulistas* Benemeritos, Senatumque Paulo-

lopolitanum, cui etiam magna conceſſa ſunt Privilegia, multis Epiſtolis ſcriptis, honore affecerunt. Tot autem Expeditiones Familiarum præcipuarum unitatem, facultatesque inventes; prædia, agriculturam, armenta, officinasque diruentes; ac denique cunctæ Præfecturæ nervos exſecantes, a florente fortuna in inclinatam, et prope jacentem eam decidere coegerunt. Quam difficile incipit e lapſu ſurgere! Attamen *Paulopolis* ambitu, civibus, luxu, et ideo vitiis, in dies magis augeſcit. Sub ejus Jurisdictione 32 nobilia Oppida, innumeri Pagi, et bis circiter centum millia hominum exiſtunt.

(2) Utinam in Paulopolitana Præfectura, omnique Braſilica Regione raro nubes fulminarent! *Anchieta* oppidula de cœlo percuti non videns, et in Bidental, quamvis frequens in ſaltibus inviis, non incidens, fulminum jactus non eſſe frequentes cenſuit. Ex legibus autem Phyſicæ corpora terreſtria, maiorem materiæ Electricæ, ex qua fulmen conſtituitur, portionem præbentia, ſunt etiam, ut a fulminibus percutiantur, aptiora: cumque hæc ſint (præter animalia) aqua, metalla, et vegetabilia, conſequens eſt Regionem Braſilicam et metallicis ſubſtantiis copioſam, et fluminibus, paludibus, ſaltibus ac montibus, ubi procelloſæ tonantesque nubes potiſſimum conflantur, in Æſtate horridis tonationibus, funeſtisque fulminibus creberrime conterreri, atque invadi. Ultimis temporibus in *Paulopolis* domos, quæ, ut ſupra dictum eſt, in Colle patentibus campis circumdato poſita eſt, nonnunquam irruerunt fulmina. Neque ſunt perrara ab ipſis interemptorum exempla.

(3) *Piratininga* Braſilico ſermone idem eſt ac *Piſcis exſiccatus*: in campis enim finitimis poſt fluminis *Tamanduatey* exundationes, quod Paulopolitani Collis radices in ſemicirculo alluit, piſciculi, qui ſolis ardore exſiccabantur, partim jacebant ſtrati; quod, minori tamen portione, adhuc accidit.

(4) Hæc ſunt tantummodo intelligenda de *Paulopoli*, et ejus Præfecturæ parte, quæ trans Montes ſita eſt.

(5) Hæc Æſtivi, Hibernique temporis computandi, ſeu ſtatuendi ratio antiquo Calendario eſt conſentanea; quod poſtea, anno ſcilicet 1582, Gregorius XIII. Pontifex Maximus, decem ex eodem ſupprimens dies, in poſterumque providens, reparavit.

vit: quia cum civilis annus solari 11′ excelleret, ab anno 325, quo a Concilio Niceno 1.° Œcumenico definitum est Paschatis celebrandi tempus, totidem etiam dies antevenerant Solstitia; quæ quidem, anno 1559, pridie Id. Jun., et pridie Id. Decemb. evenere. Unde ob spatium dierum proximorum tum superiorum, tum sequentium persimile *Anchieta undecimam diem Junii* et *idus Decembris* Solstitiales existimavit. Ipsi quidem, lucis refractione perpensa, Æstivo tempore 13$^h$, 24′, Hyemali autem 10$^h$, 36′ perdurant.

(6) *Trichechus manatus borealis* Linnæi, ex Editione Jo. Frid. Gmelin; quod de omnibus ipsius Authoris prolationibus insequentibus intelligendum est. *Peixe boi* in Brasilia, *Peixe mulher* in Africa Orientali a Lusitanis nuncupatur. Habitant non pauci adhuc in fluvio *Amazonas*, aliisque in illum defluentibus.

(7) Hæc navigatio confecta fuit anno 1553 mense Septembri, quo incipiunt horridæ, ac frequentes esse procellæ. In eodem anno in Brasiliam *Anchieta* transierat.

(8) Nominantur in Nauticis Tabulis *Abrolhos*, seu *Abre olhos*, id est *aperi oculos*: Nautis namque ab illis periculosissimis scopulis cavendum est.

(9) Maximam horum piscium copiam constituit *Mugil albula* Linn., qui in Brasilia a Lusitanis *Tainha* nuncupatur.

(10) Similia, mirabilioraque Authores aliqui narrant, describentes migrationes, moresque *Clupeæ Harengi* Linn., Septentrionalibus Europæ Populis fructuosissimi piscis.

(11) *Piscidia erythrina*? Linn. Hodie ad capiendos pisces retibus utuntur Lusitani, quibus tamen *Timbó* ad eumdem usum non est omnino incognita.

(12) Jam pisces in litore non deseruntur; maxima enim eorum pars sale aspersa, et postea exsiccata in omnem Præfecturam fertur.

(13) Equidem id *Anchieta* hodie non assereret.

(14) *Boa Scytale* Linn. *Sucury* Lusitanorum. Non invenitur omni-

omnino in fluminibus *Paulopoli* propinquis, habitant vero plurimæ in remotis, et desertis locis. Anno 1785, mense Julio, quo frigus invaluit, in fluvio *Tietê* (qui alluens Urbi vicinos campos, magno cursu peracto, in *Paranãa* decidit ad occasum) multas vidi, quæ in spiram collectæ mane in ripis Solis radiis erant expositæ. His, et omnibus, quæ habitant in Præfectura *do Cuyabá*, longe maiores sunt degentes in flumine *Amazonas*, ejusque amplissima Provincia.

(15) Non carent dentibus: contra autem armatæ sunt numerosis, acutissimis, similibus, retroflexisque, duplici ordine in maxilla superiori, simplici tantum in inferiori dispositis, quibus valide prædam apprehendunt.

(16) Animalia, quibus se circumvolvunt, primum constringunt, atque conterunt; postea humore salivoso ungunt ac lubricant; et denique, cum magna sunt, lente deglutiunt integra.

(17) Equidem de hac re aliqua in Brasilia audivi, sed fabulosa semper existimavi.

(18) *Lacerta alligator* Linn., a Lusitanis *Jacaré* denominatur. Locis *Paulopoli* propinquis sunt incogniti. Magna eorum copia habitat in *Paraguay*, fluminibusque omnibus, quæ se in illum evolvunt. Adeo mansueti sunt erga homines, ut ab ipsis facile per oblectationem perticis necantur ponderosis; et tantummodo in oppressores irruunt, quum exagitantur, et evadere non possunt. Qui vero degunt in fluviis *Guaporé*, *Mamoré*, *Madeira*, *Negro*, et aliis in *Amazonas* fluentibus, a *Jacaré* Paraguayensibus differunt, non solum quia maculam croceam sub colo habent, sed quia corpore maiores, Crocodilis Niloticis æquales, et magna ferocitate præditi sunt, ita ut navigantes in lintribus non nunquam adoriantur.

(19) *Cavia Capybara* Linn. *Capivára*, pronuntiatione, atque dictione Brasilica jam vitiata, ut omnibus fere accidit aliis vocabulis, a Lusitanis nuncupatur. *Bomare* aliorum testimonio innixus, hæc animalia nocte tantummodo ambulare scribens decipitur. Innumerabilia vidi, multa quoque ego aliique per litora die deambulantia occidimus.

(20)

(20) *Muſtela lutris Braſilienſis.*

(21) Utinam hujus medicamenti tanta fuiſſet efficacitas! Pretioſum ſane inventum eſſet humanitati. Ad ſapientes Medicos, et Chirurgos Philantropia præditos tentamen pertinet. Compertum ego habeo in Præfectura Cuyabana tenacibus laborantes ulceribus a cataplaſmatibus ex Milii farina et aqua tantummodo compoſitis, quæ ferventia tanquam Cauterium agebant, perſanari. Videtur huic ſimilem eſſe modum medendi Cancros ab *Anchieta* memoratum. An autem vera eſſent Carcinomata, de quibus ipſe loquitur?

(22) In Paulopolitana Præfectura nominantur *Jararáca* tres omnino diverſi Serpentes: ille qui maior eſt ultra 3 pedes longus, dicitur *Jararacaúçu*, id eſt *Jararáca magnus*, et in ſaltibus præſertim habitat.

(23) Hanc veneni Colubrorum proprietatem nunc Luſitanis, ſaltem in Braſiliæ locis ubi fui, eſſe incognitam cenſeo; nunquam enim de illa ſermones audivi; minor attamen fides neque ideo habenda eſt Authori. Fortaſſe duo, quos novi, ter icti a Colubris venenoſiſſimis mortem ſecundo atque tertio, tanquam per felicitatis primæ adeptæ conſequentias, evaſiſſent.

Ad funeſtiſſimum Colubrorum venenum expugnandum multa ſunt Antidota inventa ex vegetabilibus decerpta: eorum autem vires adhuc non ſunt plene perpenſæ atque probatæ, ſicut par eſt, ut miſeris ægrotis, attentis locis ictis, et veneni qualitatibus, recte convenienterque adhibeantur. Unum autem remedium eſt, quod uſque ad annum 1785 habitantibus in *Camapuãa*, ubi illud didici, efficaciſſimum ac certiſſimum fuerat. (Camapuãa eſt Colonia, a quibusdam ſociis Luſitanis ad viatores pro quodam pretio ſuccurrendos in Deſertis ſita, in Latitudine Auſtrali 19°, 35', et in Longitudine Orientali 324°, 8', 45'' ex obſervationibus Aſtronomicis Doctoris Franciſci Joſephi de Lacerda et Almeida, nunc Præfecti *Fluminum de Senna* in Africa Orientali: ſumpto Meridiano ab extrema Inſulæ *do Ferro* parte Occidentali, ut jam ſupra annotatum eſt.) Simul ac quisquam a Colubro venenoſo mordetur, alius ore, tabaci manſi ſemipleno, punctionem ſeu vulnus vehementer fugit, iterum atque iterum ſpuens, eamdemque operationem iterando: deinde ictui imponitur tabaci manſi cataplaſma. Ex quo, nulla alia medi-

dicina vel cura adhibita, patiens ad ſolitos labores expeditus creditur.

Hanc viam veneni ſtatim extrahendi eſſe aptiſſimam, ſaltem ſiqua ex majoribus vena non læditur, ipſamet ratio convincit. Idcirco eadem methodus in rabioſorum Canum morſibus utiliſſima ſane videtur; et in morbo, ſæpiſſime deſperato, omnino tentanda.

(24) *Crotalus horridus* Linn. *Caſcavel* Luſitanorum. *Boi*, ſeu *Boia* inter Braſiliæ Indigenas nomen eſt appellativum Serpentium; cætera ei adjuncta earum proprietates, ſive characterem præcipuum denotant.

(25) *Boi coral*, *Cobra coral*, aut tantummodo *Coral* a Luſitanis nominatur. *Ibiboboca* etiam nomine bene deſcriptus a Marcgrave Braſil. pag. 240. Alii ſunt Serpentes a Seba, La-Cepède, et cæt. *Ibiboboca* vocitati: nullus tamen ex eis vere *Boi Coral*, ſaltem cui hoc nomen eſt in Paulopolitana Præfectura.

(26) Serpens nomine *Boiquatiara* mihi incognitus eſt, idem enim nomen nunquam audivi. Seba Muſ. 2. p. 86 Serpentem quemdam Amboinenſem *Boiguatrara*, id eſt *pictam*, appellat. At Luſitani, qui Braſiliam et Amboinam frequentarunt, nomen idem Braſilicum eidem ſpeciei impoſuere? *Bomare* Dict. H. N. et Auth. *Encyclop. Method.* verbo *Bojobi* Serpentem *Boiguatrara* „ Boam Caninam „ vocant; an recte, judicet qui Sebam antea conſuluerit.

(27) In Paulopolitana Præfectura ſunt frequentes; non tamen, niſi incitati, adoriuntur. Catesby pag. 44. *Viperam nigram* appellat.

(28) *Boiroy* hodie a Luſitanis vocatur.

(29) *Scorpio* . . . Linn.

(30) Quæ *Anchieta* capita denominat, ſunt in Cancro *oculi*, in Scorpione *palpi*.

(31) *Sphex cærulea* ? Linn.

(32)

(32) Feliciter hic nocendi modus pene incognitus est hodie: fortasse viget idem inter Barbaros.

(33) *Larvæ* sunt *Papilionum*: species omnes, quarum pili inferunt dolorem, nomen obtinent Brasilicum *Tataúrana*, id est *tanquam ignis urens*.

(34) Si verum est hæc ulcera insanabilia fieri et contagiosa, Lue quoque venerea ægrotos laborare conjectari potest?

(35) Hæ duæ species ab *Anchieta* relatæ sunt *Felis onça*, et *Felis concolor* Linn.: sermone Brasilico nominantur *Jaguára*; Lusitano vero *Onça*, et aliquando *Tigre* ad instar Africanarum et Asiaticarum, quæ Lusitanis jam cognitæ erant, cum Brasilicam Regionem frequentare cœperunt. Quæ est cervini coloris, seu flava, *Onça parda*: quæ maculosa, seu flavescens, maculis ocellaribus nigris variegata, *Onça pintada* vocatur. Ex descriptione Pantheræ, quæ est *Felis pardus* Linn., facta ab aliquibus sapientibus Naturalistis, videtur in Brasilia hanc speciem habitare, eamdemque esse ac *Felis onça*. In his terribilibus Feris aliqua coloris, et magnitudinis varietas, ex diversa patriæ natura, ætate, atque sexu proveniens, animadvertitur, quæ descriptionibus, opinionibusque diversis occasionem præbuit. Unius *Felis onça* in frigidis Brasiliæ Australibus desertis occisæ pellem possideo 5 pedes et 6 pollices longam, præter caudam, quæ etiam 2 pedes et 3 pollices longa est.

(36) In desertis, ubi animalium non est copia, in quæ ferocitatem impendant, famemque expleant hæ Feræ Americanæ, tales sunt, quales dicuntur esse Tigres antiqui Orbis, et quales in casibus ab Authore infra relatis describuntur. In locis vero flumini piscoso proximis, et *Jacaré*, *Sucurî*, *Capivara*, *Anta*, *Apris*, aliisque animalibus abundantibus, quamquam ubique frequentissimæ, non sunt, adhibita cura, funestæ viatoribus, quos, et Canum turbam plerumque vitant ac timent. Equidem sicuti homines fame ac necessitate pressi fiunt dolosi, inhumani, prædatores, et denique homicidæ; multo magis animalia famelica, quæ soli Naturæ instinctui obtemperant, præcipue erga ea ex quibus victitant, crudelissima, ferocissimaque efficiuntur. Ubertas autem atque facietas contrarios ubique gignunt effectus.

(37)

(37) Nunc tam horrificum animal in desertis tantummodo habitat, ad oras fluminum, ut nuper dictum est, frequentissimum.

(38) Nunquam audivi in Brasilia aliquod esse animal, cui nobile Leonis nomen impertiretur. In Peru *Puma* dicitur Leo, quanquam nulla inter utrumque similitudo appareat; *Puma* enim est *Felis concolor* Linn., de qua jam supra.

(39) *Myrmecophaga jubata* Linn. *Tamanduâ guaçú* Lusitanis, id est *Tamanduâ magnus*; in Paulopolitana Præfectura alia est species nuncupata *Tamanduâ mirim*, id est *parvus*, scilicet *Myrmecophaga tetradactyla*.

(40) *Tapir Americanus* Linn. A Lusitanis dicitur *Anta*.

(41) Die quoque pascitur, et ad vitandos sedandosve Tabanorum Culicumque morsus, et calorem in fluminibus natat et mergitur; sed non gregatim, ut scribit Sapientiss. Gmelin. Equidem ego multos *Tapiáras* solivagos, aliquando duos, aut tres tantummodo gregatos in fluviis, et desertis inter *Paulopolim*, et *Cuyabá* per sexcentas fere leucas frequentissime vidi.

(42) Victitat quoque gramine et granis. Milium, et gramen uni *Tapiára*, quem perdiu habui in Præfectura Cuyabana, potissimum erat alimentum.

(43) *Argillam salsam*, sicut pleraque animalia, lingit.

(44) *Bradypus tridactylus* Linn. A Lusitanis dicitur *Preguiça*: et ab aliis *Pigrus*, *Tardigradus*, *Ignavus*, etc.

(45) Arbor, quam præfert aliis Bradypus, est *Ambayva*, seu *Cecropia peltata* Linn. Ideo ubi est magna ipsius copia, ibi plerumque inveniuntur Bradypodes.

(46) *Didelphis opossum* Linn. Diversa sunt illi nomina ab Authoribus imposita: a Lusitanis vero vocatur *Gambá*; et quondam etiam *Cerigaõ*.

(47) *Anchieta* adeo bonus horum animalium generationis speculator fuit, ut fortasse primus scripserit, quod vere accidit.

Crediderunt multi in eorum marſupio magnum illud Naturæ arcanum operari; nunquam enim ullum gravidum invenerunt. Sed ſi accurate perquirerent, in errorem non inducerentur: contra vero fœtus in utero generari, et ex illo adhuc parviſſimos ejici in marſupium, ubi vires, perfectionem, et incrementum capiunt, cognoscerent.

(48) *Hyſtrix prehenſilis* Linn. Dicitur a Luſitanis *Ouriço cacheiro* (ſicut in Luſitania quoque dicitur animal, quod Herinaceum Europeum Linnæus vocat); non Ourico cachieno, uti in edit. Cl. Gmelin. Aliquando dicitur etiam *Porco eſpinho*.

(49) Equidem *Anchieta* fabuloſas proprietates a multis Authoribus Hyſtricibus adſcriptas eſſe veras perſuaſus, *Hyſtricibus prehenſilibus*, de quibus aliquid ſimile enarrare audiiſſet, eaſdem non dubitavit aſſignare. Aliquis fortaſſe Indus corium duplex ferreo inſtrumento, aut etiam eadem acutiſſima ſeta transfigens, *Anchietæ* hoc propriis ejus viribus eveniſſe aſtutus aſſereret.

(50) Recte *Anchieta* multa, quæ de Simiis enarrantur, incredibilia putavit. Speciei (quæ eſt *Simia Beelzebul* Linn., *Guariba* Luſitanis) res, actionesque irrationalibus improprias non pauci Authores attribuunt. Saltem mihi multas *Guaribas* videnti, abſcondite obſervanti, aliquasque necanti, mirabilia extraordinariaque nunquam ſe obtulerunt.

(51) *Dasypus* . . . : Linn.

(52) Quatuor Cervorum ſpecies in Paulopolitana Præfectura habitant. A Luſitanis dicitur 1.ª *Veado pardo*; cornibus ſolidis, erectis, brevibus, teretibus, ſulcatis, ad acumen levibus, non furcatis; corpore ex rufo-fuſco; circiter 2 pedes et dimidium altus; agilis, celerrimus; plus in frutetis, quam in campis habitans; caro eximia. 2.ª *Veado virá*; præter colorem flavam, et minorem magnitudinem, illi *Veado pardo* ſimillimus. 3.ª *Veado branco*, *Veado do campo*; albus; cornibus ſolidis, teretibus, annuis, furcatis; ejusdem *Veado pardo* magnitudine; paſcitur in deſertis campis gregarius; caro juniorum et fœminarum optima. 4.ª *Cervo*, *Galheiro*; cornibus ſolidis, teretibus, annuis, furcatis: corpore ex rufo-fuſco; ultra 3 pedes altus; paſcitur in paludoſis deſertis; caro præcedentibus deterior. Omnes hæ ſpecies facile cicurantur. Cervæ carent cornibus.

(53)

(53) Eſt *Felis tigrina* Linn., quam Catum ſilveſtrem *Anchieta* appellat.

(54) *Cervus Dama* Linn. incognitus eſt in Braſilia, ut credo. Certe loquitur Auctor de Cervis, cornibus furcatis, ſupra deſcriptis.

(55) *Sus Tajaſſu* Linn. Luſitani *Porco do mato* nominant. Alia eſt ſpecies *Taêtetu* dicta.

(56) *Camelus Glama* Linn. *Llama* in Voyag. Ameriq. *Juan* et *Ulloa* t. 2., et *Saver.* Stor. antic. del Meſſico t. 4. p. 153.

(57) *Anchieta* mirabilis Inſectorum metamorphoſeos expers omnino, vulgarem opinionem ſecutus, Inſecta in *Mamalia*, et larvas in larvas transformari credidit.

(58) Hoc nomine *Içá* hodie tantummodo deſignantur Formicæ hujus ſpeciei alatæ, id eſt mares, et fœminæ: neutræ vero *Formiga carregadeira*; et aliquando nomine generico *Formiga* nominantur.

(59) Sunt neutræ, quæ, retentis liberis, expellunt parentes.

(60) Caput; et truncus, cum alis, et pedibus Inſectorum.

(61) *Culex pipiens*? Linn.

(62) Pſittacos tam cautos non eſſe judico, quantum viſum eſt *Anchietæ*. Haud dubie omnem ipſorum gregem Millii ſegetem devaſtantem, nullis excubiis in arboribus relictis, non nunquam obſervavi.

Adeo raræ Pſittacorum in captivitate viventium procreationes ſunt, non ſolum in Europa, ſed etiam in Regionibus natalibus, ut vix unum, alterumve horum eventum Naturaliſtæ, quibus ignota adhuc eſt vera ejuſdem raritatis cauſa, deſignent. Alte volando Pſittaci tantummodo indulgent amori: Ecce arcanum mihi in Præfectura Cuyabana patefactum.

(63) Struthiocamelus Americanus, ſeu *Struthio Rhea* Linn., a Luſitanis *Ema* vocatur.

(64) Omnes varietates, quæ ſub *Guainumbi* nomine a Marcgravè deſcribuntur (*Trochilus minimus* Linn.), dicuntur a Luſitanis *Pica flor*. Satis ſunt cognitæ et eleganter deſcriptæ hæ parvæ, fulgentesque aves.

(65) Abſurdum eſt dicere unam illarum ſpeciem ex Papilione procreari; ſed talis per multum temporis viguit opinio.

(66) Author loqui videtur de Silveſtri Columba, *Juruty* nuncupata.

(67) *Tantalus ruber* Linn. *Guará* Marcg., quod nomen etiam apud Luſitanos obtinet.

(68) *Aptenodytes catarractes*? Linn. Certe huic generi pertinet avis, de qua hic loquitur Anchieta.

(69) Hæc dona, ſeu vectigalia inter Indorum fabulas numerari debent. Dicunt aliqui magnas ex Accipitrum ordine aves in deſertis Braſilicis ad altiſſimos montes habitare. In longiſſimo per Braſiliæ abdita itinere meo nunquam vidi aliquam, præter minores Vulturum, et Falconum ſpecies. Neque ideo dubitari debet illas in eadem Regione adhuc extitiſſe. Species magna, de qua loquitur *Anchieta*, eſt aut *Falco Harpyja* Linn. *Urutaurana* Marcgr., aut *Vultur Gryphus* Linn.

(70) *Palamedea cornuta* Linn., *Anhima* Luſitanis. Avis rariſſima. Unam tantummodo vidi et necavi ad oras fluminis *Tietê*, magno ſodalium meorum ruſticorum gaudio, qui non ſolum quatuor ſpinas, ſed etiam oſſa, quæ omnia, et maxime cornu, in numero eximiorum Antidotorum habebant, ſollicite dempta ſervavere.

(71) Decipitur *Anchieta* his avibus tres ſpinas in ſingulis alis aſſignando: duas enim tantummodo in unaquaque ala habent.

(72) Tres Gallinarum Silveſtrium ſpecies ab *Anchieta*, niſi fallor, appellantur *Penelope criſtata* Linn., ſeu *Jacupema* Marcgr., Piſ., et Luſitan.; *Crax Alector* Linn., ſeu *Mutúm* Luſitan.; et *Tetrao major* Linn., ſeu *Macuco* Luſitan.

(73) *Jatropha manihot* Linn. Multas ſpecies refert Marcgr.

Duæ

Duæ saltem in Paulopolitana Præfectura sunt benignæ, ita ut impune ab hominibus assæ, aut alio modo comedantur.

(74) Quædam in Brasilia Plantæ sunt qualitatibus præditæ, quas hic refert *Anchieta*: nomen vero *Yeticopé* forsan in oblivionem incidens, velut multa alia Brasilica, ad aures meas unquam pervenit.

(75) *Mimosæ* species in Brasilia multæ sunt; quædam apud Marcgr. et Pis. nominibus *Caaeo*, *Juqueri*, cæt.

(76) *Copaifera officinalis* Linn. *Copayva* a Brasilienſibus, et Lusitanis; Balsamum vero ab his *oleo de Copayva* nuncupatur.

(77) *Rhizophora Mangle* Linn. *Mangue* dicunt Lusitani.

(78) *Lecythis ollaria* Linn. Quondam *Zabucá*, hodie *Çapocaia* a Lusitanis denominatur.

(79) *Pinheiro* a Lusitanis dicitur. In plagis frigidis tantummodo propagatur.

(80) Ab Indis, teste *Magalhães Gandavo*, vocabatur *Obirá paramaçaci*, id est *lignum ad morbos*. Verum Brasilica Regione, cum ipsa Plantis Medicinalibus abundet, novæque reperiantur quotidie, nunc merito medicamentum notum non est, quod salutem et mortem tam indestincte afferebat.

(81) Forsitan Author loquitur de *Ipecacuanha*, quæ radix, in Medicina satis usitata, vocatur etiam *Poaia* et *Cipó*: et est *Viola Ipecacuanha* Linn.

(82) An *Iris Pseudo-acori* varietas? Alibi certiores descriptionem, et (si opus fuerit) iconem dabimus.

(83) *Arenarius flexilis*, Linn., vulgo *Pedra elastica*. Certe flexilis, sed vere elasticus a me nondum est visus; nec valde (neque ex omni parte evidenter) flexilis. Et *Anchieta* dum *tractabilem manibus velut corium* dicit, hyperbolice dicit; is enim, quem magis flexilem vidi, nunc in Reg. Academiæ Museo collocatum, 16 circiter poll. longum, et 4 lin. altum, 20° arcum modo efficit.

(84)

(84) Aliqua de hoc audivi, non tamen indubia existimavi.

(85) Mirum non est *Anchietam* pietate eximium quibusdam Indorum deliriis fidem tribuisse, cum in quamplurimis omnium temporum doctis Scriptoribus spectrorum, lamiarum, lemurum, et dæmonum horridi passim inveniantur eventus. Verum homines mendaces, fanaticos, atque perversos, qui aliorum credulitate, ignorantia, et fragilitate ad utilitatem, aut vindictam consequendam abutuntur, inter omnes Nationes semper extitisse ex iisdem scriptis solummodo concluditur.

(86) Hæc ignea Meteora, quorum naturam Physici explicant, hodie tantummodo illiteratos, ac superstitione imbutos perterreunt. Indis terrore atque metu affectis, non propriis viribus, non nunquam *Baëtatá* interitum afferret.

(86) Ex his tamen verbis, credo, facile concluditur *Anchietam* hæc Meteora esse dæmones non omnino sibi persuasisse.

Illud restat animadvertendum, mihi, dum in Brasilia degi, nihil minus in mentem venisse, quam Probi Doctique *Anchietæ* Epistolæ Annotationes de *Rebus Naturalibus* adjicere: unde multoties dubius inhæsi; sed REGINA Fidelissima jubente, jam jam rursus illuc transire paratus sum. Igitur quæ tanquam mihi incognita prætermisi; quæ inter dubia collocavi; vel siqua mendose scripsi, non post multum temporis, DEO dante, correcta in lucem prodibunt.

| Pag. | Lin. | ERRATA SIC CORRIGANTUR. | |
|---|---|---|---|
| 134 | 16 | ſpendore | ſplendore |
| 138 | 15 | *Barbarorum* | *Indigenarum* |
| 159 | 25 | per ſimiles | per-ſimiles |
| 160 | 17 | dentior | denſior |
| 164 | 2 | *S. Vincentii* | *S. Vincentius* |
| 169 | 22 | illum | illud |

Alia orthographica Lector ſapiens et hujus negotii expertus facile ſupplebit et condonabit.

# COLLECÇÃO
DE
NOTICIAS PARA A HISTORIA
E GEOGRAFIA
DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,
QUE VIVEM
NOS
DOMINIOS PORTUGUEZES,
OU LHES SÃO VISINHAS:
PUBLICADA
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO I. Num.º IIII.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1812.
*Com licença de S. ALTEZA REAL.*

# ARTIGO
## EXTRAHIDO DAS ACTAS
## DA
## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

*Determinou a Academia*; *Que o Manuscrito, que contém a* Jornada do Maranhão por Ordem de S. Magestade feita o anno de 1614, *e lhe foi apresentado pelo seu Correspondente do Número Joaquim José da Costa e Sá, e se julgou digno de publicar-se, fosse impresso á custa da Academia, e debaixo do seu Privilegio: E que se inclua na* Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios de Sua Alteza Real, ou lhes são visinhas.

João Guilherme Christiano Müller.
*Secretario da Academia.*

PRE-

curando com tudo na restricção formal das suas noticias inclinar a benevolencia dos mais severos inspectores dos preceitos da Historia, na rigorosa critica das reflexões modernas.

*Julgamos bastante esta passagem a acreditar este Opusculo; visto ser elle o mais antigo, ou para melhor dizer o unico monumento, donde he tirado tudo o que actualmente se sabe a respeito daquella Jornada de Jeronymo de Albuquerque.*

*Em quanto ao Auctor, que a escreveo: não temos duvida em affirmar, que foi Diogo de Campos Moreno, Capitão e Sargento Mór do Estado do Brazil, o qual acompanhou Jeronymo de Albuquerque naquella Conquista, não só em o seu posto de Sargento Mór do Estado, mas como seu Adjunto e Collateral; expressões, de que se serve o Governador Gaspar de Souza em a Patente, que lhe passou em Olinda aos 30 de Julho de 1614.*

*Os motivos, que nos movem a esta persuasão, são bem faceis de verificar pela leitura da mesma Obra. Mostra-se pelo contexto della, que o seu Auctor presenceou os factos, que refere tão miudamente, e que tinha huma instrucção sufficiente da Sciencia Naval e Architectura Militar; além disso conta por duas vezes, e com muita miudeza factos, em que elle se achou só dentre os Portuguezes, ou com hum unico companheiro; sendo o primeiro a entrevista que teve com* Mr. de la Ravardiere, *e que vem a pag. 78, e 79; e o segundo a outra entrevista com o mesmo Governador, e que vem a pag. 99, e seguintes: em ambas as quaes relata com tanta miudeza as palavras que disse, e lhe respondêrão, e até os risos e gestos dos Fran-*

*ce-*

cezes na sua presença, que só huma testemunha ocular era capaz de fazer aquella narração tão circunstanciada.

Outro motivo que nos induz a esta crença, he que a Historia he escrita com tal arte, que toda a gloria daquelle successo se attribue não a Jeronymo de Albuquerque, mas sim ao mesmo Diogo de Campos Moreno; sem que por isso o Auctor diga huma unica palavra em seu elogio, como era de esperar: pelo contrario elle se contentou de fazer fallar os factos, sem passar pelo desdouro de se gabar a si mesmo.

Em quanto ás razões, que fizerão com que Diogo de Campos não assignasse o seu Nome, ficarão conhecidas, quando depois de lida a sua Obra, se vir a liberdade com que he escrita, e as expressões com que se explica a respeito de alguns Individuos, principalmente do Capitão Mór da Expedição Jeronymo de Albuquerque; do qual a pezar de tudo elle sempre se ficou dando por amigo, como diz expressamente a pag. 48.

Finalmente deve-se notar, que este Diogo de Campos foi quem trouxe a Lisboa o Ajuste de Suspensão de Armas, entre os dous Commandantes Francez e Portuguez; e que com a sua sahida do Maranhão para Portugal se dá fim áquella Historia, que acompanha seu Auctor até o apresentar diante do Arcebispo Vice-Rei de Portugal em 5 de Março de 1615., Epoca em que pouco mais ou menos este Opusculo teria sido escrito; não sendo assim para admirar, que o Conde da Ericeira viesse a ficar de posse delle.

O Manuscrito foi communicado á Academia pelo seu Correspondente Joaquim José da Costa e Sá, pessoa tão conhecida pelos seus muitos Trabalhos Philologicos

*cos. A sua arrebatada morte privou a Academia, de que elle acabasse huma erudita Prefação a este Livro: o qual elle se propunha dedicar ao PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor, Magnanimo e Augusto Protector de todas as Empresas Academicas.*

ME-

# MEMORIAS
## PARA A HISTORIA
## DA CAPITANIA DO MARANHÃO.

*Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita o anno de 1614.*

DEPOIS que os Portuguezes intentárão a Conquista do Maranhão, segundo o refere João de Barros em suas Decadas, e nella se perdêrão muitos homens, e muitos navios, sempre esta empreza ficou espantosa, para os que quizerão olhar para ella, e tão desacreditada pela mesma razão diante de seu dono, que poucas vezes se achou conveniente só o fallar nisso: mas Deos que das coisas em bem nosso tem differente cuidado, ordenou, que o anno de 603 hum Pero Coelho de Sousa, homem nobre, morador na Praiva do Estado do Brazil, no tempo que governou Diogo Botelho, quizesse intentar por terra o que já em outra occasião por mar tinha sabido desta Conquista: da qual se dizião tantas grandezas, que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes, e tudo o mais, que d'alli se promettia. Não faltavão homens, que acompanhando esta tenção se offerecêrão á Jornada á sua custa, não pedindo mais, que licença, a qual em fim se lhes deu o dito anno, e no mez de Maio. Por ordem do dito Governador, foi fazer esta expedição Diogo de Campos Moreno, Capitão e Sargento Mór daquelle Estado, por obrigação do cargo; e porque juntamente foi visitar aquellas fortalezas; de modo que partio o dito Pero Coelho com oitenta homens brancos, e quasi oito centos Indios de guerra, e com outros homens práticos na

lingoa da terra, e levou Provisões de Capitão Mór da dita Conquista, em virtude das quaes fez Capitães de Infantaria, e levou dois Caravelões, e hum grande Piloto da Costa Francez chamado *Otuimiri*, sem o qual não fizera nada. Nas demais coisas do provimento, não foi largo como convinha, porque as forças erão poucas, e assim marchou até o Jaguaribe, donde no Siará ajuntou a si todos aquelles Indios moradores: com os quaes por necessidade da comida, e por passar avante foi até a grande serra de Buapava, e teve grandes recontros com os Tabajares de Mel Redondo, e deu-lhe Deos grandes victorias, e taes successos, que realmente se fôra sua tenção o Maranhão sómente, muitos assegurão, que chegára a ver suas terras. Porém o homem obrigado de cartas de seus mandadores, e do máo provimento, e soccorro, que lhe derão, pois nunca foi tal que passasse de promessas, se tornou a Jaguaribe com desenho de fazer alli nova Povoação, e Colonia. Para a qual trouxe desde a Praiva sua mulher, e filhos, e deu nome á terra a *nova Lusitania*, e ao Lugar a *nova Lisboa*. Mas como todas estas obras erão sem ordem, nem braço de Rei, e o Governador tratava de que lhe mandasse parte dos Indios, como por cartas, e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de captivos era gente devida ás primicias de seu governo, entendendo disto os homens, que a Jornada se havia feito sómente para captivar, e vender Indios, derão-se tão boa manha que em breves dias vendêrão até aquelles, que fielmente os havião ajudado, e acompanhado na guerra.

Neste tempo succedeu, que os Hollandezes accommettêrão a Bahia de Todos os Santos, sendo seu General Paulo Wancarden, a qual se defendeu desta armada honradamente, não tendo fortificação, nem artilheria equivalente a semelhantes forças, e assim para avisar a S. Magestade deste caso, como da necessidade, que aquelle povo tinha de fortificação, e Paranambuco de hum forte na sua barra, e de artilheria de alcance, e de munições de guerra,

ra, e armas, e assim para que avisasse ao dito Senhor das coisas da Conquista da Costa de Leste Oeste, e das muitas razões, que havia para se acodir áquella costa, da qual sabidamente se servião, e apoderavão os inimigos: foi mandado o dito Diogo de Campos a Hespanha a tratar estas coisas. O que fez partindo no fim do anno de 604, e no de 605, e 606. alcançou ordem para as fortificações do dito Estado, e outras coisas de importancia; porém nunca pôde alcançar, que lhe deferissem ás propostas do Maranhão: porque houve alguma opinião, que a Jornada era mais conveniente aos particulares, que desordenadamente se havião havido nella, que não ao commum do serviço de Deos, e de S. Magestade, e que o Governador mais tratava della por se estar em Paranambuco, que para soccorrer a Pero Coelho, nem mandar tratar do que convinha. E estes juizos, que podião ser temerarios, todavia se fomentavão com novas, que cada dia se escrevião destas desordens, que chegárão a estado a Pero Coelho de Sousa, que desamparado dos seus, e quasi mais vendido, do que o fôrão os que elle vendeu, se veio deixando tudo miseramente a pé com sua mulher, e filhos pequenos, parte dos quaes perecêrão de fome fazendo tão lastimoso este seu passajem como o de Manoel de Sousa na terra dos Cafres. E assim se acabou a boa tenção desta empreza bem começada em nome de S. Magestade, e sem custa alguma de sua Real Fazenda, ainda que todos os particulares ficárão perdidos, e foi necessario, que o dito Senhor mandasse acodir á desordem dos captivos, tirando-os a quem os tinha, e tornando-os a mandar restituir a suas terras vestidos, e contentes.

Acabado este successo pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta empreza era sua delles, e de sua opinião, e doctrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e amparar os Indios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na materia pedírão licença para dois Padres, e quarenta Indios irem até a grande serra da Buapava, e della ao Maranhão, ou ao menos ás par-

partes a elle mais visinhas. Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porém Deos foi servido de outra cousa, e succedeu, que havendo os Reverendos Padres chegado já a Buapava deixando de novo quietos, e mui amigos os do Siará. Passando avante fôrão no caminho salteados dos Tapuias da serra, salvajes, que a todos fazem o mesmo, andando como feras sempre no campo, foi morto o P. Pinto nesta envolta, homem de grande bondade, e exemplo na vida, que alli perdeu por Deos, e está hoje o seu corpo venerado no Siará dos mesmos Indios, que dizem, que depois que o tem comsigo, que sempre lhes chove agoa do Ceo, e lhes vai bem. O outro P. Figueira escapou por entre o mato com alguns dos Indios, que o encaminhárão, e quando se vio no Siará não fez pouco, nem alli estivera muito seguro; mas neste tempo vindo outra vez o dito Sargento Mór do Estado visitar a fortaleza do Rio Grande, e achando noticia do aperto, em que o dito P. estava, e vendo que o P. Pedro São Peros queria ir ao buscar, deu a sua embarcação, e Soldados, que fôrão ao trazer dalli cem legoas, donde estava enfermo, e consumido, e tal fim houve esta segunda empreza do Maranhão.

Já neste tempo governava o Estado do Brazil Dom Diogo de Menezes, cujo zelo, e christandade parecia assegurar as maiores emprezas delle, tendo entre outras muitas coisas de substancia alcançado, praticado, e quasi assentado a fórma mais facil, mais breve, e menos custosa de aquella Conquista desdenhada, e quasi de todos já avorrecida, e dando com sua costumada prudencia, e verdade conta da importancia da Costa de Leste Oeste, e de seus pórtos até o Maranhão, e mostrando, que não só estava em perigo de Cossarios se valerem della, mas de outros tyrannos, que possuindo-a podião intentar grandes coisas contra o Perú, e todo novo mundo da America, ao melhor do qual ficavão de balravento, juntando a isto a Relação de certos Francezes, que em hum

pata-

pataxo se tomárão na boca da Baîa ; os quaes descubrírão muito do que sabião: finalmente deferindo S. Magestade aos avisos do dito Governador , lhe mandou , que com particular cuidado , e diligencia se tornasse a informar das coisas daquella Conquista , e do modo melhor em que podião fazer-se.

Em virtude desta Carta de S. Magestade , logo o Governador o anno de 611 mandou ao Sargento Mór Diogo de Campos ao Rio Grande, para que como parte mais proxima ao Jaguaribe de novo se informasse do que convinha ao comprimento da ordem do dito Senhor.

Tinha o dito Diogo de Campos hum parente seu, o qual de mui pequeno havia mandado com Pero Coelho de Sousa , para que servindo naquella entrada aprendesse a lingoa dos Indios, e seus costumes, dando-se com elles, e fazendo-se seu mui familiar, e parente, ou compadre como elles dizem. Succedeu isto tanto á medida do desejo, que havendo-se Pero Coelho de Sousa retirado em descredito dos Indios, e os Padres da Companhia com pouca dita , só o moço chamado Martim Soares Moreno sustentou o credito , e amizade destas gentes do Jaguaribe. Pela qual opinião o dito Governador D. Diogo de Menezes o fez Tenente da fortaleza do Rio Grande, donde o achou servindo Lourenço Pexoto Sirne , quando foi a ser Capitão de aquella Capitania , fazendo que em seu tempo o dito Martim Soares fosse como foi tres vezes ao Jaguaribe , cada vez confirmando mais a paz , e amizade com Jacauna , Principal de aquellas gentes , o qual lhe chamava filho ; de que succedeu , que chegando o dito Sargento Maior ao Rio Grande , fez huma mui conveniente , e nova Relação das coisas de aquella Conquista , de modo assim guizada narração de seus fundamentos , que foi assignada por todos os Capitães de aquellas Capitanias do Norte até do de Paranambuco , assegurando ser convenientissimo fazer-se a Conquista , e irem-se assegurando , e povoando primeiro alguns pórtos de aquella Costa com pequenos presidios.

Com estes pareceres se resolveu o dito Governador ,

não

não só de avizar a S. Magestade, como fez comprimento da ordem que tinha: mas de dar como deu principio á Obra o dito anno; e assim despachou ao dito Martim Soares fazendo-o Capitão de Siará, e dando-lhe sós dois Soldados, a fim que os Indios o não tivessem por hospede pezado, e vissem como não hia a lhes fazer guerra; mas antes a se fiar de suas amizades, e forças: e que assim tratasse de fazer fortaleza, e Igreja para se baptizarem, e doctrinarem os ditos Indios. Para o que lhe deu Capellão, ornamentos, e hum sino, e outras coisas necessarias com que se partiu, e chegou a salvamento ao Siará. Donde fundou Igreja a nossa Senhora do Amparo, e fez hum forte capaz de duzentos homens Soldados, e moradores, e nelle com amizade, e fé de Jacauna. O qual fez vir a alojar-se meia legoa do forte com a sua Aldêa. Succedendo para confirmação deste bom principio, que tomou o dito Martim Soares hum navio Hollandez com ajuda dos Indios, indo elle nú entre elles, e tingido de Gimpapo, que faz a carne como negro de Guiné; matando em terra, e no dito navio 42 homens ficando senhores da nau, e do que tinha em si de mantimentos, armas, e artilheria, e munições, e com este successo augmentando-se o credito da dita Povoação, fizerão fugir do porto de Mucuripe outra nau, matando-lhe alguns homens do batel, o que foi causa de que a 15, ou 16 legoas daqui fosse dar á costa: onde dizem, que se perdeu álém da gente, muito marfim, e ouro da Costa da Mina, que com doença não havia quem mareasse as velas: tudo isto aconteceu já no cabo do governo do dito D. Diogo, e estando elle na Bahia de Todos os Santos, confiado que de Paranambuco se teria cuidado do que á Nova Colonia importasse. Mas succedeu, que se descuidárão tanto do dito Martim Soares, que quasi se viu desacreditado, e perdido com os Indios, que soberbos das prezas alcançadas, e não vendo, que se fazia conta de aquelles brancos, e não faltando hum máo Christão, que de secreto avisava aos barbaros, que os matassem, que sem ordem se havião

ido

ido alli para os captivarem. Estiverão mui em risco de perder as vidas, e o bom principio, que com justa quietação se havia dado: e succedêra damno, se o dito Martim Soares já mui pratico na lingoa, e modos de proceder dos Indios não se valêra de sua industria, até que lhe chegou soccorro.

Neste tempo sendo S. Magestade já informado das coisas do Maranhão, e da importancia dellas, e do modo em que o Governador D. Diogo de Menezes lhe tinha dado principio, e havendo creado novo Governador do dito Estado a Gaspar de Sousa, Fidalgo de tantas partes, e tão grande Soldado, que para elle parece que guardava o Ceo este encantamento, e que delle se podião esperar todos os bons successos: mandou, que conformando-se com o que mais conveniente lhe parecesse para a dita Conquista, assistisse sua pessoa em Paranambuco, e tratasse de eleger pessoas em cargos, quaes para a tal Jornada bem lhe parecesse. Porque de tal sorte lha encarregava, que para a fazer lhe dava todo o poder necessario em assistencia de dinheiro, como em effeito lhe deu, e parou todas as prevenções, e cartas necessarias, como se verá adiante, e assim tanto, que o dito Gaspar de Sousa entregou a Paranambuco, não só tratou de soccorrer como fez a Martim Soares em hum momento; mas para a Conquista elegeu logo Capitão, nomeando no dito cargo a Jeronymo d'Albuquerque por ser experimentado nas coisas do Sertão e dos Indios, como por ser grande Truxamante, ou lingoa entre elles, e com nome de seu bem-feitor, e parente ser mui acceito, e conhecido em toda aquella Costa. Nas quaes qualidades parece que consistiu o maior pezo da expedição, que sem Indios era impossivel fazer-se, antes o número delles quanto maior fosse, mais parece, que assegurava a Jornada, e assim se tinha o dito Governador persuadido nesta consideração, que com só este homem abalar-se, se abalaria todo o Gentio de todas as partes, sem despeza da fazenda de S. Magestade, sem algum trabalho. Com tudo não quiz o Albuquerque partir-se

sem

sem muitos homens brancos, e tanto resgate, quanto pôde tirar da fazenda de S. Magestade, dizendo que além da sua fama e das dadivas se havião de abalar todos os Indios de Jaguaribe de Buapava, e os Tapuias do Parameri, chamados *Teremembés*: e em effeito vindo a contentar-se com o que lhe derão, que não foi pouco, se partiu, e chegou ao Siará o anno de 613 donde levou comsigo ao Capitão Martim Soares, que com facilidade se lhe offereceu para reconhecer tudo o que faltava da Costa até o Maranhão, e que entraria no mesmo rio, e com toda a brevidade possivel tornaria a dar aviso se podesse, e que entre tanto seria bem povoar-se o Camurí, que era hum rio naquellas partes de muito nome, e muito proximo á grande Serra de Buapava, e dos Teremembés, com os quaes era mui necessario assentar pazes.

Partido Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camurí, e não achando cómmodo para povoar por ser toda a terra misera, secca, e sem agoa para beber, se tornou atraz coisa de oito legoas á Bahia das Tartarugas chamada *Peruquaquará*, e alli assentou huma povoação; na qual fundou hum Altar a nossa Senhora do Rosario, e tratou com os Indios da Buapava, que o seu Principal chamado o *Diabo Grande* o viesse vêr, e ouvir sua falla; mas o Indio dando suas escusas, mandou hum filho seu, offerecendo ao diante, quando elle tornasse, fazer o que lhe mandassem em nome de S. Magestade, de quem era amigo, e dos brancos: com isto se acabárão os tratos, e obras de aquelle anno, e da despeza nelle feita, que realmente, como dizia o mesmo Governador, já parece que pedia maior satisfação de obras; mas faltando Martim Soares, de que não havia mais novas, que as que havia mandado do Pará, dizendo, que tratára amizades com os Teremembes, e que passava ao Maranhão: e vendo que o Diabo Grande havia refusado vir a seu chamado, e que os mantimentos faltavão, e a gente padecia falta de todas as coisas, determinou de deixar nas Tartarugas 40 Soldados com hum seu sobrinho, e partir-

se

se por terra ao Siará com o resto da gente, mandando os barcos, que costeando a costa como melhor podessem, se tornarem a Paranambuco, para donde elle tambem logo caminhava, não lhe parecendo necessario para nenhuma cousa destas ordem do Governador; e assim foi este o fim da primeira Jornada de Jeronymo de Albuquerque o anno de 612, chegando a Paranambuco a salvamento.

Neste tempo mandou Sua Magestade ao Sargento-Mór daquelle Estado Diogo de Campos, que logo se embarcasse em Lisboa, donde com licença do dito Senhor havia ido a levar sua casa, e que se fosse a servir na Jornada do Maranhão; porque quando de lá viesse lhe mandaria fazer as mercês, e honras, que por aquelle, e os demais seus serviços merecesse. A isto replicou por tres vezes com instancia o dito Sargento Mór, escusando-se de tornar ao Brazil, donde estava já despedido com licença do dito Senhor: mas estando nestas duvidas, succedeu, que chegou aviso á Côrte como os Hollandezes armavão para o Brazil. Pelo que o Secretario Fernão de Matos em Junho de 613, da parte de S. Magestade, mandou ao dito Diogo de Campos, que logo se partisse a Lisboa, donde acharia huma armada até 400 homens, a qual se fiava só da diligencia, e partes de sua pessoa, com a qual, e com Ministros de guerra, e artilharia se havia de partir a soccorrer o Governador Gaspar de Sousa. Chegou a Lisboa o dito Sargento Mór em sete dias, donde achou trinta soldados assentados no armazem. Com tudo sustentou esta opinião como pôde, avisando ao Governador: do qual teve resposta, que a gente que se fazia era mui necessaria, porque quando para a Jornada do mar para o effeito não servisse, seria para a Jornada do Maranhão, donde ninguem se deliberaria ir por sua vontade. Com esta carta se tornou a aquentar a leva da gente. Porém chegou logo outro aviso do mesmo Governador, que a gente não convinha, porque se não achava em tempo aquelle Estado para os pagar, e que só tomaria artilharia, e armas, de que havia grande falta para

o novo forte do Recife, e para os moradores. Com esta carta o Sargento Mór do Estado tratou de se partir com as náos da India, e assim alcançando duas colebrinas para o Forte da Lagem do Recife de Paranambuco, e algumas armas, e munições, e cousas para a Jornada do Maranhão, se partio em huma urca em 8 de Abril de 1614 com até 50 soldados para guarda de tudo sem levar outra cousa; porque conforme aos avisos do Governador, se entendia não haver mister nada.

A 26 de Maio do dito anno chegou o Sargento Mór do Estado ao Recife, donde no tocante á Jornada do Maranhão, achou hum caravelão da Costa apercebido de 300 alqueires de farinha sómente para levar soccorro aos das Tartarugas, que havia tres mezes, que comião hervas do campo, padecendo notavel necessidade de todas as cousas: e achou que os ditos soldados havião sido accommettidos de Tapuias barbaros daquellas Comarcas, que em numero de até 300 vierão huma madrugada a dar na cerca, donde os Portuguezes se defendêrão honradamente, tratando-os de sorte, que os fizerão affastar, e depois os obrigárão a ser amigos. Com este soccorro estava o caravelão, e á falta de gente não partia. Porque ainda que Jeronymo de Albuquerque que estava nomeado, e se passeava na Villa, estavão tão frias as suas prevenções, que foi necessario mandar o Governador hum Substituto com o soccorro, até que a armada fosse, e assim foi Manoel de Sousa de Eça, natural das Ilhas naquella Provincia, e Provedor dos defuntos, e ausentes em Paranambuco. Finalmente para o caravelão partir se tomárão quatorze soldados, dos que trouxe o Sargento Mór, e dezeséis Castelhanos arribados alli das Filippinas. Com este apresto aos 28 de Maio partio o dito soccorro, levando por culpa dos officiaes menores tão pouca polvora, que não chegou a dois arrateis. Chegárão a salvamento ás Tartarugas a tempo, que logo a 12 de Junho chegou áquelle porto huma náo de 400 toneladas com 300 Francezes, de que se dirá adiante, os quaes hião de

soc-

soccorro ao Maranhão. Mas parecendo-lhes conveniente desfazer aquelle presidio, lançarão em terra até 100 homens, com os quaes os Portuguezes vindo as mãos fóra da sua cerca os escozerão de feição, que com hum morto, e sete feridos, os Francezes se retirárão á sua náo, e se fôrão seguindo sua viagem, ficando dos do Forte morto hum, e feridos quatro. A causa desta gente se embarcar sem fazerem mais força aos da cerca; foi porque não trazião mais ordem, que para seguir sua viagem. Com tudo quizerão provar a mão para chegar honrados; mas como vírão mais resistencia, do que lhes havião dito, logo desistírão seguindo seu caminho. De tudo isto teve o Governador geral aviso, e de que em Siará tambem a mesma náo lançára gente em terra, a qual levava Frades, e houve cartas suas delles em lâfim, a que se não deo credito. Isto se soube por avisos dos presidios, os quaes ainda que distantes 200 legoas já se aventuravão os soldados por terra a levar cartas a Paranambuco em menos de hum mez. E assim este ultimo aviso, de que se trata, levárão Jorge Corrêa, e Jorge da Gama, soldados do Siará, que chegárão a Paranambuco em 15 de Junho, e Manoel de Sousa d'Eça, chegou com o soccorro ás Tartarugas a 9 do dito mez, segundo depois se soube.

O Governador Gaspar de Sousa com o empenho desta gente, a qual com os de Siará chegava a 90 soldados de paga, parecia-lhe não dilatar o resto, por não fazer vans as despezas de cada dia, e os soccorros, que andavão, e devião de andar na carreira: pelo que desejava a sahida de Jeronymo de Albuquerque; e d'outra parte como as cousas do Maranhão, e da sua Costa andavão tão escuras, e não havia pessoa alguma, que daquellas partes désse a conveniente noticia, tendo-se Martim Soares por perdido por faltar recado seu, já quasi passando hum anno, determinou com tudo de não estar parado, antes lhe pareceu como prudente, que aquella Costa, ou por terra, ou por mar se acabasse de reconhecer até o mais proximo ao Maranhão, que se podesse, fazendo-se

no Pará, ou no Ototoy huma grande povoação, a qual fosse abrigo da Jornada, e de todas as outras; assentando-se em parte, que houvesse terras para cultivar, por vêr se poderia forrar-se á custa, e trabalhos dos mantimentos, que com tanta difficuldade se achavão, quando convinha: pelas quaes razões, e por huma natural confiança, que tinha em dar bom fim á empresa, mandou a Jeronymo de Albuquerque, logo se partisse a abalar os Indios, para que conforme a quantidade delles se aprestasse o necessario: mandou juntamente, que ao dito se lhe passassem novas Provisões, e Regimento, e ao Sargento Mór do Estado do Brazil Diogo de Campos, nomeou por Collega, e collateral do dito Jeronymo de Albuquerque á igual voto nas cousas, para que nem se escusasse da ida donde S. Magestade o mandava por estar nomeado o outro, nem já que fosse, houvesse differenças nas resoluções das ordens, que como havião de ser por votos, sempre a publicação dellas de necessidade havia de ser em nome do Capitão da Conquista, que a ninguem se ficava subordinado mais, que ao Governador, e ao Sargento Mór do Estado por seu cargo: tão pouco de outra pessoa naquellas partes, que do Governador Geral podia tomar a ordem. Assim que foi mui conveniente a traça para S. Magestade ficar melhor servido, como depois se mostrou nos effeitos.

Tendo isto assentado, mandou que se embarcassem 2200 alqueires de farinha da terra em cinco barcos, ou caravelões da costa com ferramentas, e coisas necessarias, parecendo-lhe, que para o que se havia de fazer, que bastava este apresto; porque cada dia esperava ir provendo como necessario fosse, de modo que Jeronymo de Albuquerque partio para as fronteiras dos Indios da Prajuá a 22 de Junho: e Diogo de Campos começou de entender com as embarcações, e assentos dos soldados, advertindo do que mais conveniente lhe parecia para o tempo, e necessidades da Jornada, a qual com menos de seis mil alqueires de farinha não era justo intentar-se pe-

la

la falta de Pilotos, que havia para levar soccorros, dos quaes não se podia ter confiança, até que dos mesmos navios tornassem alguns a balravento, coisa que até aquelle tempo se tinha por infinita. Fundava-se, que a junta havia de ser de mais de mil almas, entre os quaes o mesmo Governador fazia conta de 300 homens de mar, e guerra, e de 500 frecheiros Indios, fóra suas mulheres, e creaturas, e os do Pará, e Buapava, que o de Albuquerque assegurava, que se abalarião com elle para a Jornada. E tudo isto mal podia em cinco caravelões fazer-se, e com a dita farinha, que não chegava a 3ↄ alqueires, sem outro provimento de comida, vinho, e azeite, nem carne, nem mesinhas, nem Fysico, nem Barbeiro, nem coisa alguma das que S. Magestade manda se dem a huma náo, que parte do porto, quanto mais a huma Conquista tão perigosa nestas coisas. Ainda que o dito Sargento Mór se mostrava sollicito, não era mui agradavel ao pouco que se podia a respeito do dinheiro, que faltava, e da gente, que não havia, e dos avisos do Albuquerque tão varios, que se não podia sobre elles fundar mais que dúvidas. O Governador com sua prudencia a tudo satisfazia, mandando Ministros por todas as partes, ajuntar farinha, pedindo dinheiro emprestado para a leva da gente: tomando mais embarcações, mas de tal modo, que nem custosas, nem defendidas fossem de seus donos, e estas taes como erão navios mancos, pequenos, e velhos não authorizavão, nem asseguravão a Jornada, antes no meio destas prevenções todos entendião de fóra, que a Jornada se deixasse. O Governador tudo isto fazia com o olho em Jeronymo de Albuquerque, que humas vezes avisava, que havia de marchar por terra, e logo tornava, que não podia ser, senão por mar, e isto assim como com elle o praticavão os Indios, que huns querião, e outros não querião embarcar-se. Os Padres da Companhia dizião, que por terra era impossivel fazer-se coisa boa por a larga distancia até o Siará, e caminho sem gota de agoa, nem folha verde em muitas partes, de modo que quando

mais

mais as coisas se mostravão tibias, e que como digo nem o mesmo Governador parecia fiar-se nellas, então largando a casa de Paranambuco se veio ao Recife, desejando de huma, ou de outra sorte lançar fóra o que junto tinha, promettendo ser mui contínuo, e prompto cada mez em mandar os soccorros necessarios. Alexandre de Moura, e quasi todos os homens praticos daquelle Governo tinhão com tudo o negocio por duvidoso, e não se contentavão dos fundamentos, nem da noticia, nem do cabedal daquella coisa; a qual estando assim chegou aviso de Portugal do Capitão Martim Soares Moreno ser vivo, e estar em seus trabalhos arribado por Indias, e que havia visto o Maranhão, e suas terras, e a grandeza, e bondade dellas, e que achava, que tinha muitos Francezes, e fortalezas, e infinitos Indios á sua devação; pelo que julgava serem necessarias para aquella Conquista grandes forças, e excessivos gastos, e que para mais assim se informar do que passava naquellas partes mandava o Piloto Sebastião Martins, e alguns soldados dos que com elle se achárão, dos quaes se poderia tomar mais larga informação, até que S. Magestade mandasse o que fosse servido. Esta gente, e aviso chegou a 24 de Julho a tempo, que o Almoxarife da Jornada tinha já recolhido assim todo o pagamento dos presidios de Siará, e Tartarugas, em fato, e alguma polvora, e munições de guerra, e sempre se recolhia, e embarcava a mais farinha, que se podia sem se tratar de outro algum mantimento. Tambem estes dias á persuação do dito Governador se acabárão de resolver os Reverendos P. Capuchos de darem para a Jornada os dous, que tinhão offerecido, os quaes fórão nomeados, e tocou a sorte ao P. Fr. Cosme de S. Damião, que havia sido Guardião da Prajuá; e assim ao P. F. Manoel da Piedade, natural daquella Provincia do Brazil, homem nobre, Theologo, e grande lingoa dos Indios. A estes Reverendos PP. se não deu coisa alguma da fazenda de S. Magestade, antes elles de esmolas se aviárão de calices, ornamentos, e tudo o demais ao culto divino necessario,

e

e de comida, com que fizerão infinitas caridades a todos os da Jornada, a que pozerão nome a *milagrosa*. Quiz o Ceo mostrar, que na maior pobreza dava o mór provimento, e na menor noticia o maior conhecimento. E assim que tambem havia de dar como deu no tempo da mór fraqueza o maior esforço. Isto só pela virtude destes dois Sacerdotes, sua vida, seu exemplo, e seu bom zelo. Tambem neste tempo se offerecêrão alguns particulares para a dita Jornada, como foi o Engenheiro do Estado Francisco de Frias, que com grande louvor tinha acabado a fortaleza da Lajem do Recife, e assim o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que acceitou á sua custa servir huma companhia, e foi exemplo aos demais Capitães, que tambem se contentárão com a paga ordinaria de soldados, até S. Magestade mandar ordenar se lhes désse soldo conforme a causa, e elles o merecessem, e assim se formárão quatro companhias de 60 soldados cada huma, afora os particulares Aventureiros, que em huma esquadra á parte acompanhavão ao Capitão Mór, quando convinha.

Com as novas de Martim Soares, e com a vinda de Sebastião Martins se acabou de deliberar o Governador a fazer mais alguma despeza, e mandar ganhar a barra primeira do Maranhão chamada Perejá; porque o dito Piloto se obrigava a metter nella os navios em parte segura com agoa, e terras boas para cultivar. Supposto que o homem huma só vez havia entrado naquelle porto, sendo já passado hum anno; mas a sua segurança, e o desejo do Governador que tinha de lançar fóra esta armadilha, fazião ganhado o Perejá, e a todos mui contentes se se visem nelle: e assim mandou fazer assento, de que se fortificassem nesta barra, e déssem logo aviso a S. Magestade, e a elle Governador do que convinha a seu Real serviço.

Já as ordens chegavão a este termo, e a cadeia, e os fortes estavão chéios de presos para embarcar, e os voluntarios abicados ás embarcações pedião que comer; mas

a comida, e coisas mais necessarias não se achavão: pelo que o Sargento Mór do Estado não cessava de fazer lembranças, advertindo, que Manoel Mascarenhas Homem, e Feliciano Coelho de Carvalho, quando fôrão a conquistar, e povoar o Rio Grande sessenta legoas de Paranambuco, que o Governador D. Francisco de Sousa, antes de tratar na expedição, fizera o provimento da Jornada com 12 cruzados em dinheiro da náo da India, que foi ter á Bahia de Todos os Santos, e deu todos os direitos dos escravos de Angola, e pôz hum Cruzado de tributo sobre cada caixa de assucar, que se carregava naquelle porto, e mandou, que se tomasse todo o dinheiro que estava recolhido dos defuntos, e absentes, afora os sobejos dos dizimos, e afora o que gastárão muitos particulares por servir a S. Magestade, em que houve homem, que só de sua fazenda gastou dez mil Cruzados naquella Jornada: e que além disto Alexandre de Moura estava naquelle tempo no Recife assistindo a mandar ao dito Rio Grande todos os navios de provimento, vinhos, azeites, comidas, assim como chegavão do Reino; e que S. Magestade tambem mandou em duas grandes urcas, pela grande diligencia, e zelo do Conde Meirinho Mór, que governava a Fazenda do dito Senhor em Portugal; hove peças de alcance de bronze, e muitas de ferro coado, com tantas munições, armas, e comida, que hoje parece coisa incrivel. Tambem veio ordem ao dito Manoel Mascarenhas para nomear, e dar cargos, e ordenados, quaes lhe bem parecesse, como em effeito deu. E com tudo isto dizem, que a Jornada esteve tão arriscada a se alargar da mão, que tiverão feito assento disso, se Feliciano Coelho de Carvalho não chegára com o soccorro da gente da Prajua; sendo que os Indios erão em mui differente número, que os do Maranhão; e os Francezes, que com elles andavão, não chegavão a 60 homens sem cheiro de nobreza, nem ordem de Rei: o que tudo he tão differente na Jornada, que se trata; que só de Paranambuco a Perejá ha 300 legoas, sem remedio, nem de tornarem tão

cedo

cedo os navios, que lá forem; e que he coisa mui assegurada serem as forças dos Francezes mui grandes; pois só huma náo, de que havia noticia, além da que avisava Martim Soares, era de 400 toneladas, e levava 300 homens, muitos Frades, e povoadores, o que tudo assegurava haver daquella banda alguma grande Colonia, contra a qual achava serem necessarias mui differentes forças das que ao presente sua Senhoria tinha, nem ajuntar podia sem outros particulares favores, e ordem de S. Magestade, de quem era necessario aguardar-se aviso; pois o que estava apparelhado só servia para engrossar as Colonias da Costa, e lançar as balisas mais avante, o que a boamente faria se podesse, sem aventurar o todo da Jornada, a qual se esta vez se desacreditava, ou perdia, que para sempre o encantamento do Maranhão ficava mais cerrado, e mais espantoso aos olhos de todos pelas perdas já apontadas.

Bem via o Governador, que isto era fallar a proposito, ainda que não mostrava agradar-se de difficuldades, e mais quando as achava geralmente naquelles, que aconselhar o podião na materia; e para mais ajuda, chegou estando nestas duvidas huma carta de S. Magestade, em que mandava, que sobre toda outra coisa se lhe carregasse o páo brazil ás despezas do dinheiro dos dizimos, e que não houvesse nada, que isto estorvasse, sobpena de se haver pela fazenda, e bens de quem causasse o contrario. Aqui acabou o Governador de se desgostar da Jornada, e sem dúvida a deixára, senão estivera tanto cabedal mettido. Com tudo tomando novo parecer, mandou fazer outro assento, que visto ter feito despeza de mais de 16$ Cruzados, e estar quasi prestes tudo o que a terra podia a boamente dar de si, e Jeronymo de Albuquerque ser já parado ao Rio Grande com 300 Indios frecheiros conforme avisava em 29 de Julho dito, com muita gente branca com todos os quaes fazia, e tinha feito despeza de dinheiro, armas, e mantimentos, e que parte dos Indios já marchavão por terra, sem embargo do que dizião os

Padres da Companhia, mandou, que logo se partissem dous caravelões da Costa dos cinco, que estavão destinados com 1200 alqueires de farinha, os quaes com a gente, que levar podessem, se fosse logo ao Rio Grande para assistir a Jeronymo de Albuquerque; o qual entendia, que sem dúvida marcharia por terra neste modo de empenhar as coisas. Fundava o Governador hum grande atalho ao que se lhe presentava de difficuldades, esperando que Deos o desempenhasse, pois a Jornada era tanto de seu serviço, e com tudo não parava de aviar ao Sargento Mór, que sempre apertava por farinha para seis mezes pelo menos, pois dos soccorros não havia que ter confiança, como fica dito, nem nas partes donde chegassem, se havia de presumir, que havião de achar mais favor, que o que comsigo levassem; e o que o rigor da guerra lhes permitisse. Em fim o Governador havendo chegado do Rio de Janeiro navios com farinha, e outros com peixe; mandou tomar até seis mil alqueires de farinha com a que estava embarcada, e 100 arrobas de peixe, e 20 canastras de sardinhas, e 20 quintaes de polvora: tres peças de artilheria de ferro coado, duas de 13 quintaes, huma de 13, com 200 balas de ferro coado, arcabuzes, e mosquetes, chumbo, e murrão; e tudo o que mais pode do armazem, com que logo mandou ao Sargento Mór do Estado, que se partisse pondo no Regimento da Jornada huma postilla, que a Jornada fosse ao Pará, ou Ototoy, ou ao Perejá, donde melhor podessem sem aventurar nada, antes que chegando ao Perejá se fortificassem, e avisassem S. Magestade ao Reino, e a elle Governador, por todas as vias; levando sempre a mira a fazerem a Conquista do Maranhão sem se perder ponto, nem occasião, quando se offerecesse por ser este o ultimo fim de tanta despeza. Com isto, e com outro aviso do de Albuquerque, que tinha 320 frecheiros com suas familias; além dos que por terra marchavão com o Camarão Indio seu Principal delles, e homem de que fazião muita conta. Com tudo, que convinha serem as embarca-

cações muitas, e mui capazes para embarcar-se estes, que com elle estavão com suas familias, e assim virem muitos mantimentos, e ferramentas, que era a sua oração, sem tratar de outra coisa. O Governador vendo esta ultima petição, mandou se tomasse mais huma caravela, e hum pataxo francez, tambem navios mancos, e não mui capazes; donde se pozerão dois falconetes de bronze, que estavão em dois dos caravelões da farinha. Com isto feito em 21 de Agosto estando todos embarcados, mandou o Governador descer a armada para baixo; a saber, dois navios redondos, huma caravela, e cinco caravelões com até 100 homens de mar, e guerra, que com os que esperavão nos presidios fazião número de até 300 Portuguezes; e esta foi a armada milagrosa, com que sahio o Sargento Mór do Estado, Diogo de Campos Moreno á Conquista do Maranhão aos 23 de Agosto de 1614, Sabbado ás 7 horas da manhã, a se ajuntar no Rio Grande com Jeronymo de Albuquerque seu Collega, Capitão da dita Conquista.

Este dia veio a armada a surgir no porto dos Francezes, defronte do rio Aviyajá, na Capitania de Itamaracá.

Deste porto em 24 do dito partio a armada com bom vento terral, e correndo a Costa veio a surgir á bahia da Treição no cabo da Capitania da Prajuá, e na derrota encontrárão este dia o caravelão, que vinha das Tartarugas de levar a Manoel de Sousa, e o já dito soccorro, o qual como parece tinha na viagem posto desde 8 de Junho até 24 de Agosto, em que se mostra a difficuldade com que daquellas partes se torna para balravento.

Em 25 do dito com bom tempo terral partio a armada na volta do Porto dos Buzios, e na derrota se tomou o sol em seis gráos, e se despedio o caravelão do Almoxarife para que fosse, como foi, a dar aviso no Rio Grande da vinda da armada; a qual este dia por chegar ainda com sol ao Porto dos Buzios, passou a surgir na Ponta negra, que dista 82 legoas ao Sul da fortaleza.

Ao outro dia, que fôrão 26 de Agosto, veio por ter-

ra o Capitão Mór Jeronymo de Albuquerque a vêr-se com o Sargento Mór do Estado, e assentárão, que na maré da tarde a caravela, e todos os caravelões fossem a entrar no Rio Grande para alli se estibarem os navios, e se embarcarem todos; o que se pôz em execução, indo nelles o dito Sargento Mór para aprestar toas, e bateis, e ao outro dia metter na mesma maré os navios redondos, como em effeito entrárão a 27 do dito na maré da tarde com vento Sueste rijo, que naquella barra he mui ponteiro, mas os navios entrárão bem.

Logo aos 28 de Agosto fizerão resenha da gente dos Indios para vêr os que faltavão ao número de 500 frecheiros, quantidade, que o de Albuquerque assegurava levar do Rio Grande, para que com os de Siará, e Buapavá, com quem tinha grandes lianças, podesse metter na Jornada até mil Indios de guerra; e assim se tomou mostra, e parecêrão os Principaes que se seguem:

| | |
|---|---|
| Da Aldeia de Ibatatan, Marcos Marigui com | 22. |
| Da dita Aldeia o Arco Verde com | 9. |
| De Paravasú, Alexandre com | 10. |
| De Tambepé o filho do Bejiú D. Francisco com | 35. |
| Da Pindauná, Jorge com | 18. |
| De Joacocá o Pao secco com | 22. |
| Da mesma Aldeia o Mandiocapuá com | 16. |
| De Jacarcuná, André com | 9. |
| De Pirari Mucurapirá com | 12. |
| De Maripitanguá Minâsu com | 7. |
| De Guaramasió, o Beyjú com | 16. |
| De Tambásuramá, o Tambór com | 24. |
| Do Rio Grande o Patacú deu | 20. |
| Do Paranasú derão | 14. |
| Sommão | 234. |

De modo, que como parece estes 12 Principaes não trouxerão mais que 224 frecheiros, e mais de 300 bocas de mulheres, e meninos. O Camarão que havia marchado por terra levava poucos mais de 30 frecheiros, como se verá adiante.

To-

Tomada esta Mostra se armou a gente branca, que até este lugar se lhe não havião dado armas, e se repartírão os soldados pelas quatro companhias na forma, que o tinha o Governador ordenado: a saber, huma a Antonio de Albuquerque, filho do Capitão Mór, outra a Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho, outra a Manoel de Sousa de Eça, que estava nas Tartarugas, outra a Martim Calado de Betancor, que do Reino vinha com o Sargento Mór a se achar nesta Jornada; fizerão-se assi mesmo Alferes, Sargentos; e listas das companhias, nomeando de novo embarcações, e estancias; e dando polvora, e munições a todos, para a partida ao tempo de se embarcarem. Pareceu totalmente a Jeronymo de Albuquerque coisa impossivel poder ir por mar, tanto pelo número dos navios lhe parecer incapaz do que alli tinha, como por se temer, que se na viagem encontrasse qualquer cossario, ou vela inimiga, que não podia deixar de perder, preso com tão desguarnecidas, e cativas embarcações; e vendo que o queixar-se não dava remedio, determinou-se de caminhar por terra com os seus Indios, e com os demais, que lhe parecesse, e assim começou de se aprestar, e nomeou os soldados, que por terra havião de ir com elle: e assim fez falla aos Indios para que se aprestassem, porque não cabião nos navios. Chegou esta nova ordem ao Sargento Mór do Estado, que mostrava não saber coisa alguma, e disse ao Capitão Mór, que lhe parecia muito bem o acordo; mas que para se dar satisfação ao Governador Geral, convinha que primeiro se embarcasse a gente, e constasse publicamente a todos, que não cabia, e que feito disto assento se tomaria o acordo, que desenhado tinha, pois d'outro modo não davão boa razão de si; pelo risco que corrião em se separar huns de outros; pois a armada ficava sem gente, e a terra era incapaz de lhes dar agoa, nem comida em tão largos dias como havião de passar até se ajuntarem no Siará, donde se sobrevieste qualquer pequeno accidente, ficavão sem poder dar aos presidios nem hum pequeno soccorro, quanto mais fazer

a Conquista, donde os mandavão: com estas razões, e outras o dito Sargento Mór, e o mesmo Jeronymo de Albuquerque tomárão a gente branca, e Indios, e de sorte os accommodárão, que ao outro dia só a pessoa, e gente do Capitão Mór estava em terra; mas vendo roto seu desenho se embarcárão tambem, e se fizerão á vela, quarta feira 3 de Setembro as 11 horas do dia. Porém a Capitania que seguia o caravelão do Machado metteu tanto de ló por sugigar o recife, que deu em secco na coroa da area, que está defronte da fortaleza, e assim aquelle dia tornárão todos a surgir em seus postos. A' quinta feira ao amanhecer houve Junta sobre a sahida com todos os Mestres, e Pilotos da armada; porque a maré era mui matinal de agoa viva, e lua nova, o vento muito, a barra roim, de sorte que ao outro dia lhes parecia mais conveniente a sahida; porque o terral, e a maré vinhão em maior conjunção, e que para se forrar a demora daquelles dois dias, podião sem tomar terra, chegar ao Siará em dois dias, e duas noites, ou á bahia do Iguapecasí. Com este assento se derão as ordens necessarias, e á sexta feira 5 de Setembro de 1614 as 6 horas da manhã com vento fresco, partio a armada pela barra fóra do Rio Grande, e fórão seguindo tres horas ao Nordeste para dobrar os baixos de S. Roque levando a terra sugigada a quatro legoas, e assim naquelle compaz governárão outra hora pelo Norte, e logo guinando ao Nornoroeste, e pelo Noroeste seguindo a derrota desviados da terra as legoas ditas, não virão baixos, nem pedras, nem escarcéos de mar, nem coisa, de que guardar se devessem: antes com esta navegação tirou esta Jornada o medo, que os caravelões da Costa publicavão daquelles baixos, fazendo que nas Cartas se désse de resguardo 25 legoas fazendo a serventia daquella Costa por hum canal, que fica a huma legoa de terra, pelo qual precisamente querião que houvesse de ser o caminho cedo, como dito he, o de fóra bom para quaesquer navios. Tambem aquella noite foi o caminho da armada ao Noroeste; mas a

Ca-

Capitania havendo-se feito mais ao mar do necessario, amanheceu com alguns navios a dez legoas de terra, e achou-se menos da conserva o pataxo francez, em que vinha o Capitão Fragoso com a sua companhia, e o caravelão, em que Martim Calado vinha com parte da sua; e o caravelão em que vinha o Baracho, e assim sem elles com vento rijo fôrão correndo a Costa para entrarem no porto da Ubaraná; mas tanto que se chegárão bem á Costa, houverão vista dos ditos navios não sem algum rumor de armas até se assegurarem huns dos outros, por ser aquella costa mui continuada de cossairos. Desta separação dos navios teve a culpa o Piloto mór, que sem advertir aos demais, quiz dar resguardo a restingua de Guamaré, que está trinta legoas do Rio Grande, donde se acabão os parceis de S. Roque, a qual bota ao mar duas legoas. Este dia por esperar huns por outros, não houve tempo para se tomar a Ubaraná, e assim passando avante com boa vigia fôrão até o amanhecer pelo Noroeste, até que no quarto da ante-alva, indo todos com o prumo na máo, muito vento, e grande escuro, se achárão em tres braças; pelo que foi necessario guinar duas horas ao Norte, até que se achárão em sete braças fazendo conta ser este o parcel de Jaguaribé, que bota ao mar duas legoas e meia, que tanto podião vir naquelle tempo desviados da terra; mas entrando logo no caminho de Noroeste, fôrão a entrar na grande bahia do Iguapé, vespera do nascimento de N. Senhora hum Domingo ás dez horas do dia, o resto do qual se gastou em amarrar-se, e desembarcar o Capitão Mór, que vinha mui mal tratado do mar, e os Indios, e suas mulheres, que como gente descostumada destes transes navaes vinhão lastimosos, e assim caminhárão para as Aldeias do Siará, que dalli distão dez legoas, ficando com a armada o Sargento Mór com todos os soldados, com os quaes tratou de se partir a outra bahia mais avante chamada Mocuripé, e alli esperar seu companheiro, que por terra queria vir com os Indios; e assim fazendo-se a armada á vela aos 8 do dito,

to, veio a surgir a tres legoas da povoação do Siará; donde está a casa, e forte de N. Senhora do Amparo, e em chegando se despedio hum caravelão com farinha para ir a Ajeruguaguará, o qual levou a cargo Paulo da Rocha soldado de boa experiencia, e chegado a salvamento, deu aviso da armada naquellas partes.

Neste presidio de N. Senhora do Amparo estava com dezeseis soldados Portuguezes o Capitão Manoel de Brito Freire, que com muitos trabalhos, e pouco proveito havia quatorze mezes, que aguardava naquelle lugar, tendo a cargo o successo da Conquista, para a qual o Governador lhe havia dado entretinimento conforme sua qualidade, e partes; e assim tanto que a armada chegou se embarcou, deixando o Sargento com presidio, e mudando daquelles soldados os que quizerão embarcar-se, ficando em seu lugar outros; porque o número nunca he bem, que seja, nem pode ser menos, que de 20 homens de guerra para em companhia dos Indios poderem assistir á guarda da terra, e daquellas barras.

Proveu-se esta gente de vestidos, armas, e munições, e visitarão-se as Aldeias dos Indios para confirmação da boa amizade, e derão-se aos Principaes ferramentas, e casacas das que de Portugal para este effeito mandou S. Magestade, tambem se fez diligencia, e se houverão destas gentes alguns mantimentos da terra, que derão a troco de resgates para ajuda de se sustentar a despeza da farinha da armada, e nisto se gastárão até 6 do dito Septembro, no qual dia chegou o Camarão com sua gente, que como fica dito, havia vindo por terra desde o Rio Grande; e tal chegou do caminho, que mandou pedir licença para se ficar naquellas Aldeias com seu irmão Jacauná, o qual tambem fazia força para que lho deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiárão, que pelos contentar, ficárão alli as mulheres, e alguns dos seus Indios. Com este achaque, que não quizerão parar avante, com que o número dos que na armada vinhão, antes foi di-

mi-

minuindo-se, que crescendo aqui no Siará, nem destas Aldêas o d'Albuquerque pôde tirar com todas suas fallas, e dadivas, mais que até 20 frecheiros com hum filho do Jacauná moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da armada; nem tão pouco Jacauná dera nenhum dos seus, se não que Jeronymo d'Albuquerque deixando alli algumas criadas Indias suas, deixou hum menino seu de dois annos juntamente, com que ficárão assegurados, e contentes. Daqui se póde ver o cabedal, que he bem fazer-se das palavras dos Indios do Brazil, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor, e força dos brancos, que de palavras de lingoas, as quaes não guardão senão no que nos está bem. E aqui como escala de tantos Cossarios importa terem freio, porque lhes dão ambar, algodão, páo Cutiará, e outros, e pimenta da terra, e fumo, e comida, e agoa, com que refazendo-se caminhão ás Indias, ou donde querem.

Pela dilação, que houve em todas estas coisas, e porque os Indios não acabavão de embarcar-se, e os Soldados com achaque de o Capitão Mór estar em terra, andavão nella licenciosos, e as agoas daquelle sitio causarem maleitas, e o fundo da bahia ter pedra, que roía as amarras, e as quebrava: pareceu, que recolhida a gente branca, a armada se fosse ao Paramirí, donde dizião, que havia melhor cómmodo para se poder esperar a vinda dos Indios, que até aquelle lugar querião caminhar por terra com o Capitão Mór: feito este assento partio o Sargento Mór do Estado á quarta feira 17 de Setembro, e foi surgir com toda a armada ás 2 horas da tarde no Paramirí, havendo caminhado com pouca vela até esta bahia, que está em 3 gráos $\frac{2}{7}$, e tem para se povoar muitas mais commodidades, que todos os outros lugares até li vistos. Este dia se pôz a gente em terra com seus córpos de guarda, em fronte de armas, donde se começárão de adestrar os Soldados entrando todos os dias nas Companhias, para vêrem o modo de proceder no serviço ordinario, e com os Inimigos quando os houvessem, e foi de

grande effeito o tempo, que se tardou em vir por terra Jeronymo d'Albuquerque. Porque como muita desta gente em Paranambuco se havia embarcado por força, e outros desarmados, e mui bisonhos, e no Rio Grande não se lhes havião fiado as armas em terra, e no mar não havia lugar nem para irem deitados, aqui se ordenou o que convinha, e se aguardou com tudo mui a ponto a vinda do Capitão Mór, que chegou aos 24 de Setembro; e logo aos 25 o Sargento Mór do Estado foi pelo Rio Curú acima em hum batel armado, mais de cinco legoas por reconhecer aquellas terras, e agoas, nas quaes não achou coisa de consideração, ao longo do rio, mas achou infinita caça, e pescaria, de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste lugar sómente se póde dizer, que aquella gente não teve fome.

Em 28 do dito com a vinda dos Indios se tornou a tomar mostra, para saber o que o Siará havia rendido de ajudas, e parecêrão em todos 220 frecheiros com a gente do Camarão, e Jacauná, de sorte, que dos embarcados no Rio Grande ficárão mais de 50: os que viáo, e sentião estas coisas entregues á paciencia, não fazião mais que encommendar o negocio a Deos, e ás boas Orações dos Capuchos. Os quaes estes dias disserão Missas Solemnes, que fôrão as primeiras que nesta parajem se disserão, em que commungou muita gente.

Aqui nesta parte do Paramirí se achárão no mato perto do mar as arvores, de que se distilla, e nasce o incenso chamado *Jataubá*, e se achou nellas, e no chão muito de muito bom cheiro, e tambem se achou muito anime, e outras gommas aromaticas de diversas arvores, e muita almesega, e huns buzios no mar como botijas, com muito que comer dentro, de modo, que como dito he, o Paramirí pelo seu porto, terras, e boas agoas para beber, he a melhor de toda aquella costa.

Em 29 dia de S. Miguel estando todos embarcados, partio a armada na volta das Tartarugas ás duas horas depois do meio dia, com vento Lesnordeste, que

tal

tal entrou a viração aquelle dia, havendo em toda aquella noite ventado o terral, e quasi todas as paradas de aquella mingoante de Lua. No qual tempo melhor, que na crescente, se mostra aquelle mar navegavel para balravento ao longo da Costa. Todo o resto do dia caminhou a armada ao Noroeste quarta de Loeste correndo francamente a Costa, sem haver nella visto coisa de que guardar se devessem: tambem de noite se fez o mesmo caminho com pouca vela até o amanhecer, que se achárão a seis legoas da Costa com terral rijo do Sudoeste, com o qual pela bolina se vierão chegando á Costa, que já corria mais a Loeste, e sendo reconhecida se mostrou ser a terra do Acuracú, e seus parceis, que a huma legoa ao mar não davão mais, que duas braças e meia de agoa, e pela banda do Loeste já se descobria a ponta, ou morro de Juruguaguará, para a qual chegando-se com o prumo na mão, e vendo mui claro o fundo, derão em quatro, e em cinco braças bem pegados á ponta, que já corria a Loessudoeste com grandes penedias ao longo do mar, e rochedos todos de marmore jaspeado finissimo de muitas côres. Entrados, e surtos no porto se gastou o dia em desembarcar a gente, e em se alojar dentro na cerca, e os Indios de fóra em seus tigipazes, ou cabanas ao longo da agoa: com os navios ficárão alguns Soldados para sua guarda, por ser este porto tambem mui demandado dos Cossairos, sem embargo que com a viração fica tudo tão desabrigado, e trabalhão tanto as embarcações, que não ha amarras, que durem, nem quem possa sahir a terra, até que o vento acalma de noite, e nas madrugadas até as oito horas do dia, que com o Sol torna a viração. E isto dizem ser alli de ordinario até os mezes de Janeiro, Fevereiro, e Março, que os ventos cursão por cima da terra, e tem aquella paragem mais bonança.

Sendo tal como dito he esta enseada das Tartarugas esparcelada, perigosa, e de pouco abrigo pareceu bem que a armada, e toda a gente della, e do presidio se parasse ao porto do Camurí oito legoas mais adiante

para alli se tomar assento nas coisas da viagem, e no soccorro dos Indios Tabajares da Buapavá, com quem o Capitão Mór assegurava ter feito grandes amizades, e porque tambem os Indios Teremembés do Pará, ou Ototoy ficavão mais perto, com os quaes já Martim Soares havia tido fallas, e parecia nisto para o que se offerecesse deixar asseguradas todas aquellas gentes, e aquella Costa toda amiga para bem de se caminhar por terra, quando importasse. Finalmente para em tudo sahir com o prumo na mão conforme ao Regimento do Governador, e as forças daquella armada, e assim para este effeito tratárão de mandar reconhecer de novo o Camurí por terra para se passarem a elle; mas como as seccas de aquelle anno fôrão mui grandes, achou-se, que não havia agoa para beber, nem folha verde, com que se cubrirem, e que a barra era mui perigosa, e que na entrada tinha humas ruinas de pedra, e cal, como que em algum tempo houvesse sido povoada de gente de Europa; as quaes coisas denotavão não ser aquelle posto de cobiça. Se bem he verdade, que alli entravão algumas embarcações pequenas a resgatar o Páo Cutiará, de que os Indios davão noticia haver alli muito. Com estas novas foi forçoso aguardarem em Jeruguaguará tomando mostra a toda a gente Portugueza, e acabando de repartir aquelles Soldados, e as suas companhias até o número de 60 a cada huma, como o mandava o Governador; pagando-se a todos o seu tempo atrazado em fazendas pelos preços do contracto, que fôrão taes, e em taes coisas, que apenas houve com que os pobres se vestirem. Entretanto mandou o Capitão Mór á Serra de Buapavá dois Indios para avisarem ao Diabo Grande da sua chegada, com os Portuguezes, para que descesse a vellos, e a dar o soccorro, que tinha promettido para a Jornada do Maranhão: desta embaixada se rírão os do presidio, que de raiz conhecião a natureza do Indio Diabo, e contárão, que havendo-os convidado em dias passados a huma guerra contra certos Tapuias seus inimigos; que fôrão dos Soldados daquelle forte, e dar-

lhe

lhe ajuda: com a qual teve victoria, e comeu, e trouxe á sua Serra quantidade de captivos; e como se vio em casa, por pagar a boa companhia, quiz tambem comer os Soldados, e sem dúvida o fizera, se sua mulher chamada *Itabú*, os não avisára, dizendo-lhes, que se fossem; porque seu marido tratava de os matar fingindo certo aggravo de hum delles; mas que ella não queria, que tal passasse. De modo que com esta paga se retirárão ao presidio a salvamento, em que não fizerão pouco. Em 3 de Outubro foi Lua nova á sexta feira, muito ventosa do vento Loeste na crescença do Sol, como fica dito; de noite houve terral do Susudoeste, que durava até ás 7, e oito do dia: ao quinto da Lua se mostrou o tempo nubloso, e o vento foi mais sobre a terra com alguns chuveiros, e o mar andou mais brando nesta quebrança das agoas.

Sabbado dia do beato P. S. Francisco 4 de Outubro, houve Missa Solemne de canto de orgão, e frautas naquelles desertos de Jeruguaguará com summa devoção, e grande alegria, em que commungou muita gente: este mesmo dia á tarde chegárão dois Indios da Buapavá com embaixada do Diabo Grande, o qual por elles se desculpava dizendo ser impossivel de presente vir ouvir a falla do d'Albuquerque, nem dar-lhe gente para a Jornada por falta da saude, que todos os seus, e elle tinhão tal, que havião queimado as casas, e Aldêas, e vivião no campo até se passar a contagião de aquelle mal, que os affligia. Isto dizião os Indios, os quaes tambem trazião huma carta de hum de dois Soldados, que o Capitão Manoel de Sousa mandára á dita Serra, para que avisassem da vinda da armada, e elles pedião nella barbeiro, e mesinhas para se curarem, que tambem o mal os tinha apalpado. Com esta nova verdadeira, ou fingida, que fosse, ficou desenganado o Capitão Mór, e bem enganados os que se vião mettidos entre taes ajudas, e palavras de Negros para darem fim a huma Jornada tão arriscada, e de tanta importancia. Deixemos o que tinha custado de dinheiro, e resgates este pensamento, e tratemos como

ao

ao Domingo dia de nossa Senhora do Rosario se celebrou sua Festa com Missa solemne, e prégação, que foi a primeira que fez, que se prégou nesta Costa, e a primeira, que fez dos seus estudos o P. Fr. Manoel da Piedade filho de aquella Provincia: na tarde deste dia houve alardo geral, esquadrão, e escaramuça por honra da Festa daquella Senhora nossa. No qual se achárão 220 Soldados effectivos das companhias, e da gente do mar 60, de que se fez outra, de sorte, que com os enfermos chegou o número dos Portuguezes a 300, e com os Indios não passárão de 200 Frecheiros, de modo que todas as forças com os desenganos do Siará, e da Buapavá se rematárão nisto, e as de todo o campo em 500 homens de mar e guerra. A estas Festas assistírão os Embaixadores da Buapavá, por amor dos quaes foi necessario juntarem-se a conselho, assim para responder ao Diabo, como para fazerem viagem. Sobre o qual houve grandes altercações e debates, assim pelos desenganos, e faltas de tudo, como pela pouca confiança, que se podia ter nas ajudas do Maranhão, pois estas tão de casa, e tão obrigadas aos favores Portuguezes tão mal acudião a seu fiador. Todos vião este damno, e outros que se derivavão delle, quanto mais se chegavão ao Maranhão, sem deixarem atraz coisa alguma, que asseguradamente fosse amiga; mas como doutra parte o ficarem alli, não era honroso, e passar ao Camurí era impossivel; chamárão a esta junta os Mestres, e Pilotos da armada para que dissessem o que sabião da entrada do Pará, ou do Ototoy, donde tratava o Regimento, que se melhorassem para se irem assim chegando ao Maranhão, ou Perejá sem risco notavel da Jornada. A isto respondêrão todos, que não sabião naquella Costa porto algum, mais que o Perejá, donde o Piloto Sebastião Martins, que alli estava presente, assegurava, que metteria toda a armada: mandando-se de tudo fazer hum assento, para que constasse a todo tempo, que mais por necessidade, que por razão de guerra se partião ao Perejá, donde não tinhão reconhecido o que convinha ao to-

tal

tal empenho: e isto feito tratárão de se partir, mandando que á Serra de Buapavá se avisassem os Soldados, que tanto que a saude lhes désse lugar se fossem ao presidio de Siará, para que no primeiro barco, que viesse de soccorro podessem juntar-se com o campo, despedir os Indios. Gastou-se o dia de segunda, e terça feira, em accommodar os reparos dos falconetes, e das peças de ferro, que vinhão no porão do pataxo abatidas; porque as embarcações não erão capazes de as soffrer, fizerão agoa, e lenha: e assim á quinta feira, sendo a Lua mais crescida, e as agoas mortas, que em tal conjunção sempre naquellas partes o vento he mais bonança, dando-se signal de recolher, gastando-se o tempo de sexta feira, e Sabbado em embarcar, e repartir a gente com infinito trabalho, porque com os de Jeruguaguará crescia a impossibilidade, e faltavão lugares nos navios; mas foi coisa maravilhosa, que sem se dar de queixa huma só palavra; todos se embarcárão, donde era impossivel irem deitados, nem haver mais, que comer farinha, e agoa; porém era tal o desejo de todos sahirem daquelles degredos, e de vêrem se mais avante podião melhorar sua sorte, que todo o outro trabalho lhes parecia gloria.

Domingo 12 de Outubro ás seis horas da manhã sendo tudo a ponto derão fogo aos quarteis de Jeruguaguará, e a armada se fez a vela com terral de Sueste, e assim fôrão correndo a ribeira com boa ordem, até que com a crescença do dia entrando a viração de Leste com furia, e grandes mares foi necessario navegar com balselhos correndo em poppa com muito trabalho, e grande perigo; indo sempre a gente dos caravelões por debaixo do mar: sobre a tarde abonançou o vento algum tanto, e assim com a Lua da noite, e boa vigia se foi fazendo o caminho pelos perigosos parceis do Pará, e Ototoy, e ao manhecer se achou a armada toda junta, coisa que parecia impossivel por ser tão differentes generos de embarcações tão carregadas, e tão captivas: em fim aclarou o dia, chegou-se a armada bem á terra, a qual não

foi

foi conhecida de nenhum Piloto; Sebastião Martins affirmava estar tres legoas de Perejá. Pelo que chegando-se á terra mais do que convinha, se o vento não fôra todo bonança áquellas horas, custára caro o desengano, em que dalli a pouco confessou, que entráva; porque o Perejá ainda lhe demorava ao Leste mais de 16 legoas. Pelo que fazendo força de vela para de dia se alcançar a barra, com tudo não foi possivel, e assim chegou a armada com huma hora de noite a querer embocar, e a tempo que a maré descia para baixo, sem haver donde de noite podessem aventurar-se a surgir navios tão carregados, e entre tantos parceis, e alfaques ainda não conhecidos, donde até ás nuvens o mar andava; de modo que mettido o negocio nestas dúvidas, fundados no luar, e na agoa morta, e vento em poppa, com o qual contrastavão a maré, que descia, fôrão com milagroso, ou barbaro atrevimento entrando para dentro com faroes, e fuzilando huns aos outros; e mais que tudo foi notavel, que houve navios, que hião tocando, e dando grandes pancadas nos bancos ao entrar da barra, e por não atemorizarem os que vinhão de traz, calavão, e paravão sem se ouvir huma palavra de rumor, que turbasse a viagem, e assim com o prumo na mão fôrão todos surgir a salvamento ás dez horas da noite dentro do Rio Perejá, tres legoas por elle acima da banda de Leste, donde em hum pensamento saltando em terra o Capitão Mór, e o Sargento Mór do Estado com a mór parte da gente fazendo fronte de armas, até que se reconhecesse, e assegurasse o campo; succedeu, que em quanto se reconhecia, e o Capitão Francisco de Frias, e os demais buscavão sitio para a fortificação conveniente, que o Alferes Pestana da bandeira de Martim Calado esquecido da ordem, que se havia dado a todos de não sahirem a terra as bandeiras, senão já de dia, elle com a sua ás costas em que estava figurado o glorioso Patrão de Hespanha, foi o primeiro que saltou em terra, o que vendo os Soldados tendo-o por bom prognostico, acclamárão *Viva Sant-Iago*, e este nome se deu a este primeiro

ro quartel, de que se tomou posse ao outro dia com acto solemne em nome d'ElRei de Hespanha nosso Senhor Emperador de aquelle novo mundo, e se plantou huma grandissima Cruz de forte madeira, por padrão, e posse tomada desta primeira barra do Perejá.

Aos 13 do dito havendo-se buscado sitio para a fortificação, para em tudo se dar cumprimento ao que convinha, todas as agoas para beber se achavão distantes dos sitios convenientes; verdade seja, que abrindo poços na areia tiravão agoa doce, que podia servir em necessidade; mas os Soldados escarmentados das cacimbas, ou poços de Jeruguaguará, desejavão boa agoa, pois só isso, e farinha tinhão, e sobre isto já tratavão mal do Perejá, e fazião corrilhos, e se descompunhão em absencia dos superiores, de que o Sargento Mór do Estado mandou tirar devaça para se castigar alguns dos causadores. O Capitão Mór em lugar de acudir a isto lançou-se de fóra, e esquecido do pouco, que havia medrado com os Indios do Siará, e da Buapavá sem lhe valerem dádivas, nem lingoa se persuadia, que em chegando á outra barra dentro no Maranhão defronte da Ilha dos Topinambas, que sem dúvida em fallando com hum delles, todos se havião de vir á sua obediencia; e de sorte lhe gabavão os seus esta opinião em favor dos Soldados, que já a elle mesmo lhe aborrecia o fortificar-se no Perejá, de que tudo estava suspenso sem se fazer mais, que perder tempo, e dizia, que pois em toda a Costa, em até alli não havião apparecido Francezes, nem coisa que désse sinal de guerra, que realmente os não devia de haver no Maranhão, e se os havia, que devião ser mui poucos, e sem defensa, pois não havião guardado aquella barra; pelo que determinava ir-se logo ao Maranhão, ainda que fosse com os caravelões sómente; porque este era o fim da Jornada, e de seu desejo. A isto se oppunha o Sargento Mór do Estado, dizendo mui ao contrario, que em nenhum modo convinha largarem o posto do Perejá, por ser barra de barlavento das outras, e já com bom principio

ganhada conforme a ordem do Governador, que alli convinha seguir-se em tudo; pois no demais havia tempo, quando fosse assim o que dizia o Capitão Mór; porque tambem podia a náo grande estar no outro porto, pois sabidamente era passado a elle, e que não estaria sem outros navios com artilheria, e gente de mar, e guerra, quiçaes differente da dos Portuguezes na prática naval; o que sendo assim, que mais era doidice, que esforço irem-se lá metter sem primeiro estar tudo mui bem reconhecido no Maranhão; pelo que era de parecer, que se fortificassem logo, e juntamente que mandassem reconhecer a Ilha, e sitios a ella visinhos, e que dalli avisassem ao Governador de como estavão no Perejá a salvamento, para que soubesse com tempo donde havia de mandar os soccorros; e que tambem era importantissimo avisarem a S. Magestade, despedindo para huma, e outra coisa aquelles navios, que havia tantos dias que estavão carregados, que já as bombas os não podião sustentar sobre as agoas: e que olhasse, que se os Francezes estavão assim fortes, como a fama soava em Paranambuco, e avisava Martim Soares, que já a sua força não podia estorvar a fortificação do Perejá, nem a amizade dos Teremembés Indios alli visinhos tão inimigos dos da Ilha. Antes elle Capitão Mór havendo-se alli fortificado lhe ficava facil o podellos persuadir, e juntar as pequenas forças daquelle campo para assim se fazer igual, ou superior a seus inimigos, e assegurar as espaldas para qualquer successo; porque os da Ilha Topinambas, ou acompanhados, ou sós que estivessem, sempre havião de temer esta liança; pelo que em modo algum havia nunca de ser de parecer de largarem o Perejá sem ser mui bem primeiro tudo o de mais reconhecido, assim como he costume de Soldados práticos, e gente de guerra, como todos o que alli estavão presumião ser; e que olhasse, que aquillo não era Jornada de sertão, senão de S. Magestade, e que já agora tinhão obrigação de lha sustentarem, pois estava tomada posse em seu Real Nome: pelo que era necessario caminharem mui a tento.

Com

Com isto se socegárão algum tanto os curiosos de caminhar, e se mandou hum batel esquipado com dois Pilotos, seis marinheiros, e seis Soldados particulares a reconhecer o Maranhão, e sua barra, e a Ilha grande; e isto pela parte mais occulta, que fosse possivel, vendo se podião tomar lingoa. Foi por cabo desta obra Melchior Rangel, natural do Rio de Janeiro, mancebo de boas partes, e grande lingoa dos Indios; com elle fôrão o Alferes Estevão de Campos, e Pedro Teixeira, Francisco de Pavares, e Manoel da Silva: os Pilotos fôrão Sebastião Martins, e João Machado, os quaes partírão a 15 de Outubro ás 7 da manhã. Entretanto o Capitão Mór, e o Sargento Mór do Estado por mar, e por terra não paravão de buscar agoas, e reconhecer sitios, e accommodar ferramentas para o que se offerecesse, tendo de contínuo toda a gente ao pé das armas, e das bandeiras, e os navios abicados á terra muito, como á defensa de tudo convinha; mas sem se dar principio á fortificação, de que o Sargento Mór do Estado andava desejoso, e solicito; mas não tinha poder para forçar o seu companheiro, antes aguardava, que o tempo desenganasse a todos do que lhes convinha, como depois succedeu.

Erão já passados quatro dias, que do batel não havia novas; pelo que já se duvidava do bom successo, e tão adiante foi esta imaginação, que aquella noite sendo já mui tarde se foi o Capitão Mór a buscar o Sargento Mór do Estado ao seu rancho, e lhe disse: Amigo, tratemos de nos fortificar logo, e em sendo de dia, faça-se disto assento; porque tenho máo conceito do nosso batel, e quando venha, nenhum mal faz estarmos reparados, e olhai que ainda que todo o mundo seja contra nós, que em nenhum modo deixemos de nos fortificar. O Sargento Mór lhe louvou a resolução, e de novo lhe repetio as causas, que tinha para já tudo estar feito, e assim logo áquellas horas chamando a Francisco de Frias, se fôrão em hum batel á boca da barra a vêr outro posto, e hu-

ma agoa a elle visinha de huma lagoa; e assentárão, que o mais perto da barra, e da agoa se começasse a fortificação em amanhecendo, e que antes se dissesse huma Missa ao Espirito Santo. Andando nisto virão fuzilar ao longe na entrada da bahia, e tocando-se á lerta, mandárão dois bateis a reconhecer, os quaes avisárão ser o batel que vinha fazendo festa. Com esta nova cresceu na gente tal rumor, que sem saberem o que os outros dirião, começárão os Soldados em corrilhos com palavras atrevividas a dizer, que não querião aquelle sitio, senão o que mais perto houvesse dos inimigos, aos quaes ao pelouro havião de tomar a comida, e a agoa se faltase. Em fim como a primeira se não castigou, esta com a chegada, e festa do batel com boas novas, passou por alto, e os reconhecedores disserão; que não havião visto náo, nem Francezes, nem coisa em todo o Maranhão, que damno podesse fazer, e que havião achado defronte da Ilha hum sitio bom, e eminente com hum rio de agoa doce pelo pé, e terras bellissimas para toda a sorte de mantimento; e tudo tão bem assombrado, e o caminho até lá tão escuso, e facil por entre as Ilhas, que tinhão por grande erro deixarem semelhante parte. Com este aviso não sómente o Capitão Mór se fez com os demais, mas sem se lembrar do que estava assentado, mandou subitamente, que se embarcassem todos, e que quem quizesse ficar alli que ficasse. Com isto parárão as coisas do Perejá, disse-se Missa, embarcou-se a gente, e ao outro dia, que fôrão 22 se fez a armada á vela com huma pressa tão fatal, que realmente ninguem da terra naquillo parece que concorria; porque cada qual dos adjuntos do Capitão Mór, antes da imaginação já lhes gabavão os effeitos: e assim ao tempo de darem á vela, disse o de Albuquerque ao Sargento Mór do Estado: Apostemos humas meias de seda, que antes de Sabbado tenho Indios do Maranhão em minha companhia. Sou contente de as perder, disse o do Estado, a troco de que todos tenhamos esse gosto; porém se as ganhar lembro, que m'as ha

de

de dar V.m. Com isto partírão, e fôrão surgir aquella noite a huma Ilha, passando por entre outras infinitas, que por serem tantas, e o dia ser das onze mil Virgens, a todo aquelle posto se pôz este nome. Ao outro dia seguindo os Pilotos, que nos dois caravelões mais ligeiros caminhavão diante, fôrão navegando em quanto durava a maré por huma grande bahia toda cercada de Ilhas com barras ao mar grande, a que os Francezes chamavão *Grandança*, na qual em descabeçando a maré, logo minguando o mar 19 palmos de agoa se achárão os navios grandes em secco, de modo que calçados, e vestidos os homens se sahírão a passear na areia, que quasi ficou enxuta, e andárão de huns em outros navios, que parecia encantamento sendo de quilha, e não tendo escoras, estarem direitos sem cahirem á banda, dando fim a taes desordens, as quaes para quem as entendia sem lhes poder dar remedio, erão tossigo, que consumia a vida, e o gosto. Tornou a maré, nadárão os navios; a noite entrou escura, tanto que com infinito trabalho, e perigo entrárão pelo canal de Mumuná, dando de novo em secco no lamarão o navio do Sargento Mór do Estado; mas como subia a maré, logo chegou donde estavão os caravelões, que sem esperar havião seguido seu caminho por gozar da agoa doce daquella Ilha, donde alojados em terra estavão como em Toledo sem cuidar, que no mundo podia haver inimigos. Deu-se a isto subito remedio fazendo, que se embarcassem todos para navegarem, mas o navio de Gregorio Fragoso deu em secco de feição, e a taes horas, que houve votos de o deixarem assim como estava com munições, artilheria, e comida, o que succedêra, se não fôra a grande diligencia dos Ministros da fazenda, com o Sargento Mór, tirando-lhe parte da carga, e com força de toas o fizerão sahir aonde os demais estavão, sem haver em todo aquelle caminho de dia, nem de noite huma hora de repouso. Ao outro dia sexta feira fazendo-se a armada á vela pelas angusturas, ou interrompeduras de aquellas Ilhas tão estreitas, e de mato tão alto, e cerrado,

que

que cada huma promettia hum esquadrão de perigos. Indo pois nesta parte, começárão os navios a dar de novo em secco; mas porém movendo-se por cima do lamarão, pelo qual resvalando com toda a força de vélas, podemos dizer, que mais de seiscentos passos navegárão por terra, até que derão em mais fundo, e fôrão seguindo os caravelões, que se adiantárão tão desordenadamente, quanto a necessidade os obrigava; porque a gente era tanta, e tão apinhada, que não havia agoa, que os sustentasse contra a excessiva quentura do Sol, nem o mantimento era mais que huma pouca de farinha de guerra secca, de modo que todos desejavão chegar áquelle lugar, em que tinhão sua esperança. O Capitão Mór doutra parte com achaque de vêr ir sondando diante, metteu-se em hum batel com poucos companheiros, e foi-se á Ilha de Santa Anna, chamada das Guajavás, donde se fazia a praça d'armas para entrarem no Maranhão. Desta ida succedeu, que como os caravelões perdêrão de vista o batel da sonda, tomando por diversos canaes, cada hum foi por seu caminho, e os navios grandes como lhes faltárão os caravelões dando em secco a cada passo, tambem se apartárão sem haver Piloto, que tomasse o remediar isto; até que já mui noite, em huma jangada chegou o Machado, e foi por hum canal muito mais estreito, que os até alli passados encaminhando os navios, que pôde: e assim em toda aquella noite, e no outro dia chegárão á Ilha dita de Santa Anna, contra as correntes dos mares atoando-se pelas arvores na terra, até que finalmente se vierão ajuntar na boca da barra, da qual Domingo ao amanhecer, que fôrão 26 de Outubro se fizerão á vela por entre aquelles parceis, e bancos perigosissimos para bateis, quanto mais para navios tão carregados, e assim ao expedir da barra derão taes pancadas os navios grandes, que se teve a Jornada por concluida; porém Deos, que milagrosamente guiava o negocio, foi servido, que sem damno algum ás 10 horas do dia se achassem todos no Guaxindubá a salvamento, que assim se chama o posto

que

que occupárão dentro nesta grande barra do Maranhão: as embarcações erão oito, como está dito, e tanto que sahírão ao mar, postas em ala com todas suas bandeiras tendidas fizerão tal apparato, que subitamente em toda a Ilha grande, a qual a duas legoas e meia estava defronte, se fizerão fumaças por toda a Costa dando aviso, que durou espaço grande, pelo que o Sargento Mór do Estado disse ao Capitão Mór: Cuido, Senhor, que ganhei as meias, e que não sómente não terá V.m. Indios de paz, mas que terá Francezes de guerra; porque aquelles fogos não são feitos acaso, nem por barbaros; pelo que será bem, que sem dilação nos fortifiquemos, e descarreguemos os navios, que este porto não he para se conservarem muito nelle.

Era aquelle sitio vaza de lama com algumas pedras, e a partes areia, e todo esparcelado ao mar mais de meia legoa, que de maré vazia ficava sem gota de agoa, e tão desabrigado, que em entrando a viração não havia remedio de se chegar aos navios, nem de desembarcar nada delles. Além disto he este porto desviado da barra mais de quatro legoas, de sorte que com grande facilidade lhe podem tirar o favor, e serventia da Costa quaesquer navios, de modo que tirando ser agoa para beber, e boas terras, e madeiras ao redor de si, tudo o demais que se busca em razão de guerra lhe falta; mas já chegados alli, e descubertos, não havia outro remedio. Gastou-se o dia em reconhecer o sitio, em amarrar os navios, e pôr a gente em terra com fronte de armas, cada qual ao pé da sua, que assim convinha. Logo sobre a eleição do sitio, e forma da fortificação teve Jeronymo de Albuquerque alguns debates com o Engenheiro Francisco de Frias, querendo que se fizesse entre o mato huma casa, como fazem os Indios no sertão, que he huma cerca de mato cortado com a rama para fóra com folha, e tudo como quem cerca o gado, dizendo, que bastava aquillo, que cá nestas partes não se usavão outras fortalezas: além disto, que determinava de se passar dalli ao Muni, rio quatro legoas avante daquelle posto, junto donde desem-

boca

boca o Tapucurú chamado Maranhão, de que tudo alli toma o nome; porque lhe dizião os Indios, que lá havia melhores terras, e agoas para engenhos; porém nestas práticas chegou o Sargento Mór do Estado, e tomando comsigo ao Capitão Mór, se foi a lhe mostrar o sitio, que alli melhor havia para se fazer a povoação com as qualidades á terra necessarias, já que as do mar lhe faltavão, e disse, quão fóra do sentido estava, quem em tal tempo fallava de se metter a dentro dos perigos, que ainda não sabião, pois naquelle lugar se houvesse inimigos, como cuidava, que havia, nem alli havião de ser senhores de tomar hum caranguejo; pelo que deixasse ao Frias fazer seu officio, e que todos ajudassem sua traça, que assim convinha. Finalmente depois que bem vírão, e reconhecêrão tudo, dando parte ao Frias do que estava assentado, logo traçou destramente hum sexagono perfeito, capaz de alojar em si toda aquella gente, e se defender com mui pouca, accommodando-se com o terreno, e assim aos 28 do dito se disse Missa, e nella os Padres Capuchos lançárão sortes ao nome da fortaleza, e sahio o Nascimento de N. Senhora, e assim se chamou o forte Santa Maria, o qual este dia se começou com todos os Soldados, cada companhia seu lanço, e na descarga dos navios andava a gente do mar, e de serviço, quando vírão vir correndo á ribeira huma canôa grande com muitos Indios, a qual chegada á terra fôrão recebidos de Jeronymo d'Albuquerque, e de todos com alegria; porém elles mostrando mui pouca, estavão com tanta turbação, que ao Principal lhe tremião quantos ossos tinha descompostamente, e não de frio. Derá-lhes dadivas, vestidos, e coisas de resgate; mas com receio de ser esta vinda movida de outra causa mais que de sua vontade: nas perguntas tambem variavão, houve delles que disserão, que na Ilha havia muitos Francezes; outros disserão, que já erão idos, e que não havia ninguem: pelo que elles havião vindo a saber, que gente era esta, que havia chegado para serem seus compadres: em fim o Capitão Mór,

leva-

levado de suas imaginações, e credito, que se persuadia ter com todos os Indios do Brazil, em lugar de reter a estes, até saber pontualmente a verdade, os largou pedindo-lhes, que o viessem vêr a miude, e que dissessem a seus parentes de sua vinda; e mandou, que com elles fossem dos nossos cinco, para fazerem suas fallas aos da Ilha; e em lugar destes, fez que lhe ficassem dois da canoa, filhos de hum Principal da Ilha, chamado *Birampitanguá*, moços de boa feição: o mais velho se chamava *Ipecutingá*, o outro *Guiraytapavá*, dos nossos que fôrão, o Principal se chamava *Mucurapirá*, Indio velho, e de importancia. Nesta obra dos Indios não se quiz metter ninguem; porque o Capitão Mór não tomasse achaque a dizer, que lhe estorvavão as pazes, que elle tanto assegurava, em fallando com hum Indio do Maranhão. Partida a canoa logo se assentárão as 3 peças de artilheria em huma esplanada, que para isso fizerão com seus cestões, em quanto os baluartes, e cortinas da obra se formavão de grossas vigas, assentados sobre grade, e cruzados de per alto com fortes travessas, e logo até o meio altura de hum. Estando feita huma trincheira com seu entulho de oito palmos de largo por dentro todo a roda; e cada baluarte duas garitas no alto da cerca para as sentinellas, de modo que com 12 soldados se vigiava, e escortinava tudo, porém o trabalho era grande, e o terreno mui duro, e secco. A comida sómente agoa, e farinha, porque do mar, nem da terra inda não podião valer-se, e assim cada dia dos soldados de Jeruguaguará morrião, e dos demais adoecião sem nenhum humano remedio, ou consolação alguma. Andando pois todos occupados nas obras ditas aos 30 de Outubro ao amanhecer, derão os Indios da Ilha em humas Indias, e moços, que desviados do Quartel andavão mariscando, e com terrivel brutalidade despedaçárão quatro moças, e matárão hum Indio, que acaso acudio aos gritos, e captivárão algumas outras Indias, e meninos, os quaes recolhião na canoa, em que havião vindo. Tocou-se arma, e acudio a gente

com tal presteza, que não sómente lhes tirárão o que tomado tinhão; mas pelo valor de hum Principal de nação Tabajar, chamado o *Mandiocapua*, o qual sentindo, que lhe levavão sua mulher, e hum filho captivos, correu com tal ligeireza, que foi forçoso arremetter só a todos os contrarios, dos quaes matando dois, pôz os demais em tal desordem, que quando chegárão os que vinhão com elle assim Portuguezes, como Indios, já tinha rendido a canoa, e preso o Capitão della, e sua mulher, e filho livres, a qual abraçando-se com o marido naquella furia, lhe pedio, que não matasse, nem consentisse matarem aquelle Principal, que a defendêra a ella, e a seu filho da furia dos outros, o que o marido fez: e depois na prizão, que em ferros derão ao da canoa, esta mulher tinha cuidado de lhe mandar de comer todos os dias: tanto pode hum beneficio feito em sugeito nobre, por barbaro que seja! Este successo foi causa de que os práticos no sertão do Brazil começárão de murmurar da confiança, que se havia feito da primeira canoa, e dizião que sem dúvida a Ilha estava cheia de Francezes, os quaes havião mandado reconhecer os navios, e gente com a primeira canoa, e sabendo que erão Portuguezes, mandárão logo conforme ao costume, e ritos de suas guerras a segunda canoa, que viesse a quebrar cabeças para se romper todo o signal de paz entre huns, e outros Indios, asseguran-do-se mais por este meio de seus alliados; e que logo tras este effeito se seguirão os demais da guerra, sem a qual, e sem se lhes dar huma grande rota, não cuidasse ninguem, que havia de haver pazes. Isto dizia huma, e muitas vezes o Capitão Simão Nunes Corrêa que fazia o officio de Ajudante de Sargento Mór de aquella Conquista, homem de experiencia em aquellas guerras do Brazil, e nas de Buapavá, companheiro de Pedro Coelho de Sousa; mas com todas estas coisas, práticas, e discursos em público, e secreto, o Capitão Mór sempre esperava pela paz, que lhe havião de trazer os Indios, que havia mandado á Ilha, e quasi desgostava de vêr fazer as obras da for-

fortificação, em que o Sargento Mór do Estado trazia mettido todo o cabedal; mas tudo ao de Albuquerque parecia desnecessario em comparação do que estimava a palavra dos Indios, em que não consentia, que se pozessem dúvidas: e assim de contínuo estava olhando com grande bondade, se vinhão canoas de paz. Porém o Indio preso, que já via ser-lhe necessario agradar a seus amos revelando segredos, não já que ninguem com força o constrangesse; porque o Capitão Mór estava de permeio, que era seu Pai, e seu parente de todos, como elle dizia, em fim disse, que na Ilha havia muitos Francezes, e muitos fortes, e muita artilheria de ferro, e de bronze, e muitos navios, em particular huma náo muito grande, a qual sabîa de certo, que estava para vir contra aquelles navios, e que partiria sem dúvida em dando lugar o tempo; e que disto dava por signal, que duas embarcações pequenas appareceriáo ao outro dia ao longo da Ilha, e que tinhão os ditos Francezes tomado todos os principaes portos, e occupados com gente de guerra, e que todas as canoas dos Indios de aquellas Comarcas estavão debaixo de sua potencia, de feição que nenhuma se bolia sem particular ordem do seu Major; e que os Indios que havião ido de paz com a primeira canoa, que todos estavão em ferros, e que havião sido apertados com cordeis para dizerem o que parava entre os Portuguezes. Ouvidas estas novas, logo tratárão de mandar aviso a Paranambuco por duas vias; começando de arrecear, que antes de muito nem por mar, nem por terra seria possivel fazer-se: e assim se aprestárão Bastião Martins com o seu caravelão, e o Machado com o seu por serem os mais ligeiros, e melhor velejados: em hum se embarcou o Almoxarife Francisco Mendes Roma, e em outro o Capitão Martim Calado mui enfermo para darem conta a S. Senhoria de tudo o que passava, e solicitarem, e trazerem o conveniente soccorro. Andando nestas prevenções appareceu ao longo da Ilha huma lancha grande, e apos ella outra, e logo dahi a pouco tempo desparárão

em terra em duas partes artilheria á vista do forte Santa Maria, do qual tambem respondêrão largando as bandeiras nas novas estancias; e lá sobre a tarde com a maré veio huma das lanchas a reconhecer os Quartões, e os navios, d'entre os quaes lhe sahio o caravelão do Martins com 20 soldados, e os Francezes se recolhêrão depressa. Soube-se depois, que vinha dentro com 15 Soldados Monsieur du Prat, grande Soldado, e pessoa de substancia da Camara do Christianissimo Rei de França. Este successo foi a 2 de Novembro, de modo que era passado o mez de Outubro, e não se desenganava o de Albuquerque esperando sempre Indios de paz da Ilha, e de lhe não virem todos, dava por escusa terem-lhes os Francezes tomados os portos, e as canoas: com tudo com os principios, que havia visto derão-se pressa ao despacho dos caravelões, e partírão em 5 do dito Novembro, indo-se-lhes fazer guarda até á boca da barra com os outros bem armados, que tornárão ao outro dia depois, que bem guiados os lançárão pela barra fóra. Neste mesmo tempo a náo grande já se vinha chegando com toas, por ser contravento, e aos bordos, e estava nas coroas de Arasanhug, quando os caravelões lhe passárão por balravento coisa de duas legoas, e assim não pôde ninguem fazer-lhes damno, e a náo querendo porfiar a chegar á barra grande do Maranhão para se pôr na Ilha de Santa Anna, quebrou duas amarras, e perdeu duas ancoras com a furia do temporal, que Deos mandou aquelles dias; e assim á quinta feira se tornárão arribados ao forte S. Luiz. E este foi hum dos maiores bens, que teve a Jornada dado por Deos, a quem se devem as graças destas coisas; não se sabia nenhum no Quartel dos Portuguezes, antes aguardando cada dia a dita náo se fazião prestes, e se trabalhava de noite, e de dia: coisa que se não póde crer de gente tão cansada, e tão mal provida, e que continuamente andavão com as armas nas mãos, e atravessando matos, e rondando os postos das praias, guardando postos, fazendo emboscadas, batendo varedas, reconhecendo pistas, vigiando lanchas, e trabalhan-

lhando nas obras, e na descarga dos navios, de sorte que não havia sahir de hum trabalho, sem se deixar de entrar em outro: de todos a guarda do mar, e dos navios dava mais cuidado, porque por momentos as lanchas, canoas, e pataxos apparecião em diversas partes, e como nenhuma era segura aos novos hospedes de todas se arreceavão, e convinha guardarem-se, de modo que descalços, despidos, rotos do mato, transidos, pállidos, mas mui animosos andavão todos os Soldados, e Officiaes com huma conformidade grande.

Neste tempo, que foi a 7 do dito, os Francezes para vêr se poderião tomar nova lingoa, pozerão huma bandeira branca em huma coroa de arêa, que está defronte em meio canal do Forte Santa Maria, a qual em sendo vista do Capitão Mór, mandou logo, que sahisse hum caravelão com 20 soldados, e lingoa dos Indios, dizendo, que sem dúvida os da Ilha a nado, ou como havião podido, se havião vindo áquelle lugar para se passarem a estoutra banda; por tanto que levassem huma jangada para os metterem no caravelão. Foi em effeito a embarcação, e em chegando á coroa, foi a jangada até á lingoa d'agoa, e os Indios pouco a pouco se vierão chegando á falla; mas de mistura com elles vinhão Francezes com roupões largos, dos quaes vendo que os da jangada não sahião a terra, desenvolvendo as armas, que trazião cubertas, começárão de dar huma carga, á qual se descobrírão de detraz da arêa outros mosqueteiros, que sem dúvida tomárão a jangada, se o caravelão com hum barco, e com os mosquetes os não desviára. Tornado o caravelão ao quartel, ainda Jeronymo de Albuquerque não podia crer, que estas coisas havião de levar outro caminho, que o da paz, que esperava dos Indios; e nesta conformidade aos 10 do dito havendo as sentinellas da emboscada do Mum descuberto huma canoa, se lhe armou de feição, que sós dois, que se lançárão ao mar, escapárão nadando como golfinhos mais de duas legoas; os demais fazendo, que vinhão de paz, quando se virão atalados,

e a canoa veio ao quartel, donde o Capitão Mór sahio a recebellos ao caminho; mas o Sargento Mór do Estado a quem mais doião estas coisas, disse: »Senhor, não sejão » estes como os outros, mandem-se pôr a recado, e saiba- » mos o que passa, que tanta gente, nem tão bem concerta- » da não vem senão a tomar lingoa pôr parte dos Francezes. A isto lhe respondeo o Capitão Mór publicamente: » Se- » nhor, isto não he guerra de Frandes. V. m. me deixe » com os Indios por me fazer mercê, que eu sei como » me hei de haver com elles, que sei que me vem buscar » de paz»; e assim fallando com elles á parte, lhes deu vestidos, espelhos, e resgate, e despedio a canoa deixando-os ir livremente; mas Deos que via esta innocencia, ordenou, que de sua vontade se deixasse ficar hum Indio, que tinha sua mãi, e parentes em Paranambuco, o qual tanto que a canoa se partio, disse ao Padre Frei Manoel: » Vêde como estais, que esta noite vos hão de vir » a dar nos navios os Francezes; que para isso mandá- » rão esta canoa a reconhecer como estavão, e tanto que » os tomarem, ou queimarem, logo vos hão de vir pôr » cerco por mar, e por terra, porque tudo está prestes. » Ouvido isto o Sargento Mór do Estado, por ser já boca da noite, tomou comsigo huma esquadra de soldados, e se foi marchando a se metter nos navios, mandando aviso a seu companheiro do que fazia, o qual acudio logo á praia, e disse ao do Estado, que nos navios não havia para que metter soldados, nem ir lá ninguem; porque não havião vindo alli a defender navios podres, senão a terra, de que estavão de posse. Houve sobre isto vozes de parte a parte, porque o Sargento Mór gritava: » Os nos- » sos navios são hoje os que nos authorizão, assim sem nada » como estão, e se o inimigo os toma, ou os queima, » que credito nos fica com os Indios, nem com os Fran- » cezes, que andão apalpando nossas forças, e que des- » carga daremos, Senhor, de os perder sem sangue?» Eu a darei por escrito a V.m. cada vez que m'a pedir, disse o Capitão Mór; e não consentindo, que a gente fosse,

se

se retirárão ao forte, mandando avisar a gente dos navios, que estivessem com boa vigia, e que vindo a maré se atoassem á terra todo o possivel. O Sargento Mór do Estado com Francisco de Frias, e alguns outros particulares se pozerão com artilheria a ponto, e em vigia aguardando os inimigos, os quaes no quarto da ante alva com a maré, que crescia, e com o escuro da noite se vierão chegando sem serem sentidos da gente do mar; mas os da artilheria, que os divisavão dando fogo a huma peça tocárão arma, e do mar tocando as trombetas, e dando huma carga investírão os Francezes a seu salvo com os navios, a gente dos quaes, como erão sós os marinheiros, lançando-se ao mar lhes deixárão a presa nas mãos: a artilheria do forte não cessava de jogar dando em huns, e em outros navios; porém não que se fizesse com ella effeito de substancia. O rumor era grande, as arcabuzadas muitas, até que os Francezes desenganados da pouca força dos navios, e guiados por Monsieur de Pisiau, e Monsieur du Prat, e o Cavalleiro de Raselli, da Ordem de S. João, tomárão a caravela, que estava mais ao mar, e o pataxo Francez, e hum barco; os outros tres navios, ou porque já tocavão em secco, ou por mais abrigados da artilheria, escapárão desta envolta, que foi tão mal guiada, como fico dito, na madrugada da quarta feira 11 do dito Novembro.

Não se póde contar a soberba, com que o inimigo dalli em diante corria o mar livremente de huma a outra parte dos Quarteis Portuguezes, e como tinha occupado todo o canal com velas, dando tanta inquietação, e tão novos trabalhos aos do forte Santa Maria, que nem comer, nem trabalhar deixavão a gente, antes armando as tres embarcações, que tomárão, com ellas vinhão a se metter debaixo da artilheria, tirando as mosquetadas aos que andavão na praia; e os Portuguezes, vendo o successo da levada dos navios, e reconhecendo o perigo, em que estavão sem remedio de soccorro por mar, nem por terra, e o poder das embarcações, artilheria, e gente do

ini-

inimigo, e o innumeravel número de Aldeias de Indios; que tinhão até o Pará, e as muitas canoas armadas de 70, e 60 palmos de comprido, e outras munições de guerra, e bastimentos de que estavão providos, já alguns se tomárão no Perejá, e começárão de vêr compridas as profecias do Sargento Mór do Estado. Os Indios amigos, vendo, que os Francezes havião tomado os navios assim a mãos lavadas andavão tão encolhidos, e espantados, que já lançavão novas, e fazião contas, e não parecião ao trabalho como dantes, nem o Capitão Mór ousava a lhes mandar nada; e foi tanto que chegando-se a elle o Sargento Mór do Estado seu companheiro, e sempre seu amigo, disse: „ Será bom, que por terra aventuremos al- „ guns Indios com quatro soldados até a Buapavá, para „ que dalli ao Siará, e a Paranambuco levem nova ao „ Governador de como estamos, e que o soccorro, que „ houver de vir, seja como convem a este novo desen- „ gano, porque tenho medo, que se o não fazemos, que „ venhão alguns barcos da Costa, assim como nós vie- „ mos, e que sirvão de refresco aos que guardão a barra, „ que até agora mui como soldados, vejo que não perdê- „ rão ponto, nem o perderáõ até nos consumirem, ou nós „ a elles; e isto convém, que seja com toda a brevida- „ de, e segredo. „ O Capitão Mór respondeu, que lhe parecia mui bem; mas que estava desconfiado dos Indios, aos quaes abrindo o caminho para que hum só se fosse, que sem dúvida se havião de ir todos; pelo que em nenhum modo havia, que fallar no tal aviso. „ Pois, Se- „ nhor, replicou o Sargento Mór, se a vossa confiança „ com os maiores amigos está nesse estado, tratemos que „ no Perejá, que tão cedo largámos, haja huma guarda „ para que avise aos nossos barcos, quando vierem; pois „ sem dúvida não hão de vir a outra parte senão alli, „ porque não sabem outra; e se alli houver 20 solda- „ dos em hum reducto, podem fazer a paz com os Te- „ remembés, que nós não fizemos; e por ella poderemos „ ter sujeitos aos nossos Indios, e os da Ilha seus inimi-

„ gos

» gos em tremores; e se nos vier soccorro de gente, pó-
» de metter-se no reducto com os outros, e descarrega-
» rem alli o mantimento, e tornarem a despedir as em-
» barcações, e a nós darem-nos aviso por terra, ou com
» hum Soldado de noite em huma jangada: e nisto, Se-
» nhor, cuidai, porque por hora não temos melhor re-
» medio, nem que mais nos assegure, salvo o de Deos,
» porque se perdemos o soccorro, assim como os navios,
» pouco val o que fica, pois com a morte não damos boa
» conta do que nos mandárão. » Em fim ficárão em que se mandaria reconhecer o rio mais vizinho ao Jaguarapim, ou Ilha das Guajavás, para vêr se por dentro havia algum canal, que se communicasse com os outros do Perejá.

Em quanto as cabeças andavão dando por estes conselhos, os demais tambem discursavão, e quasi que resolvião: e assim se chegou hum certo ao Sargento Mór do Estado, e disse: » Senhor, isto está de modo, que não
» temos outro remedio mais que o do mato, e para que
» não venha tempo, que nem desse valer nos possamos,
» ha neste quartel quem trata de dar fogo á polvora; e
» sei, que se deixa de o fazer, he porque está toda junta,
» e temem-se que falte para a viagem; porque neste
» achaque enterrada a artilheria fundão o poder sahir da-
» qui: são mais de 70 homens os conjurados; mas por
» vos não darem mais desgosto do que tendes, dissimu-
» lão, até vêr a resolução, que se toma no remedio des-
» tas coisas. » Confessa o dito Sargento Mór, que nunca em sua vida teve tal aperto de sentimento, pois gritar sobre o homem, que lhe fallava em segredo, não podia; matallo de qualquer modo, era a ruina de tudo; a respeito dos confederados, descobrillo peior, pois não havia a quem, pois a materia não era para todos; e assim resolvendo-se com o rosto mais alegre, que pôde, respondeu. » Quando esta polvora se houver de voar, ha de ser
» mettendo-a debaixo dos pés dos inimigos, e nos nos-
» sos depois, se as mãos nos faltarem. V.m. agradeça

» aos amigos o seu bom zelo, que eu não quero saber » quem são, e os assegure, que antes de muito tempo te- » rão em que empregar-se, sem aventurar tanto como he » a honra; e se acaso isso se me avisa para que ponha » na polvora mais cuidado, eu vos asseguro, que quem » avoar, que ha de avoar antes della, e amanhã sendo » Deos servido, mandaremos a reconhcer algum bom ca- » minho para a communicação de nossos soccorros, com » que tudo parará no que desejamos. » Acabado este colloquio, logo aquella tarde se metteu a polvora entre todo o mantimento, e se lhe dobrárão as guardas sem dizer o porque, mais que por assegurar a farinha, e coisas do armazem, que não estava: acabado isto juntamente se nomeou Melchior Rangel com 60 arquebuzeiros, e 30 frecheiros Indios para ir a reconhecer a Ilha das Guajavás, ou Jaguarapim para o effeito dito do canal, que desejavão; e porque os inimigos continuavão tanto aquella parte, que davão a entender terem em terra alguma gente, ou solta, ou fortificada. Deu-se ao mancebo huma mui boa guia, e ao outro dia, que fôrão 17 de Novembro, partio levando ordem de reconhecer todos aquelles rios, a vêr se se communicavão por dentro com os que havia trazido a armada, e que se achassem gente na Ilha das Guajavás, que a investissem no quarto d'alva encamisados, e que do successo bom ao longo da ponta fizessem hum só fogo, e se houvessem mister soccorro, que fizessem muitos, chegando-se para o rio mais visinho ao forte Santa Maria, donde logo acudirião todos. Dada esta ordem, e despedidos todos, foi coisa maravilhosa, que em todo aquelle dia, e em toda a noite, e grande parte do outro não acertasse esta gente, levando guia, o caminho de quatro legoas, pelas praias já outras vezes andadas delles; e foi que se entrárão no primeiro braço do rio proximo ao Quartel, e querendo atravessar por elle aos outros vasou a maré, e o lodo era tal, que quanto se desviárão da praia, se impossibilitárão a sahir delle: em fim sem poderem ir adiante aos dezoito

dias

dias do dito, tornárão ao lojamento tão descompostos, e cheios de trabalho, como se todo o anno houverão andado na vasa. Disto tomou notavel despeito o Sargento Mór do Estado, e assim logo naquelle ponto mandou concertar dois bateis, nomeando dez Soldados para cada hum, e quatro Marinheiros todos com seus mosquetes, e fouces de roçar, machados, e pás, e enxadas, e avisou ao Capitão Frias Engenheiro, que na maré da madrugada se havião de ir a vêr os canaes, e cada hum em seu batel, e que em caso, que necessario fosse havião de abrir a terra de huns a outros para fazer o caminho por dentro, que desenhado tinhão, pois era coisa possivel pela disposição do terreno.

Estando tudo prestes, e elles para se embarcarem naquella reponta da maré do dia 19, andando no quarto d'alva vigiando se andavão no mar as lanchas, virão que tudo estava coalhado de embarcações de vela, e remos, que vinhão com grande silencio chegando-se á praia desviados do forte hum tiro de falcão por detraz dos mangues: deu-se aviso, e com o novo dia começárão de se mostrar tantas bandeiras, e tanto número de gente, que a huma grande Cidade podéra dar cuidado, e mais que começárão de saltar em terra com tantas trombetas, caixas, buzinas, e rumor, que não houve mais que fazer, que acudir os do forte Santa Maria, cada qual á sua estancia; e o Capitão Mór Jeronymo de Albuquerque com até oitenta Soldados por vêr como desembarcavão, se foi na volta do inimigo; mas dizem, que alguns dos que levava comsigo, vendo tanta gente o persuadírão, que sem mais tardar se retirasse: já quando elle vinha, o Sargento Mór do Estado lançava fóra outro soccorro, entendendo, que se travaria alguma escaramuça, e tinha ordenado o que convinha: chegado á fortaleza o Capitão Mór, o Sargento Mór do Estado por vêr como se alojava o inimigo, se foi com doze arcabuzeiros, adonde já a vanguarda do inimigo tomava posto, que dizem, que a guiava o Sr. du Prat, e entretanto desembarcava de batalha Monsieur

de Pisiau, Lugar-Tenente General de aquella empresa, o qual vendo tão adiante seu Companheiro, parecendo-lhe que elle só havia de levar a honra daquella Jornada, dizem, que com demasiada louçania se lançou á agoa, e a seu exemplo muitos dos seus, que foi causa de haver frascos, e bandoleiras molhados, e os Indios das canoas vendo saltar na agoa os Francezes em hum momento cobrírão tudo; e elles vinhão cobertos de pavezes, e rodelas tintos de mil côres, e empennados a seu modo, que parecia estar alli todo o inferno. Neste tempo com alguns arcabuzeiros, que se chegárão mais, começou o Sargento Mór de travar a escaramuça a vêr como se punhão, e havendo cahido dois Francezes, e hum Soldado dos Portuguezes, parou a obra, e o Sargento Mór se veio ao forte, a vêr o que determinava seu Collega, o qual achou com hum oculo de longa vista olhando por huma bombardeira o que os inimigos fazião; ao qual disse: » Se» nhor, não ha já que vêr por oculos, que nem o traba» lho hão de diminuir, nem hão de fazer os inimigos » menos. » Pois que havemos de fazer, Senhor Capitão? respondeu o de Albuquerque. » Valer-nos de Deos, e » de nossos punhos, disse o Sargento Mór, que já aqui » não ha outro remedio. O inimigo se fortifica, e vio » que nos retirámos, e entende, que queremos aguardar » o sitio, e assim trata de se alojar primeiro, e desem» barcar suas coisas, se agora sem dilação formos com » toda esta gente por duas partes, sem dúvida os desba» rataremos, e nos dará Deos hoje hum dia muito for» moso; pelo que V.m. com ametade desta gente bran» ca, e Indios sem se deter, vá pela montanha, e eu com » os demais irei pela praia: e tanto que V.m. chegar aos » inimigos faça sinal tocando arma os tambores, que até » alli hão de ir com muito silencio, e investindo eu por » esta banda farei o mesmo, e Deos nos ha de ajudar a » todos. » Não replicou palavra o Capitão Mór, antes movendo-se logo, mandou dar em pé aos Soldados hum bocado de biscouto, e huma vez de vinho; e com isto

sa-

sahirão todos marchando para fóra da cerca sem tocar caixas, e sem bandeiras.

Está diante do forte Santa Maria hum oitero eminente a distancia de hum tiro de falcão, immediato ao mar pela parte do Norte, o qual tem hum rio de agoa doce pelo pé, que pela banda do Sul participa de agoa que bebem os Portuguezes. Neste sitio desembarcou o inimigo de preamar, como está dito, lançando em terra ao pé do monte de 50 canoas mais de dous mil Indios frecheiros da Ilha, e de Tapitaperá, e com elles 200 Soldados Francezes em duas tropas, como está dito, nos quaes entravão muitos Fidalgos de casas conhecidas de França, e dos mais bravos Soldados della, com peitos, e rodelas d'aço, morriões, e colladas, e muitos, e bons mosquetes, alguns de nova invenção, que sendo curtos, tiravão 500 passos aos Indios, além de suas costumadas rodelas, e espadas, arcos, e frechas: trazião cada qual seu feixe de varas atadas a modo de faxina; com que os que vinhão destinados a este effeito em hum momento, como erão tantos, fizerão huma cerca no alto do monte, a qual se guarneceu de mosqueteiros á ordem de Mr. de la Fos Benart, com mais 400 Indios Topinambós, com o lingoa Turçou, aos quaes deu ordem Mr. de Pisiau, que ainda que sentissem tocar arma, e revolver-se tudo, que não largassem o posto, antes mais cada vez o fortificassem, cerrando-se nelle. Logo mais abaixo desta coroa, ou cerca fizerão outra ajudando-se do sitio, e do mato, a qual como barbacan da outra lhe dava resguardo, por ser levantada duas braças do terreno da praia. Esta barbacan com Soldados Francezes, e Indios se deu a cargo de Mr. de Canonuilhá, Soldado velho, e de muito nome, assegurando o monte nesta forma: Atalhárão todo o espaço de terra, que havia entre a maré, e o monte com sete trincheiras de pedra em sosso altas, e grossas, que fazião rosto ao forte Santa Maria, e a estas se retirarão os Francezes, quando a escaramuça do Sargento Mór; porque estavão guarnecidas da sua melhor gente, até donde

ba-

batia o mar com suas sentinellas; e as canoas todas estavão abicadas ao pé da montanha, e cobertas das ditas trincheiras, e todos os mais Indios occupavão tudo o que o mar vasava, guarnecendo a ilharga das trincheiras; em todos os vazios daquelle campo serião mil e quinenhtos frecheiros, que todos fazendo os seus motins, e momos se vinhão chegando para a praia do forte Santa Maria, que era a parte sómente, donde temer se podião. O Capitão Geral, Monsieur de la Ravardiere estava no mar com outros 200 Soldados Francezes, á ordem do Cavalheiro de Raseli da Ordem de S. João, e do Capitão Mattheu Manarte, que com outros 100 frecheiros de Comat havião de sahir com a artilheria em se assegurando o sitio. Já havia marchado o Capitão Mór por huma vereda secreta da montanha com 75 Soldados Portuguezes, gente escolhida, que levavão em suas companhias o Capitão Manoel de Sousa d'Eça, e Francisco de Frias, aos quaes tocou ir por esta parte. Levava mais 80 frecheiros Portuguezes, gente velha, e destra nas occasiões, e guerras do Brazil, e o Sargento Mór do Estado já estava pegado aos inimigos com só Antonio de Albuquerque, filho do Capitão Mór, moço de 20 annos, que aquelle dia quiz seu Pai, que fosse com a sua companhia pela praia com o Sargento Mór, a quem o encommendou: com esta companhia, e com o resto dos Indios, em que entrava o Mandiocapuá com os Tabajarés, se foi melhorando o de Campos coberto com hum pouco de mato por não mostrar a gente ao inimigo; mas os Soldados, que vião o que tinhão diante, movião-se mui tibiamente, querendo antes estar-se ao socairo do forte Santa Maria: e nisto se houverão de modo não obedecendo aos Sargentos, que o do Estado, virando-se a elles com huma pistola na mão, disse: » Não me persuado, que tão valentes homens » duvidem de vencer aquelles inimigos, e mais quando » hontem no Perejá vos amotinastes por chegar a este » ponto, no qual se agora houver algum infame, ou » covarde, o que não cuido, e como tal torcer o rosto, » cui-

» cuide, que me tem aqui para seu verdugo: fazei, Se-
» nhores, e irmãos, o que me virdes fazer, advertindo,
» que a minha vida, e a vossa está na morte de aquel-
» les, que logo hão de fugir, se hum pouco lhes temos
» a barba tesa á sua primeira furia. » Dizendo isto virou-
se ao Capitão Madeira, valente Soldado, e Capitão dos
Indios todos, e disse-lhe: » Mettei-vos, Senhor, com toda
» essa gente detraz daquellas embarcações nossas, que
» já estão em secco, e não arremettais senão depois que
» me virdes, que vou investindo, e então cerrai com
» os Indios da praia, que guardão a ilharga das trinchei-
» ras, e fazei como costumastes sempre. » E dando esta
ordem, disse ao Alferes Diogo da Costa, Soldado velho,
e de honra, natural das Ilhas: » V. m. se vá voando ao
» forte, e diga ao Capitão Gregorio Fragoso, que com
» toda a sua companhia venha logo marchando pouco a
» pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha
» na retaguarda dos nossos Indios, e tanto que nos vir
» arremetter, entre pela praia de soccorro com a sua arca-
» buzaria, para que os nossos Indios o sintão nas espal-
» das, e o inimigo se descomponha pela ilharga. » Orde-
nado assim o que convinha aguardando o sinal des da
montanha, saltou em terra de huma canoa hum Trombe-
ta com as Armas Reaes de França bem concertado, e
tocando, e chamando, se veio até que hum tambor dos
Portuguezes com ordem do Sargento Mór do Estado o
foi recolher, e vindo á sua presença lhe deu huma Carta
em Francez do seu General, ao qual em quanto se via,
lhe mandou o Sargento Mór tapar os olhos ao Trombe-
ta, e pôr boa guarda, e lendo a Carta para si sómente
vio, que dizia assim:

Ao Senhor Jeronymo de Albuquerque.

» Senhor de Albuquerque, o vosso atrevimento he in-
» comparavel vindo accommetter em minha pessoa ao
» maior Monarcha da Christandade, com o seu povo,

» e

„ e Reino, do qual eu tomei posse por S. Magestade,
„ com meus Companheiros a perto de tres annos, ten-
„ do Commissões, e Letras patentes do meu Rei para
„ este effeito, e tendo tambem para este effeito vinte
„ Capuchinhos guarnecidos de mui boas Missões do
„ Papa. Por tanto eu te peço, ó Albuquerque, donde está
„ a justiça da tua causa, e se Deos te quer ajudar, vin-
„ do sem algum direito a turbar nossos limites, e a
„ transtornar por hum tempo os bons effeitos, que aqui
„ se fazem em todas as coisas; eu não deixo de rogar
„ a Deos, que te não mande o castigo, que tu mereces
„ turbando-te em tal sorte o espirito, que tu não ac-
„ ceites a graça, que como Christão, e como Nobre
„ eu te quero fazer por duas razões principaes: a pri-
„ meira por teu coraje de haver ousado vir dentro aos
„ limites Francezes accommettendo hum número de bra-
„ vos Fidalgos, onde eu sou o menor, e incapaz da
„ honra, que tenho de os mandar: a outra razão mais
„ forte he a prevenção, que faço á perda do sangue
„ Christão, que não posso estorvar, se não guardares as
„ condições seguintes, assim como o desejão todos
„ os meus; porque tenho hum número infinito de sal-
„ vajens, que não desejão mais, que de te abocanhar
„ a ti, e a tuas gentes, e de executar em ti, e nos teus
„ todas as sortes de carnecerias, gozando dellas, e de
„ outras mortes: e com tudo eu por desviar estas in-
„ evitaveis maloras, porque as não desejo; olha, se te
„ queres render por meu prisioneiro de guerra com todos
„ os teus Fidalgos, e Soldados, e salvajens, porque fa-
„ zendo-o, te prometto sobre minha honra, e a elles
„ todos de vos fazer todas as cortezias em vossas pes-
„ soas, que podereis desejar de hum verdadeiro Christão,
„ e Fidalgo Francez; e não querendo tu acceitar este
„ favor, dando-me a pena de pôr os pés em terra, e de te
„ plantar a bateria das minhas peças, não tens que es-
„ perar de mim nada mais, que o que as Leis da nossa arte
„ promettem: assim que pois não és ignorante, e tens

„ as

» as qualidades, que eu hei visto em teus Passaportes,
» não confies no soccorro, antes assegura a vida tua, e
» dos teus, que está hoje posta no vento, e mais quan-
» do tu vês o estado em que estou para lhes romper a
» cabeça, antes que vejão o teu forte, e antes que ve-
» nhão a mim, tem que fazer com huma náo de 400
» toneladas, que tenho na entrada da barra com hum
» seu pataxo, assim que eu te concedo termó de qua-
» tro horas para receber a lei de teu bemfeitor, e servi-
» dor, se fizeres para teu bem o que te digo acima.

*Ravardiere.*

» Se desejas de me mandar hum de teus Cavalleiros,
» póde vir seguramente; porque te dou minha fé, e
» palavra de t'o tornar a mandar, em fallando com el-
» le; e porque não ignores tu, e os teus o estado em
» que estou, e vós vos achais. Ahi vos mando parte
» das cartas, que elles escrevião pelos navios tomados
» por meus companheiros. No campo Francez diante
» do Forte S. Simão dos Portuguezes no Maranhão a
» 19 de Novembro de 1614.

Havia passado a palavra ao Capitão Mór da vinda do Trombeta; o qual para mais não era vindo, que para reconhecer, e empachar os Portuguezes em quanto os Francezes se fortificavão, e espantar com aquellas palavras aos que sabião pouco: em fim o dito Capitão Mór fez alto sonido já ao pé do monte da outra banda de Leste, e para saber a novidade, mandou hum Alferes a informar-se; mas o Sargento Mór do Estado, a resposta que deu foi metter a Carta no uco do chapeo, e ao Alferes por nome Manoel Vaz d'Oliveira disse: » Diga ao Capitão
» Mór, que a Carta vem em Francez, e que sua mercê
» que a não ha de poder ler; mas que lhe aviso, se não
» quer ser captivo dos Francezes, que arremetta logo, como
» está assentado; porque aqui estamos prestes para fazer o

„ mesmo: e que pedem, que nos rendamos a S. Mercê „ dentro de quatro horas, se não que seremos postos ao cu- „ telo.„ Foi o Alferes voando com este recado, o qual tanto que o Capitão Mór o ouvio, arremetteu como mui esforçado Cavalleiro, e ao signal o Sargento Mór dando por nome: Virgem de Guadalupe, e gritando *Sant-Iago* cerrou com as trincheiras da praia, e apóz elle arremetteu o Madeira com os Indios amigos, que não chegavão a cem homens: o soccorro com o Capitão Gregorio Fragoso entrou assim como lhes estava ordenado, dando a carga pela banda do mar. Já neste tempo a gente estava abarbada com a primeira trincheira, donde os mortos, que cahião de huma, e de outra parte fazião duvidoso espectaculo; mas a virtude do soffrimento nos Portuguezes foi grande, pois sem torcerem o rosto, sempre levados do exemplo, e vozes do Sargento Mór, apertárão tanto, que ganhárão a primeira trincheira, e isto a tempo, que os Indios do inimigo, que erão em multidão grande, como nelles se não perdia tiro, e a gente Portugueza os hia entrando, virárão as costas a tempo, que o Capitão Mór já chegava á praia, e o Sargento Mór gritava: *Victoria, que fogem.* Com tudo os Francezes peleijando galhardamente, ainda que com pouca fortuna, entretinhão o impeto de huma, e de outra parte, até que de todo vendo desamparada a sua ilharga dos seus salvajes, e occupada dos Portuguezes, que derramados destramente lhe fazião o officio, e que os seus Indios occupavão o lugar da retirada; tomando a carga começárão juntos de tropel de caminhar, para se valer dos navios, porém fórão dar com o Capitão Mór, que como dito he, vinha sahindo do mato, e arremettendo quasi só. Porque os seus, ou porque elle se adiantasse, ou porque elles marchassem menos, chegárão descompostos, mas mui valerosos, e honrados, e como taes, ainda que o Capitão Mór esteve em perigo, logo foi soccorrido de huns, e de outros, e nesta envolta foi morto Monsieur de Pisiau Lugar Tenente General, Fidalgo Catholico, e de tantas partes, que sempre será chorado dos seus.

Era

Era primo com irmão da Princeza de Condé, o qual vendo cahido seu companheiro Monsieur Duprat, e tudo em rota com mais pressa, do que a barafunda dava lugar, se retirou, e escapou a nado com a espada na boca. Todos os demais Fidalgos Francezes elegêrão antes morrer peleijando junto do seu General, e assim quanto mais em Francez o Sargento Mór do Estado lhes gritava, que se rendessem, tanto mais se defendião. Pelo que em menos de huma hora, que durou a força da batalha, ficou todo o campo coalhado de mortos Francezes, e Indios. Monsieur de la Ravardiere, vendo do mar o que parava, mandou na furia do conflicto aos navios mais ligeiros, que se presentassem á fortaleza para divertir o damno, que já d'outro modo remediar não podião; mas o Capitão Manoel de Brito Freire, que com o Alferes Diogo da Costa com quasi trinta Soldados Marinheiros, e doentes fizerão tão bem seu officio com a artilheria, que desviárão de si este perigo, dando a entender differente força da que havia, de modo que no mar, e na terra, e no monte, e na praia tudo erão bombardadas, cutiladas, e arcabuzadas, com tanto fervor, qual no Estado do Brazil já mais foi visto, nem que tanto se aventurasse como este dia: no qual para mais espantosa tragedia dos Francezes, mandou o Sargento Mór do Estado dar fogo a todas as canoas, que estavão varadas em terra, que erão quarenta e seis com todo seu maçame, e remos, em que havia algumas de setenta e cinco palmos de comprido, que vogavão vinte cinco remos por banda, o que se fez por tirar o pensamenso aos fugidos de se salvarem nellas, e por quebrar o animo aos alliados dos Francezes, que nisto perdião seu regalo, e remedio, e mostrar aos do mar sua armada feita cinzas, e aos da terra, que todavia se fortificavão na montanha, que não tinhão, que esperar soccorro pois as canoas ardião. O Capitão Mór Jeronymo d'Albuquerque tanto que vio o bom successo da rota, em que como está dito, peleijou como quem era, foi-se ao Forte a descançar do trabalho passado, deixan-

do que a seu alvedrio cada qual despojasse, e saqueasse tudo o que achasse de mantimentos, e munições, e armas, de que estava o campo cuberto; mas o Sargento Mór do Estado, que trazia outro pensamento, tinha sempre junta, e firme huma tropa de sessenta Soldados, e todos os Officiaes comsigo, sem consentir, que se desviassem hum ponto, até ver o inimigo de todo roto, e a montanha desoccupada; e assim cada momento provia com esquadras de refresco, para que sem parar lhes tivessem a escaramuça em tezo aos Capitães Francezes, a saber, a Monsieur de la Fos Benart, que como está dito guardava o monte, e alli se defendia valerosamente, e a Monsieur de Canonvilla, que se havia ajuntado com elle, tanto que vio a rota: e era de temer, que se o negocio se esfriava, que se podia mudar a fortuna, e mais se os do mar entendião, que a sua gente estava fortificada. Pelo que o Sargento Mór do Estado buscando seu companheiro o Capitão Mór, lhe foi dito, como estava na cerca em sua casa, e assim se foi a o buscar deixando com a gente o Capitão Frias, e chegando aonde estava Jeronymo d'Albuquerque lhe disse: » Meu Senhor; » não temos feito nada, se logo nos não tornamos a ajuntar, » e vamos desfazer a cerca da montanha, donde os inimigos que fugírão estão recolhidos, e bem sabeis, Senhor, » que se falta qualquer de nós do campo, que ametade dos » Soldados hão de desapparecer. » O Capitão Mór com muita vontade tornou a tomar as suas armas, e levando seu filho comsigo se tornárão á praia, donde repartidos sem que houvesse Indios, que levar de ajuda, porque todos andavão encarniçados em quebrar cabeças, e despir os mortos, se foi o Capitão Mór por huma banda, e o Sargento Mór ficou na da praia, e pelo mato cerrado chegando-se bem acerca, houve huma contenda mui desigual; porque os Portuguezes a coronha rasa descubertos querião ás mãos desfazer tudo, e se mettião nas bocas dos mosquetes inimigos, tanto que com o fogo lhes queimavão o fato, e os derrubavão, como fizerão a hum sobrinho do Sargento

Mór

Mór do Estado chamado Luiz de Guevara, que de duas arcabuzadas cahio em terra morto pegado nos páos da cerca, e Antonio Grisante moço nobre, que á porfia se arremeçou da banda de dentro, tambem ficou morto de mil feridas: logo ferírão a Antonio de Albuquerque filho do Capitão Mór, e ao seu Alferes Christovão Vaz, e outros Soldados, e nesta pressa e bateria mais atrevida, do que dizer-se póde, derão huma mosquetada ao Turcou, Lingoa mór dos Indios, que estavão na cerca, os quaes tanto que o virão ferido, e alguns delles mortos, não havendo quem os exhortasse a estar firmes, e havendo a polvora faltado já aos Francezes, e Mons. de la Fos Benart tendo huma arcabuzada em hum braço, começárão os Indios, ao seu modo, de bater as palmas, e dando a travez com o canto contrario da cerca, se lançárão fugindo pela montanha abaixo, levando traz si as arvores, como se fôra algum caudal de rio, porque erão mais de 600 homens. Os Francezes havendo feito seu dever, como mui bons Soldados se misturárão com os Indios de Tatuasu, que era o Principal daquella tropa, e com o Carangueijo Branco outro Principal da Ilha, e assim se salvárão pela espessura do mato. O Sargento Mór tanto que vio arrebentar aquella gente, pôz o joelho no chão, e disse aos companheiros, "Demos graças a Deos, que nos ha dado inteira victoria." E logo recolhendo a gente, não quiz consentir, que mais se desmandassem pelo bosque, antes mandando tocar a recolher se veio marchando para o Forte Santa Maria, já quasi noite, havendo-se recolhido todos os mortos Portuguezes, e feridos. O Capitão Mór já tinha feito outro tanto, sentindo porém das feridas do filho. Sepultárão-se aquella noite, e ao outro dia os mortos, que em todos fôrão onze, e tratou-se de acudir aos feridos, que erão muitos, e no Quartel, a Deos louvores! não havia Cirurgião, nem mezinha alguma, mais que hum pobre moço, que ainda que soubesse atar huma ferida, não tinha coisa, que lhe pôr mais, que azeite commum, ou de copaiva, e pannos d'agoa com empsalmo,

que

que para tão terriveis feridas, como alguns tinhão, era coisa lastimosa: e porque he bem saberem-se os nomes dos que honradamente servindo a Deos, e a S. Magestade, morrêrão nesta batalha, e fôrão feridos: os mortos são os seguintes:

Luiz de Guevara, natural de Tangere, filho de Gonçalo de Guevara, Cavalleiro da Ordem de Christo.
Antonio Grisante, homem nobre, natural de Braga.
Francisco de Bessa, Castelhano.
João da Mata, natural do Brazil.
Pedro Alvares, de Vianna.
Amaro do Couto, natural de Lisboa.
Bartholomeu Ramires, natural das Ilhas.
Manoel de Loureiro, natural de Abrantes.
Mattheus Gonçalves, natural de Mondego.
Domingos Corrêa, natural da Ilha Graciosa, Mestre de hum caravelão da Jornada.

Os feridos na batalha.

O Capitão Antonio d'Albuquerque.
O seu Alferes Christovão Vaz.
O Alferes Estevão de Campos, sobrinho do Sargento Mór do Estado.
Pedro Bastardo.
Domingos Martins.
Encenso Fernandes.
João de Oliveira.
O Sargento Rodovalho, que se assinalou muito.
Francisco Páes.
João de Mendiola, Castelhano.
Manoel Lopes.
Gonçalo de Sousa.
Bartholomeu Carrasco.
Francisco de Vellasco, Castelhano.
Braz Mendes.

Jor-

Jorge da Costa.
Roque de Mesquita.
Melchior Rangel.

Do inimigo se contárão mortos no campo cento e quinze Francezes, entre os quaes os Fidalgos, e principaes de nome são os seguintes:

Mons. de Pisiaus, do Delfinado, Tenente General desta Empreza.
Mons. de Lonjeville, de París.
Mons. de Chavanne, primo-irmão de Mons. de la Ravardiere, natural de Xavanha.
Mons. de S. Gil, de Normandia.
Mons. de Hautnouesa, Normando.
Mons. de Rochefarte, Normando.
Mons. de la Hey, Normando.
Mons. de la Benuviera, Normando.
Mons. de S. Vicente, Normando.
Mons. de Batallá, Normando.
Mons. de la Praeriá, Normando.
Mons. de Magnihi, Borgonhão.
Mons. de Fossé, Picardo.
Mons. Vanet, Astrologo de la Franqua.
Mons. de la Roche, Limosine Conte.
Mons. de Sablon, primo de Mons. de la Roche Depuis, Normando.
O Sargento la Verdura.
O Sargento Bixot, da Companhia de Mons. Du Prat.
Mons. de Sauvensi, Bolonhez.
Mons. d'Ambreville, Borgonhão.
Mons. de la Ruelle, Secretario do Condestavel.
Mons. de la Crux, de París de França.
Mons. Magrot.
Mons. de Basserua, de París.
Mons. de Chateau, de París.
Mons. de Bachiler, de París.
Seu Irmão le Bachiler, de París.

Vi-

Vicente Grande, Mestre de Navios.
Mons. Bridu, natural de Dieppa, famoso.
Hum Lingoa dos Indios chamado o Minguão.
Mons. Gatignat, de París.
Mons. Des Marais, de Ruão.

A fóra estas pessoas particulares, que aqui morrêrão, dizem, que com os affogados, e perdidos chegárão a 150; mas os que se contárão no campo, como dito he, fôrão 115 a fóra os prezos, que fôrão nove.

Aquella noite depois da batalha não consentírão, que da fortaleza sahissem Soldados fóra, tanto por dar aos inimigos ponte de prata, como porque na verdade a gente estava tal, e havia tanto em que entender com feridos, e mortos, e com vivos mortos de fome, e juntamente tendo a armada á vista, na qual os prezos dizião, que havia mais de 200 Soldados, e que estava grande soccorro de Indios para vir ao outro dia; os quaes vinhão da terra firme de Comat: tambem os Indios da Ilha, que como está dito, fugírão aos primeiros encontros, e assim os da montanha, era de crer, que não devião de estar mui longe, e que vendo as canoas dos amigos, que se poderião animar, e refazer com ellas, e mais se tinhão em sua companhia alguns Francezes, os quaes avisando a Monsieur de la Ravardiere poderião fazer, que outra vez se tentasse a fortuna, e mais quando os ditos Francezes tinhão as suas forças do mar inteiras, e os Portuguezes nem hum batel para seu serviço, que tudo estava varado, e tiradas as taboas, e rombas; porque das embarcações que havião ficado, se não valesse ninguem até que o tempo mostrasse melhor rosto. Todavia aquella noite houve grande vigia, e guardas dobles, a causa de que em toda ella sempre se sentio rumor de gente, assim nos matos vizinhos, como na baixamar da praia, na qual se fuzilava ás vezes por signal dos que pedião favor aos navios. Nesta noite se veio a render á fortaleza hum Indio, Principal

dos

dos da Ilha, que declarou o grande medo, que havia em todos os fugidos, e escapados da batalha, e a grande tristeza, que havia pelos mortos, e perda de armas, e canoas. Tudo isto mais se certificou em sendo de dia; porque em toda a armada não havia bandeira alguma arvorada, e a Capitánia tinha abatida, e desarvorada a sua Real, e a do masto grande; nem se tocou trombeta, nem caixa na alvorada, nem se desparou arma de fogo, tudo pela morte do Tenente Geral de Pisiau, e pelos demais parentes, e amigos do Senhor de la Ravardiere, o qual aquelle dia, nem o outro fallou a ninguem, encerrado em seu camarote, como homem pouco costumado a ser vencido. Estas coisas ainda que se vião, e entendião no Forte Santa Maria, não erão tão solemnizadas exteriormente, porque todavia se vião com o porto tomado como dantes, e sabião de raiz, quaes erão as forças do inimigo, e quam poderosos em gente, navios, e artilheria, e o pouco poder, que de presente havia para acabar de consumir tudo isto. Sómente entre os Indios havia ao seu modo bailos, e cantos toda a noite, e as mulheres aprégoando pelo Quartel andavão cantando das proezas de seus maridos, e publicando os nomes dos homens de guerra, que havião tomado nos contrarios, quebrando-lhes as cabeças, cerimonia notavel, e de muita graça pelo fervor, com que as mulheres Indias de aquellas partes dão á execução este rito.

Estando pois huns, e outros desta sorte, apparecêrão polas sete horas da manhã do dia, vinte de Novembro 16 canoas grandes, que huma tras outra em largo gyro, vinhão chegando-se á terra, e á armada, as quaes trazião de soccorro da terra firme de Comat 600, para 700 Indios Tupinambás, e vinhão a assentar o Quartel da banda do rio Mum, para que os Portuguezes perdessem a esperança de remedio de nenhuma parte. Tanto que apparecêrão as canoas, logo o Sargento Mór do Estado lançou fóra cem arcabuzeiros com o Capitão Manoel de Sousa d'Essa: os quaes marchando á vista da armada pela bai-

xamar fôrão a pôr-se adonde as canoas apontavão, e os Indios amigos ao longo do mato fôrão sempre reconhecendo o bosque, até ao mesmo posto, donde aguardavão o que fazião as canoas; as quaes tomando terra da outra banda do rio, fôrão advertidos dos Indios, que lá andavão (buscando em que salvar-se), e assim tanto que tiverão noticia do estrago passado, e virão que já os Portuguezes da outra parte do rio esperavão pela baixamar para se verem com elles, não lhes parecendo bem provar-se com gente, que antes de elles chegar já os buscava, embarcando depressa os escapados, que á boamente levar podérão, se tornárão na volta de suas terras sem fallarem á armada, nem ao Principal da Ilha, que nella estava com o General Ravardiere chamado o *Brazil*, nem lhes darem a obediencia, ainda que da Capitánia lhes tirárão huma peça, e os foi chamar huma lancha. Com este successo se recolhêrão os Portuguezes, vindo de caminho ás cercas do inimigo, queimando-as, e desbaratando-as de todo, e desmanchando as trincheiras da praia, mandando juntamente dar sepultura a todos os mortos, Francezes, e Topinambás, em que todos os escravos, e gente do serviço gastárão todo o dia; e assim acabárão de saquear-se os Quarteis, em que houve muita farinha, e legumes, e muitas redes de dormir, e grande cópia de armas, arcabuzes, mosquetes, pistolas, peitos, rodelas, morriões, e celadas, infinitos arcos, e frechas, pavezes, e rodelas dos Indios, alguma polvora em cabaços, murrão, pelouros: Tambem este dia se tomou huma India moça, a qual havia vindo á guerra com seu marido, o qual ao tempo de fugir a deixou, esquecendo-se dos amores; mas ella teve tanta astucia, que disse aos que a achárão, que era Tapuia, escrava de hum Principal da Ilha, para que assim a captivassem, e a não matassem; como succedeu, que sendo levada por escrava de huns Tabajáres, que a tomárão, passada a furia, disse quem era, e foi restituida a seu marido dahi a poucos dias.

Passadas estas cousas, a 21 do dito mandou o inimi-

migo hum Indio dos que lá tinha da primeira canoa, quando fôrão de paz á Ilha, e lhe deu huma Carta em Francez cerrada para que désse aos seus Portuguezes: a qual traduzida dizia assim:

„ Senhor d'Albuquerque, eu te mando esta para saber „ a verdade da guerra, que fazes, e queres fazer aos „ meus; porque atéqui não quiz praticar-te nada de a- „ quillo, que toca á nossa arte. Porque tu quebras to- „ das as Leis praticadas, em todas as guerras assim „ Christãs, como Turquesquas, ou seja em crueldade, „ ou seja na liberdade das seguridades, que os homens „ tomão huns com os outros para seus parlamentos; e „ tu retendo os Trombetas, que te mandão pessoas li- „ vres, pelo meio de todos os inimigos fazes, que em „ ti vejamos, e pratiquemos Leis novas em nossos of- „ ficios. Pelo que tu nunca terás honra jámais para com „ pessoas de merecimento, nem farás mais, que aboca- „ nhar a carne Christã; mas a Justiça Divina te castiga- „ rá como tu mereces, e me dará graça, que tu, e os „ teus proveis a cortezia Franceza, cahindo nas minhas „ mãos, a qual eu te prometto em vingança de tuas „ crueldades, que eu poderei executar sobre ti, e sobre „ os teus, que cá tenho no Forte S. Luiz sendo doze „ salvagens, a que faço melhor tratamento, que pos- „ so. Por tanto não te ensoberbeças havendo espanta- „ do huns poucos de salvagens, os quaes te deixárão „ nas mãos alguns oitenta homens dos meus France- „ zes, governados pelo meu Tenente mancebo, e bra- „ vo Capitão, e experimentado na guerra, se jámais „ o houve, que foi morto na primeira occasião em que „ aqui se achou. Tambem havia outro bravo, e expe- „ rimentado na guerra chamado *Mons. du Prat*, o „ qual me veio achar depois da defensa, que fez fa- „ zer aos Francezes, e Salvagens, de que não tirassem „ em modo algum do mundo em quanto durava o „ parlamento, e esta foi a causa, que tu a tão bom

„ preço os tomaste contra toda a Lei de Guerra, vio-
„ lando tudo o que nella se pratica. O Senhor du Prat
„ virou o rosto á larma, e vendo a desordem se pôz
„ a resistir, e vendo o atrevimento dos teus, e sua
„ audacia acompanhou os seus pelejando até que te vio
„ senhor do campo, e depois se salvou, e está com
„ saude, donde me assistirá bravamente a tomar razão
„ de teus crueis effeitos. Tu tens sómente a honra de
„ ficar com a praça, a qual eu espero haver bem ce-
„ do, porque ainda me ficou assaz gente de bem pa-
„ ra executar meu desenho, sem ter necessidade da-
„ quelles, que mandei ao Pará, os quaes espero cada
„ dia, e outros muitos de França; e assim esperarei
„ tambem tua resposta, sobre o que acima te digo,
„ a qual me pódes mandar sobre minha fé, e palavra,
„ que eu nunca jámais quebrei, nem o farei. Porque
„ tenho vinte e cinco annos de Governador de gentes,
„ pelo que se te mostrares Christão, faze boa guerra aos
„ meus, e manda-me o meu Trombeta, se não queres,
„ que á tua vista te faça enforcar em 54 horas todos
„ os teus assim Portuguezes, como Salvagens. Este teu
„ mortal inimigo.

*Ravardiere.*

„ Diante do Forte S. Simão aos 21 de Novembro 1614.

Lida, e declarada esta Carta pelo Capitão, e Sargento Mór do Estado, pareceu, que respondesse a ella, mostrando aos Francezes a pouca razão, e prática de guerra, que tinhão, e assim lhe se escreveu a seguinte em nome do Capitão Mór, e por elle assignada:

„ Senhor Ravardiere. ElRei Catholico de Hespanha
„ nosso Senhor me mandou a este Rio Maranhão com
„ o Capitão, e Sargento Mór de todo este Estado do
„ Brazil Diogo de Campos meu Collega, e muitos ho-
„ mens Nobres, Fidalgos, e Cavalleiros de diversas

„ ge-

„ gerações de Portugal, de que realmente eu tenho
„ muita honra, e tanto me fio de sua companhia, que
„ tenho dois filhos commigo nesta empreza, na qual
„ nunca me persuadi, que tinha parte o Christianissi-
„ mo Rei de França, nem os Francezes Nobres, que
„ se me nomeão. Pois he de crer, que sendo o meu
„ Rei Emperador deste novo mundo ha mais de cento
„ e doze annos, que não dará parte delle a outro Prin-
„ cipe, e se lha der, que lha não tornará a tirar: pelo
„ que sobre o titulo de nossa vinda não ha que disputar,
„ que se os Reis o hão de averiguar, mal faz quem faz
„ a guerra, e se as armas, escusadas são palavras.

„ Por averiguar dúvidas, e saber quem estava nessa
„ Ilha, mandei os dias passados os meus Indios com
„ a paz á mesma Ilha, e tomarão-mos os Francezes,
„ della vierão outros a buscar-me com engano, dissi-
„ mulei, e mandei-os livres: depois disto vierão os
„ Francezes de Itapari a esta corôa de arêa, que me
„ jaz defronte, e pozerão bandeira branca de paz, a
„ que logo acudi com hum barco, em que hia hum fi-
„ lho meu, e hum Capitão da Casa Rangel para vêr
„ sua falla: vierão com armas cubertas os Francezes,
„ e tanto que entendêrão poder damnar aos meus, lhes
„ tirárão cruelmente muitos golpes de arcabuz, e mos-
„ quete. Eis-aqui, Senhor Ravardiere, quem por tres
„ vezes rompeu, e violou a lei das gentes, e do pri-
„ mor da guerra, e quem se fez incapaz de fidelida-
„ de: passadas estas coisas vierão os Francezes a to-
„ mar dois pobres cascos de navios desarmados a meus
„ pobres marinheiros, os quaes estavão á boa fé no
„ mar d'ElRei nosso Senhor, sem fazerem mal a pes-
„ soa, e foi a interpreza a horas, e termos pouco va-
„ lentes, em fim ficámos lastimados de tanta ousadia,
„ e má vizinhança. Passado isto, Senhor Ravardiere,
„ vierão os Francezes em número grande com todas
„ as forças do Estado dos Indios destas Comarcas en-

„ ga-

„ ganados para nos comerem, e tirarem a vida á fo-
„ me, e sede, e ao cutelo, e andando-nos aperce-
„ bendo para nossa defeza, mandárão hum Trombeta
„ não sei de quem, o qual queria, que dentro em
„ quatro horas nos rendessemos; e em quanto fallava
„ com meu companheiro Diogo de Campos, a gente
„ Franceza desembarcava, e os Salvagens se chegavão,
„ os Francezes astuciosamente se fortificavão: sen-
„ do assim, que cada crime destes he intoleravel: Pe-
„ lo que, seguindo-se o effeito pela nossa parte, co-
„ meçando, a Deos graças, o Trombeta ficou salvo,
„ e a vosso serviço, e vos dou palavra de o mandar
„ quando for tempo por minha cortezia, e vossa boa
„ tençaõ; não pelo merecimento da causa, que já vai
„ declarado para diante dos que da nossa arte mais en-
„ tenderem. Do sangue, que se derramou de Francezes,
„ e Portuguezes, Deos he testemunha, que não tenho
„ eu a culpa, a quem a tiver elle dará a pena. Por
„ tanto se os meus, que lá estão, enforcardes, mal fa-
„ reis aos vossos, que cá tenho, que são nove com
„ o Trombeta, e hum vosso Tambor, mas *il serà*,
„ *comme vous plairà.*

„ Todos os mortos Francezes fiz enterrar como pude,
„ não como merecem, se delles algum he necessario,
„ ou os ossos pódem livremente vir por elle, sem ne-
„ nhum interesse: a muitos salvei a vida, mas os Sal-
„ vagens, que vem commigo, confesso, que são mais
„ crueis, que os vossos, não para comerem carne hu-
„ mana, e assim he fabula, que faltou perna, nem
„ braço a nenhum Françez, e isto sobre minha hon-
„ ra, antes a hum Soldado meu valeroso de casaca gri-
„ sante, que morreu peleijando dentro já na cerca, os
„ vossos Tapuias, ou Salvajens lhe cortárão hum bra-
„ ço, e sem elle foi á terra; nem me maravilhei dis-
„ so; porque sou velho, e ha muitos annos, que an-
„ do nestas coisas, e por derradeiro sei, que será o

„ que

„ que Deos quizer. Dada no Forte Santa Maria no „ Rio Maranhão, a 21 de Novembro 1614.

*Jeronymo d'Albuquerque.*

„ Andava fóra á caça, por tanto não mandei a res- „ posta mais cedo: as cartas dos meus vi, fallão ver- „ dade; mas póde alguem enganar-se com ellas, tor- „ no-as a mandar, para que se vejão mais d'espaço. „ Esta Carta se mandou pôr em hum pau na praia com huma bandeira branca, porque o Indio, que trouxe a outra, não quiz tornar com a resposta; mas elles sem perder ponto, ao outro dia mandárão a que se segue, e ha-se de advertir, que as Cartas de que fallão atraz, fôrão as que os Soldados Portuguezes escrevião ao Reino nos navios, que os Francezes tomárão, em que cada hum conforme seu talento contava da Jornada, e significava as necessidades do estado presente; nas quaes, e na tomada dos navios o inimigo havia feito juizo certo das forças Portuguezas, e para que soubessem, que não ignorava nada do que convinha, mandava as Cartas originaes; mas os Capitães Portuguezes não dando dellas a entender nada a pessoa alguma, por não lastimar, e escandalizar aos que com simplicidade as havião escrito, as tornárão ao inimigo, dizendo que fallavão verdade, mas que podia alguem enganar-se com ellas: e tornando á carta do Ravardiere dizia deste modo.

„ Senhor d'Albuquerque. Tenho visto pela tua a boa „ guerra, que tens feito aos meus Francezes, que eu „ governo, e assim estou mui alegre, e crê de mim „ hum natural, que jámais ficará vão de cortezia, e „ que assim tudo te pagarei em dobro, quando Deos „ me der a occasião. Peço-te, que me mandes os no- „ mes dos meus, a quem tu salvaste a vida, e não creias,

„ que

„ que se te dará por isso hum só enojo, e assim me
„ avisa, quando me dás tua palavra, e tua fé para
„ que eu mande hum Fidalgo dos meus a vêr o corpo
„ do meu lugar Tenente General, homem de Casa il-
„ lustre, e se tu m'o queres mandar buscar por alguem,
„ eu te dou minha fé, e minha honra, que póde vir,
„ e tornar seguramente; e assim se alguem dos teus
„ Padres quizer vir, eu lhe farei, que veja os nossos,
„ e responderei de viva voz a todos os pontos da tua
„ Carta á pessoa, que mandares, ou a quem lá for so-
„ bre tua palavra, na qual me fio tanto, como tu te
„ podes fiar da minha, pois que t'a dou como Chris-
„ tão verdadeiro, e servidor fiel do meu Rei, e teu
„ amigo. Manda-me dizer, se me dás a palavra para ir
„ lá o Capitão Malharte, que tu já viste em Paranam-
„ buco; e assim te rogo, que me faças escrever em
„ Francez, ou em Hespanhol pelos teus, que tu tens,
„ que sabem de tudo. Dada em 22 de Novembro 1614.

*Ravardiere.*

A esta Carta cortez, cheia de rogos se dispuzerão com parecer de todos a lhe mandar o Trombeta livremente, para que mais se desenganasse do animo, e das forças dos Portuguezes, e com o dito Trombeta foi a Carta seguinte:

„ Mi Señor de la Ravardiere, màs obligua a los
„ Cavalleros Portuguezes un termino cortes q̃ la fuer-
„ ça de las armas, y assi doy mi palabra, q̃ de nuestra
„ querella en fuera, q̃ a todo lo q̃ fuere de gusto, y
„ servicio de Monsieur de la Ravardiere de lo hazer
„ mui a punto. Luego q̃ recebi este segundo mensaje
„ imbiè dos Capitanes con dos Francezes, y el Trom-
„ peta a busquar el cuerpo de Monsieur de Pisiaus: y
„ mal aya la fortuna, y desconfiança, q̃ de mi se tu-
„ vo, q̃ si ellos nò pelearan tan valerosamente, y

„ dar

„ dar se quisieran á mi persona, que se lo rogava ti-
„ niendo el impetu de los mios sobre mis armas, todos
„ oj fueran bivos, ò a lomenos si el mismo dia de la
„ batalla yo tuviera aviso, como se acustumbra en
„ las occasiones, para enterrar los muertos, pudiera es-
„ tar hecho lo que á la amistad y lealdad de los ta-
„ les hombres se deve, y por vida de mis hijos, que
„ yo los sepultara mui de otra manera. Pero como
„ cosa sin noticia los hize enterrar como a los mios,
„ a quien todo el bosque es mui honrada, y dichosa
„ sepultura, e assy en lo de los muertos tengo hecho
„ la devida diligencia.

„ El Trompeta dirà como quedamos, yo dire que mejor
„ le trataramos, si estuvieramos en nuestra patria: pero
„ como somos hombres, que un punho de harina, y
„ un pedaço de culebra, quando la ai nos sustenta,
„ quien a esto nò se accomoda, siempre rehusará nues-
„ tra companhia.

„ Con los demàs prisioneros hago cierta diligencia
„ conveniente, a quien ha de dar cuenta a su Rey, he-
„ cha que sea, se tratará de dar gusto a todos. En-
„ tretanto si pareciere conveniente puede venir a tierra
„ un personaje Francez, de los de mas principales para
„ que vaya un Cavallero Portuguez de los mios a tra-
„ tar de los màs puntos en vox viva, como se me
„ promette, advertiendo, que està la fee de Monsieur
„ de la Ravardiere, y de Hieronymo d' Albuquerque
„ de permedio, e que no avrà quien haga macula en
„ ella. Fecha en el fuerte S. Maria en el rio Maranhon
„ a 22 de Noviembre 1614.

*Hieronymo d' Albuquerque.*

Los hombres de los Franceses, a quien salvé la vida por Dios, que a todos la salva, son:

Nué de la Motte. Marin Bartier.
Antonio Lanclure. Critien Marixal.

Jean Pagier. Abraham (le funditor.)
Pierre Laleman. Un tambor garçon.

A esta Carta, que com pressa foi sem assinar, mandou o Francez o Trombeta logo com a que se segue:

„ Meu Senhor d' Albuquerque. A clemencia de aquel-
„ le grande Capitão d'Albuquerque, Vice-Rei da Mages-
„ tade D. Manoel nas Indias Orientaes apparece em vós
„ na cortezia, que fazeis aos Soldados Francezes meus,
„ e a sepultura, que haveis dado aos meus mortos,
„ entre os quaes tenho hum que amei em vida como
„ a irmão, porque era brabo, e de boa casa: eu lou-
„ vo a Deos com tudo esperando, que se tornamos ás
„ mãos, tomára minha justa causa, e minhas coisas
„ nas suas. Para responder á vossa Carta, como vier
„ assinada, a mandarei communicar ao resto dos meus
„ Capitães, e lida se vos dará a resposta, fiando-me
„ inteiramente na vossa fé, e palavra, tanto que vier
„ o vosso sinal posto assi, como vós vedes na minha:
„ eu vo-la mando, e não digo por hora outra coisa,
„ senão que honrarei a casa, e nome dos d' Albuquer-
„ ques. Feita ante o forte Santa Maria a 23 de No-
„ vembro 1614 no Maranhão.

*Ravardiere.*

Mandou-se-lhe logo a Carta assinada, e por estar indisposto o Capitão Mór, respondeu o Sargento Mór do Estado com duas regras, que continhão esperar-se o assento, que tomavão os Senhores Francezes. Com a qual resposta se levantárão todos os navios de defronte do forte, e se fôrão á entrada da barra de Jaguarapim, ou das Guajavás, adonde estiverão dois dias e meio, tratando do que lhes convinha. Entretanto o Sargento Mór do Estado tirou sua informação authentica dos prisioneiros, sendo perguntado cada hum por si, e achou que de presente os inimigos tinhão onze navios de alto bordo, em que entra-

trava a náo Regenta de 400 toneladas, e quatro fortes na Ilha com muita boa artilheria de bronze, e ferro coado, e que tinhão muitas munições de guerra, e comida, e que dos Indios da outra Costa esperavão soccorro com copia de canoas, que sem dúvida virião com os Francezes, que lá andavão da banda do Pará, e de Caietée, e que se devião de achar inda com 300 homens de mar, e guerra: disserão tambem outras coisas ácerca da viagem até o Maranhão; e dos Capuchos, que chegavão a 20 Frades, os quaes começavão na Ilha hum Convento, e Seminario de importancia: de modo que com esta noticia, e com a miseria presente de fome, e falta de tudo, a que a victoria em modo algum per si só não dava remedio, e com a dúvida que tinhão de os barcos de aviso haverem passado a Paranambuco, em que de presente, depois do favor Divino, estava o bom successo, sem haver remedio de se mandar outro, nem por mar, nem por terra, nem a S. Magestade, a quem tanto convinha dar-se conta, como o tinha mandado o Governador: todos estavão esperando se Deos lhes administrava algum bom meio, como já milagrosamente se havia começado a mostrar, e bem sabião todos, que se houvera embarcações depois do successo, com que os Portuguezes poderão communicar-se com os Indios da Ilha a despeito das guardas, e diligencias Francezas, que sempre dos Indios se presumia alguma novidade em favor dos Portuguezes; mas estava tudo tão cerrado com a ronda das lanchas, e assistencia dos navios, e persuasão das Lingoas, e finalmente com a força dos presidios, que não era possivel nenhum honesto meio, que do mar dependesse; e bem sabião, que o espanto dos Indios era tal, que os que fugírão pela banda do Tapucurú rio, com a desordem, e medo se affogárão mais de duzentos ao passar do rio a huma Ilha, entre os quaes se affogou Caracantin de Caieté, Principal dos longos cabellos, que havia vindo a se offerecer elle, e a sua nação, assim chamados a vir contra os Portuguezes: e

como a coisa foi tão açodada, os seus não vierão, e elle ficou affogado; e outros houve, que não parárão menos que pelo rio Mearí dentro mais de 200 legoas, tendo os Francezes, e a Ilha, e tudo por perdido, e com elles fôrão tres Francezes, porque já á sua sombra se havião escapado da batalha; mas tudo isto com o mar cerrado, tanto que nem se podia tomar hum caranguejo, nem huma jangada podia tomar hum peixe, era confusão, e miseria grande. Pelo que faltava o gosto, que de razão se devia a tamanha victoria.

Passados dois dias, e meio tornárão os navios a surgir defronte de Santa Maria, e mandárão a terra o Trombeta com a Carta, que se segue:

„ Senhor d'Albuquerque. Tenho considerado os pon-
„ tos principaes da vossa Carta, e conforme aos dis-
„ cursos, que vós tendes feito ao meu Trombeta, pa-
„ rece que tudo não attende mais, que á paz. Por esta
„ banda de cá, como os nossos Reis tem pela parte
„ della com muito estreita liança, e como me fallá-
„ rão em Suas Magestades, logo me resolvi com meus
„ Capitães, que não he possivel terdes soccorro por
„ mar. Todavia vos quero ouvir sobre o que me que-
„ reis propôr á cerca do de cima, e isto tanto de pa-
„ lavra, como por escrito por aquellas pessoas, que
„ me mandardes, sejão quem forem, eu vos dou
„ minha fé, e minha honra em penhor, que podem vir
„ seguramente, e tornar quando quizerem; e se fôr
„ servido o Senhor Diogo de Campos de vir, eu serei
„ contentissimo, porque falla Francez, e nós havemos
„ feito a guerra hum contra outro servindo nossos Reis,
„ quando elle andava com o Principe de Parma, se-
„ gundo me disserão. Eu lhe beijo as mãos com vos-
„ sa licença, e o mesmo faço a vós ambos. Vosso ser-
„ vidor

*Ravardiere.*

„ Pe-

„ Peço-vos, que sempre me escrévais em Francez, „ ou bem Hespanhol; porque não podemos ás vezes „ achar de pressa o sentido de vossas Cartas. Feita „ diante do forte Santa Maria a 25 de Novembro 1614.

A esta Carta se respondeu a que se segue, para dar conclusão aos Parlamentos:

„ Monsieur de la Ravardiere. Yo soy contento de os „ embiar al Capitan Dieguo de Campos mi Compa- „ ñero, y otro Capitan de Infantaria para tratar los „ puntos a que por hora no respondo confiando, que „ se los hará la cortesia, en tales casos acostumbrada; „ mas para que guardemos el estillo de la guerra, su- „ puesto que de nuestra fè, y palabra mucho me fio, „ conviene, que vengan a tierra de vuestra parte un „ Cavallero de S. Juan, que teneis, y el Capitan Mal- „ larte, que deve conocerme, y con estos se tratará „ lo que conviene. El Capitan de Campos, y yo os „ besamos las manos muchas vezes: quanto à la sigu- „ ridad de my parte siempre la darè, y doi con los „ terminos devidos. Dada en el fuerte Santa Maria en „ 25 de Noviembre 1614. „

*Hieronymo d'Albuquerque.*

Logo que tiverão esta Carta ao outro dia, que fôrão 26 do dito mandárão a terra ao Cavalleiro de Rasilli da Ordem de S. João, e ao Capitão Matthêo Malharte mui acompanhados até a lingoa d'agoa, donde em terra fôrão recebidos com a devida ceremonia, e cortezia sem entrarem no forte; antes fazendo-se huma tenda perto do mar no campo, fórão alli servidos, e festejados como o tempo deu lugar. O Capitão, e o Sargento Mór do Estado, Diogo de Campos, tanto que os deixou em poder do Capitão Mór, tomando licença se foi á bordo da Capitania, levando comsigo ao Capitão Gregorio Fragoso d'Albuquerque; foi em chegando mui bem recebi-

do

do de Monsieur de la Ravardiere, e Monsieur du Prat, e de muitos Fidalgos, que com elles estavão com mostras de grande gosto, sem se tratar de coisa alguma do passado, mais que das damas, e saráos de França, quando foi tempo se apartárão o Sr. de la Ravardiere com o Sr. do Prado a tratar do porque se havião juntado, e antes de se discursar muito avante, disse o Sr. de la Ravardiere: „ Que estava mui sentido dos seus em sua absen„ cia pôrem a bandeira branca de paz na coroa, pa„ ra fallarem, e depois fazerem máo trato, que juraria „ por vida de S. Magestade, que se vivos fôrão, que os „ houvera de enforcar; mas que bem castigados estavão, „ pois erão mortos na batalha ás máos dos Portuguezes, „ de sorte que nenhuma culpa era, bem que se lhe impu„ tasse a elle, da tal desordem. „ Huma sempre traz ou„ tra, respondeu o de Campos, e assim não ha tão pouco, „ que maravilhar da tomada do Trombeta, nem do as„ salto subito; porque bem alto, e claro era o dia. „ „ Passemos ávante, disse o Sr. do Prado, e tratemos do „ que convem. Estamos todos tão desejosos de vos servir „ por vosso valor, que já agora fazemos tudo o que á „ honra, e vida de todos fôr mais conveniente: e pare„ cendo-nos, que como gente apertada, e que carece do mar „ podeis desejar a paz. Vêde a forma, e o como vos pa„ rezer pedilla, que Monsieur de la Ravardiere está de „ animo de vos fazer todo o favor. „ O do Estado fez a todos hum comedimento grande, e disse: „ Em ver„ dade, Senhor du Prat, que a minha vinda cá, não foi, „ nem he mais que por vos vêr, e conhecer a todos pe„ la affeição antiga, que tenho a esta Nação, e assim no „ que toca á paz, nem á guerra não posso dizer palavra, „ que se a Monsieur de la Ravardiere, e vós, meus Se„ nhores, tendes entendido, que está bem fallar nella: „ assim como fizestes a guerra sem nos amoestardes, as„ sim pedi a paz, sem nos metter em mais, que em vêr „ se está bem acceitarmos as condições, que propozer„ des, advertindo que somos gente, que não podemos

„ na-

„ nadar tanto mar como ha d'aqui a Hespanha. Pelo que „ ainda que hoje tendes a barra, nós temos a terra, que „ pizamos, a qual sempre será de nossos corpos até que „ S. Magestade d'ElRei de Hespanha nosso Senhor, cujo „ tudo he, outra coisa ordene; e além disto na guerra „ melhor ás vezes, que na paz se achão os remedios. „ A isto se rio muito o Sr. de la Ravardiere, e abraçou o Sargento Mór, dizendo: „ Vamos a comer, Companhei- „ ro. „ E com isto se chegárão á meza, donde não faltou de comer, e musica naval bem concertada, mostrando na authoridade, e no trato hum vestigio honrado, em que se enxergava despeza mais que ordinaria. Nisto se praticou hum pouco, e de como S. Magestade d'ElRei Catholico de Hespanha nosso Senhor pagava bem, e grandiosamente aos que o servião, maravilhando-se, que até o Tambor dos Portuguezes tivesse de praça dez cruzados cada mez. Em discursos familiares, e de gosto foi passando parte do dia, até que ao tempo do despedir-se, tornou o Senhor du Prat a dizer: „ Orasus sobre nosso ne- „ gocios como ficamos? Como mandar o Sr. de la Ra- „ vardiere, respondeu o Sargento Mór, e assim póde, „ sendo servido mandar hum Papel á manhã com o Ca- „ pitão Malharte, para que os nossos Capitães saibão o „ que passa, e vejão o que lhes parece, que todos faça- „ mos. „ Com isto despedindo-se com mil modos de cortezias, e sinaes de amor, ao desamarrar do batel toda a armada desparou a artilheria, com grande ruido de trombetas, e vozes a seu modo. Neste mesmo tempo embarcados em terra os Capitães com semelhante estrondo, que fez o forte, se fôrão cada qual aos seus, e Jeronymo d'Albuquerque ajuntando os Capitães, com a vinda do Sargento Mór, se propôz a todos o que havia passado, para que estivessem advertidos para ao outro dia vêrem os Capitulos, ou Artigos que os Francezes pedião, e se antes de se assentarem, ou firmarem pazes; se tinhão elles authoridade para as fazer como gente Real, ou se como Piratas banidos de França? Erão quiçais homens,

mens, com quem Deos, e as gentes tinhão roto todo o genero de tregoas, que com os taes mandava S. Magestade, que se não usasse clemencia; e que assim era bem, que todos com muito tento se houvessem nesta materia. Acabado o dia ao outro, que fôrão 27 veio a terra o Capitão Mattheo Malharte, e trouxe escrito os Capitulos, que se seguem em Francez da mão, e letra de Monsieur de la Ravardiere, e disse: „ Que sendo conformes „ ao que convinha a todos, que o Senhor de la Ravardie„ re os viria firmar, e sellar a terra, e vêr, e servir a to„ dos, como bom, e leal amigo; e que entretanto os ditos „ Capitulos, ou Artigos se traduzissem na Lingoa Caste„ lhana, para que em huma, e outra Nação se entendes„ sem de todos claramente „ e dizião assim:

„ Artigos acordados entre los Señores Daniel de „ la Touselhe Señor de la Ravardiere, Lugar-Tiniente „ General en el Brazil por el Christianissimo Rei de Fran„ cia, y de Navarra, Agente de Misire Nicolas de Har„ lei Señor de Sansi, del Consejo de Stado del dicho Se„ ñor Rei, y del Consejo Privado, Baron de Molè, „ y Grosbués, y por Misire Francisco de Rasilli, Señor „ de las Haumellas, e del dicho Lugar de Rasilli, en„ tre ambos Lugar-Tinientes Generales por ElRei Chris„ tianissimo en las tierras del Brasil con cincoenta legoas „ de Costa con todos los meridianos en Illas inclusos, „ y Hieronymo d'Albuquerque Capitan Maior por la Ma„ gestad Catholica del Rei D. Philippe d'España de la „ Jornada del Maranhon, y ansi del Capitan, y Sargento „ Maior de todo el Stado del Brasil, Dieguo de Campos „ Moreno, Collega, y Collateral del dicho Capitan Maior „ por la Magestad del dicho Señor en esta Tierra.

„ *Item.* Primeramente la paz se acordò entre ellos „ dichos Señores dende el dia de oy hasta el fin de De„ ziembre de mil y seiscientos y quinze; durante el qual „ tiempo cessaràn entre ellos todos los actos de inimis„ tades, que fueron, y han durado dende 26 de Otubre

„ has-

„ hasta el dia de oy por falta de saber las intenciones „ los unos de los otros, y de nò se entender, donde se „ siguiò gran perdida de la sangre Christiana de ambas „ partes, y grande desgusto entre los dichos Señores.

*Item.* „ Se acuerda entre los dichos Señores, que em- „ biaran a Sus Magestades Christianissimas, y Catho- „ licas dòs hidalguos, cada uno para saber sus volun- „ tades tocante à quien deve de quedar en estas tierras „ del Marañon; a saber dòs Cavalleros, uno Francez, otro „ Portuguez iran à Francia, y otros dos Cavalleros de „ la misma suerte iran à Hespaña. „

*Item.* „ Durante el tiempo, que los dichos Cavalle- „ ros tardaran en bolver de Europa, y traer de Sus Ma- „ gestades à este lugar el acuerdo, y orden de lo que se „ deve seguir, se advierte, que ningum Francez, ni Por- „ tuguez nò passarà à la Isla del Marañon, ni Salvajes „ de los Indios, ni à la tierra firme de Leste, ni de „ una parte à otras sin Passaportes de los Señores nom- „ brados arriba.

*Item.* „ Los Señores d'Albuquerque, y de Campos „ prometten al Señor de la Ravardiere de nò tratar algu- „ na cosa con los Salvajes de la Isla, ni de Tapitape- „ rá, ni Comat, la qual nò sêa tratada por las Len- „ guas del Señor de la Ravardiere, ni los consentiran po- „ ner los piès en tierra à menos de diez legoas de sus „ fortalezas, ni de sus puertos, sin la permission del di- „ cho Señor. „

*Item.* „ Que tanto que las nuevas venieren de Sus „ Magestades para aquellos, que deven quedarse en la „ tierra, la nacion destinada à se partir se aprestarà den- „ tro de tres meses para dexar al otro la tierra, y los „ Salvajes, que queiran quedarse dentro de la tierra, y „ haziendose todo con buena orden, amistad, y intel- „ ligencia, seguiendo la intencion de las allianças de Sus „ Magestades, à las quales los suso dichos se remetten „ enteramente por todo aquello, que pertenece à esta „ Colonia del Marañon. „

*Item.* „ Se acuerda, que los prisioneros tomados tanto de una parte, como de otra queden libres, assi los „ Christianos, como Salvajes, los quales se bolveran sin „ ninguma rançon; y si algunos dellos por algun tiempo queiran quedarse en la parte, que se hallan, les serà „ permittido con licencia dellos suso dichos. „

*Item.* „ Todos los actos de inimistades passadas „ hasta el dia de oy quedaran olvidados, y extinctos, „ sin que los unos, ni los otros puedan ser buscados „ por ninguna via, que sea quedando cada uno dellos „ libre en el estado en que son. „

*Item.* „ De aqui en delante los dichos Señores, y „ sus gentes biviran en paz, y buena amistad, y concordia los unos con los otros, dandose poder por sus „ personas, y de sus criados solamente para poder ir, „ y venir à los fuertes de la Isla, y tierra firme todas las „ vezes, e quando bien les pareciere.

*Item.* „ Ninguno accidente en controversia de lo „ que arriba està assentado por estes Señores, serà capaz „ de hazer romper este dicho Tratado de paz, a causa „ de las grandes lianças, que oy tenemos, entre nuestros „ Reis, y por el perjuyzio, que puede venir à sus Magestades alterandose tales amistades, y concordia; y „ si succiedere algun caso entre los Christianos, y Salvajes de una, y otra parte; la otra Nacion offendida harà „ su quexa à su General para se le dar remedio, el qual „ promette sobre su fè, y honra de le dar satisfacion „ como el caso pediere. „

*Item.* „ En consideracion de lo que queda dicho, „ y por testimonio de la buena intelligencia, que dende „ esta hora avemos como Christianos, y Cavalleros de „ honra, el Señor de la Ravardiere promette debaixo de „ su fè de dexar la mar libre à los Señores d'Albuquerque, y de Campos, y llevar sus navios para la Isla „ tanto aquellos, que estan delante el fuerte Santa Maria, como aquellos, que estan en la entrada desta baya, „ à fin que los dichos Señores d'Albuquerque, y de Cam-

„ pos

„ pos puedan hazer venir todas suertes de vituallas para
„ ellos, y sus gentes tantas, quantas les pareciere con
„ toda seguridad, y se succediere, que les venga soccorro
„ de gente de guerra, ò que nos venga a nos otros duran-
„ do el tiempo de nuestra paz; los dichos Señores nom-
„ brados se obligan sobre sus honras, y fè, de que cada
„ uno tendrà su gente en paz assi como està acordado,
„ sin alteracion alguna durante el dicho tiempo de la
„ paz, y para esto se obligan de hazer guardar en to-
„ do, y por todo, y delante todo el mundo; y quanto
„ à otras cosas de menos substancia los dichos Señores
„ nò las especifican, porque se confian en sus palabras
„ verbales, en las quales no faltaran ya màs, como gente
„ de honra, y para seguridad de todo lo arriba declara-
„ do, mandaron hazer esta, que todos tres los suso di-
„ chos Señores de la Ravardiere, y d'Albuquerque, y
„ de Campos firmaron, e sellaron con el Sello de sus
„ armas. Hecha en la armada de los Portuguezes en el
„ Rio Marañon en 27 de Noviembre de 1614. *Ravar-*
„ *diere*, *Hieronymo d'Albuquerque* Marañon, *o Capitão*
„ *Dieguo de Campos Moreno.* „

Mostrárão-se os Capitulos referidos antes de se firmar aos Capitães Portuguezes, e fez-se hum Auto, em que todos assinárão em como era bem, e serviço de S. Magestade, visto não poderem continuar a guerra por mar, faltando os meios necessarios á Conquista por agoa, em que tão superiores erão os inimigos, e quanto importava terem o mar livre para avisar a S. Magestade sem dilatar tempo, na perda do qual estava a de todos; e assim ficarem capazes dos soccorros do Brazil entrarem seguros, dos quaes tinhão tão fraco conceito, que nunca passarião de ser barcos da Costa com só alguma farinha, e que esses conforme as promessas do Governador de os mandar cada mez, que já tardavão havia cinco mezes, e que realmente as pazes, que com tanta instancia dissimulada, o inimigo pertendia, devia ser para des-

pedir a náo grande, a qual devia de lhes fazer grande despeza, e que se para isto erão, que isto mesmo parecia ser o que mais á occasião presente convinha; poquanto a náo havia de levar a maior, e melhor parte de suas forças, e que nas que ficavão, já não se podia presumir dança; e que assim tambem as mortes de tanta gente principal em huma só occasião de guerra, se em França se soubesse, que de força havia de esfriar os animos aos que quizessem vir buscar a vida, e que S. Magestade poderia mandar com mais commodo o que fosse servido; pois o tempo se limitava pondo-se tudo em suas Reaes mãos; e que assim sem dúvida por estas, e outras muitas, e muĩ urgentes necessidades era bem, que as tregoas se acordassem, e assim se formou hum escrito, para em virtude delle ao outro dia vir a terra o Senhor de la Ravardiere para mostrar os Poderes, e Patentes, que dizia ter do seu Rei de França; e assim tambem as Missões dos Padres Capuchos, que tinhão de S. Santidade, ou do seu General, as quaes offereciáo mostrar aos Padres Portuguezes, e para os obrigar, que tambem se lhe mostrarião, as Ordens de S. Magestade Catholica d'Espanha nosso Senhor. Com isto se tornou o Capitão Mattheo Malharte á bordo, e na madrugada de aquella noite houve fogos de alegria, e cargas de mosqueteria, que durárão muito em que pareceu, que se solemnizava a passada victoria.

Aos 28 do dito, segundo estava acordado, veio a terra o Senhor de la Ravardiere, e o Senhor du Prat, e o Senhor de Petresi bem vestidos todos, e acompanhados, e em sua companhia trazião ao Padre Commissario Frei Archangelo de Pembré com dois Religiosos da sua Ordem dos Capuchos tão venerados, e de taes mostras, que realmente parecião Santos, e como taes fôrão recebidos dos Religiosos Portuguezes, entre os quaes sobre a benção houve ceremonias, e entre os Capitães cortezias, em que fôrão até chegar a Infantaria, que bem concertada, e armada estava desde muito fóra do forte em duas alas,

que

que chegavão até o lugar do alojamento, que estava feito aos Senhores Francezes de palmas, e ramos, e assentos do campo; as bandeiras por se não abaterem, estavão pelos baluartes arvoradas: e entrando o Senhor de la Ravardiere da porta do forte para dentro, se lhe fizerão com muita lealdade as honras militares, que a taes cargos se costumão até entrar no lugar, que lhe estava prevenido, em que sempre elle, e os demais tratárão com admiração do muito que havia trabalhado a gente na fortificação; e havendo descançado, e comido com mais musica, que manjares, porque os não havia, tratárão de assinar os Acordos, e assim se mostrárão as Patentes, e se derão os traslados authenticos huns aos outros para mais firmeza do que á boa fé fazião; pois sempre a vontade, e honra dos Reis, e seu melhor entendimento ficava reservado, e elles todos sujeitos á ordem, que se lhes désse. A Provisão, que se leu primeiro era do Christianissimo Rei de França do theor seguinte:

„ Luiz pela graça de Deos Rei de França, e de Na-
„ varra a todos aquelles, que as presentes letras vi-
„ rem, saude. Fazemos saber, que pelo aviso, que nos
„ deu o nosso Christianissimo, e bem amado Primo o
„ Senhor Dampuille, Almirante de França, e de Bre-
„ tanha, das muitas Costas, e partes situadas além da
„ linha equinoccial, que ainda não são habitadas de
„ Christãos alguns, nem de póvos civilizados, ou do-
„ ctrinados, e que todavia são bem temperadas, e
„ de muita fertilidade, as quaes se poderáõ povoar
„ em pouco tempo, e trazer os naturaes dellas a re-
„ ceber o Christianismo, e bons costumes, usando com
„ elles toda a brandura ordinaria em nosso tratamen-
„ to, assim como o usamos com nossos sujeitos, e
„ assim havendo tambem ouvido a advertencia sobre
„ isto a nós feita por nosso charissimo, e bem ama-
„ do Daniel de la Tousche Senhor de la Ravardiere,
„ o qual tendo por prática expressa, e navegação al-

„ can-

„ cançado o conhecimento das ditas carreiras nave-
„ vegadas por elle, e juntamente pela digna relação
„ a nós feita por nosso dito Primo de seus mereci-
„ cimentos, e coraje, virtude, sufficiencia, experien-
„ cia, inteireza, e predominação em o effeito das armas
„ do mar, e boa diligencia além das provas singula-
„ res já por elle feitas de sua fidelidade, e devação;
„ e além disto vista a Commissão do nosso dito Pri-
„ mo, segundo o poder que tem no dito cargo, e
„ depois de ter sabido nossa intenção, e vontade so-
„ bre este caso, e que o tinha feito seu Vice-Almi-
„ rante nas Costas, e Terras, que podesse habitar: con-
„ firmando nós a dita Nomeação havemos de nosso
„ abundante, e pleno poder, força, e authoridade
„ Real dado ao dito Senhor de la Ravardiere todo o
„ poder, e permissão de poder armar, e provêr tal
„ número de navios de tal grandeza, e em taes de nos-
„ sos portos, e tantas vezes quantas bem lhe parecer
„ debaixo da licença particular de nosso dito Primo,
„ e os poder fornecer de todas as sortes de pessoas de
„ guerra, de mar, e de mecanica, e outras coisas
„ necessarias ao dito descobrimento, e estabelecimen-
„ to de Colonias, como tambem de artilheria, pol-
„ vora, armas, e munições de comida, provisão, e
„ coisas necessarias fazendo seu caminho além da di-
„ ta Linha em taes partes, quaes achará a seu com-
„ modo, e que julgará expedientes para o accrescimen-
„ to da Christandade, e bem do nosso serviço, e as-
„ sim fará naquellas, que não são ainda descubertas
„ huma diligente reconhecença de todas as suas aveni-
„ das, ou barras, e praticará todos os lugares, e
„ entradas donde houver alguns habitantes, buscando
„ por todos os modos de brandura, e bom tratamen-
„ to de os reduzir, e chegar ao conhecimento de Deos
„ debaixo da nossa authoridade, e não querendo, lhes
„ poderá fazer toda instancia por todas as vias de ar-
„ mas, e de hospedage, para tudo reger, e governar,

„ con-

„ conforme ás Ordenanças de nossos Reinos: ou ou-
„ tros menos differentes, que servir possão para o com-
„ modo das pessoas, e das coisas, e lugares, e essas
„ poderáõ fazer, e publicar em nosso Nome, e de nos-
„ so dito Primo, e guardar, observar, e sustentar di-
„ ligentemente, e assim punir, e castigar os contrave-
„ nientes, ou lhes fazer perdão, como melhor lhe pa-
„ recer bom, e necessario, e para recompensar aquel-
„ les, que lhe haveráõ dado ajuda, ou que se haveráõ
„ ajuntado com elle para effeito desta empresa, accres-
„ centando-lhes a vontade de perseverar, e dar exemplo
„ aos outros de o seguir, e de segundarem. Pelo que
„ damos, e havemos desde a presente dado ao dito
„ Senhor de la Ravardiere todo o poder para lhes dar,
„ e repartir todas as Costas, que poderá conquistar
„ cincoenta legoas de huma, e de outra parte, de seu
„ primeiro forte, e morada, e tanto avante nas ditas
„ terras quanto poder reduzir debaixo de nossa obe-
„ diencia, em que fará as repartições, dons, e bem-
„ feitorias, que poderáõ gozar, e gozaráõ elles, e seus
„ descendentes para sempre em todos os direitos, e pro-
„ priedades, a saber, aos Fidalgos, e gentes de mereci-
„ mento as dará em Senhoria, e Feudo, e em todos
„ os titulos, e dignidades a condição, e cargo conve-
„ niente á nossa honra, e serviço conforme suas obri-
„ gações, para a defensa das ditas terras debaixo de
„ nossa authoridade; e aos trabalhadores em tal obri-
„ gação annaes, que elle os avisará; como tornando as-
„ sim das ditas viagens por elle serão partidos todos
„ os ganhos, e proveitos por aquelles, que o haveráõ
„ assistido a cada hum segundo seu dever, qualidade,
„ e merecimentos, e nas avenças já ditas se reservárão:
„ Primeiramente nossos direitos, e os do nosso dito
„ Primo, e os outros devidos, e costumados; e reco-
„ nhecendo além disto que no effeito suso dito pode-
„ ráõ occorrer diversas occasiões de passar Cartas, Con-
„ venções, Artigos, Acordos, Titulos, e Provisões, nós

„ ha-

„ havemos válidas, e confirmadas, validamos, e con-
„ firmamos todas as que seráõ feitas, e passadas de-
„ baixo do Sinal, e Sello do dito Senhor de la Ravar-
„ diere, e dos de agora considerando, e provendo os
„ diversos, e não esperados acontecimentos, que pó-
„ dem acontecer em mar, e em terra na expedição do
„ tal desenho, nós lhe damos todo o poder de se ajun-
„ tar, ou metter com outros, seja por companhia, com-
„ missão, ou por tenencia com igual poder, que aquel-
„ le por nós a elle outorgado, ou da parte delle, que
„ quererá igualmente dar, ordenar, e dispôr em todas
„ as coisas suso ditas, e suas circunstancias, e depen-
„ dencias, tudo aquillo fazendo, que nós fariamos, ou
„ fazer poderiamos se presente em pessoa nós estives-
„ semos, e como nosso Lugar Tenente General em
„ absencia de nosso dito Primo em todas as ditas Cos-
„ tas da distancia de 50 legoas de huma, e outra par-
„ te do seu primeiro assento, tanto avante nas terras
„ quanto habitar possão, como o havemos nesta hora
„ feito, ordenado, e estabelecido, fazemos, ordena-
„ mos, e estabelecemos por esta presente, seja, que
„ o caso requeira mandamento mais especial, e par-
„ ticular, ratificando, e approvando desde a presente
„ tudo o que pelo nosso Lugar-Tenente suso dito, ou
„ seus ditos Lugar-Tenentes, ou acompanhados será
„ feito, tratado, e negociado para esta boa, e santa ex-
„ ecução, com obrigação de bem, e devidamente obser-
„ var por elle, e fazer observar pelos seus nossos Edi-
„ ctos, e Ordenanças; e se alguns lhe quizerem pôr im-
„ pedimentos atravessando-se no effeito desta presente,
„ nós retemos, e reservamos, e havemos retido, e reser-
„ vado toda esta jurisdicção, e o conhecimento della pa-
„ ra o nosso Conselho de Estado privativamente; e a
„ todos os outros nossos Juizes, e Officiaes fazemos to-
„ da a interdicção, e defensa, como da mesma maneira
„ a todos os nossos sujeitos desta hora em diante; man-
„ damos, que sem a vista, e sabedoria, e vontade do
„ dito

„ dito Senhor, e dos seus não possão fazer alguma „ viagem, trafego, ou commercio, negociação na „ quantidade de terras, que por elle serão escolhidas, „ e povoadas sob pena de confiscação dos navios, e „ mercadorias dos que contravierem depois da publi- „ cação de nossa dita defensa feita: e assim damos, „ e mandamos a todos os nossos Lugar-Tenentes, Mes- „ tres, Guardas nos Portos, e obras, e a todas ou- „ tras nossas Justiças, e Officiaes, e sujeitos, a quem „ pertencer, que ao dito Senhor de la Ravardiere, (do „ qual temos tomado o Juramento para isto devido, e „ costumado) fação, soffrão, e deixem na dita quali- „ dade de nosso dito Lugar-Tenente General em ab- „ sencia do nosso dito Primo o Senhor Dampuilla, dei- „ xando-o gozar, e usar plenariamente, e aprazivelmen- „ te do pleno, e inteiro effeito destas ditas presentes, „ dando-lhe nisto todo o favor, e ajuda; cessando, e „ fazendo cessar todos os rumores, e impedimentos „ ao contrario; porque tal he nosso gosto; e porque „ das presentes poderá ter necessidade em muitos, e „ diversos lugares, queremos, que ao *vidimus* desta fei- „ ta por hum de nossos amados Officiaes, Conselhei- „ ros, e Secretarios, ou por Notario público, lhe seja „ dada toda a fé como ao presente Original. Dada em „ París ao primeiro dia de Octubro, anno de graça de „ 1610, e de nosso Reino o primeiro, assim firmado. „ *Luiz.* E sobre a outra parte, pelo Rei, a Rainha Regente, sua Mãi, presente de Lomenia; e sellada em cera amarella do Sello grande, dobrada a ponta. Tra- duzido de Francez, e assinado *Ravardiere*, e o Secre- tario *Beauvallon*. Esta Provisão do Christianissimo Rei de França, e outra do Senhor Dampuilla Charles de Momeransi do mesmo theor, com todas as forças, que em seu cargo passar a podia a hum seu Tenente Ge- neral, que por escusar letura aqui se não presenta; deu, e presentou o Senhor de la Ravardiere aos Ca- pitães Portuguezes; e o Reverendo Padre Capucho Fr.

Archangelo de Pembroc, Commissario na dita Provincia do Brazil, appresentou a sua Patente aos Padres Portuguezes Fr. Cosme de S. Damião, e Fr. Manoel da Piedade á cerca da Commissão, que tinha do Reverendissimo Padre Geral da dita Ordem, Fr. Honorato Parisino, na qual com todos seus Poderes fazia Commissario da Provincia do Brazil ao dito Fr. Archangelo; a qual Patente foi trasladada de Latim bem, e fielmente pelo ditos Padres Portuguezes, os quaes no pé do Traslado dizem assim:

„ Os abaixo assinados certificamos, e damos fé pelo „ caracter de nossas Ordens, que o acima escrito he „ o traslado *ad litteram* de huma Patente escrita em „ pergaminho com Sello ao pé, a qual pelo Reveren„ do Padre Fr. Archangelo de Pembroc nos foi appresen„ tada. Maranhão em 28 de Dezembro 1614.

Juntamente presentárão os ditos Padres outra em Francez, que traduzida bem, e fielmente pelo Sargento Mór do Estado, dizia assim:

„ Luiz por graça de Deos Rei de França, e de „ Navarra, a todos nossos Lugar-Tenentes Generaes, „ Governadores de nossas Provincias, e Cidades, The„ soureiros Geraes de França, Mestres de nossos Por„ tos, Officiaes de nossos Tratos, e Foros, Bailios, Ou„ vidores, Justiças, Juizes, ou seus Lugar-Tenentes, „ Capitães, e Governadores, e Conductores de nossa „ gente de guerra, Presidentes de Camaras, e Conse„ lheiros, Guardas de Portos, Pontes, Praias, Passa„ gens, e Districtos, e outros nossos Officiaes de Justi„ ça, sujeitos á nossa Jurisdicção, a quem pertença, e „ a quem estas presentes serão mostradas, saude. Man„ damos de presente á Nova França doze Padres Ca„ puchos, para nella instituirem a Santa Religião Chris„ tã Catholica, e Apostolica Romana: e assim que„ remos, e mandamos, que os ditos Capuchinhos le-

„ vem

„ vem hum baul de livros, dois bauis de calices, Ca-
„ sulas, e Paramentos, e coisas de móveis da Igreja; e
„ assim mais outro baul de livros, e coisas de refresco
„ para sua embarcação; e mais huma grande caixa de
„ estamenhas, e de lenço para se vestirem os Religio-
„ sos; e mais huma caixa de papel, e de candeias de
„ cera, e de bugias para serviço da Missa; mais ou-
„ tra caixa de coisas de refresco, e outras necessarias;
„ tres caixas de arcabuzes, e mosquetes; e huma pipa
„ de banduleiras, digo huma caixa, e assim huma cai-
„ xa de espelhos, e huma caixa para o Capitão que
„ os leva a cargo, dentro da qual vão seus vestidos;
„ e outra caixa para o seu Tenente do mesmo modo:
„ mais outra caixa para o seu Alferes, na qual vão seus
„ vestidos: quatro, ou cinco caixas para os Soldados,
„ em que vai o seu fato: tres caixas para os Indios,
„ e oito almudes de vinagre: e assim vos mando,
„ que os deixeis livre, e francamente passar cada hum
„ em vossas jurisdicções sem lhes dardes oppressão,
„ nem impedimento, antes lhes dareis toda ajuda, e
„ favor, e assistencia, que necessaria lhes fôr, que tal
„ he nossa vontade: e requeremos a todos os Reis,
„ Principes, Respublicas, Potentados por donde pas-
„ sarem os ditos doze Padres Capuchinhos, ou em ter-
„ ras, e parte de nossa obediencia, que todos lhes fa-
„ ção favor, e lhes dêm ajuda, e lhes dêm todo o tra-
„ tamento, que nós fariamos a seus sujeitos, se para
„ isto fossemos requeridos. Dada em París o primeiro
„ de Fevereiro, o anno de graça 1614, e de nosso
„ Reino o anno 4. assinada, *Luiz*, por ElRei, a
„ Rainha Regente, sua Mãi, presente *Brúbarte* Secre-
„ tario. „

Vistas estas Provisões, com a mesma lhaneza os dois Capitães Portuguezes mostrárão tambem as que de S. Magestade Catholica tinhão, e do seu Governador, em seu Real Nome, e antes Jeronymo de Albuquerque, quiz

que vissem do dito Senhor a Carta seguinte, para que se desenganassem do cabedal, e das veras, com que se tomava, e havia de tomar aquella empreza, de que sómente elles representavão a vanguarda:

„ Gaspar de Sousa, Governador do Estado do Brazil, amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar. Vi o „ que me enviastes representar em vossos apontamentos sobre as despezas, e coisas necessarias para o „ bom proseguimento da Conquista do Maranhão, que „ vos tenho encarregada: Hei por bem, que façais a „ despeza da dita Conquista do dinheiro mais propinquo, que houver nesse Estado, que pertença á minha „ Fazenda, começando pelo que sobejar da renda dos „ dizimos delle, depois de pagar as ordinarias, e ordenados, fazendo hum Feitor, e Escrivão para esta „ materia, para que em livro separado se faça de tudo „ Receita, e Despeza.

„ E que sendo forçado para esta occasião valerdes-„ vos de algum dinheiro, o possais haver por empres-„ timo de pessoas particulares, que o queirão fazer por „ me servir, ou do das imposisões, que os moradores po-„ zerão sobre si para o feito de suas fortificações, e „ Igrejas, procurando primeiro havello dos particulares, „ e da imposição, consignando-lhes a huns, e outros os „ pagamentos em coisa certa, e precisa, sem que pos-„ sa haver dúvida em o haverem, o que particularmente ficará á vossa conta, e vos hei nisso por encar-„ regada a consciencia; e tereis advertencia, que os „ empréstimos, que se fizerem hão de ser voluntarios, „ e sem haver nelles constrangimento algum.

„ E quanto ao que apontamos, que por esta Jornada ser de tanta importancia, e eu vo-la mandar en-„ carregar a pessoa de confiança, como deve ser, e da „ mesma maneira os mais Capitães, Ministros, e Officiaes adjunctos lhes devia mandar limitar Ordenado „ para haverem de vencer necessariamente não os ha-

„ ven-

„ vendo taes, que elles só por me servir o fizessem:
„ hei por bem de vos commetter tudo isto com declara-
„ ção, que aos Capitães, e mais Officiaes de Milicia
„ não dareis mais, que o que eu tiver ordenado para
„ os mais desse Estado, e que o mesmo façais nos
„ Officiaes, em que nelle houverem exemplos, e que
„ logo em fazendo a tal nomeação, e declaração de
„ ordenados, me deis de tudo conta.

„ E assim houve por bem de mandar passar Provi-
„ são na fórma, que lembrastes, a qual com esta se
„ vos enviará; porque mando significueis, que me ha-
„ verei por bem servido de todos os que forem na di-
„ ta Jornada para lhes fazer as Mercês, e Honras, que
„ conforme a seus serviços, e qualidades merecerem.

„ E ao Sargento Mór Diogo de Campos Moreno
„ tenho mandado ordenar, que se embarque para ir ser-
„ vir seu cargo na mesma Jornada com os Ordenados,
„ que tinha, e que acabada ella lhe mandarei fazer as
„ Mercês, que merecer por esse, e os mais serviços,
„ que me tiver feito. Escripta em Lisboa a 8 de No-
„ vembro 1612. *Rei.* O Conde Almirante Presidente.
„ Para Gaspar de Sousa, Governador do Estado do
„ Brazil. Por ElRei. A Gaspar de Sousa do seu Conse-
„ lho, seu Gentil-Homem da boca, Governador, e Ca-
„ pitão Geral do Estado do Brazil. Segunda via. „

Depois desta Carta se lhe mostrou a Patente do dito Capitão Jeronymo d'Albuquerque, do theor seguinte:

„ Gaspar de Sousa do Conselho de S. Magestade,
„ seu Gentil-Homem da boca, Governador, e Capitão
„ Geral do Estado do Brazil, &c. Faço saber aos que
„ esta virem, que o dito Senhor me manda por sua Ins-
„ trucção, e Carta de nove de Outubro de 612, que
„ está registada nos livros da Fazenda desta Capita-
„ nia de Paranambuco pelas coisas de seu serviço, que
„ nella representa, trate com muita diligencia em che-

„ gan-

„ gando a este dito Estado, da Conquista, e terras do
„ Rio Maranhão, para o que me commette poder ele-
„ ger a pessoa, que a mim pareça, a qual na dita Con-
„ quista faça o Officio de Capitão della, e a tenha a
„ seu cargo; e considerando a disposição das coisas,
„ e como não convinha deixar perder o tempo sem
„ trabalho logo da dita Conquista na conformidade,
„ que me Sua Magestade manda. Passei Provissão em
„ 29 de Maio do anno passado de 613 a Jeronymo
„ d'Albuquerque, Fidalgo da Casa do dito Senhor pa-
„ ra ser Capitão da dita Conquista, e Descobrimen-
„ to, com que até agora desde o dito tempo foi con-
„ tinuando, e levando gente ao Rio Camusi, e Jagua-
„ ribé, fazendo pazes com o Gentio da Serra de Bua-
„ pavá, e tudo o mais, que da minha parte lhe foi
„ encarregado para melhor disposição, e effeito da Jor-
„ nada: e porque hora vai o dito Jeronymo d'Albu-
„ querque com a gente, e prevenções possiveis con-
„ forme ao tempo, e estado presente das coisas, para
„ com o favor Divino proseguir a dita Conquista com
„ todo o calor em fórma, que se consiga até se pôr
„ sobre o dito Rio Maranhão, segundo leva por meu
„ Regimento; me pareceu lhe devia mandar passar nova
„ Provisão, como em effeito mandei passar a presente;
„ pela qual em Nome de S. Magestade, e em virtude
„ do Poder, que para isso me concede, como acima se
„ declara, hei por bem, e seu serviço, que o dito Je-
„ ronymo d'Albuquerque pela confiança, que delle te-
„ nho, e ser experimentado nas guerras deste Estado,
„ e a satisfação, que tem de sua pessoa os Indios
„ delle, que he de grande importancia para o bom
„ effeito, que se pretende, sirva de Capitão da Con-
„ quista, e de seu descobrimento das ditas terras, e
„ Rio do Maranhão, usando de todos os Poderes, que
„ ao dito cargo são concedidos, e assim dos que se
„ declarão no dito Regimento, que lhe mandei dar,
„ não excedendo coisa alguma delles: e mando a

„ to-

„ todas as pessoas de qualquer qualidade, e condição,
„ cargo, e preeminencia, que sejão, Officiaes, Solda-
„ dos, e Ministros assim da Guerra, como da Fazenda
„ da dita Conquista, que durante ella conheção, e ha-
„ jão o dito Jeronymo d' Albuquerque por seu Capi-
„ pitão na maneira sobredita, e lhe obedeção, e guar-
„ dem suas ordens, e mandados com a observancia
„ devida, por assim cumprir ao serviço de S. Mages-
„ gestade; com o qual Cargo haverá o dito Capitão de
„ seu Ordenado em cada hum anno duzentos mil
„ reis ametade em dinheiro, ametade em fazendas
„ pagas no Almoxarifado da dita Conquista, os quaes
„ começára a vencer do primeiro de Maio proximo
„ passado; e me fará outro si o dito Jeronymo d'Al-
„ buquerque preito, e menagem em Nome de S. Ma-
„ gestade, segundo o uso deste Reino de Portugal pela
„ Capitania, e Descobrimento da dita Conquista, e
„ terras della; de que hora o encarrego, de que se fará as-
„ sento nas costas desta, a qual se registará nos Livros
„ da Fazenda desta Capitania, e da dita Conquista.
„ Dada nesta Villa de Olinda, Capitania de Paranam-
„ buco em 17 de Junho. Francisco Fragoso, meu Se-
„ cretario a fez em 1614 annos. O *Governador Gaspar*
„ *de Sousa.* „

A Provisão do Capitão, e Sargento Mór do Estado dizia desta sorte:

„ Eu ElRei, Faço saber aos que este Alvará vi-
„ rem, que por eu ter mandado tratar da Conquista
„ das Terras, e Rio do Maranhão no Estado do Bra-
„ zil, e confiar de Diogo de Campos, Sargento Mór
„ delle, que hora serve, e está neste Reino, aonde veio
„ por minha licença, que me servirá na dita Conquista
„ como se deve esperar da muita experiencia, que tem de
„ aquellas partes, e pelas de sua pessoa, hei por bem,
„ e me praz, que torne a ellas a me servir na dita

„ con-

„ Conquista do Maranhão no dito cargo de Sargento
„ Mór, e que nella sómente use, e execute todas as
„ Prerogativas, e Preeminencias do dito Cargo, e em
„ quanto durar a dita Conquista, e depois de acabada,
„ em quanto eu não mandar o contrario, tenha e haja
„ de ordenado com o dito Cargo trezentos mil réis em
„ cada hum anno entrando nessa contia o que até-
„ gora tinha com o mesmo Cargo, e os começará a
„ vencer no dia que partir desta Cidade de Lisboa
„ em diante, o que justificará no Brazil pelos Offi-
„ ciaes, e Pessoas do navio em que fôr elle, e serão pa-
„ gos no mesmo Estado do Brazil por virtude deste
„ sómente sem para isso ser necessario outra Provisão
„ minha, ou Carta, e nas por que atégora se lhe pa-
„ gava o Ordenado, que lhe estava taxado, e em seus
„ Registos se porão Verbas, de como por ellas não ha
„ de haver pagamento algum, de que se fará declara-
„ ção nas costas deste. Notifico-o assim, &c. Manoel
„ do Rego a fez em Lisboa a 19 de Dezembro de
„ 1615. O Secretario Antonio Villes de Simas a fez
„ escrever. *Rei.* „

„ Gaspar de Sousa do Conselho de S. Magestade,
„ seu Gentil-Homem da boca, Governador, e Capitão
„ Geral deste Estado do Brazil, que por especial or-
„ dem, e mandado do dito Senhor mando fazer a Jor-
„ nada, e Conquista do Maranhão, &c. Faço saber,
„ que S. Magestade manda hora a Diogo de Campos
„ Moreno, Sargento Mór do dito Estado para que na
„ dita Conquista faça, e execute o dito Officio com
„ todas as Preeminencias delle: e pela confiança, que
„ tenho da pessoa do dito Diogo de Campos Moreno,
„ e sua sufficiencia, e partes; e assim por alguns res-
„ peitos, que a isso me movem, entendendo ficar S.
„ Magestade melhor servido, hei por bem que exerci-
„ tando elle o dito Officio de Sargento Mór na fórma
„ sobredita, vá juntamente por Adjuncto, e Colla-

„ teral

„ ral de Jeronymo d'Albuquerque, Capitão, que he da
„ dita Conquista com igual voto nas coisas com de-
„ claração, que as Ordens, e Resoluções se publicarão
„ em nome do dito Jeronymo d'Albuquerque, como Ca-
„ pitão que he da dita Conquista: e estando encon-
„ trados nos pareceres, se porão os negocios em con-
„ selho, seguindo-se os mais votos, e estando iguaes,
„ se seguirá a parte, onde o dito Jeronymo d'Albuquer-
„ que acostar. Notifico-o assim ao dito Capitão, Offi-
„ ciaes, e Soldados da dita Conquista, e lhes mando,
„ que guardem esta minha Provisão, como se nella con-
„ tém, e ao dito Diogo de Campos dei juramento, que
„ bem, e verdadeiramente servirá o dito Cargo, fazen-
„ do, e aconselhando sem respeitos tudo o que enten-
„ der ser mais serviço de S. Magestade, e bem da
„ dita Conquista. Dada em Olinda sob meu sinal, e
„ sello de minhas armas, em 30 de Julho. Francisco
„ Fragoso, meu Secretario a fez de 1614. O *Governa-*
„ *dor Gaspar de Sousa.*

„ Fica registrada no Livro dos Registros desta Con-
„ quista a folhas 45, por mim Luiz Moniz, Escrivão
„ da Fazenda de S. Magestade da dita Conquista. *Luiz*
„ *Moniz.*

Da vista destes Papeis entendeu o Senhor de la Ravardiere as veras, com que S. Magestade tomava as coisas do Maranhão; e como o dito Senhor premiava as Pessoas, que nella o servião, e como estava fundado o dinheiro da despeza em parte, que não podia faltar; e fallando muito nestas coisas se foi para as suas embarcações, sendo de todo o presidio acompanhado até os bateis, que ao despedir fôrão festejados com Salvas Militares.

Ao outro dia, que fôrão 29, com toda a sua armada se fez á vela, salvando primeiro a Capitanea, e logo todos os demais navios ao forte Santa Maria, do qual tambem lhes fizerão a devida resposta: e assim se desoccupou o mar, e a terra, e os Francezes se recolhêrão

na Ilha, e nos seus fortes; e os Portuguezes entendêrão em fazer a sua Igreja, e casas do alojamento, e os Indios fóra do forte, tomando sitio conveniente, se alargárão fazendo suas Aldeias, e roçando para mantimento, e começárão huns, e outros a sahir buscar de comer; e finalmente as gentes até então opprimidas louvárão a Deos de misericordia com Procissão solemne, todos com as armas na mão, que bem podesse a devoção militar perecer em toda a parte! O altar na nova Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda se guarneceu de hum frontal, e casula, que mandou aos Padres Portuguezes o Padre Fr. Archangelo, certificando ser lavrado o dito ornamento pelas mãos da Duqueza de Guisa. Era todo broslado, e lavrado de seda de côres sobre branco, fazendo cruzes de Hierusalem, contrapostas todas de fructas, e rosas, e ramos. Obra bem vistosa, e curiosa, e mais de estimar por vir donde vinha. Juntamente mandou o dito Padre com o ornamento tres Retabolos pequenos de excellente illuminação, guarnecidos de setim carmezim, tudo broslado descarchado de ouro fino, portas, e pavimento.

Dalli a dois dias mandou o Senhor de la Ravardiere ao Capitão Mattheu Malharte, com o seu Cirurgião, e mesinhas para curar os feridos, que se perdião á falta de remedio; e assim mais mandou avisar aos Capitães Portuguezes, que era tempo de se embarcar a Pessoa, que havia de ir a França, porque se partia a náo Regente; e assim os que se havião de ir a Portugal, que se fizessem prestes: tambem mandou advertir, que todos os Indios da Ilha andavão desejosos de fugir á terra firme, porque havia passado a palavra entre elles, que os concertos dos brancos erão para os captivarem a todos, e partirem entre si para os venderem, como havia feito Pedro Coelho na Serra de Buapavá, quando teve a guerra com o Mel Redondo, e fez a paz com os Francezes, que alli se achárão; e que para aquietar esta novella, pedia ao Sargento Mór do Estado, que passasse á outra banda, e levasse ao Padre Fr. Manoel comsigo para fallar

lar aos Indios, e para que vissem, que os acordos erão firmes, e por outros respeitos de maior consideração feitos.

Neste tempo com toda a diligencia estavão acabando de appresentar hum Caravelão os Portuguezes, para mandar a Paranambuco com tres Avisos ao Governador Gaspar de Sousa, para que com as novas da victoria recuperasse a falta de gosto, que havia de ter de não saber da gente, e da Jornada, e para que mandasse com melhor aviso, e animo o conveniente soccorro. Elegeo-se para esta ida o Capitão Manoel de Sousa d'Eça, para que como testemunha de vista désse conta do que passava. Tambem o Capitão Francisco de Frias havendo acabado com a obrigação do forte, que desenhado, e em defensa deixava, se embarcou para dar conta ao Governador destes, e de outros particulares, que todos realmente se podião fiar de sua pessoa: em fim sendo prestes tudo o que convinha á partida desta Embarcação, o Sargento Mór do Estado, e o Padre Fr. Manoel Tavares se partírão para a Ilha, e o Ajudante Simão Nunes Corrêa, e entrárão nella a 3 de Dezembro pela banda do forte de Itamparî, que está Leste-Oeste com o forte Santa Maria: nesta parte estava o Lingoa mór dos Indios, Francez por nome *Hibacon*, pelo qual fôrão agasalhados os hospedes aquella noite, que com parte do dia se gastou em fazer o Padre Fr. Manoel da Piedade fallar aos Indios em seus ajustamentos, e assim fôrão até o forte S. Luiz, que são nove legoas deste Posto, sempre por Aldeias de Indios tão povoadas, que a cada passo havia milhares delles de aquella Costa Tupinambás; e em cada Aldeia assistia hum Francez Nobre com quatro, e seis Soldados, como por salva-guardas dos Indios, ou seus Encommendarios; e estes tinhão obrigação de se ajuntarem, havendo rebate, com todos os Principaes, e Frecheiros da sua Aldeia; e elles com suas armas no forte S. Luíz, ou donde se lhes assinalava a praça d'armas. Passadas estas Aldeias, navegárão por hum braço de agoa

salgada em huma chalupa até chegarem ao dito forte de S. Luiz, donde fôrão recebidos dos Senhores Francezes com toda a demonstração de alegria, e honra, que foi possivel fazer-se; estando toda a gente, até fóra da ponte levadiça do dito forte, com as armas na mão até á porta da casa do Senhor de la Ravardiere, donde com apparato estava adereçado a aposento do Sargento Mór do Estado, ao qual por mostrar o Senhor de la Ravardiere, que não ficava atraz nos modos de cortezia, mandou, que em Nome de S. Magestade d'ElRei Catholico de Hespanha, cuja Pessoa em aquelle acto o dito Diogo de Campos representava, e como a tal se recebia, e honrava naquelle forte, que nelle désse a Ordem, e o Nome, porque se não havia de dar outro. Sobre isto houvé muitas escusas justas, e cortezes; porém dellas passando a porfias, foi forçoso obedecer o Sargento Mór, por ser coisa mandada em Nome do seu Rei, e Senhor, e dedicada em sua absencia a seu Real Culto: e assim deu por Nome, *Dom Filippe*. Com isto se fôrão ao aposento do Senhor de la Ravardiere, donde não faltárão globos, livros, e planisferios, quadrantes, e muitas armas, com que parecia estar naquelle deserto gente de valor, e de sciencia. Ao outro dia se foi o dito Capitão Sargento Mór a vêr o novo Convento dos Capuchos, e nelle ao Reverendo Padre Archangelo, e seus Companheiros; o qual depois de dizer Missa, lhe mostrou o sitio do seu Mosteiro, refectorio, e cellas, e huma fonte de agoa viva, que tinhão descuberto, a qual antes de sua vinda não tinha aquelle sitio; e assim mais lhe mostrárão o Seminario dos Moços Francezes, e Indios da terra, donde se aprendião as lingoas huns dos outros, para o qual disserão, que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido huma grande copia de dinheiro, e a Rainha Regente huma grande ajuda: assim mais lhe mostrárão ao dito Sargento Mór grande copia de ornamentos, calices, e coisas de Igreja, das quaes o segurou o dito Padre Archangelo; que tinha mais de 20) cruzados alli, e em Pariz

em

em cofres, que estavão para vir, quando se ordenasse a volta destas coisas. Tratou o dito Padre largamente da grande diligencia, que elle, e os mais Religiosos fizerão, para que os Francezes não fossem a fazer guerra aos Portuguezes á outra parte, e que elle em pessoa estivera em Itamparî tres dias para estorvar a Jornada; mas que não podendo mais, se tornára para o seu Convento tão desconsolado, que logo dissera aos seus Religiosos. „ A nossa „ gente virá ao que entendo com a cabeça rota, pois com- „ mettem a quem os não busca, e não tomão meu con- „ selho. „ Pelo que depois do successo ficou tão desconsolado com a morte de tantos Nobres, em particular a de Monsieur de Pisiaus, Catholico, e de grande Casa, e grandes esperanças, que realmente não via já a hora, em que deixar tal terra, donde todos vierão enganados a estar debaixo da mão de hum Hereje, que ainda que era bom Companheiro, e governava com quietação, que todavia era mal soante, e como tal estava ordenado, que Ravardiere se fosse a França, e em seu lugar ficasse o dito defunto de Pisiaus, porém que já Deos mostrava haver-se servido de outra coisa. Pelo que, e pelas coisas, que tinha visto, se partiria sem falta com o Senhor do Prado a dar conta á Rainha Regente, que particularmente lhe tinha mandado, que o fizesse, e dado prendas da devação, que tinha áquelle habito, e de como de outrem não fiaria o credito de aquellas materias: e assim determinava levar todos os seus Frades, dos quaes deixaria sómente dois para remedio de aquelles Catholicos, que alli ficavão, e de mais de 200 almas Indios, que havião feito Christãos; porém que seria com tal condição, que vindo Ordem para se os Francezes retirarem, que os Padres Portuguezes tomassem a cargo o favorecellos, tendo-os conventualmente comsigo até lhos mandarem a França, porque a isto não ser, que os não deixaria; porque no tocante a outros proveitos, mais que os das almas, elle não havia visto entre os seus coisa de substancia, mais que andarem todos embaraçados em tra-

ba-

balhos, e esperanças, as quaes mal se lograriáo havendo de haver guerra. Nisto entrou o Senhor de la Ravardiere, com o qual, mudando-se a pratica, se fôrão para o forte, donde acabada a comida vierão muitos Principaes da Ilha Tupinambás, vestidos de roupas Francezas azuis de panno fino coalhadas de flammas de veludo, folha morta brosladas de torçaes de seda, e nos vazios Cruzes do mesmo veludo, como as de montesa, e entre elles vinhão dois Indios vestidos á Franceza de calções, e casacas curtas de veludo carmesim, guarnecidas de passamanes de ouro fino, e gibões de tela d'ouro fino leonada, e suas espadas douradas, e dargas com talabartes de veludo carmesim lavrados de ouro, çapatos, meias de seda, e ligas com ouro, e tudo o demais nesta conformidade, até chapeos de castor com muitas plumas brancas, e bandas de Pariz de resplandor de prata lavradas, e Cruzes de ouro fino ao pescoço como homens do habito de S. Luiz. Trazião comsigo suas mulheres moças, Francezas brancas vestidas de Damas com taes cotas, vestidos, e adereços, que tudo era seda, guarnições, e ouro, em que se manifestava a tenção, com que estas despezas ditas erão feitas: e assim depois de fazerem seus comedimentos: disse o Senhor de la Ravardiere ao Sargento Mór: „ Estes dois Indios, e outro que falleceu Tupinambás „ são desta Ilha, os quaes Monsieur de Rasilli, meu „ Companheiro, levou a França, e os apresentou a Suas „ Magestades da Rainha Regente, d'ElRei Luiz, meu „ Senhor, os quaes lhe fizerão tantas mercês, e honras, „ que vos não saberei dizer o número dellas: sómente „ digo, que custárão mais de 100 cruzados, os favo- „ res, vestidos, Baptismo, casamentos, até os fazerem „ Cavalleiros, dando-lhes habitos da nova Ordem de S. „ Luiz, que agora instituio este Rei: os demais Indios „ das roupas azuis, são Principaes desta Ilha, a saber, „ o Brazil, e o Xapiasú, homens, que para Indios acho „ de grande entendimento; e assim elles como os demais „ vos vem vêr como a homens, que nos feitos lhes ha-

„ veis

„ veis parecido serpentes, e assim ainda hoje se não as-
„ segurão, e temem de vós. Esse temor he mui de atraz,
„ respondeo o do Estado; porque tem já tantas vezes fu-
„ gido de nossas armas, que hoje não podem buscar
„ mais desengano, que na Buapavá hontem, e na Praïva,
„ e no Rio grande, donde os levava sua ignorancia, e a
„ malicia dos que os acaudilhavão, dos quaes todos tem
„ seu castigo como o Mingão, que havendo quatorze ve-
„ zes escapado das mãos dos Portuguezes, veio a morrer
„ na batalha de Guaxindubá; porém agora somos, e sere-
„ mos seus amigos, se forem bons, e fizerem o que devem,
„ porque o tempo de captivar, e vender Indios he já pas-
„ sado, e S. Magestade d'ElRei Catholico nosso Senhor,
„ em tempo, e á instancia do Governador Geral D. Diogo
„ de Menenezes, passou huma Lei o anno de 610, que
„ nenhum Indio do Brazil fosse captivo, antes mandou,
„ que os usurpados fossem postos em sua liberdade, e
„ levados a suas terras á despeza de sua Real Fazenda;
„ e isto se fez por amor da desordem, que succedeu
„ com estes, de que tratamos na Buapavá. „ Acabada esta prática, que os Lingoas declaravão aos Indios, se fôrão a vêr o sitio da Ilha, e o porto, artilheria, e navios, e a Aldeia dos Pedras-Verdes, Indios, assim chamados, que havião feito vir de varias partes povoar ao longo do dito forte S. Luiz, para ajuda de sustentarem os Soldados do presidio, e assistirem á defensa, quando importasse.

Ao outro dia levou o Senhor de la Ravardiere ao Sargento Mór, e seus Companheiros a vêr a náo Regente, que estava no porto de Guaraparî á vista do forte S. Luiz, e debaixo de outro forte, em que havia quatro peças grossas de ferro coado. Na Náo estava ordenado grande recebimento, e demonstrações navaes de artilheria, e bandeiras ricas de seda, que certificou o Francez haverem custado mais de quinhentos cruzados a fora o Estendarte Real, que dera a Rainha Regente, que de pinturas, e ouro tinha muito custo. Depois que estiverão na náo se fôrão a vêr a terra, e conhecen-

ças

ças da entrada da grande barra de Arasajú, e virão a terra de Tapitaperá, e de Comat; da outra banda de Loeste, e assim as Ilhas, que jazem sobre o Porto de S. Luiz, fortes em sitio, e povoadas de mato, mas sem agoa. Todas estas coisas, com permissão do Senhor de la Ravardiere, o Sargento Mór notava, e desenhava em o seu livro de memoria.

Pelo que la Ravardiere disse: „ Vejo-vos tão curioso, que me parece para vos livrar de trabalho, que „ vos hei de dar o desenho, que fiz de tudo isto até „ o Pará, em que me aventurei, e trabalhei muito, e se „ não fôra a vinda do vosso sobrinho Martim Soares, „ que me inquietou, e fez acudir a este forte, cuidando serdes já todos vindos, certo tivera feito grandes „ descoberturas; mas espero, que Monsieur de la Blanjartiera, que deixei em meu lugar, me trará grandes novas, e mostras de coisas estranhas, de que á vossa „ vinda de Hespanha vos mostrarei tudo: com este Fidalgo ficaráõ 40 Soldados Francezes para melhor se seguirem nossos bons intentos. „ O Sargento Mór lhe deu as graças do desenho, que lhe promettia, e assim tratando de diversas coisas, se tornárão ao forte S. Luiz, donde assentárão, que o dito Sargento Mór se fosse ao outro dia com o Reverendo Padre Fr. Manoel, e que viesse logo o Capitão, que havia de ir a França, e para a viagem de Portugal; assentárão que os Soldados Francezes darião por resgate a caravela, que havião tomado na guerra passada aos Portuguezes, como fica contado; visto que para a viagem era o melhor navio, que os Francezes tinhão, e os Portuguezes nem peior, nem melhor não possuião coisa, em que aventurar-se podessem: e assim se deu pela caravela algum resgate de coisas do armazem; e o demais, que se pagaria em Portugal ao Capitão Malharte, que em nome de todos estava elegido para ir com o Sargento Mór: e prometteu o Senhor de la Ravardiere de mandar concertar, e apparelhar a caravela de novo, e dar duas peças de artilheria, e o mantiti-

timento necessario, e assim toda a gente do mar Portuguezes, que tinhão em sua companhia tomados em varios navios, e por varios cossarios, que alli os havião trazido, e os havião deixado captivos, com este assento, e com muitos feijões, e milho, e favas para plantarem, e comerem os do Forte de Santa Maria, se partio o Sargento Mór do Estado, e em chegando ao Forte se aviou o Capitão Gregorio Fragoso d'Albuquerque, e se veio ao Forte S. Luiz, donde partio na nau Regente em companhia de Mons. du Prat a 13 de Dezembro 1614, levando além dos Avisos, e Ordens de palavra, a Carta para o Senhor Embaixador de Hespanha em França, que se segue, e assim mais o Regimento, que se verá adiante.

*Carta ao Embaixador de Hespanha em França.*

„ Su Magestad d'ElRei Catholico nuestro Sñor entendiendo ser cosa mui conveniente à su servicio me „ embiò el año passado de 613 por orden del Gover„ nador General destas Provincias Gaspar de Sousa a „ que le descubriesse, poblasse, y conquistasse esta „ Costa del Brazil, que llamamos de Leste Oeste, te„ niendose por cierto, que en ella se fortificavan para „ damnar al Perú algunos cossarios de las Naciones del „ Norte. Partiendo yo pues con pequeña assistencia „ de las cosas necessarias, solo hize, y reparè algu„ nos presidios en la dicha Costa, haziendo pax con „ aquellos Selvajes. Este año de 614 aviendoseme da„ do alguna màs assistencia, y dandoseme por Colle„ gua al Capitan, y Sargento Maior de todo este Es„ tado Dieguo de Campos, Soldado viejo de Flandres, „ que S. Magestad para esta Conquista embiò dende „ España, venimos à nos alojar en el Rio Marañon, „ que divide el Perú del Brazil, por la parte del Nor„ te, y porque tuviemos nuevas, que avia Francezes, „ nos fortifiquamos, y tratamos de occupar por Su Ma„ gestad Catholica en sus tierras, lo que nos pareciò

„ à su servicio conveniente. Pero fuimos de subito cer-
„ cados de grandes naus, patachos, y lanchas France-
„ zes, con tanto aparato de guerra, que quasi perdimos
„ la esperança de poder ser socorridos, y màs que sien-
„ do de subito accommettidos nuestros navios mancos,
„ que sin gente, ni artillaria estavan vazios para bolver-
„ se, nos tomaron tres, de que quedamos lastimados, y
„ màs impossibilitados de ningun socorro. Pero los Se-
„ ñores Francezes juntando las fuerças del Estado de los
„ Indios de una Isla, que tienen occupada en este rio
„ con quatro, ò cinco fortalezas, vinieron en 19 de
„ Noviembre passado con mas de 2200 Indios Fleche-
„ ros en 50 canoas, que son como bergantines, y con
„ mas de 400 Soldados, y Cavalleros de Francia en
„ siete embarcaciones de alto bordo, con artillaria de
„ bronze y de hierro colado para batirnos nuestro fuer-
„ te; en que, como digo, estavamos en tierra de S.
„ Magestad, y con su orden, y banderas menos de 200
„ Soldados Portuguezes, y muchos menos de 200 In-
„ dios de guerra nuestros amigos. Pero como era fuerça
„ acudir à lo que tanto convenia, guarneciendo el fuer-
„ te, como se pudo, salimos en campaña, y los di-
„ mos la batalla, en que Dios se serviò mirar por nues-
„ tra justicia, de que le damos infinitas gracias, quedan-
„ do señores del campo, y del sitio, y de todas las em-
„ barcaciones de remo que fueron quarenta y seis, à
„ que dimos fuego. Muriò Monsieur de Pisiaus, y otros
„ muchos Nobles, y Soldados en numero de mas de
„ 115, de los nuestros tambien murieron algunos, pero
„ como della buena guerra succede la buena pax, ve-
„ niendo los Francezes con orden de Mons. de la Ra-
„ vardiere a pedir sus muertos para darles sepultura, lo
„ que yà por nos otros estava hecho; tras este trato se
„ conseguiò, que supimos, que Su Magestad Christia-
„ nissima d'El Rei de Francia sin dar parte a V. S.,
„ y Monsieur de Momoransi Almirante desse Reino,
„ avian embiado à hazer esta Conquista, ò Colonia:
„ di-

„ dizen, que à persuasion de Mons. de Rasilli, vezi-
„ no de Loudun, y Chinun, y del Sñor de Sansi Ni-
„ colàs de Harley del Consejo d'Estado desse Rei-
„ no, de quien èl dicho Ravardiere se nombra fator,
„ ò compañero, y como de ambas partes tuvimos pre-
„ cisa necessidad, de que los tratos fuesen adelante: pa-
„ reciò que se diesse aviso à Sus Magestades, aviendo
„ hasta su Real respuesta, suspension de armas, que du-
„ rarà hasta el mez de Diciembre de 615, ordenando
„ que un Cavallero Portuguez, y un Francez vaya à
„ Francia, otro tal à España, y assi fuè elegido para
„ esse Reyno, y para el servicio de V. S. mi sobrino
„ el Capitan Gregorio Fragoso de Albuquerque, y pa-
„ ra España mi compañero el Capitan, y Sargento
„ Maior Dieguo de Campos, que con Su Magestad
„ sabrà en España tratar lo que conveniere. Supplico
„ à V. S., que en esse lugar oiga à mi sobrino, pues
„ son materias tan inportantes al servicio de Su Ma-
„ gestad, y de V. S., y de todos tan desamparadas; y
„ en lo que se offereciere, V. S. se sirva mandarlo en-
„ caminar para que todos acertemos, porque es hombre
„ destas partes, y tiene poca pratica dessas; mas el, y
„ todos nos otros tenemos mucha confiança, que V. S.
„ nos harà la merced que merecemos, para que con res-
„ puesta breve seamos favorecidos. Los Francezes lle-
„ van los papeles, y acuerdos de una via, el Capitan
„ de Campos lleva la otra à Portugual, y à España, don-
„ de V. S. serà mas largamente advertido, que esta sola-
„ mente sirve de aviso. Dios guarde a V. S. del rio Ma-
„ rañon en el fuerte Santa Maria de los Portuguezes a
„ 13 de Diciembre 1614.

*Hieronymo d'Albuquerque.*

O Regimento que juntamente se deu ao dito Grego-
rio Fragoso foi o seguinte:

*Coisas, que por serviço de S. Magestade ha. de*

*advertir o Capitão Gregorio Fragoso d'Albuquerque, em o Reino de França ao Senhor Embaixador de Hespanha.*

„ Primeiramente continuará a casa do dito Senhor „ Embaixador, sempre servindo, e acompanhando a S. Se- „ nhoria até com effeito ser respondido, e fará todas as „ diligencias, que pelo dito Senhor lhe forem mandadas „ sobre os negocios desta Conquista.

„ Advirtirá a S. S., que o Maranhão, e suas ter- „ ras, e assim as de Tapitaperá, Comat, e Pará, e „ todas as demais de aquestas Costas são á parte do „ Norte do Perú, e do Brazil: as quaes Provincias hoje „ não são desertas, mas desoccupadas de Portuguezes, ou „ Castelhanos por infortunios notaveis, e perdas de na- „ vios, e gentes, como as Chronicas estão cheias; porque „ neste Maranhão estão os fundamentos dos primeiros Por- „ tuguezes, que aqui povoárão, a saber: Os filhos de João „ de Barros, e os Mellos, e outros, a que, pelos trabalhos „ de Portugal, se não póde dar soccorro, e que não são des- „ povoadas; pois o Brazil tem mais de 300 Portugue- „ zes, e tantas Cidades, e Villas, como se sabe, e o „ Perú, o que he notorio, sendo o Imperio do Novo Mun- „ do de S. Magestade; de modo, que se por não ter mo- „ radores huma terra, se ha de tomar a seu dono, Silves „ no Algarve, Algisiras junto a Gibraltar estão sem mo- „ radores no coração de Hespanha, e aqui nesta parte, „ que o he do Perú, se fórma huma nova França, ou es- „ tá já formada com 20 Capuchos, de que he Commis- „ sario o P. Fr. Archangelo de Pembroc da dita Ordem, „ do qual S. Senhoria póde saber muitas coisas; e que es- „ tavão 800 Francezes mettidos nesta Colonia com mu- „ lheres, e custo incrivel, e com pouco proveito atégora, „ segundo dizem, que o Senhor de la Ravardiere tem da- „ do terras, e Indios a Fidalgos, e Soldados seus; os „ quaes vivem fazendo fazendas, e as possuem como suas „ na terra d'ElRei de Hespanha, coisas, que denotão „ mais fundamento, do que se póde dizer neste negocio.

„ Que

„ Que temos entendido, que se não fôrão as lianças „ de Hespanha, e França, estiverão já nesta Colonia mais „ de dois mil homens Francezes.

„ Que na Cidade de París em carros triunfaes fô„ rão levados os Indios Tupinambás, e os padrinhou o „ Senhor de Guiza, e S. Magestade d'ElRei de França „ lhes deu mulheres Francezas, e muitos vestidos, e da„ divas, com que os tornou a mandar ao Maranhão por „ seus vassallos, sendo d'ElRei nosso Senhor, e além des„ tes, e outros muitos liados, que tem, trazem Lingoas „ Francezes em todas estas Provincias, com que nos tem „ feito, e fazem muito damno.

„ Que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido para „ esta Colonia a despeza de hum Seminario, como o dirá „ o P. Archangelo, e assim a Rainha Christianissima Re„ gente huma grande ajuda, que tudo com capa de Reli„ gião Christã, vem a ser em damno do serviço de Deos, „ e destas Provincias; nas quaes dizem, que tem descu„ berto minas de Lapislazur, e nova pescaria de perolas, „ e tem achado pedraria de valor, sobre que ha preitos „ entre elles, e que cada dia de novas madeiras, e tintas „ dos Indios, tratão de tirar a substancia, com que levar „ avante estes principios; accolhendo aqui da mesma ma„ neira aos cossarios, que de roubar as terras do Brazil, „ e da Mina vem aqui desgarrados a buscar mantimen„ to, e remedio a suas viagens.

„ Que resgatão por machados, e fouces, e outras „ coisas de pouca substancia muitos escravos dos mesmos „ Indios, que huns a outros se comem, e se captivão, e „ com elles se vão engrossando em modo de fazer fazen„ das: e que tratão de mandar ao mar de Angola a to„ mar os navios, que vem com escravos ao Brazil, e ás „ Indias, para metter nesta Colonia, e fazerem sem despe„ za mais, que a agencia dos cossarios, hum riquissimo „ Reino, e que achámos aqui seus captivos, com ferros nos „ pés, muitos Portuguezes nossos de tres annos de escra„ vos, que como taes lhes roçavão, e plantavão, e ser„ viáo

„ vião no campo. Os quaes para sempre estavão condem-
„ nados a esta vida, cousa, que nem em Barbaria se usa.
„ E isto, porque não déssem noticia do que havião visto
„ nesta Colonia, na qual tem mettido tanto cabedal, que
„ seguramente entendemos, e sabemos, que pedem favor a
„ Inglaterra offerecendo-lhe o feudo, e menajem, e em caso
„ que de França lhes falte assistencia, por quanto o Senhor
„ de la Ravardiere, além de ser da Religião, he cunhado do
„ Conde de Mongomeri, que tem em Inglaterra mil pa-
„ rentes, e cunhados, homens de substancia, poderosos, e
„ ricos. Tambem por sua natural inclinação de conquis-
„ tar, e povoar coisas estranhas, e novos descobrimentos,
„ he de arrecear, que não vivirá quieto, se a força o não
„ obriga, ou beneficios. Pelo que parecendo a S. Senho-
„ ria, que os pobres Francezes Catholicos, e mecanicos,
„ que aqui estão casados com suas mulheres, e filhos, que
„ de França trouxerão, e alguns solteiros, e dos Nobres
„ accommodados na terra, que fiquem os que quizerem
„ possuindo o que tem, como vassallos d'ElRei Catholico
„ nosso Senhor, e aos que não tiverem terras, que possão
„ dar-se-lhes, sem embargo da prohibição feita, que trata
„ dos Estrangeiros, estes taes sempre serão de grandissimo
„ effeito, porque como tão praticos em todas as coisas
„ de aquella Conquista, e nas execuções dos desenhos de
„ seus maiores, e juntamente liados, e vindos com os In-
„ dios, de que não temos ainda hoje noticia alguma, fi-
„ caráõ entre nós outros fazendo hum effeito maravilhoso,
„ e os Indios que dependem de suas lingoagens, e promes-
„ sas, não terão alteração alguma; e por este meio mais bre-
„ ve, e mais quietamente, e com menos despezas seremos
„ senhores do que a S. Magestade tanto importa, e lan-
„ çaremos os Hollandezes do Cabo do Norte nesta Costa,
„ donde se fortificão na boca do Rio das Almazonas,
„ sem que de Hespanha seja necessario buscarem-se, e
„ mandarem-se homens a grande custa ignorantes do que
„ estes sabem, e nisto não ha dúvida ser mui conveniente
„ tomar-se hum bom assento.

„ Ha-

„ Ha-se de notar, e entender além destas coisas com „ grande diligencia, e todo o segredo, o que tratão, e ma- „ chinão os Senhores de Sansi, e de Rasilli, e se juntão „ gente, e se tornão a mandar a sua Nau Regente, que he „ de 400 toneladas, e leva 300, e 400 homens, e he sua, e „ dedicada a esta Colonia: porque se assim for, convem „ qualquer coisa por pequena que seja, que se souber dis- „ to, avisar a Hespanha para prevenir S. Magestade, o „ que convem, e que nos não tomem desapercebidos, don- „ de com Altares, e Mosteiros de Capuchos, e Clerigos, „ Curas d'almas se vai continuando com a obrigação do „ Santo Evangelho prégando-se em todo este barbarismo.

„ Isto que aqui se adverte ao Senhor Embaixador, „ he o mesmo que em Hespanha se ha de tratar pelo Ca- „ pitão, e Sargento Mór deste Estado com S. Magesta- „ de que Deos muitos annos guarde, e sempre engrande- „ ça: a 13 de Dezembro 1614.

Neste mesmo dia foi com o dito Gregorio Fragoso para a Ilha Mathias de Albuquerque, filho segundo do Capitão Jeronymo de Albuquerque, para assistir com os Francezes, em quanto no Forte Santa Maria dos Portuguezes assistia Mons. de Lastre, Cirurgião Maior dos Francezes, que curava os feridos Portuguezes, nos quaes fez notaveis curas sem algum interesse. Porque ainda que quizessem não tinhão com que pagar taes beneficios, mais que acudirem todos a Deos, a quem se devem as graças. Pois (*dedit salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium, qui oderunt nos.*)

A 16 do dito Dezembro partio a Nau Regente para França com Mons. du Prat, e o P. Archangelo com dezesete Religiosos da sua Ordem, ficando na Colonia dois sómente, e hum Clerigo de Missa. Tambem se embarcou Mons. de Canon-Ville, e outros até número de cem pessoas, em que entrou Gregorio Fragoso, que hia com Mons. du Prat, como está dito. Ao largar a vela, a Nau Regente salvou ao Forte S. Luiz, do qual fazendo-se a devida resposta, arrebentou huma peça grande de ferro coado Ingleza,

e matou cinco homens nobres, e o Condestabre, e estropeou dois; toda esta gente era da obrigação do Senhor de la Ravardiere, o qual mostrou sentir tanto esta desgraça, como a passada da rota, que lhe derão.

Partida a Nau Regente, logo se pôz com diligencia mão no concerto da caravela, e em se prevenir algum mantimento de farinha, e agoa para o Sargento Mór, a quem seu companheiro Jeronymo d'Albuquerque dava huma notavel pressa, a que se partisse, ou por se vêr sem quem lhe podesse ir á mão; ou porque esperasse desta ida mais remedio, que de todas as dos outros, de que tinha pouco conceito. Finalmente sendo já todas as coisas reduzidas ao estado melhor, que o tempo dava lugar, e feitos todos os Assentos, e Papeis necessarios em como Jeronymo d'Albuquerque ficava quieto de posse de sua fortaleza acabada sobre o Maranhão, com Religiosos, Igreja, casas de vivenda, roças, plantas, dois barcos, e dois bateis, que hum dos barcos se havia comprado aos Francezes por haver na fortaleza mais serviço, e assim redes para pescar, e mais de 40 jangadas feitas para as pescarias, e mantimentos dos Indios; veio o Capitão Maillarte, ao qual se derão pela caravela 500 cruzados, a saber em coisas de resgate cento e trinta mil réis, e em hum Escrito a pagar em Lisboa o resto, com o mais, que custou o mantimento para a viagem, de que se fez Assento ser tudo por conta da fazenda de S. Magestade; pois a caravela não se tomava para mais, que para seu serviça, e assim feitas estas coisas, se despedio o Sargento Mór do Estado dos Soldados, e seu companheiro, e com a benção dos Reverendos Padres Capuchos, partio do Forte Santa Maria á terça feira, depois da derradeira Oitava do Natal, e se veio por mar reconhecendo os baixos, e barras até o Forte de S. Luiz pela barra grande de Arasajú.

Depois de embarcado o Sargento Mór na caravela se deteve dois dias a respeito das vasilhas para agoa, que se não achava ordem de as accommodar; e porque nesta par-

parte havia mais cómmodo de mantimentos, que no Forte dos Portuguezes. Neste tempo houve ordem de se tratarem algumas coisas do serviço de S. Magestade com alguns daquelles Particulares; os quaes derão ao dito Sargento Mór as mostras de todas as coisas, que achado tinhão naquellas partes, e o Senhor de la Ravardiere lhe deu hum traslado da Relação, que mandava a França de seus successos com os Indios, a qual traduzida diz desta sorte:

*Summario do que fiz nestas terras do Brazil.*

„ Primeiramente tenho assegurado os póvos dos Gen-
„ tios, tanto da Ilha, como da terra firme, ajuntando-os,
„ e unindo huns com outros debaixo da obediencia do meu
„ Rei; estorvando-os, que não fujão de medo dos Portu-
„ guezes, e reduzindo-os a tal obediencia dos Francezes,
„ qual desejar se póde. Porque além de que já não co-
„ mem carne humana em todas estas Comarcas até 200
„ legoas de aqui, donde fenece a dos Tupinambás, e ne-
„ nhum Principal destes não emprenderáõ guerra contra ou-
„ tros seus contrarios, chamados *Tapuias*, sem primeiro
„ lhes pedirem licença, para o que lhes mandão seus Agen-
„ tes, ou vem elles mesmos a pedir-me a dita licença, e de
„ proximo oito dias antes, que chegassem os Portugue-
„ zes, aqui vierão tres Principaes do Pará, e de Cajeté a
„ me pedirem licença para irem fazer guerra a huma Nação
„ a 400 legoas de aqui, chamada *Camarapí*, sobre hum
„ rio chamado *Pacajarí*.

„ Logo que a Nau Regente foi partida, que foi em
„ oito de Dezembro de 1612, no mez seguinte mandei ao
„ Mearí, rio aqui vizinho, quarenta Francezes buscar aos
„ Tabajares, Nação de Indios inimigos, que estavão 200
„ legoas de aqui sem haver delles alguma noticia. Nesta
„ primeira viagem deixárão os meus dois Indios nossos es-
„ cravos da dita Nação; os quaes, ficando no mato com
„ mantimento para os irem a buscar, porém feita diligen-

„ cia, se tornárão sem achar nada; e isto tenho advertido
„ em outras Memorias minhas, que esta Nação havia sido
„ muito maltratada dos outros nossos Topinambás: e fi-
„ nalmente depois de sete, ou oito mezes, havendo feito
„ muita mais diligencia com quatro viagens, que alli fize-
„ rão que fizessem os Francezes, derão com esta gente, e
„ disserão logo que havia duas Castas delles desta mesma
„ Nação Tabajarés, que vivião em guerra, e comião huns
„ a outros cruelmente; e como se ajuntárão a mim, vivem
„ hoje nesta Ilha em paz, e todos juntos com os Tupinam-
„ bás naturaes, que antes de huns, e outros erão inimigos.

„ Depois tendo aviso, que havia outra Nação dos
„ Tabajarés mesmos em hum rio, que a sua barra he de
„ aqui cem legoas, mandei ao meu Lugar-Tenente Gene-
„ ral Monsieur de Pisiaus com 35 Francezes, os quaes
„ achárão a dita Nação mais de 200 legoas pelo rio aci-
„ ma, a qual se chama *Vuarpí*; e deixando alguns Fran-
„ cezes para os trazerem, vierão até ás terras de Comat,
„ e serão desta parte em entrando as chuvas, porque já os
„ Principaes estão commigo, e desta mesma tenho aviso
„ de outra Nação Tapuia, chamados *Igaran Vvanvá*,
„ que estavão nas terras defronte de Pacuripanam, os quaes
„ não desejão mais, que chegar-se a nós outros pela no-
„ ticia, que tem de alguns escravos nossos de sua Nação,
„ os quaes lhes mandámos livres para que entendessem,
„ que queriamos paz com todos os Naturaes; e sobre este
„ aviso mandei com outros escravos alguns Francezes com
„ hum Lingoa por nome o *Mingao*, o qual os fez vir até
„ ás terras de Pacuripanam, e estão hoje de paz, e mis-
„ tura com os Tupinambás, e fazem roças de mantimen-
„ tos, em toda a paz, e amizade com aquelles, com os
„ quaes pouco antes havia tal guerra, que se comião huns
„ a outros.

„ Depois disto feito mandei Monsieur du Prat a hum
„ rio chamado *Guajabug* a 200 legoas de aqui com 30
„ Francezes, e alguns escravos de huma Nação de Tapuias,
„ que fica sobre este rio. A qual gente havendo navegado

com

„ com imaginação certa de os achar, ou perto, ou longe,
„ tanta diligencia fizerão até que os nossos Lingoas os des-
„ cobrirão, e lhes derão a entender como os quereriamos
„ por amigos perto de nós outros; e assim os obrigárão
„ a trabalhar em fazer canoas para se virem, e nas que
„ tinhão se embarcarão logo tres, ou quatro Aldeias, e
„ se vierão a esta Ilha, e depois delles os demais com o
„ dito Senhor du Prat. O qual os trouxe aqui, com que me
„ achei bem embaraçado pelos accommodar, e sustentar
„ juntos, que nunca quizerão dividir-se pelas Aldeias dos
„ outros, de medo de que os não comessem, como tinhão
„ de costume. Entonces me resolvi de largar huma Al-
„ deia, que tinha de minha gente a huma legoa daqui,
„ e os mandei aposentar nella, fazendo sahir os meus; e
„ lhes dei todas as roças de mandioca para seu sustento, e
„ elles me promettêrão fazer-me outras, e ainda que já
„ por este anno he tarde, será ao outro com o favor de
„ Deos, se a terra nos fica como espero. De mais disto
„ tenho mandado vinte e cinco Francezes com hum de
„ meus escravos, Principal de sua Nação, a buscar huma
„ de Tapuias 250 legoas dentro do Rio Pará, que são
„ em tanta quantidade, que me offerecem cem canoas gran-
„ des, como os Principaes me tem promettido, aos quaes
„ eu fallei em Parijop sobre a terra dos Pacajazes, quan-
„ do fui ás Almazonas: aguardo por esta gente no mez
„ de Maio, se não tiverem algum estorvo, esperando reca-
„ do meu. Pois hão de saber, que estão já aqui os Portu-
„ guezes. Os quaes se tardarem mais hum ou dois annos,
„ já tinha dado ordem, para que se ajuntarem aqui com
„ nosco mais de dez outras Nações, que entre ellas ha
„ huma sobre hum rio da nossa bahia, que he maior
„ Nação, que toda a dos Tupinambas.

„ Não digo o número das viagens, e caminhos,
„ que tenho feito, e mandado fazer em estas terras, e rios
„ pelos meus, nem digo da minha viagem, que quiz fa-
„ zer ás Almazonas; porque ficou imperfeito pela vinda
„ a esta terra de Martim Soares Moreno Portuguez, que

„ veio a descobrir estas terras, e bahias do Maranhão no
„ mez de Agosto de 613 de parte de Jeronymo d'Albu-
„ querque, que em ella está presente, como parece em
„ nossos Artigos de paz. De mais disto tenho mandado fa-
„ zer quatro fortes sobre as principaes partes, e portos
„ desta Ilha, donde em todos tenho artilheria, principal-
„ mente em este de S. Luiz, donde tenho muita quanti-
„ dade: não ponho aqui minhas penas, e trabalhos, e
„ perdas, que tenho corrido indo, e vindo 300 legoas
„ desta Costa dentro em huma canoa, atravessando as
„ barras, e bahias, e dobrando as pontas de todas ellas
„ no tempo das brigas, nem fallo em tres erueis, e com-
„ pridas enfermidades, que me causárão estes trabalhos;
„ porque quem quizer considerar tudo isto, e julgar com
„ igualdade, rogará a Deos, que o gratifique, e nos sus-
„ tente em paz dentro no nosso Mundo arctico. Feito no
„ Forte de S. Luiz no Maranhão a 29 de Dezembro 1614.

*La Ravardiere.*

Além destas Informações, e Papeis, vio o dito Sargento Mór as terras da Ilha, e roças de algodão, de que os Francezes tirão algum proveito, e o tabaco, ou herva santa, do qual fazem quantidade com tão boa tempera, que val huma livra em França hum escudo de ouro. Tambem vio a canafistola do Rio Meari, da qual levão a França quantidade em conserva, e secca. Tambem vio as perolas, que Mons. de Pisiaus trouxe do Rio Zouarpí, que são maiores, que gráos, e da feição de cabacinhas algumas, em que vio huma mui grossa. Tambem trouxe Mons. de Pisiaus desta sua Jornada enxofre mineral, o qual asseguráo que se não acha, senão donde ha minas de ouro, ou prata, e para isto fizerão vir de França na Nau Regente hum Capucho, grande Mineiro, chamado *F. Hivo*, o qual adoeceu de sorte na Ilha do Maranhão, que não pôde ir ás Minas, antes por não perder a vida, se tornou a França.

O

O Cavalheiro de Rasilli da Ordem de S. João, e seu irmão Mons. de Lone, e o Senhor de la Blanjartiere, e outros Fidalgos aprendem, e fallão a lingoa dos Indios, obrigados de esperanças, que ninguem declara, e todos as confessão; e assim vão lançando mão de todas as miudezas, que achar podem, fazendo caso da tinta vermelha do Orucu, e da outra mais fina chamada *Carajoru*, e do páo amarello chamado *Tatajuba*, e de todas as madeiras, que de diversas côres achão para se poder fazer obra, ou tinta. Tambem no Rio Meari tem descuberto salitre, com que já hoje refinão sua polvora, e isto de minas, e terra salitrosa, que o dá em grande abundancia: tem da mesma maneira descuberto marinhas naturaes de sal mui perfeito em quantidade, que podem carregar quantos navios quizerem, o qual está 40 legoas do Forte S. Luiz da outra banda da terra firme de Loeste.

Tem estas terras muita almessega, de que se valem muito, e mui fino incenso, do qual ha huma especie de arvores, que dão tanto, que breão com elle os navios, e canoas. Tem infinito oleo de Copaiva em toda esta Costa, de que os Francezes tirão a quinta-essencia para suas mesinhas, e fica como agoa. Tambem nestas partes dizem, que a temporadas achão muito ambargris, e o anno de mil e seis centos e dez achou hum Francez, Soldado de la Ravardiere, por nome Mons. de Bault, na terra dos Pacajares da banda do Pará duas pedras, huma como hum ovo de pomba, outra menor: pela qual dizem, que dá ElRei de Inglaterra vinte mil libras sterlings; huns dizem ser balais, outros lhe dão differentes nomes.

As aves, e animaes silvestres desta terra são innumeraveis, e estranhos, de que se toma grande abundancia para sustento das gentes; e assim no mar, e nos rios são infinitas as sortes, e quantidades de peixes, os quaes se tomão ás mãos muitas vezes, e ás pancadas, e de peixes bois, cuja carne he como de vacca da mesma côr, sabor, e cheiro, e he tão abundante este sitio, que só de hum rio tinhão os Francezes tirado duzentos e cincoenta; e

com

com estas, e outras coisas, que vio, e entendeo o dito Diogo de Campos se partio do Forte S. Luiz a 4 de Janeiro de mil e seiscentos e quinze, trazendo com sigo ao Capitão Mattheu Maillarte Françez, com o qual para refem, e testemunho do que dito fica, se appresentou diante do Senhor Arcebispo Vice-Rei de Portugal em 5 de Março do dito anno, sendo o primeiro Portuguez, que do Maranhão em direitura vêio a Lisboa de tantos, quantos intentárão aquella empreza, de que a Deos sejão dados eternos louvores.

FINIS.

1573 - 900
— 7 —